

ALEC SILVA

Autor de Zarak, O Monstrinho

A
GUERRA
DOS CRIATIVOS

Volume Único



DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: xlivros.com ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.

A Guerra Dos Criativos

Alec Silva

1ª Edição
EDIÇÃO DO AUTOR
Luís Eduardo Magalhães - BA
CEP 47850-000

CAPA
Kamila Zöldyek

ILUSTRAÇÕES
Celly Monteiro, Alec Silva, Kamila Zöldyek e Jorge
Rafael

DIAGRAMAÇÃO/REVISÃO
Alec Silva e Alastair Dias

A Guerra dos Criativos – Volume Único
Abril de 2013
DIAS, Alex Silva

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins
comerciais sem prévia autorização do autor.

E soa a trombeta para a Guerra...

Tudo começou numa aula de Língua Portuguesa, quando a professora descreveu uma criaturinha esquisita para que todos os alunos desenhassem-na num papel em branco. Creio que tenha ocorrido em 2005, um ano que me marcou de tantas maneiras e de tantas formas que ainda hoje ouço ecos e sinto as ondulações como efeito; eu tinha somente 14 anos ou quase isso, e estava no que antes era conhecida como 7ª série. Nunca minha professora tenha deduzido que aquele monstrinho que todos fizeram em sala fosse ser o meu amigo, mas foi ali, depois daquele desenho tosco e que me rendeu um conto de três ou quatro páginas, maior do que as meras trintas linhas pedidas no trabalho, que Zarak ganhou seu primeiro suspiro.

Contudo, o tempo costuma apagar algumas pegadas e sumir com as boas lembranças, e por um bom tempo o monstrinho esteve adormecido, sua estreia desapareceu; isso poderia ter significado o fim dele, mas a essência, a presença se manteve em mim, em minha mente, tão intensa que não foi difícil reescrever aquele episódio inusitado, aquele fragmento de minha infância. Assim renasceu Zarak, numa nova aparência, permanecendo o surrealismo, ampliando os horizontes. *Zarak, o Monstrinho* se tornou aquele conto introdutório, tanto que é ele quem nomeia meu primeiro livro publicado. Agora, se a primeira visita de meu simpático amigo é a apresentação inicial, qual seria o grande evento, o clímax e o espetáculo principal?

Quando eu pensava em escrever o conto, pretendia torná-lo um livro maior, um romance no qual Zarak enfrentaria um duplo malvado, um clone corrupto e que me ameaçava de alguma forma, mas as coisas foram se alterando e tudo virou uma salada leve e

divertida, ficando para depois aquele plano maluco. E assim nasceu a ideia de *Zarak e a Guerra dos Criativos*, que deveria contar essa história não contada. Eu comecei a escrever com isso em mente, porém logo tudo mudou, as coisas ganharam novas direções, nascendo a maior autobiografia que já escrevi, cheia de fantasia e drama, de medos e erros, *A Guerra dos Criativos*.

Nas conversas com Eric Musashi, autor da dualogia *Os Herdeiros dos Titãs*, aprendi muito e percebi que minhas histórias iniciais não eram audaciosas como eu pretendia que fossem; haviam sido somente experimentos, alguns com êxito, outros nem tanto. Era ali, a partir da escrita daquela aventura que as portas da criatividade se abririam, e eu precisava mais do que nunca ser ousado, arriscar sem medo se quisesse uma chance de fazer algo capaz de superar as expectativas. Não que tenha obtido sucesso nisso, tampouco me gabo de ter escrito parte de minha vida nas páginas que se seguem.

O que era inicialmente uma trilogia tornou-se um único volume, um belo trabalho que está entre os meus favoritos, quase tanto quanto *Ariane*, meu primeiro romance, surgido em 2007. Entretanto, o maior mérito está em quem me incentivou, em cada amigo que abraçou o projeto e me possibilitou ter personagens reais e humanos (ou nem tanto assim) para preencher os espaços, para contar a aventura. Não considero *A Guerra dos Criativos* como uma mera ficção, pois é real, erguida por meio de dramas pessoais, de fatos verdadeiros, e cada pessoa ou criatura apresentada teve vida própria para determinar seus destinos... não houve tantos bloqueios, não foi difícil conciliar falar sobre mim, sobre meus medos, alguns segredos e sonhos e descrever cenas de batalhas e mistérios.

Durante todo o processo de elaboração da autobiografia, desde quando ainda era um germe em minha mente criativa e confusa, onde impera o caos e a bagunça, houve incentivo para que pudesse se tornar concreta.

Foi de grande importância a permissão de Celly Monteiro para o breve romance platônico do protagonista e o desfecho surpreendente, afinal, metade da obra não existiria sem a Capitã

Marcélia, sempre firme e distante; penso que meu mal seja o romantismo e a idealização das mulheres, como ocorreu em *Ariane* e outras obras posteriores, porém é neste quesito que a trama ganha ares épicos, no sentido de que há um fardo a ser surtado, há uma decisão delicada a ser tomada.

Alfer Medeiros, autor da série *Fúria Lupina* e dono da fantástica *Livraria Limítrofe*, que sou um fã confesso, teve um peso enorme na minha formação como aspirante a escritor; seus conselhos, geralmente broncas por causa de meu temperamento impulsivo, ajudaram a lapidar meu jeito frenético de escrever; aliás, a existência de Alastair Dias, que muitos conhecerão no decorrer da obra, deve-se a ele, que prefere minhas histórias de horror que as de fantasia; graças a ele consegui realizar *Se7e Visões – Ambição*, um projeto de contos que reuniu grandes amigos escritores; por isso o General Alfredo é tão severo e decidido, ainda que pouco presente como os outros, mas capaz de se fazer obedecido e respeitado.

O talento e a simplicidade de Paul Law, autor de *Ester*, *Xeque-Mate*, *La Bandida* e *Edissa*, foi essencial para perceber que não é preciso ser complicado para complexo, nem detalhar demais para ser entendido; homem sábio, colecionador de livros, leitor e assíduo advogado das leis literárias, não poderia deixar de participar; e assim o Capitão Pablo possui as cenas mais refletivas entre os Criativos, a sabedoria mais notável entre os Capitães, sempre disposto a ajudar.

Eric, já mencionado, ergue-se como o General Elric, tendo a seus serviços um exército de soldados com cristais coloridos e poderosos, empréstimo de seu mundo antigo e ucrônico, tão imponente quanto Alfredo; era o mínimo a quem me forçou a melhorar na base de socos e espancamentos, tal como Pai-Mei faria a um discípulo dedicado a aprender.

Bruna Frazão, minha querida afilhada literária, sempre empolgada e atenciosa, a primeira leitora do projeto, aparece como a Comandante Cíntia Lemos, uma jovem *nerd* de grande coração e que atua com bravura em meio aos conflitos; a ela devo meus mais profundos agradecimentos.

E a autobiografia, ainda em seu segundo volume, ganhou o carinho de mais pessoas, resultando numa reviravolta magnífica.

Diego Vergílio, autor de *Detentores da Morte*, obra ainda inédita, assume o posto de Capitão Diogo, um Criativo mascarado que luta por suas crenças com uma garra tal como a do meu amigo, embora conte com uma ajuda extra de um grupo de assassinos mortíferos. Rochett Tavares, autor de *Abismo* e *Criaturas*, torna-se o sombrio lovecraftiano General Amaury, e é dele o expressivo Percival, uma das peças fundamentais nos capítulos finais. Isaac Guedes, que participou de *Se7e Visões – Ambição*, assume o cargo de Comandante Izaak, e a entusiasmada Hayane de Souza, a primeira escritora que conheci em Luís Eduardo Magalhães, é a única representante dos Mensageiros, Anny, e ambos se tornam tão importantes quanto os demais no decorrer das desventuras.

Mas, a maior contribuição veio de Kamila Zöldyek, autora da trilogia *Legende of Raython*, que me emprestou o 4poderoso imortal Phyreon, capaz de provocar tempestades 4elétricas, dizimar exércitos sem muito esforço; um valioso personagem, admito, e que tive a oportunidade de trabalhar; ambos, a escritora, a Generala Kari, e a sua criação foram interessantes, afinal precisei preservar ao máximo a relação paternal que possuem (e tomar cuidado com as palavras “carinhosas” que um diz ao outro). E é da Kamila a capa que ilustra esta edição especial.

Creio que me prolonguei demais nesta apresentação e não expliquei os motivos que justificam a criação desta Edição do Autor de *A Guerra dos Criativos*, certo? Bem, já expliquei bem lá no começo: esta obra preparada por mim com afincão é para aqueles que me apoiaram e me perguntaram de todas as formas possíveis como podiam ler sobre a Guerra dos Criativos; eu sempre respondia que o arquivo eletrônico estava a disposição, entretanto todos preferiam algo físico. E foi o que fiz.

Há muitos nomes ainda a serem citados, alguns os quais não me foram amigáveis, contudo ajudaram na concepção deste livro, desta história; outros me foram muito sinceros e conselheiros, valiosos. E cada um sabe em qual categoria se encontra, tenho certeza.

Por fim, sobre esta obra ser o grande espetáculo, sim, ela é, mas não a conclusão, e sim o primeiro ato.

Alec Silva

In memoriam Marley Terezinha Pretto

Sumário

E soa a trombeta para a Guerra...

Livro I

Parte Um: Recrutamento

Prólogo: O convite irrecusável

Capítulo 1: A primeira Regra

Capítulo 2: O sonho que não é um sonho

Capítulo 3: Os dois Capitães

Capítulo 4: No Acampamento de Comunhão

Capítulo 5: Trajes para o Comandante

Capítulo 6: Capitã Marcélia

Capítulo 7: Diálogo entre fantasistas

Capítulo 8: Um pouco de insônia

Capítulo 9: A primeira batalha

Capítulo 10: Um golpe traiçoeiro

Capítulo 11: Há algo errado

Parte Dois: Destruição

Capítulo 12: O lovecraftiano

Capítulo 13: O ataque dos androides

Capítulo 14: Amizade fragmentada

Capítulo 15: Rumo ao Santuário

Capítulo 16: Defesa e contra-ataque

Capítulo 17: Além dos dez por cento

Capítulo 18: Capitão Pablo

Capítulo 19: Sobre sonhos

Capítulo 20: Incêndio negro

Capítulo 21: A cidade-árvore

Livro II

Parte Três: Jornada

Capítulo 22: Uma decisão impensada

Capítulo 23: A consequência

Capítulo 24: Comandante Cíntia Lemos

Capítulo 25: O Monte Celestial

Capítulo 26: Sobre o Monte

Capítulo 27: Gariel

Capítulo 28: Alma lavada

Capítulo 29: De volta ao Acampamento

Capítulo 30: Batalha furiosa

Capítulo 31: Um pouco de tristeza, por favor!

Capítulo 32: Três torres em chamas

Capítulo 33: Adentrando o Deserto

Parte Quatro: Descobertas

Capítulo 34: Calmaria

Capítulo 35: Tempestade emocional

Capítulo 36: Embate

Capítulo 37: Fuga e solidão

Capítulo 38: Os heterônimos

Capítulo 39: Grandes amigos

Capítulo 40: Emboscada

Capítulo 41: O trio corrompido

Capítulo 42: O Elo

Capítulo 43: O pequeno relato de Diogo

Capítulo 44: Uma revelação surpreendente

Capítulo 45: Malditos vermes!

Capítulo 46: Uma esperança vaga

Capítulo 47: Percival

Livro III

Parte Cinco: Reencontros

Capítulo 48: O amigo do lovecraftiano

Capítulo 49: O pergaminho de Gariel

Capítulo 50: No Desfiladeiro

Capítulo 51: Chuva de relâmpagos

Capítulo 52: Lorde Phyreon

Capítulo 53: Perto do Labirinto

Capítulo 54: Magia e maldição

Capítulo 55: A Esfinge

Capítulo 56: O encontro casual

Capítulo 57: Retrospectiva

Capítulo 58: O relato de Pablo

Capítulo 59: Os dois Generais

Capítulo 60: Dons ocultos

Capítulo 61: Deduções e suposições

Capítulo 62: Fúria de esperança

[Capítulo 63: Chuva cinzenta](#)

[Parte Seis: Redenção](#)

[Capítulo 64: Carla Cristina](#)

[Capítulo 65: O Conselho dos Ordeiros](#)

[Capítulo 66: Hesitações](#)

[Capítulo 67: O Bosque Obscuro](#)

[Capítulo 68: A cidade das Lembranças](#)

[Capítulo 69: Chuva negra](#)

[Capítulo 70: Véspera](#)

[Capítulo 71: Contra os Cavaleiros](#)

[Capítulo 72: Cumprindo uma promessa](#)

[Capítulo 74: Diálogo com uma Dama](#)

[Capítulo 75: Confronto devastador](#)

[Capítulo 76: Pela vida ou pela morte!](#)

[Capítulo 77: Sacrifícios](#)

[Capítulo 78: Chuva branca](#)

[Epílogo: Considerações Finais](#)

[Post Script: Ayara](#)

[Personagens](#)

[Capista](#)

[Autor](#)

[Comentários de quem já leu](#)

Livro I

As pessoas me perguntam se acredito em magia. Ora, eu sou um escritor. Acredito em tudo o que for preciso para fazer uma história funcionar.

Neil Gaiman

Parte Um: Recrutamento

Prólogo: O convite irrecusável

— Eu o quê?! — assombrei-me, provavelmente arregalando os olhos.

— *Sir* Alex Silva Dias, a ti foi enviado

Um convite formal e *permanente*

Para participar ativamente

Da *Guerra dos Criativos*,

Sendo a ti de antemão negado

O *direito* a responder de modo negativo — tornou a recitar, ou a falar como recitasse, o estranho *Arauto*.

Respirei fundo, tentando pensar no que fazer. Tentei, como é de se fazer em situações *surreais* como aquela, fazer uma retrospectiva e compreender a presença de uma criatura que *não* fora criada por mim, portanto não era permitido eu vê-la.

Lembrei-me do início de tudo, de minha infância quase solitária, da criação de *Zarak*, que me proporcionava algum divertimento. Naquela época ele era tão real quanto é hoje.

A seguir minhas lembranças me conduziram para o dia em que ele me visitara e me mostrara o mundo que eu criara e que estava em colapso, pedindo-me para sempre acreditar em tudo aquilo.

Houve outras visitas do monstrinho, incluindo no Natal, quando o danado trouxe o *Papai Noel* — o *meu* Papai Noel, a figura que eu imaginava que seria o Bom Velhinho — para me fazer uma visita e me ensinar algumas lições.

Tudo aquilo que eu via, sentia, ouvia, cada criatura que as visitas de meu amigo imaginário traziam era fruto de *minha* imaginação, era retirado de minha mente. Dragões-libélulas, renas

brancas com narizes vermelhos, árvores falantes, tudo era criação minha, portanto eu era capaz de ver, de tocar, de interagir.

Mas, aquele Arauto magricela, de aparência de sapo, olhos grandes, pele esverdeada e voz irritante não fora criado por mim, ou seja, não deveria *existir* para mim. Era a lógica que o monstinho sempre me passou — e que naquele momento estava sendo contrariada.

— E então,

Contaremos com tua participação? — questionou-me o ser bizarro, fitando com seriedade.

— Eu tenho *escolha*?

— Não.

— Participarei então — disse eu, fazendo uma rima naquele momento, um versinho, sem perceber.

Capítulo 1: A primeira Regra

Eu nada sabia sobre a Guerra dos Criativos, porém agora era um *Comandante*, como o Arauto mesmo me chamara ao me entregar um Pergaminho com as *regras* dos combates, segundos antes de virar fumaça branca e sumir de minha frente, deixando sem saber o que fazer e com aquela dúvida acerca de sua existência.

Pus o objeto regulador num canto de minha mesinha e voltei a digitar o livro que eu pretendia procurar uma editora ainda naquela semana, visto que o primeiro sairia alguns dias depois.

Era uma cena na qual dois dragões se atracavam furiosamente enquanto uma jovem princesa se refugiava numa caverna; era uma das cenas finais de uma "novela de fadas" que narrava as aventuras e desventuras de um cavaleiro para resgatar uma princesa das garras de uma bruxa.

Quando conclui dois ou três capítulos, próximo do desfecho, corri os olhos pela mesa, notando o Pergaminho de regras. Fiquei tentado a abri-lo e lê-lo, mas o meu dever de digitar a obra foi muito mais forte do que a curiosidade de saber algo sobre uma coisa que nem tinha interesse em participar.

Naquele ano eu ainda era um adolescente — ou jovem, como for de sua preferência —, com dezenove anos, morava com minha mãe e minhas três irmãs, era solteiro em todos os sentidos, sem uma namorada, e tão *impopular* quanto ainda sou para muitos hoje em dia. Enfim, eu era um garoto normal — *exceto* pelo fato de ter conversas frequentes com meu amigo imaginário.

Hoje, quando me recordo daquele tempo saudoso, percebo o quanto fui idiota por não ter sido um pouco mais sociável, por não

ter tido mais empenho ao lutar por meus sonhos — o que não aconteceu, entretanto, com o sonho de ser escritor, o qual me dediquei sempre a realizar, e ainda o faço diariamente. Apenas lamentações.

Enquanto conseguia agradar aos leitores de meus *blogs*, era muitas vezes falível como amigo e namorado — neste último caso ressalto que fui incapaz de sustentar um namoro de anos por causa de minha fraca capacidade de lutar. Eu era, muitas vezes, mais dedicado às Letras do que à vida em si.

Escrever, como percebi um tempo depois do fim do namoro que durou mais de dois anos, é um *meio* de escapar um pouco da realidade, assim como ler me permitia — e ainda me permite — esquecer um pouco os problemas. Ora ou outra não funcionava, o que me fazia ficar ainda pior. E haja passatempos para amenizar tanta agonia e sofrimento contido.

E Zarak, aquele monstrinho que me fizera acender a tocha criativa, era o responsável por sempre me alegrar e me trazer ideias para criar minhas histórias fantásticas. *Sempre*, mesmo quando não aparecia com suas maluquices e ensinamentos curiosos.

Olhei para o relógio no canto inferior direito na tela do monitor, percebendo que já era muito tarde. Se eu ficasse mais meia hora ali, digitando o que havia escrito no caderno, teria uma dor de cabeça terrível e grande irritação nos olhos, o que não me traria boas consequências.

Salvei meu progresso, fiz uma cópia para deixar no *pendrive*, desliguei o computador que com tanto esforço consegui comprar — pagando quase uma dúzia de prestações — e me espreguicei, olhando a cama que parecia me chamar para deitar nela e dormir. *Sono*. Muito sono.

Àquela altura não me vinha mais à mente o Arauto, sua mania de falar em versos com rima, o Pergaminho ou a Guerra dos Criativos — fosse este evento lá o que fosse. O sono era quem imperava em mim.

Deitei-me, meio desengonçado, de qualquer jeito, pensando na minha ex-namorada, quem ainda me trazia certo tipo de

sentimento, um resquício de *amor*, creio eu. Ou *arrependimento*.

Mesmo hoje, quando me lembro dela ou ouço o seu nome, ou a vejo, em raras vezes que ocorre isso, sou acometido por recordações de nosso namoro. Dois anos de história ao lado de alguém não é fácil de esquecer, sobretudo quando ambos sonhavam e projetavam uma vida juntos. Mesmo que hoje eu conheça o que naquela época em que aconteceu o que aqui narro tanto desconhecia...

Enxuguei as lágrimas que insistiram em molhar meu rosto.

Tudo aquilo era *passado*. Ela estava com outro, alguém que a faria mais feliz do que fui capaz, uma pessoa que faria tudo aquilo que eu devia ter feito, contudo não fiz. Era uma pessoa muito mais feliz.

Ajeite-me na cama, cobrindo-me com a coberta grossa, mais triste do que gostaria de estar, pois não havia motivos para tal, mas sim para comemorar. Em poucos dias ocorreria o lançamento de meu primeiro livro, embora a "festa" de lançamento se limitasse a participar de um evento cultural num colégio como convidado — isso graças a muita luta e persistência.

Arfei, talvez lamentando por alguma coisa. O sono agora fazia minhas pálpebras pesarem. Pisquei os olhos algumas vezes até fechá-los por completo. Estava completamente exausto.

— Acorda, Alex! — gritou uma voz conhecida, enquanto o meu corpo era sacudido.

Abri os olhos, assustado.

— Quê?! — balbuciei, forçando minha visão a se acostumar com uma luz forte.

Diante de mim estava o monstinho que eu criei quando criança.

— Levanta logo, rapaz! — pediu ele, apressado nos gestos e na voz.

— O que está acontecendo?

— Perguntas depois!

Zarak agarrou a minha mão, puxando-me, obrigando-me a ficar em pé.

Levantei-me como pude, seguindo-o. Não entendia como fui parar num campo aberto, porém não me preocupei em parar e me indagar ou indagar alguém.

Nós dois entramos numa toca, onde um jovem *centauro* loiro nos aguardava.

— O bicho *tá* pegando, hein? — comentou a criatura meio menino, meio potro.

— Esta semana vai ser fogo — concordou meu amigo imaginário.

— O que está havendo? — perguntei, bastante confuso.

— *Pô*, Alex!

Não compreendi a exclamação de Zarak.

Ele não me respondeu, pois logo à frente enormes avestruzes passaram em disparada, chamando-nos a atenção. Sobre cada animal havia um ou dois anões esverdeados e com cabelos vermelhos.

— *A cavalaria* chegou — observou o centaurinho.

— É.

— Alguém pode me explicar o que está acontecendo aqui?

Havia um pouco de desespero na minha voz.

— Ainda não percebeu, *né*? — perguntou o monstrinho, fitando-me com seriedade.

— *Se* eu tivesse percebido, você acha que eu o perguntaria?

Ele e o outro riram, parecendo que eu havia dito algo muito engraçado, como uma piada.

— Ele não leu o Pergaminho — disse o pequeno centauro loiro, dirigindo-se a Zarak, em tom quase de confiança, se não fosse o fato de eu estar ali ao lado deles.

— Com certeza.

Realmente eu não havia lido o tal Pergaminho. Melhor, não havia nem o aberto.

— Primeira Regra: *"Todo e qualquer* participante da Guerra dos Criativos integra aos combates uma vez que aceite o *convite irrecusável*, bastando para isso dormir."

— Como é que é?! — apavorei-me.

— O que *Hipólito* quer dizer é que você agora está *voluntariamente* no maior combate do mundo, uma luta entre os maiores *Criativos* de seu planeta — explicou-me o monstrinho, todo formal.

Naquele momento eu não sabia o que fazer ou pensar. Nunca imaginei que fosse participar de uma coisa que nem conhecia tão rápido e sem ser avisado previamente.

Capítulo 2: O sonho que não é um sonho

Zarak olhava para fora com aqueles olhinhos redondos e negros, fascinado com a luta entre os anões de pele verde montados nos avestruzes e as criaturas magrelas com bastões.

— É um sonho? — indaguei, aproximando-me um pouco de meu amigo.

— *Sim e não.*

— Como assim "sim e não"?

— "Sim" porque *é* um sonho e "não" porque *não é* um sonho — respondeu o monstrinho, contradizendo-se numa única frase.

Era da personalidade de minha criatura sempre me deixar confuso.

— Zarak, você sabe que não é possível sonhar e não sonhar, não sabe? — comentei, irritado.

— Sério?! — replicou ele, fitando-me. — *Nunca* notei.

— Veja aquilo, Zarak! — pediu Hipólito, que estava ao meu lado.

Instintivamente — ou por pura curiosidade —, também olhei para o ponto no qual o centauro menino apontava, enxergando o avanço lento, mas firme e assustador, de um gigante de pedra.

— *Apelou* para um *golem*! — admirou-se Zarak, sorrindo.

A criatura de pedra segurava na mão esquerda um tronco de árvore que lhe servia de clava — ou porrete, como preferir denominar. Ora ou outra ele o sacudia, derrubando os *curupiras* e suas montarias com grande estrondo.

Se aquilo fosse um sonho — ou não —, o fato é que tentei acordar, chegando a me beliscar com muita força até o ponto de

soltar um grito de *dor*. Dor tão intensa e real quanto aquela que sentimos quando acordados.

— Já falei que você *tá* dormindo, não? — indagou-me o monstrinho, ao me ouvir gritar, sem me fitar.

— Sim, por isso eu...

— *Tentou* acordar com um beliscão?

— Sim.

— Fala sério! — reclamou ele. — Quantas vezes eu vou ter de dizer que você não está sonhando, hein?

— Mas, como eu posso não estar sonhando e ver tudo isso?

— Da mesma maneira que não sou real para o mundo, mas o sou para você.

— Vejam! — exclamou Hipólito, mais empolgado do que antes.

Olhamos a tempo de vermos um bando de rinocerontes cercado o golem e o atacando com seus chifres, arrancando torrões de barro, fazendo-o perder o equilíbrio e cair, quebrando-se totalmente e causando um grande estrondo e uma poeira enorme, que encobriu parte do campo de batalha.

— *Realmente* esta semana promete — disse Zarak, contente.

Eu não sabia nada ainda sobre a Guerra dos Criativos, porém começava a formar um juízo antecipado — e errôneo — dela: era uma guerra como outra qualquer, um conflito no qual dois lados se enfrentavam num derramamento de sangue. Não havia nada de mais; era tudo uma demonstração de violência e crueldade, como todas as demais guerras.

— E você, Criativo? — indagou-me o centaurinho, voltando-se repentinamente para mim. — Em que *posto* você foi convocado?

— Comandante, eu acho...

— Comandante?! — assombraram-se os dois.

— Sim.

As expressões deles pareciam de preocupação, *piedade* ou algo parecido.

— Algum problema? — perguntei, agora preocupado.

— Explica para ele, Hipólito! — pediu o monstrinho, sério.

— Por que eu?

— Porque você é a nossa "enciclopédia", oras!

— Bem — principiou o jovem centauro, pigarreando —, os Criativos são divididos em grupos: os *Generais*, os *Capitães*, os *Comandantes* e os *Mensageiros*, em ordem de *importância* na Guerra.

— Isso quer dizer que eu...

— Que você *só* está acima de um Mensageiro — disse Zarak, quase exclamando.

— Não entendi.

— Já sabemos um dos *motivos* para o posto, Zarak.

Os dois me chamavam de retardado na maior cara de pau do mundo!

— E a quem você presta serviço? — perguntou meu amigo imaginário, sem rir do comentário do outro.

— Como assim?

— Segunda Regra: "Mensageiros *obedecem* a Comandantes, que *obedecem* a Capitães, que *obedecem* a Generais, que *mandam* em todos. Cada Mensageiro *obedece* a um Comandante, que *obedece* a um Capitão, que *obedece* a um General, que *não obedece* a ninguém."

Eu começava a me irritar com aquele centaurinho sabichão.

— *Pô!* Eu não sei a quem obedeço, oras! — zanguiei-me.

— Pois *deveria* saber, afinal você *deve* servir a alguém para participar da guerra — falou Hipólito.

— E quem disse que eu quero participar de uma guerra?

— Você *aceitou* o convite irrecusável, amigo — disse-me Zarak.

— Para início de conversa, *só* o aceitei porque eu *não podia* recusá-lo!

— Mas o aceitou, não?

Aquele monstrinho branco sabia muito bem me provocar. E estava conseguindo novamente.

Para não falar ou fazer alguma besteira com um dos dois, corri os olhos para o campo de batalha, onde a pancadaria rolava solta e havia cada vez mais elementos fantásticos.

— E o que *exatamente* faz um Comandante? — indaguei, voltando a fitar os dois seres que me acompanhavam.

— Comanda uma parcela de uma tropa — respondeu o pequeno centauro loiro.

— Parece bom — comentei.

— Não para *alguém* que sonha ser escritor — retrucou Zarak, indiferente ao comentário que estava fazendo.

— Por quê?

— Escritores, pintores, ilustradores, poetas, músicos e afins ou são Capitães ou Generais.

Encarei Hipólito, que continuou a destilar seu preciso e poderoso conhecimento enciclopédico:

— *Monteiro Lobato* foi um General, *William Shakespeare* também; *Victor Hugo* foi um Capitão, assim como *Homero*...

— Mas, houve algum escritor que foi um Comandante, não? — perguntei, quase desesperado.

— Claro que sim, sempre há algum.

— Quem?

— *A. C.* — respondeu o monstrinho, sério.

(Não revelarei de quem se trata a fim de evitar algum transtorno ou processo judicial.)

— Sério?!

— É, *mas* ele perdeu a Guerra e passou a ser...

(Também não revelarei a profissão pelos mesmos motivos.)

Não pude determinar exatamente se falavam sério ou brincavam comigo, pois meu amigo sabia que eu não gostava muito dos livros do homem mencionado, que se gabava de ter uma profissão específica e ser ainda autor de livros tão lidos, tendo o ego e o orgulho tão inflamados quanto balão de gás.

— Alguns políticos que você conhece foram Comandantes, o que os fizeram se tornarem *larápios* — continuou o centaurinho.

— Nossa! — exclamei, sem saber se aquilo me confortava ou me preocupava.

— O fato é que ser Comandante *costuma* tirar um pouco a criatividade, obrigando o Criativo a *buscar* outros meios. Alguns se dão bem, como *A.* Porém outros acabam anônimos, esquecidos entre as trevas do desconhecido.

— Com certeza você já ouviu falar de *Hans Albrecht*, um escritor, não? — questionou-me Zarak.

— Não, nunca.

— Porque ele perdeu a Guerra e a criatividade — explicou Hipólito.

— É tão ruim assim perder esta guerra?

— Não quando se é ou Capitão ou General.

Aquela conversa toda havia conseguido me apavorar.

— Já acabou o combate — avisou o monstrinho, após olhar o exterior por alguns segundos.

— Quem venceu? — questionei, instintivamente.

— Houve empate... *de novo*.

Capítulo 3: Os dois Capitães

Nunca em minha vida havia ouvido falar num *empate* num combate. Ou se ganhava ou se perdia; não havia, portanto, meio-termo ou empate, como falara o monstrinho de feições felinas. Apenas num *jogo* poderia se admitir algo parecido.

Tive de olhar para fora e ver pessoalmente o acontecimento inédito numa guerra.

Os curupiras agora cuidavam dos avestruzes, todos sorridentes, brincando; logo mais a frente os seres magrelos ajudavam-nos na tarefa, parecendo bons amigos. Aquilo era muito *surreal!*

Continuei a olhar, totalmente surpreso, apenas para enxergar dois jovens se cumprimentando.

— Quem são eles? — perguntei, olhando ora para Zarak, ora para Hipólito.

— Dois Capitães — respondeu minha criatura.

— O garoto é um dos mais talentosos pintores e a moça é uma excelente contista.

— E por que estão se cumprimentando como amigos?

— Porque é isso que *são*.

— Quando o combate acaba, não há mais pelo que brigar — acrescentou o jovem centauro.

Algo que não acontece neste mundo — infelizmente.

— Vamos lá saudá-los — disse o monstrinho, saindo da toca.

Segui-o, ainda tentando processar as confusas informações sobre a Guerra dos Criativos. Com certeza era a coisa mais sem sentido que já vivenciei desde a primeira visita de Zarak, quando eu tinha quinze anos e ainda era um *escrevinhador*. Melhor, mais

esquisito do que a visita natalina — que pouca relação teve com o Natal, se pensar bem.

Notei que ele não andava mais como um pinguim, como antes, mas agora possuía toda a suavidade de um gato, toda a graça de uma pantera. Ainda tinha os cabelos multicoloridos, a túnica como uma água-viva, sempre em movimento, a mesma altura e a mesma aparência. Mas, algo, alguma coisa que desconhecia, estava diferente.

Também observei Hipólito. Era um centauro que devia ter entre doze ou treze anos, sardas no rosto, olhos esverdeados, cabelos loiros e encaracolados; não usava camisa, deixando o tronco magro e igualmente sardento desnudo. Na parte equina, ostentava pelos brancos com manchas castanhas.

— Belo combate, Capitães! — exclamou meu amigo imaginário, todo alegre.

— Estávamos comentando sobre isso há pouco, Zarak — concordou uma jovem de cabelos castanhos, com mechas em tons mais claros, exibindo um sorriso largo.

— Gostei do golem de pedra e dos rinocerontes, principalmente.

— Vencer um golem de pedra não é algo fácil de fazer — falou o rapaz, um sujeito de olhos castanhos e com um pouco de sotaque.

— Entretanto, conseguiu usar muito bem os rinocerontes — elogiou a contista, sempre carismática.

— E você? Quem é?

A pergunta do pintor fora direcionada a mim.

— Sou...

— Diga apenas seu *nome de guerra*, o seu pseudônimo! — interrompeu Zarak, com um pouco de precaução e formalidade.

— É a Terceira Regra — acrescentou o centauro, quase num sussurro indiscreto.

— Ele não leu o Pergaminho — informou o monstrinho aos dois Capitães, como se cochichasse um segredo, porém pude ouvir claramente.

Percebia-se o tanto que ambos estavam dispostos a me ajudarem.

— Bem... — hesitei um pouco, pensativo. — É *Alec Silva*.

— Hum... — deixou escapar a garota.

— Um nome *simples*, não acha? — comentou o jovem, com certo desdém.

Aquilo me fez ficar zangado. Por um bom tempo eu tentara usar meu nome verdadeiro e meu sobrenome, porém ao pesquisar no *Google* sempre me deparava com jogadores de futebol e afins, e não comigo, o escritor — ou o menino que queria ser escritor. Por isso tirei o "x" e pus o "c", o que me ajudou muito no resultado que queria — pelo menos nas buscas pela *Internet*.

— Sou *Marcélia*, Capitã a serviço do General *Alfredo* — apresentou-se a contista, com cordialidade. — E este é *Jean*, Capitão a serviço de *Elric*.

Cumprimentei-os com apertos de mãos, usando mais força com o garoto e mais delicadeza com a moça.

— E você, Alec? — questionou-me o pintor. — É Capitão ou General?

— Sou Comandante — respondi, embora sentisse inexplicavelmente uma timidez.

— Interessante — disse *Marcélia*.

— Serve a qual Capitão?

— Ainda não sei.

— E como usa a sua criatividade?

— Sou escritor, *Marcélia*.

— Escritor?! — espantou-se *Jean*, arregalando os olhos.

— *Amador* ainda — "ajudou-me" *Zarak*.

O estrago, contudo, já estava feito àquela altura.

— Não vi muitos escritores como Comandantes — falou o rapaz, parecendo zombar de meu posto.

— Devemos nos orgulhar do que *somos* e do que *conquistamos*, independente se seja grande ou pequeno — disse a contista, fazendo-me sentir um *friozinho* na barriga.

Percebi que o outro Capitão não gostara muito de ouvir aquilo. Não mesmo.

— Agora, Alec, você precisa de roupas adequadas para as batalhas, não? — observou a Capitã, toda simpática, após me examinar rapidamente.

Foi então que notei que eu estava com uma calça folgada e leve e uma camisa de algodão branca, pois detestava — assim como ainda detesto hoje — dormir de pijama. Meus pés estavam descalços.

— Vamos para o *Acampamento de Comunhão* — determinou Jean, virando-se.

— Sim, vamos sim.

Quatro dragões-libélulas pousaram ao nosso lado, assustando-me um pouco. Admirei outra vez a beleza daqueles seres alados criados por mim. Eram ao mesmo tempo graciosos e potentes no voo.

— Ei, Zarak! — cutuquei o monstrinho, sussurrando quase em seu ouvido. — Eles são criações minhas, não são?

— São sim — confirmou ele, também falando mais baixo. — Mas aqui as criatividades se *unem* para *sustentarem* este mundo.

— Legal! — exclamei, apesar de ainda não entender aquilo.

— Humrum.

Montamos cada um em um dragão de escamas multicoloridas, asas parecidas com as de uma libélula e beleza exótica. É verdade que os criei a partir de uma imagem que vi na Internet, mas tinha lá algum traço de originalidade.

— E Hipólito? — perguntei, com pena do centaurinho, pois este não conseguiria montar os animais.

— Vou galopando, não se preocupe, Alec! — exclamou a criatura híbrida, sorrindo com firmeza.

Tudo resolvido, os animais fabulosos levantaram voo.

Inicialmente fiquei tonto, como ocorrera na primeira vez que voei, quando meu amigo imaginário me levou para dentro de minha imaginação. Mas logo passou e pude aproveitar a bela paisagem. Ter *acrofobia* tinha suas desvantagens, mesmo num mundo de possibilidades infinitas.

Primeiro vi os dois exércitos se movimentando, talvez se dispersando, pois o combate havia *empatado* entre Marcélia e Jean.

Para onde deviam estar indo? Não pude ver para onde foram, embora notasse que adentravam numa espessa camada de pó e fumaça de cores variadas.

A cem ou duzentos metros de altura, montado num dragão-libélula, eu via tudo pequenino e quase panoramicamente, vislumbrando ora ou outra alguma criatura fantástica andando pelos campos, pelas florestas ou pelas colinas.

Olhei para Zarak, que parecia se divertir muito com o passeio — o que não me espantava, afinal praticamente *tudo* para ele era diversão. Novamente me veio à mente a dúvida de que havia algo mudado nele ou não. Ele era o mesmo das visitas anteriores, porém havia algo *diferente*. A minha dúvida era sobre o que exatamente seria.

Creio que tenhamos sobrevoado muitos quilômetros por quase meia hora até que o pintor com sotaque francês apontasse para um vale que era cortado por um rio. Havíamos chegado ao nosso destino.

O que vi era maravilhoso! Muito fantástico, na verdade. Tão belo quanto um quadro romântico ou a visão cheia de efeitos especiais de um filme épico.

Lá embaixo havia centenas de tendas de inúmeras cores e formas, variados tamanhos e estilos. Grupos de pessoas e criaturas imaginárias se moviam de um lado a outro, fazendo alguma tarefa, ou simplesmente estavam paradas em volta de mesas enormes, todas cheias de guloseimas bem visíveis, deliciando-se com tudo o que lhes era permitido comerem.

Ao redor do Acampamento, que formava um círculo perfeito, árvores se mexiam, parecendo dançar alguma música, embora eu não visse ninguém tocando instrumentos em parte alguma. Acompanhando-as na dança, animais que eu conhecia por serem reais ou mitológicos e outros que nem sabia que era possível existirem. Tudo numa harmonia assombrosa e *utópica*.

— Vamos *pousar* ali! — gritou Jean, apontando agora para um ponto no qual dezenas de outros dragões-libélulas pousavam, no pé de uma colina.

Manobrei minha montaria, que voou na direção apontada pelo Capitão. Pareceria difícil para quem visse, mas controlar aquele tipo de dragão era algo tão fácil quanto sonhar ou sorrir, sobretudo quando se é jovem. Bastava *confiar*.

Quando pousamos, fomos recepcionados por um garoto de longos cabelos brancos que trajava uma armadura de cristal azulado, de pouco brilho, contudo de beleza fascinante pela composição.

Capítulo 4: No Acampamento de Comunhão

— Que bom revê-los, Capitães! — exclamou ele, cordialmente, com um largo sorriso.

— Digo o mesmo, General — replicou Marcélia, descendo de sua montaria.

Os dois se abraçaram contentes por alguns segundos.

— E você, Capitão Jean? — indagou o garoto de olhos dourados e sorriso sincero. — Venceu ou empatou?

— Empatamos — respondeu o francês, um pouco envergonhado, terminando de descer do dragão.

— Hum... Marcélia está se mostrando uma grande *fantasista*, hein?

O elogio fez a moça corar um pouco.

— Zarak, e você? — prosseguiu o General, fitando o monstrinho. — O que nos conta?

— General Elric — falou meu amigo imaginário, pondo a mão de dedos magros e compridos sobre meu ombro —, este é o Comandante Alec.

Ele havia montado em meu dragão sem que eu percebesse.

— É uma honra conhecê-lo, Comandante — disse Elric, estendendo a mão esquerda.

Também estendi a mão esquerda. Por não ser canhoto, tive um pouco de dificuldade para cumprimentá-lo.

— *Também* é um escritor, não? — perguntou-me, calmo.

— Sim, sou — respondi, incapaz de controlar o meu nervosismo.

— Não vi muitos Comandantes escritores por aqui. Você deve ser um *bom* escritor ou não o colocariam neste posto.

Agora eu estava confuso. Até pouco tempo atrás, minutos antes, quatro indivíduos haviam mencionado direta ou indiretamente que ser um Comandante não era algo muito bom para um escritor. E agora um quinto falava exatamente o oposto.

— Tem notícias do General Alfredo? — indagou a Capitã, dirigindo-se a Elric.

— Foi para as estepes combater um General *russo*, cujo nome não me lembro agora. Deve retornar em um ou dois dias, mas deixou Pergaminhos para seus Capitães.

Eu me sentia meio *avulso* na conversa, afinal não sabia quase nada — ou completamente nada — sobre a guerra que era travada.

— Zarak, leve Alec para trocar de roupas! — pediu o General, agora fitando o monstrinho. — Diga que eu ordenei que arrajassem os melhores trajes que for possível a um Comandante, certo?

— Pode deixar! — exclamou meu amigo, todo empolgado.

Meu amigo imaginário pulou para o gramado, fazendo sinal para que eu o seguisse, o que fiz sem pestanejar.

— Aguardaremos vocês no banquete! — exclamou o garoto de cabelos brancos, andando quase ao nosso lado.

Zarak e eu retribuímos com gestos parecidos a gentileza.

— Elric é escritor? — questionei, quando estávamos suficientemente afastados do pequeno grupo.

— Sim. Um dos melhores. Escreve *história alternativa, baixa fantasia e espada e feitiçaria*.

Enquanto andávamos, pus-me a examinar tudo o que pude do local, notando muitas belezas fantásticas, coisas que somente a imaginação onírica é capaz de criar.

— Zarak, por que você nunca me falou sobre a Guerra dos Criativos?

— Porque não se deve falar *daquilo* que somente a imaginação conhece — respondeu o monstrinho, enigmático. — E além do mais, não pensei que você fosse *convocado*.

— Por quê?

— São poucos os que participam.

— Mas, pelo que entendi, há muita gente aqui, não?

— Sim, há sim.

— Então por que você disse que poucos participam dela?

— A Terra tem bilhões de humanos, todos com a capacidade de imaginar e criar, ou seja, são *todos* Criativos.

Uma macieira imensa passou em nossa frente e nos cumprimentou, sacudindo seus galhos verdes, cheios de frutos vermelhos e tentadores. Retribuímos.

— A imaginação *cresce* por quase dezoito anos, cessando por aí. Isso é o normal — continuou meu amigo, sem me fitar. — Há, como toda regra, aquela imaginação que *continua* a crescer depois disso, o que torna a pessoa muito *especial*.

Eu não sabia ainda até que ponto ele queria chegar.

— Todos os Mensageiros são Criativos com dezoito anos ou menos, por isso o posto baixo. O que eles viverem, fazerem e testemunharem aqui determinará o futuro deles. São os que menos correm *riscos* se perderem a Guerra, pois para eles tudo é uma diversão.

Zarak acenou para um menino que estava montado num gato branco gigantesco. O garoto parecia ser músico, pois logo que minha criatura o cumprimentou, dedicou-se a mexer num cano de bambu, produzindo alguns sons.

— Comandantes e Capitães são postos de pessoas que passaram dos dezoito anos, como é o seu caso, que já tem dezenove. É um período *perigoso*, pois é nele que será determinado o futuro. Por isso o espanto de você pertencer ao *Comando*.

— E aí, Zarak? — gritou um rato bípede, que carregava um pequeno cacho de uvas. — O esquema *tá* marcado, não?

— *Tá* sim!

Ao contrário de mim, minha criatura era bem popular.

Corri os olhos rapidamente ao pequeno roedor, incapaz de compará-lo ao camundongo da série de livros de fantasia cristã que tanto apreciava. Entretanto, não me pareceu muito inocente.

— E os Generais? — inquiri, desviando o olhar daquele animalzinho.

— Ou têm mais de vinte anos ou são adultos muito imaginativos.

— Não há uma *faixa etária* para participar da Guerra, é isso?

— Mais ou menos. Como falei, não são todos que conseguem participar.

Aproximávamos de uma enorme tenda arco-íris, decorada com tiras de panos na entrada.

— Participar da Guerra dos Criativos — completou o monstrinho, após respirar com um pouco de ruído —, independente de qual seja o posto, é uma grande façanha, pois é uma *chance* única de *exercitar* a sua criatividade e aprimorá-la, interagindo com outros Criativos.

— E se a gente perde a guerra?

Aquela pergunta surgiu do *nada*, talvez resultante de algum receio de minha parte. Ou do pouco que ouvi sobre a hipótese de se perder.

— Alguns ficam bem, outros não — respondeu-me Zarak. — Tudo vai da *cachola* de cada um, sabe?

Eu ia perguntar mais alguma coisa, porém uma garça rosa surgiu de dentro da tenda, gritando o nome de meu amigo imaginário. Olhei assustado para a figura *cartunesca* com jeitos humanos e bem femininos.

— Você devia trocar essa camisa, Zarak, meu filho! — aconselhou a ave de pernas compridas, com a voz de *taquara rachada*. — Ela é um horror! Horrorosa!

— Não enche, *Grace*! — zangou-se o monstrinho, segurando sua túnica multicolorida e tão cheia de vida com firmeza. — Gosto dela.

— Quem é você?

A pergunta fora dirigida a mim.

— Alec — respondi, ainda assustado com aquela figura *andrógina* e tão agitada.

— *Meu Criativo* — acrescentou meu amigo.

— Foi *ele* quem o criou?! — indagou a criatura rosada, apontando para mim e depois para o monstrinho.

Percebi um pouco de *desdém* em sua voz.

— Sim, por quê? — retruquei.

— Porque tem de ser muito *desocupado* para criar algo tão *chato* — respondeu Grace, encarando-me com aquele bico longo e os olhos verdes tão sérios.

— Eu não era um desocupado! — protestei, irritado. — Apenas não tive amigos quando criança.

Realmente a minha infância foi quase toda muito solitária. Vivia cercado de brinquedos, os quais eu criava enredos dos mais variados tipos. Havia minhas irmãs para brincar, mas não era a mesma coisa; por isso criei Zarak: para me fazer companhia.

— Não o quis ofender, mas é que ele me tira a paciência toda vez que aparece por aqui — desculpou-se a garça, amenizando um pouco o tom de voz.

Fingi um sorriso — por pura gentileza.

— O General Elric *exigiu* as melhores vestimentas para meu amigo — disse o monstrinho branco, já entrando na tenda.

— Sim, claro — falou a ave rosa, seguindo-o. — Só tenho as *melhores* aqui.

Segui-os, ainda ressentido.

— E qual é o seu posto, Alec — indagou-me Grace.

Respirei fundo e respondi:

— Comandante.

Capítulo 5: Trajes para o Comandante

A tenda era muito maior do que eu imaginei e toda enfeitada por tecidos, roupas, cintos, armaduras e acessórios. Era tudo muito lindo e incrível. Com toda a certeza era o estabelecimento de um alfaiate ou estilista.

— Pode escolher! — pediu Grace, indicando com penas largas, que se passava por dedos, todas as variedades de cores, formas, vestimentas e afins. — Há trajes *perfeitos* para um Comandante.

— Calça folgada azul, camisa um pouco grande para meu porte, outra camisa de manga longa roxa e com capuz e tênis pretos leves? — sugeri sem ao menos pestanejar.

— É de gosto *duvidoso*, mas temos sim.

A garça rosa bateu palmas e uma toupeira de tamanho avantajado surgiu com uma pilha de roupas dobradas com um par de calçados pretos em cima. Não sei se era mais estranho aquele animal como auxiliar ou o fato de uma garça bater palmas.

Peguei tudo e fui para o provador indicado pela ave. Troquei-me rapidamente, pensando na loucura em que havia me envolvido desta vez. Olhei-me no espelho grande, apreciando o que usava.

Quando saí, notei o olhar desaprovador de Grace, que chegou a virar o bico para o lado, e a expressão animada de Zarak — que era mais importante para mim.

— Você tem anéis? — perguntei, muito inspirado, ignorando a reação de contragosto da garça.

— Só escolher os modelos e os dedos — replicou a ave *estilista*, sem me fitar.

— Bem... Um para o indicador e o médio da mão esquerda. E a mesma quantidade para o indicador e o minguinho da mão direita.

A garça arfou um pouco antes de bater palmas outra vez. Com certeza eu era o frequentador mais fora de moda que pisara em sua tenda.

Novamente a toupeira surgiu, trazendo desta vez uma caixinha com quatro anéis prateados. Pus um a um nos dedos que pretendia; cabiam perfeitamente, o que me espantou um pouco. O que eu usava no indicador direito era na verdade dois, sendo um sobreposto a outro.

— Só falta cortar mais o cabelo, não? — sugeriu o monstrinho, sorrindo.

Levei a mão à cabeça, sentindo os cabelos ondulados e levemente encaracolados bem grandes. Eu pretendia ir ao salão cortá-los ainda naquela semana.

— Também acho — concordou Grace, um segundo antes de bater palmas.

Desta vez não foi a toupeira quem apareceu, e sim quatro pigmeus que portavam cada um uma foice pequena. Aquilo não me pareceu nada bom.

— O que eles vão fazer? — perguntei, receoso, olhando ambas as criaturas que me ajudavam a me preparar para o banquete.

— *Sentaí!* — pediu Zarak, empurrando-me para trás.

Tomei um susto, mas, para meu alívio, caí sentado numa cadeira reclinável e bem confortável. Imediatamente a ave rosa pôs um pano sobre meu peito; em seguida os quatro pigmeus, que eram bem magrelos e ágeis, cercaram-me, escalando a cadeira e principiaram a cortar meu cabelo.

Nunca antes havia ouvido falar em cortar cabelo com foice, mas aqueles *cabeleireiros* estavam se saindo bem, embora eu temesse perder uma orelha a qualquer momento.

Quando terminaram o serviço, afastaram-se com grande satisfação pelo trabalho bem sucedido.

— Agora sim, querido — falou a garça, soltando o colar de pérolas que usava em volta do pescoço, em sinal de aprovação.

O monstrinho também aprovara, exibindo um largo sorriso.

— Vamos para o banquete, não? — questionei, olhando para ele, enquanto me levantava.

— Sim, vamos sim.

Agradei a ajuda de Grace, que me abraçou e me pediu para procurá-la — ou procurá-lo, nem sei bem — sempre que precisasse mudar o *look*. Se pudesse, faria isso com certeza.

Já fora da tenda, retomei minhas perguntas ao meu amigo.

— Se é uma guerra, por que todos ficam em harmonia?

— Porque é uma *guerra criativa*, entendeu? Ninguém está aqui querendo ser o melhor ou conseguir algo fútil. Não há nada a se conquistar, pois todos já têm o que precisam — explicou-me Zarak, com simplicidade.

— Mas, alguém vence, não?

— Sim. Como tudo na vida, há vencedores, mas até quem perde ganha alguma coisa.

— E aí?

— "E aí" o quê?

— Por que guerrear se não tem motivo e nada para se ganhar?

— *Pô, Alex!* — reclamou ele, voltando a ser aquela criatura cheia de gírias que eu conhecia.

Não houve tempo de uma resposta, pois Elric veio nos receber, exibindo um largo sorriso.

— Vejo que Grace fez um bom trabalho com você, Alec! — exclamou.

Concordei, embora a garça tivesse feito pouca coisa em relação às minhas roupas.

— Vamos nos sentar com a *sua* Capitã e nos conhecer um pouco melhor!

— *Minha* Capitã?! — estranhei, provavelmente arregalando os olhos.

— Sim, a Marcélia — confirmou o General de olhos dourados, sorrindo.

Foi inevitável não sentir um arrepio gostoso na espinha diante daquela resposta.

Capítulo 6: Capitã Marcélia

Agora que eu sabia que Marcélia era a minha Capitã, a Criativa que obedeceria, um sensação estranha me invadia. Ora ou outra, durante o banquete, meus olhos corriam em sua direção, para logo se desviar, sem jeito, a outro ponto, quando ela me lançava algum olhar casual.

As conversas giravam em torno dos combates que aconteceram, dos que aconteciam naquele momento e dos que ainda aconteceriam. Tentei prestar atenção em tudo, afinal nada sabia sobre eles. Seria minha chance de formar algum consenso quanto à loucura na qual estava envolvido.

— O General Alfredo deixou em minhas mãos a escolha de um Comandante para enfrentá-lo, *Marlus* — falou a fantasista, dirigindo-se a um garoto de cabelos loiros arrepiados, num certo momento, fazendo-me dessa vez fitá-la sem temor.

Meu coração quase saiu pela boca quando ela falou que eu era o seu escolhido. Eu não poderia participar de um combate, pois não havia lido o Pergaminho, o bendito papel que continha as regras! Seria muita loucura fazer algo que nem sabia como se fazia.

— Você é o criador dos dragões-libélulas, certo? — perguntou meu futuro adversário, encarando-me.

— Sim, sou — respondi, entre o orgulho e o receio.

— Amanhã você vai conhecer meus *dracogrifos*. Tenho certeza de que nunca viu nada parecido.

Aquilo fora uma provocação que me intimidou imensamente, afinal aquele garoto tinha um ar sombrio e de poucos amigos. E minhas criações eram mais infantis do que próprias para o combate.

Desviei o olhar, procurando Zarak, que àquela altura estava na *quinta* coxa de peru, comendo como um esfomeado — o que, de fato, sempre fazia, desde a noite que me visitou pela primeira vez.

Lembrei-me de que uma vez minha mãe me contou que quando eu era criança, acho que com dois ou três anos, costumava derramar água ou suco no prato que continha minha comida e comer tudo como uma sopa. Creio que isso explicava os hábitos alimentares malucos de meu amigo — hábitos os quais considero muito estranhos e, às vezes, de gosto duvidoso.

Bebi um gole moderado do suco de limão, que estava bem gelado, agora olhando discretamente para minha Capitã. Como era linda! Não parecia ser tão severa quanto Jean, mas meiga e gentil. Uma fada, eu me arriscaria dizer, de tão maravilhosa que me pareceu naquele instante.

Sob a luz das tochas — ou piras, não me recordo ao certo agora — e os últimos raios da tarde, já mesclados ao manto negro da noite, seu semblante era radiante e encantador, de um encanto tão magnífico quanto o brilho das estrelas.

De repente senti uma cotovelada — creio eu, afinal não me passou de um toque para me chamar a atenção — na barriga, o que me fez voltar ao raciocínio normal. Era o monstrinho, que cochichou:

— *Concentre-se!*

Ele havia percebido a minha distração! E os outros? Teriam também percebido alguma coisa?

— Capitã Marcélia — exclamou o General Elric, que parecia ser o mais expressivo de todos ao redor da mesa —, poderia nos dar a *honra* de ouvi-la contar alguma de suas histórias esta noite?

Todos, inclusive Zarak — e exceto eu, por espanto ou por estar tão envolvido com aquela aura mágica —, apreciaram a ideia. Apenas a observei, notando um leve enrubescimento de suas bochechas.

Ela levantou-se, ajeitando o fiapo em tom creme de seu cabelo, uma das tantas mechas que contrastavam com o castanho escurecido, tirando-o de cima do olho quase negro esquerdo. Fitou-nos com um ar solene, talvez pensativa.

— Bem... nem sei qual contar hoje...

A armadura leve que usava reluzia como prata. Era um traje militar, mas não escondia ou anulava a sua beleza e nem a sua feminidade. Com certeza Grace havia feito uma boa escolha.

— Conte-nos a que quiser! — gritou alguém, a metros de distância, provocando uma ligeira algazarra.

Pelo visto, a jovem fantasista era bem querida por todos ali. Quisera que eu tivesse tanta fama assim! O máximo que tinha era alguns amigos e leitores, nada que fosse comparado a minha Capitã. Mas ainda assim me sentia feliz.

— Ela é uma boa *contadora de histórias*, Alec — disse-me meu amigo, quase num sussurro.

"Imagino", pensei, não me contendo de excitação diante da chance de ouvi-la narrar um conto.

Quando ela começou a nos contar uma fábula de anões, gnomos e silfos, houve um profundo e estranho silêncio por parte dos demais. Tudo fora mergulhado no encanto de sua voz, na magia de suas palavras.

Não sei quanto aos outros, mas eu fui *levado* para dentro do conto, testemunhando cada trecho dele até a sua belíssima conclusão.

Testemunhei desde o início do relato, quando alguns gigantes raptaram alguns seres de estatura menor, quando estes festejavam a chegada da primavera. Acompanhei um pequeno grupo de resgate, formado por anões, gnomos e silfos, todos decididos a salvarem seus parentes.

Vi o indômito grupo enfrentar as adversidades da natureza, os monstros no caminho, como dragões, golens, ogros, duendes trapaceiros; senti frio, calor, medo, emocionei-me quando um deles morreu para salvar um irmão. Vibrei quando eles finalmente enfrentaram os raptadores, vencendo-os com dificuldades, resgatando os demais.

E chorei em silêncio o retorno deles para casa, entre a alegria da liberdade e a tristeza da perda sofrida.

Concluída a narrativa, houve um grande clamor e uma merecida orquestra de palmas, todos de pé, alguns — inclusive eu

— emocionados, com os olhos lacrimejados. Sem a menor dúvida, aquela moça tão encantadora era sensível a ponto de nos conquistar não apenas com sua beleza, mas também com suas histórias.

Elric abraçou-a, dando-lhe um beijo no rosto, parabenizando-a.

A seguir todos voltaram ao banquete, porém agora — acho que mais do que antes — a minha atenção se voltara para a contista, a minha líder na Guerra. Suas palavras para dar vida àquele conto me tocaram.

Durante um bom tempo eu não havia tido contato com alguém que se dedicasse a escrever *literatura fantástica*, com exceção dos autores que conheci nas *redes sociais* das quais a maioria ainda hoje faço parte. Até onde sabia, era o único fantasista na cidade na qual morava. Aí conheci *Rayane*, uma escritora amadora de *dark fantasy*, alguém que mudou um pouco as coisas...

Entre ela e eu o relacionamento sempre foi mais literário, afinal ela tinha namorado, entretanto admito que cheguei a gostar dela. Coisas que vivem acontecendo comigo.

E agora havia um novo contato, porém sob circunstâncias um pouco esquisitas, com uma legítima fantasista! Era como se meu coração tivesse uma *queda* por garotas que fossem literatas. E isso sempre, sempre, acontece, independente de qual idade eu tenha.

Após a refeição, resolvi andar um pouco pelo acampamento, chamando Zarak para me acompanhar, contudo o monstinho recusou o convite, alegando que precisava conversar com Hipólito, que chegara meia hora antes.

— Eu o acompanho, Comandante — ofereceu-se Marcélia, toda gentil e meiga, aproximando-se de mim.

Meu coração bateu aceleradamente. Nem acreditava naquilo, não acreditava que teria a companhia agradável de minha Capitã num passeio noturno.

— Será uma honra, Capitã — consegui falar, embora tremesse um pouco na voz e no corpo.

Capítulo 7: Diálogo entre fantasistas

A noite naquele mundo era muito linda, com estrelas que formavam figuras animadas, uma lua redonda e quase azulada, que emanava uma espécie de fumaça prateada e ondulante. Algo digno de ser retratado numa poesia.

— Nunca imaginei que pudesse haver algo tão fantástico assim — comentei, enquanto andávamos.

— Claro que imaginou — replicou minha Capitã, a voz serena. — Não com tantos detalhes, mas algo aqui, alguma *parcela*, vem de sua imaginação também.

— Zarak me falou algo parecido.

— Este mundo é *sustentado* unicamente pelos Criativos, sobretudo os *Lordes*, e suas imaginações.

— Lordes?!

— Você não sabe quem são os Lordes?

Meneei a cabeça de forma negativa, um pouco envergonhado.

— Os Lordes são os Criativos mais poderosos, os *responsáveis* por nos trazerem para cá, por determinarem nossos postos, por manterem este mundo e tudo o que há nele em harmonia, sem falhas, por mesclarem as criatividades de todos nós de tal maneira que nos faz *viver* aqui tal qual viveríamos na Terra — explicou-me Marcélia.

— Eles participam da Guerra?

— Não.

Cada vez mais eu descobria coisas sobre a Guerra dos Criativos, e cada vez mais confuso ficava.

— São como divindades por aqui — continuou a contista, sentando-se num relevo um pouco íngreme.

Sentei-me ao seu lado, pensando na complexidade de imaginações que deveria existir para criar tudo aquilo. Com certeza eram seres supremos, nem que fossem em força mental e criativa.

— Não se deixe intimidar pelo Comandante Marlus, viu? — avisou-me ela, agora séria.

— Como? — indaguei, por instinto, fitando-a.

— Ele é filho de psicólogos. Vai tentar afetar a sua criatividade com termos e *babaquices* amanhã. Tome cuidado!

— Certo. Tomarei sim.

Desviei o olhar, erguendo-o até enxergar a lua azulada e poeirenta, tão sobrenatural quanto as lendas e crenças que a envolvem há milênios.

— Como é ter um amigo imaginário? — perguntou a Capitã, após quase um minuto de silêncio.

Fitei-a novamente, sem compreender direito a pergunta.

— É meio estranho, mas até bem divertido — tentei responder, meio atrapalhado. — Mas, por que a pergunta?

— Ninguém mais tem amigos imaginários desde os sete, oito, nove ou dez anos, no máximo — explicou-me ela.

Provavelmente corei a face.

— Não precisa se envergonhar! — pediu a fantasista, sorrindo. — Isso é um motivo de *orgulho*, pois tem de ser muito criativo para manter um amigo imaginário depois dos dezoito anos.

Tenho certeza absoluta de que corei mais ainda, pois senti meu rosto queimar.

— Você também é um fantasista, não? — inquiriu-me.

— Sim, sou — respondi, com certeza demonstrando um pouco de orgulho.

Antes, quando alguém me perguntava sobre o que escrevia, eu tinha um pouco de vergonha de responder que era escritor de fantasia; nem sei por qual motivo tinha isso; mas aprendi a me orgulhar do que gosto de ler e escrever. Afinal, sou um escritor, um fantasista, alguém que sonha em escrever histórias que agradem aos leitores, que façam alguma diferença.

— Sobre o que gosta de escrever? — continuou Marcélia.

— Seres mitológicos, magos, mundos paralelos, deuses antigos, artefatos mágicos... Coisas do *tipo*, sabe?

— Sei.

— E você?

— *Quase* a mesma coisa, porém somente contos.

— Sou mais os romances e, às vezes, as novelas. Sou *amador* em contos ainda. Acho-os tão condensados e breves.

Ela riu do meu comentário.

— São mais fáceis de escrever, para mim — falou-me, serena.

— Não acho. Fico *limitado*.

— Você é do tipo detalhista, é?

— Não. Pelo contrário: costumo ser até muito *simplista* às vezes.

A Capitã deitou-se na grama macia, curta e verde, arfando suavemente.

— Acho que você vai gostar de nosso General — disse ela, fechando os olhos quase negros.

— Por quê?

— Ele é um *cara* muito sincero e determinado, um fantasista também.

— Tem muitos fantasistas por aqui, não?

— Ultimamente sim, mas há também músicos, pintores, escultores, ilustradores, médicos, poetas, advogados... Pessoas que *dependem* da imaginação e da criatividade. Marlus, por exemplo, é *viciado* em *games* e gibis, um *blogueiro* que destila veneno em seu *blog*.

Notei que a sua voz era séria e tinha um tom de alerta.

— Não curto nem um pouco esses *pseudocríticos* — falei, sem perceber.

— Ninguém gosta, na verdade.

— Uma vez recebi críticas sobre um texto meu num *site*. Quase fui ofendido.

— Como Alfredo uma vez me disse, ser escritor é dar a cara à tapa e se preparar para aguentar alguns "espíritos de porco".

Rimos.

O riso dela era encantador!

— Acho que vou gostar mesmo do General — admiti, após conseguir conter a risada, deitando-me no gramado.

Nós dois ficamos em silêncio por um tempo imensurável. Uma paz indescritível nos abraçava.

— Ei! — chamou-me ela.

— Sim?

— Eu gosto de seus dragões-libélulas.

"O quê?!", estranhei, olhando-a com surpresa, meio de canto de olho.

— Obrigado — foi tudo o que consegui falar naquele momento.

— Disponha, Comandante — replicou a contista, com um leve sorriso.

Creio que acabamos — ou eu somente — dormindo ali mesmo.

Assustei-me, dando um pulo muito esquisito na cama, como se caísse de uma pequena altura. Creio que tenha causado certo estrondo, embora ninguém tivesse ouvido. Olhei em volta, percebendo que estava outra vez em meu quarto, em plena madrugada. E babando como uma criança.

Murmurei alguma coisa e procurei o relógio ou o celular, nem sei ao certo. Encontrei o segundo; apertei uma tecla qualquer e vi que eram quase quatro da manhã. Minha mente estava confusa.

Havia sido *tudo* aquilo que vivi apenas um sonho mesmo?

Capítulo 8: Um pouco de insônia

Zarak, Hipólito, General Elric, Capitão Jean, Grace, Capitã Marcélia e a Guerra dos Criativos haviam sido frutos de meu *subconsciente*? Apenas um sonho muito surreal de uma mente criativa e pressionada com tantos acontecimentos? Uma ideia para algum livro?

Julgo que eu tenha ficado bons minutos meditando, tentando chegar a algum consenso, a uma conclusão *plausível*.

Lembranças das várias visitas do monstrinho branco e felino povoavam as minhas ideias. *Ele* era real, muito real. Por que o sonho também não seria, oras? Por que não era possível haver um mundo sustentado pelas imaginações de todos? Seria algo tão impossível e absurdo a ponto de ser uma *utopia*?

Claro que não!

Como eu poderia negar uma coisa que sabia que era verdadeira? Estaria tentando usar o *método cartesiano* e encontrar outra verdade, outra possibilidade?

Levantei-me, confuso e envolvido em indagações. Fui ao banheiro, pois os copos de suco que eu havia tomado — talvez em meu sonho — queriam sair. Em seguida abri a torneira para lavar as mãos e...

— Como?! — espantei-me.

Olhei para meus dedos magros, incrédulo. Neles estavam os mesmos anéis que aquela toupeira trouxera para mim na tenda da garça estilista!

Atrevi-me a erguer os olhos e fitar-me no reflexo do espelho. Outro susto! Meus cabelos, antes grandes e passando da hora de visitarem um cabeleireiro, agora estavam curtos e bem cortados.

Se eu fosse *Descartes*, não teria mais nenhuma dúvida...

Respirei fundo.

Talvez eu tivesse dado algum sorriso de satisfação.

Tudo o que aconteceu naquele mundo foi real! Isso me animava muito. Era minha *chance* de viver uma grande aventura, algo que antes só era possível aos meus personagens, aos protagonistas de minhas histórias.

Pensei em Marcélia, em sua beleza, em sua simpatia, em sua voz narrando aquele conto. Uma ânsia imensa de revê-la me invadiu — uma sensação que agora, enquanto recordo, faz-me lembrar do que eu sentia quando tinha saudade de minha ex-namorada, *aquela* garota que namorei por mais de dois anos.

Eu precisava dormir novamente. Era o único jeito de retornar para aquele mundo, para perto de minha Capitã...

Voltei para o quarto, deitando-me ansiosamente na cama, almejando o quanto antes dormir e sonhar — ou não, como me falou Zarak. Virei e revirei de um lado a outro no colchão, incapaz de fechar os olhos e dormir.

Arfei furioso. Eu *precisava* muito dormir o quanto antes! Eu *queria* voltar para aquele mundo cujo nome não sabia!

Pelos meus cálculos, fiquei mexendo e remexendo de um lado a outro por um longo tempo, um tempo *imensurável* — curioso como este adjetivo aparece quando queremos dar a impressão de algo *incalculável*.

Surgiam em minha mente imagens das coisas que já haviam me acontecido lá. Era tanta coisa! Tudo muito fantástico e empolgante! E eu queria mais, muito mais!

O sono, como já era de se esperar, custou a me encontrar novamente. E cada segundo acordado era uma *tortura* para mim, algo que me agonizava e me fazia ficar ainda mais sem sono.

Olhei para o relógio do celular. Passavam das cinco da manhã! Era quase hora de o sol nascer e aí sim o sono me abandonaria de vez. E Deus sabe lá quando voltaria a sonhar!

Tentei livrar meus pensamentos de qualquer tipo de preocupação, seguindo uma dica de algum livro de *autoajuda* que eu havia lido. Tentei não pensar em nada que me atrapalhasse a

dormir. Pensei numa ideia para alguma história futura, numa ideia de algum livro de algum amigo escritor, em abelhas...

Creio que fechei os olhos.

— Pensei que não viria, *Alec*! — exclamou uma voz carregada de desprezo e sarcasmo.

Abri os olhos, encarando meu primeiro adversário, em meu primeiro combate.

— Eu *sabia* que você viria, amigo — falou-me Zarak, que estava do meu lado direito.

Capítulo 9: A primeira batalha

Eu estava diante do Comandante Marlus, um sujeito do tipo *nerd*, cheio de pose e pronto para me massacrar; talvez fosse do tipo de pessoa que nunca leu um livro clássico, nada sabia de cinema ou de qualquer outro assunto semelhante e ainda assim vivia criticando tudo. Um verdadeiro perigo a amadores, pois provavelmente seria muito influente. E alguém que difamava muitos outros nerds, aqueles que realmente são *pessoas com caráter*, que merecem aqui meu respeito — pois tenho alguns amigos que se enquadram neste grupo.

Tive alguns segundos para perceber que estávamos no alto de uma colina muito verde e com grama alta e arbustos muito rasteiros. Era manhã, a julgar o calor ameno e o vento suave e um pouco frio. Horas haviam se passado desde meu despertar.

Com exceção de mim, meu amigo imaginário, meu oponente e uma *coruja branca* sobre uma pedra, não havia mais ninguém por ali.

— Conhecem as regras, não? — questionou a coruja, girando a cabeça horizontalmente, fitando a mim e ao outro Criativo.

Espantei-me com aquilo — ainda não estava totalmente acostumado com animais falantes.

— Sim, li o *Pergaminho* — respondeu o garoto de cabelos loiros e arrepiados.

Novamente me arrependi por não ter lido aquele *bendito Pergaminho*.

— E você, *Sir Alec Silva*? — perguntou-me o animal de penas brancas, encarando-me com aqueles olhos grandes, redondos e amarelos.

Preparava-me para gaguejar quando o monstrinho interveio:

— Serei o *Pajem* dele.

"Pajem?!", estranhei, fitando-o.

— Que assim seja, então — concluiu a ave, um segundo antes de voar.

Percebi que Marlus meneava a cabeça num gesto de zombaria. Ele sabia que eu não havia lido o Pergaminho. Tinha total certeza disso.

— Vamos para o nosso *lado* — disse Zarak, pegando em minha mão.

Acompanhei-o.

— O que é um Pajem? — perguntei.

— Um servo, um *discípulo*, alguém que *deve* saber *tudo* para lhe passar quando for preciso — respondeu a criaturinha, com firmeza. — Vou ser um, pois você não leu nada sobre as regras, *né?*

Dei um sorriso um pouco amarelo.

— Vê aquela bandeira na outra colina? — indagou ele, apontando para a nossa frente.

— Sim — respondi, após enxergar uma bandeira verde tremulando.

— É *sua*, portanto deve protegê-la do "arrepiaquinho" a qualquer custo, entendeu?

— Sim.

— É *proibido* usar táticas que firam o Criativo adversário, mas *vale tudo* contra as criações dele. E não se preocupe! *Não* há sangue nelas. Quando são destruídas, ou viram fumaça ou cinzas faiscentes.

— Como vampiros? — brinquei.

— É, como eles mesmo.

Rimos.

— Tudo o que eu preciso fazer é proteger a *minha* bandeira e pegar a dele, certo? — tentei resumir.

— Certo.

— Nunca fui bom neste *jogo*.

— É, eu sei.

Andamos por alguns minutos, tempo suficiente para pensar numa tática de ataque e defesa, algo que me fizesse ganhar o quanto antes o combate. Nunca fui muito bom em seguir planos a risca, para obter sucesso.

Era como aquele jogo com dois times, no qual um deveria proteger a sua bandeira e tentar pegar a do oponente; se não me engano — pois faz anos que brinquei ou vi alguém brincando —, formavam-se dois grupos, colocava-se uma bandeira (que *poderia* ser uma folha larga ou uma garrafa vazia) no meio de um círculo desenhado no chão e cada equipe deveria proteger a sua quando alguém do outro time adentrasse seu lado do campo determinado por um risco no meio, além de tentar pegar a outra bandeira. Muito simples e divertido.

Mas, ali aquilo era uma batalha, um combate que formava uma guerra.

Quando chegamos ao ponto marcado, ouvi um som gutural que ecoou por longos segundos entre as serras e colinas, assustando-me.

— O que foi isso? — perguntei, virando-me para trás.

Na colina em que estava Marlus uma enorme criatura negra estava surgindo. Primeiro surgiu parte da cabeça, com escamas muito salientes, e do pescoço alongado; a seguir vieram as garras colossais, que o ajudaram o corpanzil a emergir. Segundos depois apareceram enormes asas *reptilianas* com algumas *penas* largas e compridas.

— O que é *aquilo*?

Minha voz soou trêmula.

— Um *dracogrifo* — respondeu Zarak, a voz preocupada.

Foi inevitável não pensar no *Jaguardarte* criado por *Lewis Carroll* ao enxergar um monstro tão magnífico, sobretudo quando cuspiu uma imensa labareda avermelhada e me encarou, pingando saliva ardente no chão, chamuscando a grama.

— Eu... eu... não posso... — hesitei, apavorado.

— Claro que pode! — exclamou o monstrinho.

— Ele é... *imenso*... Isto é loucura!

O dracogrifo estava quase todo emerso, salivando *lava*, atrás de seu criador *macabro*, o olhar fixo em mim. Ele sozinho já seria suficiente para vencer qualquer criatura minha; apenas ele acabaria com um exército que eu viesse a criar!

— Vou *desistir* — falei, fitando meu amigo.

— E *decepcionar* a sua Capitã?!

Aquilo me fez hesitar mais do que o medo que sentia.

Foi um *erro*.

A criatura híbrida voou baixinho sobre nós, roçando a ponta afiada de sua cauda a quatro metros de mim, erguendo grande quantidade de poeira.

— Ei! — reclamou meu Pajem, dirigindo-se ao outro Criativo.

Notei um sorriso perverso no rosto de meu oponente, que pouco se importava com a reclamação da criatura branca.

— *Crie* qualquer coisa, Alec! — gritou Zarak, voltando-se para mim.

Pensei imediatamente num dragão vermelho, com escamas salientes — e quase tão grande quanto o dracogrifo. No instante que o fiz, para meu assombro, a criatura que eu imaginei surgiu em minha frente, urrando.

A fera criada por Marlus deu outro voo rasante e agarrou meu dragão recém-criado pelo pescoço, erguendo-o, enquanto cravava suas presas em seu pescoço. Minha criação berrou e bateu suas asas, tentando se livrar do inimigo, porém a violência do ataque o fez virar pó vermelho.

— *Vixe!* — exclamou o monstrinho.

A cena me apavorou ainda mais. Nunca antes imaginei uma criação minha ser *destruída* diante de meus olhos, tão real quanto eu. Nunca mesmo.

Enquanto me comportava como um bobalhão, o outro Comandante criava mais seres iguais ao primeiro, todos negros e monstruosos. Só percebi aquilo por que meu Pajem me alertou.

— Você *precisa* criar algo *mais* forte!

— Criar o quê?! Aquelas *coisas* são...

— Alec, o Criativo *é* você, oras!

Imediatamente pensei em um exército de homens de barro, soldados orientais, todos armados com arcos, espadas, lanças ou espadas. Logo a colina estremeceu-se; diante de mim dezenas de *guerreiros de terracota* surgiam, prontos para me auxiliarem, todos magníficos e rigorosamente posicionados em fileiras.

Flechas, centenas de flechas, creio eu, voaram contra os dracogrifos, seguidas por outras centenas de lanças. Por sorte — ou por puro *acaso* —, quatro monstros foram abatidos, o que me fez comemorar.

— Não se esqueça das bandeiras! — avisou-me o meu amigo.

— Sim, sei.

Agora enormes serpentes atacavam meu exército de barro, obrigando-me a criar golens, seres enormes e robustos, feitos exclusivamente de pedra ou de barro duro, alguns portando clavas feitas de troncos grossos. Eles agarraram ou golpearam com agressividade as criaturas ofídicas e as venceram, sofrendo perdas mínimas.

Lembrei-me de um de meus objetivos ali: capturar a bandeira de Marlus. Não seria fácil, mas eu devia conseguir, a qualquer custo — pelo simples fato de *agradar* a Marcélia.

Capítulo 10: Um golpe traiçoeiro

Para minha primeira batalha, eu estava me saindo até bem, sobretudo graças à ajuda de meu Pajem, que me apontava os momentos mais críticos e necessários para me defender e atacar, respectivamente. Cabia apenas a mim reforçá-los ou iniciar algum ataque, orientado por suas dicas.

Não demorou muito para compreender as táticas de meu adversário, que *apelava* descaradamente para criaturas de jogos de *RPG* e desenhos animados japoneses, os *animes*. Até o momento não havia investido em nada psicológico, numa tentativa para me distrair e vencer, como minha Capitã me advertira.

Resolvi, quando ele criou monstros bicéfalos e tricéfalos, todos *dragontinos*, ir além de meus limites criativos — como eu julgava ter naquela época — e criei enormes soldados com armadura de titânio, todos exímios arqueiros e espadachins. Ordenei logo ataques mais agressivos, sem piedade.

O campo de combate estava todo coberto por fumaça e poeira enegrecidas, tudo resultante — pensei e me certifiquei depois — do embate das criações incríveis de dois Criativos, que ao serem destruídas eram convertidas em vestígios de pequeninas partículas. Além disso, a grama e inúmeros arbustos foram destruídos no choque de imaginações. Algo realmente assustador, se olhado por alguém que não soubesse a causa.

Entre um intervalo e outro de uma nuvem negra para outra, pude vislumbrar Marlus, que parecia incrédulo — assim como eu —, afinal eu havia conseguido prolongar a batalha por quase vinte minutos, segundo falou-me Zarak. Aquilo era *inacreditável*.

Meu exército de guerreiros de titânio estava dando conta perfeitamente dos monstros do outro Comandante, permitindo-me enviar outras criaturas para a bandeira adversária, ponto que agora estava cercado por dragões rubros, todos lançando imensas bolas de fogo em quem tentasse se aproximar.

Golens e alguns gigantes avançaram para o lado oposto ao meu, abrindo caminho com golpes furiosos de clavas, espadas e lanças, destruindo e sendo destruídos, permitindo que os homens de metal rumassem ao meu principal objetivo.

— Cuidado para não machucá-lo! — advertiu o monstrinho, receoso.

Eu *nunca* pensaria em machucar alguém. Não havia necessidade de me advertir, pois eu era um pacificador — embora agora agisse tão bem quanto um guerrilheiro, um Comandante.

Uma coisa estranha, que agora, enquanto relato minha incrível aventura na Guerra dos Criativos, somente agora me faz fazer algum questionamento — embora saiba hoje toda a *verdade* — é o fato de me sentir *onipresente* em meio a tanto caos, ser capaz de ver, ouvir e pensar em várias direções ao mesmo tempo, saber o que fazer, mesmo em meio a tanta agitação. Seria eu um *deus* naquele mundo, como pensei horas depois, após me recordar de tudo aquilo?

O ataque aos dragões rubros foi rápido e eficaz, de forma muito violenta, contudo senti algo me bater com força, jogando-me longe com grande fúria, como se eu fosse um saco cheio de coisas de pouco valor. Creio que neste momento sacudi na cama, abri os olhos, balbuciei algo e voltei a dormir, tragado pelo sono.

Quando recobrei um pouco a consciência, virei-me bruscamente, buscando quem ou o que me agredira; encarei um *troll* que andava em minha direção com uma expressão de que não iria brincar comigo.

— Zarak! — gritei desesperado, tentando me levantar e fugir.

A enorme quantidade de partículas negras e tão unidas não me permitiu enxergar nada além de meu agressor, que vinha ao meu encontro com uma expressão horrivelmente cruel.

A criatura era horrorosa, *muito* horrorosa. Tinha uma aparência severa e sanguinolenta; uma criação de uma mente perversa e sem piedade, fruto não de um Criativo feliz, mas de um que tinha seus *demônios*, seu lado obscuro e cruel, capaz de horrores para alcançar seus objetivos.

Tentei levantar-me com desespero, porém meu corpo doía ou estava todo dormente, nem sei bem. O *pavor* se apoderou de mim. O antigo trauma, a *fobia* de morrer, que tanto me atormentava quando criança, havia retornado — e com força muito maior do que era capaz de suportar. Parecia que faltava ar ao meu redor; meus pulmões ardiam e ansiavam por oxigênio o quanto antes.

E *onde* estaria Zarak, que não aparecia para me auxiliar? Teria sucumbido ao ataque — ou fugido e me abandonado?

Fechei os olhos, querendo acordar daquele sonho, daquele *pesadelo*. Não queria morrer...

Foi quando escutei um baque violento e um estrondo de algo tombando quase ao meu lado.

Abri os olhos, entre o medo e a curiosidade, e não vi mais o troll. Estava diante de mim um sujeito sério, alto, forte e trajando uma pele de lobo. Pensei imediatamente na vestimenta de *Hércules*, que matara o Leão de Nemeia e usara sua pele como armadura. Contudo, ele mais parecia um caçador de lobos do que de leões.

— Você está bem? — perguntou-me, a voz firme.

— Si... sim — gaguejei, ainda surpreso.

Ao seu lado um enorme lobo de olhos azulados e pelos alvos me fitava. Não identifiquei maldade, mas um espírito bondoso e justo. Provavelmente fora ele quem destruía o troll.

Ouvi uivos e rosnados por todos os lados. Algo estava acontecendo ali e envolvia uma enorme *alcateia lupina*!

Lentamente a nuvem enegrecida foi desaparecendo, possibilitando-me ver o que acontecia: havia lobos de vários tamanhos e subespécies por todos os lados, uns sentados, outros em pé — inclusive *bípedes*, evidentemente sendo *lobisomens*.

— Você está bem, Alec? — indagou Zarak, que surgiu do *nada*.

— Sim.

"E não por sua causa", completei mentalmente.

Quatro lobos, todos com os pelos brilhantes, escoltavam Marlus, que parecia muito *humilhado* e furioso. Fitou-me com grande *rancor*.

O novo personagem para mim, que parecia ter mais de vinte anos, encarou o Comandante e sacudiu a cabeça de forma repreensiva, falando:

— Seu General não gostará nada disso, *moleque*.

Em seguida fez um gesto para os lobos, que menearam as cabeças, concordando ou assentindo. Um segundo depois, eles e o Comandante haviam desaparecido diante de meus olhos, de maneira sobrenatural.

— Você é um *cara* de sorte, Alec — disse meu salvador, fitando-me, agora com um sorriso. — Seu amigo me pediu desesperadamente para vir aqui salvá-lo.

Corri os olhos para o monstrinho, que estava um pouco corado, fitando-me com seus olhinhos negros.

— Vamos para o Acampamento cuidar de seus ferimentos antes que volte para *seu* mundo — completou, um segundo antes de eu notar que estávamos rodeados por Criativos e algumas criações.

Todos me olhavam com grande surpresa. E mais surpreso estava eu, por estar de volta ao Acampamento tão rápido, sem nem perceber como aquilo fora possível.

— O que houve, General Alfredo? — perguntou Elric, aproximando-se preocupado.

— Não é a *hora*, amigo.

Aquilo me preocupou, afinal algo estava *errado* e incomodava Alfredo. Teria alguma relação com o ataque que sofri minutos antes?

— Alec! — gritou uma voz feminina que fez meu coração disparar.

Era *ela*!

Senti o seu abraço apertado — doeu um pouco, mas foi agradável ainda assim —, seu perfume maravilhoso, o seu calor... e *algo* mais.

"Ela está *chorando*?!", surpreendi-me.

Sim, minha bela Capitã deixava sair de seus olhos quase negros lágrimas de uma emoção — talvez culpa ou arrependimento; culpa por eu ter me machucado gravemente no meu primeiro combate; e arrependimento por ter me designado para enfrentar Marlus.

Eu nunca a culparia por nada, nem que fizesse intencionalmente. *Como* culpar alguém que se preocupava comigo, que chorava por eu estar machucado? Não era possível odiar e culpar, não mesmo.

— Estou bem — falei, numa tentativa de fazê-la parar de chorar.

Desde criança nunca gostei de ver uma mulher chorando, independente de qual fosse a sua idade. E infelizmente foi algo que vi muito, sobretudo minha mãe, que tanto chorava por causa de meu pai — a quem jurei nunca me parecer.

Respirei fundo, pensando em quanto tempo fazia que uma garota não demonstrava algum afeto por mim. Acredito que já fazia quase um ano desde o último carinho feminino, um simples abraço preocupado...

Por muito pouco não deixei a emoção de aquele momento me dominar também. Não poderia mesmo amolecer naquele instante — por orgulho nem tanto, mas para demonstrar que eu estava bem, evitando que ela ficasse ainda pior.

Busquei os dois Generais, encontrando-os numa discussão fervorosa com Zarak. O que tanto os incomodava? Teria sido tão grave assim o *atentado* que eu sofri? E por que o monstrinho, a minha criação, estava conversando com eles?

Não houve mais tempo para pensar muito, pois fui carregado para uma tenda, onde sofri os *horrores* de ficar internado, algo que não acontecia há mais de uma década.

Capítulo 11: Há algo errado

Quando ainda pequeno — não me pergunte a idade, pois não saberei informar —, adoeci a ponto de ficar internado por um bom período, tendo que ir de um lado a outro com um tubo de soro como companhia, algo muito incômodo e horrível para uma criança. A partir daí, e de outras experiências nada agradáveis, criei certo *pavor* de hospitais e postos de saúde. O simples cheiro hospitalar me incomoda até hoje! Melhor: chega a me causar náuseas!

Portanto, é de se imaginar o quanto foi *agradável* ficar quase uma hora sendo examinado por médicos que me lembravam *cães de desenhos animados*, todos com os focinhos cobertos com máscaras brancas, vestidos em jalecos e rabos abanando a toda hora.

Após essa *tortura* — que prefiro omitir desta autobiografia —, recebi as vistas de minha Capitã e seu General — que também era o meu, por hierarquia —, o *cara* que me salvara de Marlus.

— Peço perdão, Alec — falou Marcélia, encabulada. — Não pensei que...

— Não se preocupe! Estou bem.

Sorri, passando a ela toda a confiança e a segurança possíveis.

— Infelizmente, Comandante, é um motivo para nos preocuparmos sim — interveio Alfredo, sério.

A fantasista fez menção de dizer alguma coisa, porém seu superior a impediu com um olhar severo. Não era hora de delicadezas, nem mesmo com um doente — foi o que pensei.

— Consulte os *Juízes* e eles também notaram mudanças neste mundo — continuou ele, voltando a me fitar. — Não é como antes; agora é uma afirmação.

— Ele nada sabe ainda sobre... sobre esse *assunto*, General.

— Sei disso. Mas o fato de ter enfrentado alguém *corrompido* o torna no direito de saber, não acha?

“Corrompido?!”

Ela assentiu.

— Saber o quê? — interrompi-os. — Do que estão falando?

Eu estava muito confuso com tudo aquilo. Muito confuso mesmo!

— Alec, há algo ruim acontecendo neste mundo — disse meu General, sério —, algo que não deveria jamais se *repetir*.

Havia muito receio em sua voz, embora a mantivesse grave.

— Como assim "se repetir"? — perguntei, bastante atrapalhado no raciocínio.

— Isto já aconteceu antes, há décadas — respondeu Marcélia.

— E os *resultados* puderam ser sentidos em *seu* mundo — emendou Alfredo.

Provavelmente fiz um esgar que misturava surpresa e curiosidade.

— E aconteceu antes também — disse uma voz, segundos antes de um *pigmeu* de barbas longas e alvas surgir. — E outra vez antes dessa.

— Juiz *Arnol* — falaram os dois Criativos, prestando todo o respeito com reverências típicas de cavaleiros diante de um rei ou autoridade jurídica, em tempos medievais.

— Tempos difíceis se aproximam, meus Criativos. E *novamente* a imaginação está sendo manipulada para fins *negativos* e *destrutivos*.

Notei que o terceiro visitante flutuava no ar, centímetros do chão. (Nem vou mencionar a semelhança com um personagem de um desenho animado clássico.)

— A maior batalha que um Criativo poderá travar se aproxima com *fúria* e *sagacidade* — alertou o tal Juiz.

Estremeci ao ouvir aquilo.

— E o que podemos fazer para *evitar*? — indagou a contista.

— *Nada* e *tudo* — respondeu o ancião.

Não era somente Zarak quem apreciava falar em contradições por lá.

— Nada por ser algo *inevitável* e tudo por se poder *remediar* a situação — explicou-se ele.

O monstrinho, contudo, *quase sempre* evitava se explicar.

O clima estava tenso, muito tenso. E eu me sentia perdido naquela tensão toda.

— O que o *Tribunal* decidiu? — perguntou o General, talvez se especificando num assunto determinado e conhecido por Arnol.

— Julgado, sentenciado e *expurgado*, como mandam as leis e regras contidas nos Pergaminhos que todos receberam e leram — respondeu o Juiz.

(Menos eu.)

— Decisão justa — falou minha Capitã.

Eu me sentia totalmente excluído de tudo aquilo, um intruso. Fechei os olhos, sentindo-me cansado, bocejando.

Quando os abri, um pouco sobressaltado, estava na verdade acordando de meu sono. Era início de mais um dia de trabalho para angariar *recursos* para meus sonhos.

Arfei, pensando se voltaria a sonhar com tudo aquilo. Mas, um minuto depois, tudo não me passou de um sonho estranho, daqueles que duvidamos ser ou não reais.

Levantei-me a seguir, preparando-me para ir trabalhar — parte desta obra autobiográfica que pouco será aprofundada, visto a *chatice* que é falar de coisas desnecessárias ao andamento de minha aventura naquele mundo. Uma espreguiçada ou duas e fui para o banheiro.

Como notarão no decorrer da leitura, outra vez não me preocupei em ler o Pergaminho. *Estranhamente*, analisando bem agora, percebo claramente que quando desperto, meu interesse em ler era pequenino, acontecendo algo parecido no que tangia a escrever.

Mal sabia que aquilo era uma das muitas consequências de um plano sinistro arquitetado por alguém que eu não conhecia ainda, mas que viria a conhecer e enfrentar numa luta não apenas pelo meu direito de criar, e sim também de viver.

Por ora, vamos à ordem dos fatos...

Parte Dois: Destruição

Capítulo 12: O lovecraftiano

Na primeira parte deste livro, para nível de resumo, detalhei meu primeiro contato com outro mundo, um mundo que não fora criado por mim, mas por terceiros, cujo nome até hoje me é uma incógnita. Também narrei as poucas e fantásticas experiências com outros Criativos e minha primeira luta, a qual eu *perdi*; mencionei ainda a existência de um *mal*, uma força que possuía planos terríveis e ainda desconhecidos a mim.

Para esta segunda parte, portanto, dou seguimento aos relatos de minhas aventuras naquele mundo.

Como comentei anteriormente, não me prenderei em fatos que pouca importância tenha para o tema central deste relato. Baseando-me neste argumento, dou um salto de horas no tempo até o momento no qual eu estava digitando o livro que iria ser enviado para algumas editoras avaliarem.

Quando se é um *escrevinhador*, como o fui entre os dez e os quinze anos, não se preocupa tanto com a arte de escrever, pois o que importa é se criar algo, uma história. Quando se passa a ser um *aspirante* a escritor, surge e aumenta um pouco a preocupação com o que se quer contar. E, por fim, quando se é *escritor* publicado, passa-se a planejar melhor cada história.

Eu tenho tais pensamentos, estes de escritor; porém, antes de tudo, penso no que *eu* gostaria de ler. Se o que escrevo atrai leitores, *quem* sou eu para reclamar? É apenas uma consequência de minha persistência em criar histórias que eu gostaria de ler somente.

Naquela época, naquele período específico de minha vida, a pessoa que me olhasse poderia me encontrar *tenso*, ansioso,

preocupado, nervoso, eufórico... Ansiava poder ter logo em minhas mãos meu primeiro *filho* literário, meu primeiro livro publicado.

Óbvio (como todos que me conhecem e sabem de minha luta de anos por um *espaço* no meio literário imaginam — e testemunharam a data) que não houve um *lançamento* — como é de se esperar. Primeiro, porque não houve apoio cultural da Prefeitura; segundo, porque a minha *grana* foi curta... Coisas de escritor brasileiro...

Mas, outra vez me antecipo na narrativa.

No momento em que me perdia em pensamentos, uma lágrima escapou e molhou o caderno. Novamente pensava naquela garota que me fez tão amado por mais de dois anos.

Como eu queria que ela tivesse feito parte daquele momento em minha vida, que tivesse ao meu lado para compartilhar algo que eu havia sonhado por mais de quatro anos! Era para ser o *nosso* momento, não apenas o meu. Não era para ser um momento solitário, mais introspectivo, mas sim um instante em conjunto, totalmente solidário e público.

Afastei como pude aquelas lembranças e voltei a digitar, concentrando-me na tarefa a ponto de me esquecer do tempo e somente parar quando os olhos principiaram a arder, causando irritação e me forçando a cessar a atividade.

Salvei tudo no computador e no *pendrive*. Desliguei a máquina e joguei-me na cama, exausto, com os olhos fechados.

Um minuto depois senti o aroma de carne assada, um aroma que faz a fome apertar gostosamente a barriga.

Abri os olhos e vi que estava sentado numa cadeira, na mesa de banquete. Ao meu lado, em distâncias variadas, estavam os Generais e os Capitães que já eram conhecidos por mim, além de outros novos.

A mesa de banquete lembrava a *Távola Redonda*, porém era um imenso círculo, muito maior do que o mencionado nas lendas *arturianas*, restando um vazio no meio, um espaço grande o suficiente para ser preenchido por uma fogueira que preparava os alimentos, músicos tocarem e criaturas humanoides dançarem, tudo

em beleza e harmonia tão impressionantes que chegavam a ser utópicas.

— Chegou na *hora* — falou-me Zarak, sorrindo.

O monstrinho parecia o *Gato de Cheshire*, aparecendo e desaparecendo quando bem quisesse. E aquilo começava a me irritar.

— É impressão minha ou hoje tem mais gente do que ontem? — indaguei, quase cochichando, para ele.

— Não é impressão — respondeu-me, um pouco sério. — Hoje ninguém *ousou* duelar.

— Por quê?

— Não se fala sobre *ele* na mesa.

Respeitei aquilo, visto que meu amigo era o meu Pajem. Só queria saber quem era "ele", apenas isso.

— E já se passou alguns *dias* desde a sua última visita — avisou-me ele.

— Como?!

— *Tempo de sonho*, oras.

Quando ouvi aquilo, não compreendi o que significava. Pesquisando, porém, em *sites* sobre sonhos, descobri que o tempo de sono normal de uma pessoa saudável dura de seis a oito horas; um sonho dura cerca de vinte minutos, ocorrendo geralmente nas últimas horas do sono, embora haja caso de que possam se estender por algumas horas.

Quanto ao "tempo de sonho", mencionado pela criatura felina, refere-se a um tempo que *difere* completamente do nosso.

Para tentar explicar a *teoria*, imagine que você durma e sonhe por vinte minutos — o que é mais comum em pessoas saudáveis. Para cada um minuto de sonho ocorrido em *tempo real*, são doze no *mundo dos sonhos*. É parecido com a *Teoria da Relatividade*, ou com as teses de *vida dupla* do ser humano.

Dediquei-me a observar melhor os detalhes do Acampamento, talvez tentando controlar minha enorme curiosidade.

Naquela noite não havia criaturas — exceto Zarak, que mais parecia um ser vivo do que uma criação animada, os músicos e os dançarinos —, como na outra. Apenas os Criativos estavam

presentes, cada um ocupando um espaço na mesa circular. A julgar pelo clima pesado, todos estavam tensos e receosos, embora tudo ali inspirasse a alegria e a tranquilidade.

O meu olhar logo se fixou num trio em particular: Elric e Alfredo conversavam com um *sujeito* um pouco gordo, robusto na verdade, que ostentava uma pequena parcela de barba negra abaixo do queixo.

— Quem é ele, Zarak? — questionei, cutucando o monstrinho e apontando discretamente para o rapaz que me era desconhecido.

— General *Amaury*, um *lovecraftiano* — respondeu meu Pajem.
— Marlus era seu Comandante.

— Um *lovecraftiano*?!

— Sim, um escritor de *horror* ao estilo daquele...

— Eu sei o que é.

— Então por que essa cara de espanto?

— Ele é estranho.

— Todo autor do *macabro* é assim mesmo. Você logo se acostuma.

Lembrei-me de ter lido uma obra de *H. P. Lovecraft*, um livro de horror psicológico. Não era o dos mais macabros e famosos, porém me permitiu identificar as características que o tornaram mundialmente conhecido. Ele foi o *mestre* dos contos de horror e terror, um dos *precursores* da onda de zumbis e monstros ameaçadores, de seres espaciais ansiosos para se despertarem e subjugarem a raça humana.

Eu havia lido alguns livros e contos da literatura de horror, sobretudo *Drácula*. Não é o meu gênero preferido, mas tem lá o seu *charme*. Tentei, inclusive, algumas vezes escrever histórias do tipo, cujos resultados poucos leitores devem conhecer atualmente, afinal não é o meu forte.

Examinei cuidadosamente *Amaury*. Ele vestia-se com roupas negras com algumas peças em cinza e prata, como correntes e anéis com formas de caveiras e serpentes — objetos estes presentes não apenas em suas vestes, mas também presos no pescoço e nos dedos.

Se suas roupas escuras e apetrechos estranhos não o tornavam uma pessoa *destacável* numa multidão, a sua altura e o seu porte, unidos a sua aparência severa, faziam-no.

O novo General era quase careca — digo *quase* porque seus cabelos eram muito curtos, permitindo ver o couro cabeludo —, semblante muito severo e enigmático, pele morena clara e olhos castanhos avermelhados.

Talvez o fato de saber que ele era o superior de meu primeiro oponente — e que quase me matara em um ato covarde e impiedoso — me fizesse ter um *prejulgamento* dele. E tudo se agravava ao saber que era um lovecraftiano, um autor de relatos macabros e assustadores, capaz de criar seres demoníacos para causar medo e inquietação nos leitores.

Desviei o olhar, servindo-me com um bom suco de laranja. Foi um gole demorado. Em seguida concentrei-me na busca por minha fantasista, entretanto não a encontrei.

Capítulo 13: O ataque dos andróides

Anteriormente, nos capítulos iniciais da primeira parte, fui pouco detalhista quanto ao banquete. E agora, para que a imaginação do leitor possa entender o quão maravilhoso foi para mim tudo aquilo, dedicarei algumas linhas para descrever a minha segunda refeição naquele mundo, permitindo a você ter uma noção de quão surreal foi tudo aquilo.

Como é de se supor e conforme permite a criatividade de cada um, havia todo tipo de alimento possível e para todos os gostos. No meu caso, purê de batatas, alface, frango assado, arroz, bolo de chocolate, pudins, sorvetes de inúmeros sabores, sucos de morango, limão, laranja e guaraná, bombons, pavês, pães de queijo, etc. Claro que fui incapaz de comer tudo, mas tudo o que consegui comer estava delicioso, muito delicioso.

Tudo era servido por uma força *invisível*, que levava os pratos diretamente a nós, sem intermédio de terceiros, como garçons em rodízios de churrascarias ou pizzarias. Tudo muito mágico e fascinante.

Agora que já dediquei um espaço para descrever o banquete — mesmo que tenha sido novamente breve e pouco detalhista —, retorno a narrativa no ponto em que fico entristecido pela ausência de minha Capitã.

Enquanto eu comia, pensava na conversa maravilhosa que tive com ela. É incrível como uma garota que eu mal conhecia me fazia me sentir tão bem e *importante*! E ela não foi a primeira ou a última a me deixar assim. Houve — como sempre — outras, de menor, igual ou maior importância em minha vida tão estranha.

De todos os Criativos que eu havia conhecido até o momento, Marcélia era a que mais me havia despertado grande a simpatia — talvez o *maravilhoso* fato de ser mulher e autora contribuísse bastante.

Zarak, o monstrinho que era minha criação e meu amigo, parecia mudado, tornado-se mais *sério* e *distante*. Parecia não ser mais aquela criatura totalmente alegre e surreal, mas mais *adulta*, com um humor um pouco mais sarcástico. Talvez fosse consequência do ataque traiçoeiro que eu sofrera. Talvez se sentisse um pouco culpado.

Após perder alguns minutos pensando nesses assuntos, voltei a minha atenção para os três Generais, que ainda conversavam. Alfredo era o que mais falava, parecendo argumentar, contra-argumentar e defender seus argumentos, enquanto ora ou outra Elric apontava algumas coisas e sugeria outras — numa energia quase maior do que a do primeiro — e Amaury somente ouvia, limitando-se a concordar ou a discordar. Estavam tomando alguma *decisão* importante.

Mas, o que tanto conversavam? Teria alguma relação com o ataque covarde que sofri? Ou estaria relacionado ao mal que o ancião mencionara?

Logo percebi que uma vez ou outra um dos três olhava em minha direção, o que me fazia sentir um *calafrio*. O que falavam sobre mim?

Quando terminei de cear, retirei-me, afinal não havia motivos para continuar ali. Resolvi andar um pouco, sem rumo certo. Era algo que eu sempre fazia — e ainda faço — , quando preciso pensar ou simplesmente esfriar a cabeça, esquecer um pouco as coisas que me atormentam, ou para arquitetar alguma coisa ou pensar melhor nas ideias.

Andei um bom tempo apenas tendo em mente as lembranças de meu primeiro combate, o golpe que recebi daquele troll e a ajuda que o meu General me prestou. Fora Zarak quem pedira a ele para vir me salvar...

No segundo momento, devaneei — ou sonhei acordado dentro de um não-sonho — com coisas que eu queria que acontecesse e

com fatos que nunca aconteceriam.

De repente fui chamado de volta por sons de *trombetas*, ruídos altos e alarmantes, quase ensurdecedores.

Olhei em volta, notando enormes guerreiros de metal, *androides*, avançando pelo Acampamento, atirando para todos os lados, em fileiras militarmente bem planejadas. Instintivamente joguei-me no chão, enquanto pensava em alguma coisa que os atacasse.

Dezenas de *tiranossauros* surgiram, todos com fúria e agressividade, atacando-os com grande ferocidade, transformando-os em fumaça ou poeira enegrecida. Outros, contudo, eram logo abatidos, tornando-se cinzas incandescentes.

Levantei-me rapidamente e me pus a correr, escapando — creio que por *milagre* — dos disparos das máquinas humanoides, que pareciam dispostas a matar quem encontrasse em seu caminho de destruição. E eu continuava a criar mais dinossauros carnívoros para os combaterem, retardando-os de me alcançarem.

Em pouco tempo, todo o lugar — antes um local tão calmo e alegre, de pessoas despreocupadas — era um campo de guerra onde máquinas mortíferas e impiedosas se confrontavam com monstros e animais de variados tamanhos formas e origens criativas.

Notei a presença dos lobos e *licantropos* de Alfredo, que variavam nos tamanhos e nas raças; todos eram muito violentos e eficazes em seus ataques, causando mais danos do que sofrendo, agindo em táticas de grupo perfeitas, impossibilitando fugas ou evitando muitas brechas para retaliações.

Ao lado do meu General, como um cavaleiro medieval, estava Elric, cuja armadura emitia uma luz azulada *gloriosa*, muito intensa. Logo percebi um exército parecido com ele, todos com armaduras de cristais, de vários tons de cores, empunhando espadas e escudos, avançando com extrema disciplina e sucesso, golpeando de maneira quase sempre única e fatal.

Todo o Acampamento sofria um ataque selvagem de máquinas de guerra dispostas a matar. E os principais alvos eram os Criativos, que criavam barreiras enormes com suas criações, sempre

acrescentando a quantidade exata que era destruída, buscando em desespero preservarem suas vidas.

Resolvi imitar o exemplo dos outros humanos e criei um grupo para me proteger, optando por golens, visto a grande força e maior resistência dos mesmos, equipando-s com escudos, clavas e espadas gigantescas.

Quando localizei Amaury, este estava cercado de monstros que sou incapaz de descrever. Eram, contudo, todos muito *bizarros* e sombrios, resquícios do pesadelo mais perturbador que alguém pode ter, de quimeras oriundas das mais obscuras profundezas da alma.

As criaturas do lovecraftiano eram mais mortais, violentas e poderosas do que as minhas e as dos dois primeiros Generais juntas. Eram tão monstruosas e cheias de tentáculos e chifres, tão grotescas, que poderiam facilmente ser confundidas com nossos inimigos.

Por um breve momento, eu juro, senti *pena* dos androides que nos atacavam.

Em pouco tempo, as criações daquele Criativo eram tantas que pareciam formar uma só, apenas um único e imenso organismo, um macro-organismo vivo e faminto, sendo suficiente para nos dar a vitória.

— Todos bem? — gritou Alfredo, montado sobre um enorme lobo negro, indo de um lado a outro.

Um a um — inclusive eu — confirmou estar bem, embora houvesse alguns levemente feridos.

— Precisamos partir o quanto antes para o *Santuário!* — exclamou alguém.

— Sim, concordo! — replicou Elric, a armadura com um brilho mais suave.

Agora havia uma algazarra por causa do tal Santuário — que eu nem fazia ideia do que seria. A maioria era a favor de irmos para lá, mas havia quem era contra.

— Não percebem? — interveio o lovecraftiano, a voz grave e firme. — Isto não é mais um *jogo*, mas uma *guerra* de verdade!

Ninguém está mais seguro enquanto os *Lordes* não souberem do que está ocorrendo!

— É claro que eles sabem! — gritou alguém, talvez uma garota.

— Se sabem, por que nada fazem?

Ninguém soube responder a pergunta.

— Há um *mal* aqui, neste mundo — continuou Amaury, defendendo seu ponto de vista. — Eu sugiro formarmos um grupo e irmos ao encontro dos Lordes e contar a eles o que está acontecendo, buscar uma solução imediata com eles.

— Mas, General, ninguém aqui sabe onde residem os Lordes — retrucou Alfredo, sereno.

— Há alguém que sabe!

Tão grande foi a minha surpresa quando ele apontou em minha direção, trazendo com esse gesto todos os olhares possíveis para mim — coisa que sempre detestei que ocorresse, e que acontecia várias vezes, sempre me causando situações nada agradáveis.

— Eu?! — assombrei-me, incrédulo.

— Não *você* — disse o monstrinho, que surgira misteriosamente ao meu lado, como sempre fazia. — *Eu*.

Olhei-o ainda mais assombrado e incrédulo.

“Zarak?!”

Ele estava mais *alto* do que o normal, cabelos mais longos e aspecto *digno* de um *guerreiro*, corpo mais robusto, contudo conservando as características esguias e felinas da sua aparência por mim tão conhecida.

Afinal, o que teria acontecido com ele?

Capítulo 14: Amizade fragmentada

— Zarak, é você mesmo? — perguntei, esforçando-me para não gaguejar.

— Sim, sou — respondeu ele, com seriedade assombrosa.

A sua voz estava mais serena e grave; soava como a voz de um jovem muito responsável — contradizendo o que eu já conhecia sobre ele.

— Ele esteve entre os Lordes *três* vezes! — exclamou o lovecraftiano, com grande autoridade. — E sabe o caminho!

Minha mente não sabia o que pensar. Era a segunda *metamorfose* de meu amigo imaginário. A primeira se dera em sua primeira visita, anos antes; não era mais uma criatura bizarra como eu havia imaginado no começo, todo surreal, mas um ser de um metro de altura e traços felinos, misturando travessura e sabedoria.

— Mas, ele é um... um... — interveio Alfredo, hesitante.

— Um amigo imaginário?! — sugeriu Zarak, materializando-se ao lado do General. — Sim, e com orgulho.

Eu ainda era incapaz de esboçar qualquer ação ou reação lógica e racional. Tudo o que consegui fazer foi olhar aquela cena se desenrolar.

— E também sou o Pajem de Alec Silva, meu criador — prosseguiu ele, apontando o indicador para mim, fazendo meu coração bater muito rápido, a adrenalina ainda em meu sangue.

Desta vez ninguém se deu ao trabalho de me olhar. Talvez estivessem tão surpresos quanto eu.

— Por três vezes estive entre os Lordes por *amor* a ele. Uma vez os procurei para *mudar* de aparência. Outra vez estive para

poder ir a Terra e ajudá-lo a acreditar em sua imaginação. E uma vez mais fui para *suplicar* que o incluíssem na Guerra dos Criativos.

Foram três revelações *bombásticas*, sobretudo a última.

— Então, você pode nos conduzir até lá? — indagou Elric, metódico.

— Posso, mas o caminho será árduo para *vocês*, que nunca foram até os Pilares, a morada dos Lordes.

— Eu irei assim mesmo — falou Amaury, decidido.

— Pode contar com a minha espada — disse o General de armadura de cristal, cravando a lâmina no chão.

— E com os meus lobos — concluiu Alfredo, quase no mesmo instante que sua alcateia uivasse em harmonia.

Ninguém mais se manifestou querer participar da expedição.

— Os demais *deverão* ir para o Santuário, onde o mal não poderá atacá-los! — ordenou o General que comandava os lobos. — Até que tudo esteja resolvido, não deverá haver mais duelos!

Até hoje não compreendo a poderosa *influência* que ele exercia sobre todos.

— E você, Alec? — perguntou Zarak, surgindo em minha frente. — O que vai fazer?

O que eu iria fazer?! Que pergunta era aquela? Eu não tinha certeza do que queria fazer!

Em meu peito havia uma *mistura* dolorosa de alegria por saber que ele havia ido aos Lordes — que eu nem sabia quem eram — para me ajudar a resgatar minha imaginação e de raiva por saber que ele havia ido aos Lordes para suplicar minha participação na Guerra dos Criativos. Era uma avalanche de emoções opostas que tomavam conta de meu ser.

Meus olhos encheram-se de lágrimas.

— Vou para o Santuário — foi tudo o que consegui responder, um segundo antes de virar as costas, afastando-me dele.

Creio que meu amigo tenha ficado *ressentido* com a minha decisão.

Minutos depois, os dois grupos seguiam trilhas opostas. O menor grupo, formado pelos Generais e o *guia*, partia para terras

perigosas, rumo aos Pilares. E o maior, o qual eu integrava, partia para terras tranquilas, para o Santuário.

Optei ir montado num dragão-libélula, pois assim eu poderia chorar a dor de uma amizade quebrada, de uma relação que se iniciara na infância e findava na juventude, numa época tão crítica e cheia de fatos decisivos.

E, mais do que nunca, senti-me sozinho no mundo — no mundo que nem sequer conhecia.

Capítulo 15: Rumo ao Santuário

Enquanto sobrevoava tantos Criativos e tentava afastar de minha mente as lembranças dos momentos maravilhosos que tive ao lado de Zarak, foi inevitável não pensar *nela*.

Eu sei que já deve ter se tornado chato ora ou outra mencionar aquela garota que namorei por dois anos e alguns meses, porém naquela época era o que mais ocorria, quisesse ou não pensar. Era algo que estava além de meu controle consciente.

O amor, aquele sentimento que tanto cantam os poetas — e incluo-me também, visto que também o sou, mesmo que em um grau mais por olhar a vida com olhos ingênuos do que por fazer versos —, é uma força avassaladora, uma espada que abre caminhos e nos fere na mesma medida. É uma mão que nos dá o que queremos e nos tira outra coisa, geralmente algo que também nos faz bem.

Ainda me lembro claramente como tudo começou. Para falar a verdade, lembro-me tão bem agora quanto lembrava naquele ano.

Fui algumas vezes na igreja que atualmente frequento *irregularmente* na companhia de um grande amigo — e irmão —, *Daniel*. Éramos naquela época dois amadores na arte de viver e interessados na filosofia, e víamos num ou noutro culto evangélico uma chance de formularmos ideias e as discutirmos profundamente depois.

Nessas visitas com intenções pouco convencionais, uma menina acabou se *encantando* por mim — um adolescente magro, de pouco beleza, totalmente fora dos *padrões* de comportamento e *juízo*, com ideias tão esquisitas quanto as de um *Chapeleiro Maluco*.

Uma das *muitas* coisas que aprendi com a vida — ou apenas confirmei com o tempo — é que não existem acasos ou coincidências, apesar de muitas coisas levarem a crer que existam. Ou seja, tudo acontece por algum motivo — mesmo que não seja aquele que queremos.

E eu, como um *filósofo* amador e um poeta sonhador, fui vítima da poderosa influência do *Destino*. E do amor, cujos caprichos são frutos de *Eros*, o deus grego sempre menino, mesmo quando enamorado por uma mortal bela e digna dos encantos de *Afrodite*.

Uma amiga que até hoje mantenho foi usada por ambas as forças para me apresentar a tal garota. Foi um episódio engraçado, estranho, que pode ser lido — ou não — noutra autobiografia que escrevi há um bom tempo, ainda na época que eu era um escrevinhador.

Como nunca imaginei — e destaco aqui minha imaginação exagerada — que poderia um dia conquistar uma jovem tão linda (e evangélica), tudo aquilo parecia um sonho, uma quimera, um delírio, uma ilusão... uma brincadeira.

Mas, como negar uma *chance* para o amor, uma possível chance de ser feliz?

E assim se passaram mais de dois anos...

Quando terminei o namoro, estava vivendo uma fase bem turbulenta de minha vida, cheia de pessoas me pressionando — algumas delas, inclusive, nem me eram conhecidas e faziam parte apenas da igreja que ainda frequento. Não que eu não as suportasse, porém era impossível ver quem amava sofrendo parte de tanta pressão ao meu lado. Aquilo era muito *doloroso*.

Jogar dois anos e alguns meses de uma história de sua vida ao vento é um ato que *exige* ou muita estupidez ou muita coragem — ou um pouco das duas —, pois uma vez as folhas de um livro forem arremessadas de um penhasco, acredite, não será nada fácil reuni-las outra vez sem deixar pelo menos uma para trás, perdida para sempre.

Minha decisão me custara um amor, entretanto me ajudara a redescobrir outros sentimentos e emoções, a encontrar um sentimento atemporal — o amor pela literatura, sempre presente

em minha vida — e uma emoção eterna — a felicidade —, que se mostraram capazes de me fazerem sentir *certeza* de que nem tudo fora ruim ou em vão, menos que doesse tanto ainda.

Durante minha vida, entre os anos de estudante e os de escritor, perdi namoradas e amigos, alguns que pouco contribuiriam para meu futuro, outros que muito me doeram muito perder. Uns fui o responsável, outros não. O tempo também se mostrou cruel em me distanciar de alguns.

Enxuguei as lágrimas, afastando de minha mente a mais recente perda sofrida, a de uma grande amizade.

Zarak era uma criação minha — algo que surgira quando eu era criança, quando nem sabia ler ou escrever. Ele era, portanto, uma criação *não-literária*, a única que me recordo ter, pois em minha vasta criatividade havia criado deuses, demônios, vampiros, lobisomens, monstros, humanos, heróis, criaturas mágicas... tudo com fins literários. Mas, com aquele monstrinho fora diferente...

Sendo um ser imaginário, *não* havia motivo para eu me apegar tanto a ele como se fosse uma criança pequena, que se apegava a brinquedos e não os larga por nada. Era *só* esquecê-lo. Somente esquecê-lo e pronto... Não deveria ser tão difícil, mas era...

Voltei meus sentidos para o enorme grupo que se deslocava para o local no qual estaríamos a salvo de uma ameaça que nem se sabia ao certo o que era. Ou talvez eles *sabiam* e eu não.

Provavelmente havia Criativos de várias nacionalidades e inúmeros talentos lá embaixo. Escritores, poetas, dramaturgos, pintores, escultores, ilustradores, músicos, estudantes... Havia uma infinidade de futuros profissionais ali, todos com capacidades criativas altas, com seus sonhos e temores, suas expectativas.

Quando dei por mim, percebi a aproximação de um *grifo* do estilo *persa* — corpo leonino, chifres de carneiro e asas de águia, um pouco maior do que um leão adulto e bem robusto —, o que me fez recear um novo ataque.

Forcei a vista, distinguindo uma pessoa montada nele. Seus cabelos ondulavam ao sabor do vento, tão graciosos e livres, brilhando graças aos raios solares.

— Marcélia?!

Sim, era ela, a minha querida Capitã, que vinha ao meu encontro!

Tratei logo de secar o que ainda havia de lágrimas nos cantos dos olhos e forcei meu rosto a esboçar um sorriso — isto foi fácil, pois imensa foi a minha alegria ao rever a fantasista.

— Encontrei nosso General — falou ela, objetiva, voando ao meu lado. — Ele me contou sobre o ataque.

— Foi uma coisa horrível — disse eu, um pouco cabisbaixo.

— Deve ter sido mesmo.

— E onde você estava?

— Tive uns *contratempos* hoje. Coisas pessoais.

Quem me conhece pessoalmente conhece também meu lado cheio de curiosidade.

— Eles estão indo encontrar os Lordes — continuou ela, voltando ao assunto principal.

— É — confirmei, secamente.

— E Zarak foi também.

— É.

Quando eu fico *monossilábico*, tenha certeza de que estou tentando não falar sobre o assunto ou me desviar ao máximo dele.

— Por quê?

— Porque *ele* conhece o caminho — respondi, mais por educação do que por vontade de responder.

— É impressão minha ou você está *estranho*?

Com certeza àquela altura meu sorriso quase forçado já devia ter se transformado numa careta de irritação ou algo parecido — e, convenhamos, nada bonita de se ver. Eu devia estar com a expressão muito séria.

— Houve algum problema? — insistiu Marcélia, convertendo seu belo rosto numa face de preocupação e ternura.

Respirei fundo, hesitante. Não sabia se era certo atormentar alguém com meus problemas — embora já o tivesse feito tantas vezes antes, outras ocasiões.

— Não é *nada* — menti.

— Tem certeza?

— Sim. Apenas que tudo aqui é bem esquisito.

— Isso é verdade — concordou a contista, rindo levemente. — Mas quando você se *acostuma*, nem nota as *bizarrices* e sente falta quando está na Terra.

Eu ainda não estava nesse *estágio*.

— Falando em bizarrices, o General Amaury é bem bizarro, hein? — comentei, quase totalmente esquecido de minhas decepções.

— Mas é um *cara* legal, pode acreditar. É um grande defensor da literatura de horror nacional... Sabe, a brasileira...

— Sei.

Era estranho imaginar um estilo tão macabro ter um grande defensor no Brasil. Mas, se prestarmos muita atenção — ou não —, tem muitos autores que apreciam os estilos europeus e americanos de causar certo medo, sendo ou mais voltados ao psicológico ou ao extremo, com crueldade e torturas.

— Vi as criações dele — acrescentei, sentindo um calafrio percorrer a espinha. — São *assustadoras*.

— Se Lovecraft as visse, ficaria muito *orgulhoso* — brincou a Capitã.

Rimos juntos.

Como ela era linda sorrindo — melhor, rindo! Seus olhos se fechavam, seu semblante parecia se iluminar, seus lábios médios soltavam risadas harmoniosas...

E que belos lábios!

Capítulo 16: Defesa e contra-ataque

— É um lugar *fantástico*! — exclamou a fantasista, quando lhe perguntei sobre o Santuário. — Os Juízes se reúnem lá para julgarem algum caso para garantir a paz e a harmonia deste mundo.

Pensando bem, a palavra “santuário” era empregada quando alguém pedia abrigo a uma igreja, como vi num livro e num filme; era algo inegável a quem o pedisse, fosse a pessoa um criminoso ou um andarilho. Não era difícil supor que estávamos indo nos refugiar num local neutro, livre de ameaças — ou assim eu pensava.

— Os Lordes construíram e os Juízes administram desde tempos imemoráveis. Está *tudo* no Pergaminho. Você não leu?

— Não.

Senti-me envergonhado.

— Bem que Zarak comentou — disse Marcélia, sorrindo.

Desta vez não sorri.

— Quando tiver um tempo, leia-o! — aconselhou ela. — Será muito útil.

— Farei isso sim.

Ficamos alguns minutos num silêncio incômodo.

— Veja! — exclamou a contista, quebrando o silêncio, apontando para meu lado esquerdo.

Olhei a tempo de vislumbrar um belo pássaro azulado, a cauda longa serpenteando e um brilho purpurinado em sua volta e num rastro visível por alguns segundos. O personagem do *anime* que eu gostava de assistir quando criança logo desapareceu entre as

nuvens, deixando apenas seu rastro luminoso por mais alguns segundos; e depois somente a lembrança de sua breve presença.

Voltei a fitar minha superior, que se limitou a me dizer:

— Criação dos Lordes.

Não compreendi, mas também não a questionei.

— Tudo isso aqui é mágico e único — falou ela, provavelmente perdida em devaneios. — É um lugar que não cabe em um livro, nem que o autor fosse um *gênio*, pois está além da compreensão, do conhecimento comum. É tudo grandioso demais para ser descrito por palavras. É... tudo inefável, entende?

— Acho que sim.

E hoje, enquanto escrevo esta autobiografia, tenho certeza daquela afirmação. E não sou nenhum gênio para tentar qualificar, descrever e condensar tudo aquilo em um, dois ou três livros.

— Todos precisam vir para cá — comentei, num tom meio ingênuo.

— Muitos vêm, mas ninguém se lembra ao voltar. É como se houvesse a chance de termos *duas vidas*. Aqui eu me lembro de toda a minha vida, mas lá não me lembro daqui; se lembro, parece-me um sonho vago, algo distante e *inverossímil*.

Estranhei aquilo. Também sentia algo parecido.

— E isso me incomoda — completou Marcélia, triste.

Antes que eu pudesse falar ou fazer qualquer coisa, houve muitos gritos de desespero e pavor vindos lá de baixo. Corri os olhos para frente, enxergando ruínas ardendo em chamas rubras e negras — por mais absurdo que possa parecer.

— O quê?! — deixei escapar.

Provavelmente a fantasista olhou instintivamente, pois pude ouvir um sussurro *inteligível* apenas para aquele momento.

— Cuidado! — quase urrei quando vi uma enorme bola de fogo negro avançando em nossa direção.

Nossas montarias, felizmente, conseguiram desviar do ataque fulminante. O cheiro forte de *enxofre*, contudo, fez-me sentir uma grande vontade de vomitar. (Lembro-me hoje da crença popular que menciona o cheiro de enxofre quando o Diabo está por perto, espreitando e pronto para tentar uma pobre alma.)

Mal havíamos escapado da bola incandescente, outras cinco vieram rumo a nós, obrigando nossas criações a realizarem manobras arriscadas para nos manterem vivos.

Quando pude voltar a ver as ruínas em chamas, notei um bando imenso de seres alados, meio humanos, meio aves — talvez *harpías* —, algo de causar espanto, todos atacando os Criativos, as criaturas e o que antes era nosso refúgio.

— Precisamos sair daqui! — gritou Marcélia, antes de seu grifo persa mergulhar no ar, realizando uma magnífica manobra rasante rente aos Criativos e criaturas que estavam no chão.

Segundos depois um exército de criações se formava à frente do grupo, garantindo a desordenada fuga em massa. A variedade de seres que participavam da defesa e contra-ataque era imensa, sendo *quase* impossível agora eu me recordar de todos claramente.

— Alec! — chamou-me a voz de minha Capitã.

Procurei-a rapidamente entre aquela multidão, localizando-a ao lado de enormes *mamutes* negros, todos protegidos com armaduras de bronze. Deviam ser as suas criações.

Fiz meu dragão-libélula ir ao seu encontro, pousando quase bruscamente entre as pedras, num movimento perigoso demais para minha segurança.

— O Santuário foi destruído! — gritava minha superior, enquanto uma garota ruiva, bem mais nova do que ela, chorava.

A seguir virou-se para mim, falando:

— Preciso que *lidere* um grupo de fuga para os *Portões*.

— O quê?!

— Teremos de mandar o máximo de gente de volta para a Terra o mais rápido possível.

Com certeza aquilo devia estar no Pergaminho que deixei de ler.

— Não sei onde ficam! — desesperei-me.

— Ficam ali! — apontou a contista com o dedo indicador.

Olhei para a direção apontada e enxerguei duas colunas de rocha a centenas de metros, entre arbustos que se enrolavam a elas e arvoredos de folhas azuladas e frutos em tons rubis.

— Eu vou *impedir* que os destruam — acrescentou ela, já correndo ao encontro do grifo.

Hesitei, creio que por um ou dois segundos. Logo, porém, dediquei-me a cumprir a tarefa incumbida. Milhares de vidas *dependiam* de minha ação. E eu não podia perder um segundo sequer!

Concentrei-me bastante, criando os maiores gigantes que tive notícia até hoje, todos com quatro, seis, oito ou dez braços. Cada um pôs suas mãos colossais no chão, enquanto golens (criados por mim, que começava a me simpatizar com as utilidades que eles poderiam ter) ajudavam os Criativos a subirem nelas.

Quando as mãos enchiam, os *colossos* seguiam em direção aos Portões, sendo escoltados por criações de quem era transportado. Chegando ao objetivo, eles eram “descarregados” por auxílio de escadas rolantes — criadas por outra pessoa, que também auxiliava na brusca evacuação — que conduziam os jovens diretamente a saída ou por *anjós*.

Quem não esperava o transporte inventado por mim, sendo este grupo bem numeroso, recorria a sua imaginação e seguia para lá, embora tivesse mais dificuldades.

Enquanto eu fazia tudo aquilo funcionar, era possível ouvir o combate que se desenrolava entre o grupo de defesa e contra-ataque e o que destruíra nosso refúgio, o lugar que até há pouco acreditávamos ser seguro.

Como já comentei antes, eu me sentia quase onisciente de tudo o que ocorria, conseguindo observar, atuar e pensar *simultaneamente*, o que me fazia me sentir um *deus* ali. Alguém muito, muito poderoso.

Finalmente havia compreendido uma *parcela* do funcionamento da criatividade naquele mundo! Era tão óbvio e simples que me assombrava — e ainda me assombra, quando me lembro ter sido capaz de algo tão poderoso!

Compreendendo aquilo, pude ir um pouco mais longe nessa luta que estava apenas se iniciando.

Capítulo 17: Além dos dez por cento

“É *você* olhar no espelho,
Se sentir um grandessíssimo *idiota*,
 Saber que é humano,
Ridículo, *limitado*,
Que *só* usa *dez por cento*
De sua *cabeça*, animal,
E *você* ainda *acredita*
Que é um *doutor*,
Padre ou policial,
Que está *contribuindo*
Com sua *parte*
Para o nosso *belo*
Quadro *social...*”

Não sei se é assim a estrutura da poesia-canção do cantor Raul Seixas, mas este trecho *transmite* precisamente minha descoberta. E que descoberta crucial!

Claro que eu não devia ser o único ou o primeiro a descobrir aquilo, afinal aquele mundo com certeza era muito antigo e a Guerra dos Criativos — que eu pouco sabia até então — também. Outros deveriam ter sabido — acredito — até por meio do tal Pergaminho.

Para mim, entretanto, era fantástico entender todo o espetacular funcionamento do processo criativo por alguns bons e justificáveis motivos: eu não me limitava mais a usar *somente* os dez por cento de meu cérebro; se agora era *viável* e *possível* ir além de meus limites, o que *não* poderia fazer? O que não poderia criar?

Respirei fundo, enquanto em minha mente imagens de possibilidades desfilavam; o *poder* de ser um criador, um soberano na *arte* maravilhosa de dar vida, de criar e destruir a mercê da vontade e do desejo... Tudo isso era tentador demais para ser ignorado e não aproveitado.

Meus *devaneios* foram interrompidos pelos sons dos confrontos violentos que aconteciam por todos os lados. Metais se chocando, gritos desesperados, urros bestiais, galopes, explosões, tiroteios, asas batendo, correria...

Nossos inimigos eram gigantes com clavas e machados enormes, centauros, *minotauros*, dragões, robôs com metralhadoras ou canhões, golens de pedra, serpentes colossais — muitas eram *hidras*, sendo algumas dotadas de dezenas de cabeças com bocarras baforando um hálito podre e venenoso, que secava a vegetação e destruía facilmente as criaturas que se aproximavam desavisadamente —, além de monstros que tinham um estilo de terror que me fez lembrar o lovecraftiano.

Mais da metade dos Criativos já havia atravessado o espaço entre as duas colunas de pedra, que foram esculpidas para formarem figuras animais, como os *totens* muito vistos em civilizações primitivas — e que me fascinam pela aura mística. Os que ainda permaneciam eram aqueles que lutavam contra os destruidores, garantindo o sucesso da fuga, assim como eu e minha superior fazíamos.

O cenário era *caótico* e surreal, algo que somente um sonho — ou pesadelo, melhor dizendo — seria capaz de conceber e controlar, visto que era o *subconsciente* uma força sem limites.

Procurei por minha Capitã com certo desespero, temendo por sua vida. Fiz surgir um animal com mais de dois metros de altura, pelos negros e com listras brancas no sentido horizontal, aparência felina e esguia, porém potente, além de muito ágil. Montei-o nem sei como, partindo à procura da contista.

Durante o trajeto, devido ao meu dever de liderar o grupo de fuga, espalhei ordens a um e outro, destacando a importância de protegerem meus colossos e os Portões, nosso único meio de escapar dali.

Continuei avançando pelo campo de batalha, ora ou outra criando *coisas* para auxiliarem os fugitivos e os combatentes e reforçando pontos que me parecessem necessários, embora pouco entendesse de estratégia militar.

Apesar de haver uma *ânsia* para localizar Marcélia, não me afastei muito dos Portões e de minha missão.

Agora, que estou registrando tudo o que vivi e testemunhei, percebo claramente a *ausência* de qualquer temor naquele momento. Era como se houvesse uma parte de minha personalidade que se despertara — ou ganhara força com toda aquela agitação — naquele mundo; tudo aquilo, toda aquela adrenalina e todo aquele poder me davam um novo ânimo, uma *coragem* que nunca pensei — ou sonhei — ter.

Baseando-me um pouco em teorias *esotéricas* e na comprovação científica do uso dos dez por cento de nossa capacidade cerebral, ousou cogitar que, se por ventura usássemos um pouco mais do que isso, seríamos capazes de muito mais em todos os sentidos.

Mais de um terço dos Criativos já havia ido embora, fazendo desaparecer também as suas criações que tanto nos auxiliavam a manter algum *equilíbrio* na batalha. E a situação piorava para nosso lado.

Enxergar tudo o que acontecia ao meu redor se tornava mais complicado a cada minuto passado, pois aquela *névoa* — fumaça ou qualquer outra coisa parecida —, que por duas vezes surgira em situações semelhantes, impossibilitava distinguir alguma coisa com clareza.

Foi na tentativa de enxergar melhor que testemunhei algo esquisito e um pouco medonho. E ainda hoje, enquanto me recordo de cada aventura que tive naquele mundo, penso no *significado* daquela cena e no *calafrio* que ainda me provoca.

Um robô segurava dois Criativos, um menino e uma menina, que se debatiam, tentando em grande agonia se libertarem. Imediatamente avancei, almejando ajudá-los, afinal eu temia o *pior*.

Mal minha montaria galgou algumas dezenas de metros, três *autômatos* se puseram entre nós e o nosso objetivo. Cada um portava uma potente metralhadora giratória num braço e um canhão no outro, o que me fez forçar uma manobra brusca apenas para me desviar das rajadas de projéteis.

Sem o menor sinal de hesitação, ainda neste movimento, criei um ser humanoide, meio pantera, meio humano, que já pulou sobre um de meus oponentes, destruindo-o. Os outros apontaram as armas para ele e dispararam, eliminando-o. Com a distração, não tiveram tempo de se defenderem da fúria ensandecida de meus rinocerontes.

Voltei minha atenção para frente, testemunhando uma densa e negra fumaça em forma de *serpente* se mover no ar, sem pressa, sem preocupações, contornar os dois Criativos e se dividir em duas e cada uma ser aspirada pelas narinas do garoto e da garota, que arfaram e estremeceram um pouco.

— Vamos! — gritei, atijando a fera que me servia de montaria.

A potente pantera negra me obedeceu no mesmo instante, correndo velozmente para cima da criação maligna que ameaçava aqueles dois jovens. A enorme criatura felina pulou sobre o adversário, mordendo-lhe os fios e tubos de gases e arrancando-os com os seus dentes mortais, urrando ferozmente.

Quando a máquina humanoide foi destruída, uma densa fumaça *escorreu* pelo campo, espalhando-se pelas patas de minha criação. Eu uso o termo “escorrer” porque mais parecia que aquela substância negra fosse um *líquido cremoso* do que um gás ou algo parecido.

Os dois jovens estavam inconscientes — como verifiquei rapidamente, após desmontar do animal fabuloso —, jogados no chão. Graças a Deus estavam vivos!

Criei um gigante para levá-los ao ponto de saída de emergência daquele mundo, voltando a seguir a minha atenção para os confrontos que se desenrolavam por todos os lados, numa miscelânea de cores, fogo, formas e devastação.

Com um pouco de esforço, já montado em minha criação felina, pois a fumaça *sinistra* tomava conta do lugar, encontrei minha

Capitã, que lutava contra um grupo de seres magros, altos e estranhos, todos portando cajados. Ela própria empunhava uma espada e um escudo, lutando por sua vida a todo custo.

— Avance! — ordenei para a pantera monstruosa, que novamente me obedeceu, urrando em grande euforia.

Capítulo 18: Capitão Pablo

Enquanto minha montaria galgava velozmente, comecei a criar dezenas de outros seres similares, que já atacavam os inimigos no caminho, em grupos eficazes e mortais.

Ao me aproximar da fantasista, fiz surgir uma espada em minha mão direita. Com um golpe *vorpal*, a cabeça de um dos atacantes de minha superior se tornou fumaça negra e densa um pouco antes do corpo.

Eu estava pegando o jeito de *super-herói* bem rápido! (E meu ego inflava de maneira assustadora.)

O enorme felino eliminou mais dois com extrema facilidade com seus dentes e garras precisas.

— Vem! — chamei, estendendo o braço esquerdo para Marcélia.

Ela largou o escudo, que se transformou em cinzas brilhantes e aceitou o meu socorro. Com um pouco de força a fiz montar no animal colossal. Senti suas mãos agarrarem minha cintura, fazendo-me estremecer um pouco.

A minha criatura rumou para os Portões em um galope veloz, enquanto as outras a escoltavam.

A Capitã estava atrás de mim, dando-me um abraço firme — e maravilhoso, devo acrescentar —, provavelmente com receio de cair de um ser tão ágil e magnífico.

Estávamos perto da saída, local em que poucos Criativos ainda atravessavam, tornando ainda mais complicado o combate contra aquela força que tanto nos ameaçava. A sensação de expectativa e liberdade já me invadia, deixando-me numa alegria indescritível.

De repente as colunas *explodiram*, sendo tragadas por chamas enegrecidas e com alguns tons rubros, lançando destroços para todos os lados, produzindo sons assustadores e ensurdecedores.

A pantera parou bruscamente, arremessando-me metros à frente; a queda foi muito dolorosa, fazendo-me gritar de dor, sobretudo na clavícula esquerda, que se deslocou um pouco devido a queda. Fui acometido pela *enxaqueca* no mesmo instante.

Se não fosse o escudo protetor criado pela fantasista, que evitou com isso que os enormes pedaços das colunas me atingissem, agora eu não estaria aqui para narrar esta aventura. (Portanto, é de se *prever* um final feliz, certo? *Não* pense assim, eu lhe peço!)

Fiz um esforço descomunal para me manter acordado, consciente, mas minhas pálpebras pesaram, meus sentidos me abandonaram de forma tão avassaladora; e acabei desfalecendo.

Mal tive a impressão de desmaiar, fui *chamado* de volta à consciência por uma voz preocupada, feminina e suave. Meu coração acelerou. Era a minha *alma gêmea*?

Abri os olhos lentamente, como se aquilo fosse a coisa mais difícil do mundo, algo que exigisse uma grande demonstração de força e me tomasse toda a energia. Vi o rosto *dela*, de minha amada. *Ela* sorria enquanto seus lábios pronunciavam “*Eu te amo*”.

— Alec?! — chamou-me Marcélia, a voz carregada.

Tornei a fechar as pálpebras, sentindo-me ainda fraco. Quando as abri, fitei a contista, cujos olhos quase negros estavam inchados e cheios de lágrimas.

— Alec?!

Tentei falar alguma coisa, mas um gosto amargo me impediu, parecendo me sufocar e prender minha voz em minha garganta.

— Você está bem?

Confirmei com um leve aceno e um sorriso que me fez respirar com certa dificuldade. Sentia um pouco de dor.

— Ele acordou? — perguntou uma voz masculina, que me fez tentar buscar seu dono com o olhar.

— Sim — respondeu a jovem contista, voltando-se para o desconhecido.

Ainda confuso, tentei identificar mais ou menos onde eu me encontrava com a minha Capitã e o *sujeito* misterioso.

Primeiro vislumbrei o brilho das estrelas — ou melhor, das figuras celestes que se moviam de um lado a outro no céu noturno, sempre animadas e encantadoras. A seguir consegui perceber a luz e o calor de uma fogueira, o aroma delicioso de algo assado e o vento ameno.

— Quase o *perdemos*, Capitã — falou outra vez a voz, agora mais próxima.

— Ainda bem que ele é *forte* e suportou a dor — acrescentou a fantasista, a voz aliviada, olhando-me logo em seguida.

Eu estava deitado no que deveria ser um colchão, totalmente incapaz de me mover e sentindo a clavícula doer. A sede me incomodava, contudo a observação precisa de minha superior deduziu isso e um pouco de água me foi dado num recipiente que se assemelhava a um prato fundo.

Com a garganta mais hidratada, ousei pronunciar minhas primeiras palavras após acordar:

— O que houve?

— Este mundo está em *colapso* — respondeu o novo personagem nesta trama, ainda envolto em incógnita. — Mais do que já estive antes, creio eu.

— *Mas* você está seguro conosco... — interveio minha superior, provavelmente tentando me tranquilizar um pouco.

— Isso é verdade. Tenho *sentinelas* por todos os lados, prontos para qualquer ataque.

Marcélia esboçou um leve sorriso, confirmando minha suspeita de tentar me acalmar.

— Você foi corajoso, Alec — disse o sujeito. — Manteve-se firme até o último momento, enfrentou aquelas máquinas, arquitetou um bom plano de fuga, auxiliou companheiros e protegeu quem precisou. Coisas dignas de um combatente de verdade.

— Não foi nada — falei, com dificuldade.

— acredite em mim quando digo que *poucos* Comandantes teriam feito a *metade* do que você fez hoje.

Aquilo me fez sentir orgulho de mim, algo que fazia um bom tempo que não sentia.

Durante boa parte de minha vida, inclusive até o presente momento, tento ser um *bom samaritano*, esforçando-me para fazer o bem e poder ser *útil* a alguém de alguma maneira. Às vezes falhava — e ainda falho —, mas na maioria era bem-sucedido.

— Sou *Pablo*, Capitão da Generala *Ester* — apresentou-se o Criativo, entrando no meu campo de visão.

Ele era um jovem com uma vasta cabeleira negra, que se assemelhava a uma *juba* de leão, tão magnífica e irradiante, descendo até o peito em um corte irregular. Seus olhos eram amendoados e brilhantes, bastante joviais e esperançosos.

— O Capitão nos *salvou*, Alec — informou minha Capitã, talvez notando algum esgar de surpresa ou de confusão de minha parte.

— Ele nos tirou do Santuário depois que você desmaiou.

Todo o belo momento *heroico* que eu havia criado fora derrubado ao ouvir a palavra “desmaiou”.

— Os Portões... foram destruídos? — indaguei, sentindo pontadas na cabeça, como se levasse pancadas com pregos.

— Sim — confirmou o Capitão, saindo de meu campo de visão. — Poucos ficaram por aqui ainda, espalhados e deixados a própria *sorte*.

— E a gente?

— Nós vamos ter que ir aos Pilares — respondeu Marcélia, bastante séria. — Se não o fizermos, estaremos *presos* aqui toda vez que dormirmos até que algo *muito* ruim nos aconteça.

— As regras contidas no Pergaminho foram *corrompidas*. Apenas os Lordes podem nos ajudar e restaurar tudo.

Outra vez eu ouvia aquela conversa.

— E se algo nos acontecer aqui? — perguntei, tomando coragem e reunindo forças para pronunciar as palavras.

— Deixaremos de criar no nosso mundo — respondeu Pablo. — Ou ficaremos em *coma*.

Esta última parte soou muito *tensa*.

— Como você não leu o Pergaminho — disse minha Capitã, entre a repreensão e o didatismo —, deixe-me explicar algumas

coisas, certo? Quando tudo isso era *normal*, ficávamos por uma semana aqui, treinando nossa criatividade. Quando completássemos os sete dias, íamos embora com as *consequências* de nossas ações e atitudes durante a Guerra.

— Mas agora é *diferente*, amigo. Os riscos são maiores.

— Os que atravessaram a passagem, estes *escaparam* de tudo o que poderá acontecer conosco, estando a salvos com suas imaginações, em seu mundo de materialismo e leis naturais, onde o mal ainda não conseguiu agir da mesma forma que age aqui.

Aquilo me fez ficar muito preocupado.

Eu estava preso numa trama muito perigosa — uma trama que ameaçava a minha vida!

Capítulo 19: Sobre sonhos

Permaneci um bom tempo introspectivo, analisando tudo o que testemunhei até aquele instante, procurando possibilidades para escapar. Óbvio que foi um esforço em vão.

A dor no ombro já era menor e consegui sentar-me, apoiando minhas costas em almofadas macias, o que me permitiu observar amplamente o cenário.

As sentinelas criadas pelo Capitão Pablo eram enormes *leões prateados*, todos usando armaduras douradas e com belos caracteres desconhecidos por mim, sendo a maioria de origem nórdica. Eles estavam espalhados por todo o perímetro.

Nossa refeição foi saborosa e *exótica*: fruta-pão, banana assada, suco de frutas vermelhas, pão doce, raízes cozidas ao vapor, frutas com mel e grãos.

— Sou *vegetariano* — falou o garoto, ao perceber minha visível expressão de espanto.

Apesar de estarmos bem, o clima não foi muito alegre durante o jantar. Cada um de nós se mostrava alerta, assustando-se com qualquer ruído ou quando um dos leões de armaduras parecia localizar algum movimento suspeito. Acalmávamos somente quando tínhamos a certeza de que não era nada demais, talvez alguma criaturinha natural daquele mundo.

Os dois Capitães decidiram montar uma escala de vigilância, cabendo a fantasista o primeiro turno. Tentei me oferecer, porém ambos argumentaram que eu precisava poupar energias para alguma emergência.

As sentinelas leoninas foram trocadas por centauros armados de arcos e flechas e minotauros munidos de enormes machados, todos distribuídos harmoniosamente pelo acampamento improvisado.

Resolvi ficar o máximo de tempo que conseguisse acompanhando Marcélia em sua tarefa. Ela relutou em aceitar no início, mas insisti tanto que acabei vencendo.

— Vai ficar tudo bem — disse-me, num tom pouco esperançoso.

— É, vai sim — concordei, mais por *instinto* do que por *confiança*.

A Capitã pôs alguns galhos grossos na fogueira, reacendendo os pontos que se tornavam fracos. Mexeu um pouco com um galho longo e fino, fazendo pedacinhos incandescentes subirem, e voltou a se sentar ao meu lado.

— Capitã, seria muita *intromissão* se pedisse para me falar um pouco sobre você? — questionei, querendo quebrar o princípio de silêncio entre nós dois.

— Acho que não, Comandante — respondeu ela, com um sorriso simpático e meigo. — É o *mínimo* por ter me salvado.

Sorri. Talvez eu deva ser corado um pouco as bochechas.

— Só não me pergunte meu nome verdadeiro, pois somos *proibidos* de falarmos, certo? — avisou-me, em gentil repreensão.

— Certo.

Era uma pergunta a menos.

— O que gostaria de saber? — perguntou ela, amenizando o tom de voz.

— Seus sonhos já seriam bons para começar — repliquei. — Pode ser?

— Hum...

A contista pensou um pouco.

— Bom... — começou, séria. — Meus sonhos são pequenos e modestos.

— Nenhum sonho é pequeno ou modesto, pois se o fosse não seria digno de ser sonhado — interrompi.

— Pode até ser... Mas *tudo* o que quero é ser feliz, escrever pelo menos um livro...

— Você é uma *escritora*, não?

— Sim.

— Então, por que quer “escrever pelo menos um livro”?

— Sou uma contista e não uma *romancista*, como você, Amaury, Elric, Alfredo ou Pablo.

— Ainda estou me adaptando aos contos, como lhe falei. Acho-os muitos limitados.

— Pois eu os amo por serem fáceis e rápidos de fazerem, indo logo ao ponto.

Sorri novamente.

— Já lhe disseram que tem um *belo sorriso*, Alec? — indagou Marcélia, deixando-me encabulado.

— Já, mas nunca acreditei muito.

— Deveria, afinal é verdade.

Abaixei a cabeça, pensativo.

— Dizem que um sorriso conquista *multidões*, assim como um olhar conquista uma *pessoa* — comentou ela, com serenidade.

Ergui os olhos, fitando-a com grande surpresa e admiração.

— Ouvi algo parecido em algum lugar, eu acho — falei, recordando-me de um tempo maravilhoso em minha vida.

Sempre acreditei que os olhos eram o reflexo da alma, assim como alguém muito sábio dissera certa vez. E essa crença me fazia buscar a verdade nos olhos de todos, ficar encantado com o olhar de minhas amigas, sobretudo aqueles que fossem negros ou castanhos bem escuros, sendo meio difícil distinguir com clareza a dor exata.

— Por que a tristeza? — preocupou-se a Capitã, fazendo-me voltar à realidade. — Falei algo que não devia?

— Não é isso — neguei, respirando fundo e afastando as lembranças. — Apenas *devaneios*.

— Entendo. Coisas do coração, presumo.

Confirmei com um leve aceno na cabeça.

— Também passei por isso — continuou ela. — Você vai superar.

Já havia ouvido tantas vezes aquilo que principiava a usá-lo como um *mantra*. E parecia sempre surtir o mesmo efeito incômodo, contudo preciso...

Optei por me calar e não aprofundar mais no assunto, pois as feridas ainda doíam e sangravam.

— Há algo mais que gostaria de saber? — perguntou a contista, cutucando a fogueira com o galho.

— Bem, além de “pelo menos um livro”, que outros sonhos você tem?

— Viajar pelo mundo, conhecer lugares diferentes, como as Pirâmides de Gizé, o Taj Mahal, a Muralha da China... Coisas do tipo, sabe?

— Sim, sei — confirmei, afinal compartilhava o mesmo sonho.

Creio que um dos *principais* motivos para ter me tornado um escritor de literatura fantástica tenha sido esse desejo de conhecer o mundo; criar histórias em lugares que provavelmente nunca visitarei é um meio de ir até eles. Com o tempo, porém, a Terra se tornou pequena e tive que procurar outros mundos. Tive de criá-los.

— Agora sim vejo um sonho grande e ambicioso — brinquei. Rimos um pouco.

— E você, Alec? — retrucou ela. — Com o que sonha?

— Escrever *mil* livros e deixar minha *marca* na Terra — respondi, sendo sincero.

— Um sonho bem grande e árduo, não?

— É. Talvez eu nem consiga realizar.

— Mas, ainda assim, não vai desistir, vai?

— *Jamais!* Vou tentar até o fim.

Pude notar uma expressão de satisfação no rosto da fantasista.

— É assim que se fala, *garoto!* — exclamou ela, sorrindo.

Senti minhas pálpebras pesarem e uma vontade de dormir incontrolável.

— Você vai *voltar* para a Terra — disse a Capitã, olhando-me serenamente. — Não se preocupe, pois quando *retornar* para cá, *estará* entre a gente outra vez, não importa para onde vamos.

A última coisa que vi foi o sorriso encantador de Marcélia.

E a primeira coisa que ouvi foi o despertador me alertando que era hora de levantar e me arrumar para ir trabalhar. Levantei-me, sentindo uma leve dor no ombro esquerdo e aquela terrível enxaqueca que sempre me atormenta.

Capítulo 20: Incêndio negro

Ao principiar registrar toda a minha aventura naquele mundo, nunca imaginei que seria capaz de me lembrar de tanta coisa e acabar criando um livro tão extenso.

Caso um dia eu consiga publicar este relato verídico e inacreditável — o que deve acontecer se eu disser que se trata de uma *ficção fantástica* e não de uma autobiografia —, verei um volume imenso, que nunca antes fora escrito por mim, nem mesmo em uma ideia tão longa e ramificada, superando minhas criações literárias e fantasiosas.

Eis apenas uma pequena parte de tudo o que preciso relatar sendo concluída, enquanto a caminhada para o desfecho que me fez escrever esta obra peculiar ainda esteja longe de seu fim.

Agora, voltando ao ponto no qual a minha louca aventura parou, o fato de eu acordar para a vida neste mundo era algo estranho. Era como viver duas vidas e nunca precisar dormir.

E fazer tudo aquilo que sempre fiz antes de ser recrutado para a Guerra dos Criativos eram muito estranho, parecia não ser para mim, não condizer com a minha natureza. Naquele mundo eu era poderoso, onisciente, capaz de proezas sem limites, se quisesse, mas aqui me limitava a ser *Alex*, o jovem aspirante a escritor — e nada mais do que isso.

E era uma sensação que me perseguia, mesmo eu desconhecendo minha segunda vida quando em estado de sono.

É, portanto, desnecessário detalhar como o dia foi longo e cansativo, parecendo durar uma eternidade.

Quando pude me sentar em frente ao computador, não senti a mínima vontade de digitar ou revisar algum livro. Pensei, contudo,

em ler o tal Pergaminho, num lampejo inexplicável, porém *nunca mais* o encontrei — destruindo o único *laço consciente* de minha vida dupla.

O sono não queria chegar, o que me perturbava. Era a segunda vez que a insônia me atacava!

Percebendo que era inútil tentar dormir naquele momento, liguei o computador outra vez e dediquei-me a digitar o restante do livro, forçando minha preguiça a executar aquela tarefa. Ao concluir essa *missão hercúlea*, passei a revisar tudo novamente, eliminando e aumentando quando necessário.

O que para muitos parece algo chato — e chega a ser, na verdade — consumiu quase quatro horas, fazendo-me sentir o sono chegar já na primeira hora da madrugada.

Após salvar tudo no computador e no *pendrive*, encerrei minhas atividades e me joguei na cama — na melhor forma *literal* possível — e dormi profundamente.

Eu estava no alto de uma montanha pedregosa, tendo a companhia apenas de Marcélia, que olhava fixamente para algum ponto. Imediatamente olhei para a direção que ela tanto observava, entendendo o motivo de sua expressão tão séria e preocupada.

Centenas ou milhares de metros a frente era possível ver o céu num tom *rubro*, quase parecido com o sangue. As nuvens pareciam pegar fogo ou terem sido banhadas com o líquido precioso da vida.

— O que é aquilo? — indaguei, o coração descompassado.

A Capitã se assustou um pouco — talvez por não ter notado a minha presença —, porém respondeu:

— A *força destrutiva* da imaginação de um Lorde.

Não compreendi naquele instante o motivo, mas um calafrio percorreu toda a minha espinha.

— Vocês estão bem? — perguntou Pablo, surgindo repentinamente ao meu lado direito.

Apontei o horizonte em chamas para ele, que o olhou logo e exclamou, assombrado:

— É fantástico e assustador!

Concordei.

— Precisamos ir o quanto antes para os Pilares — disse a fantasista, a voz pesada de emoção.
— Ninguém aqui sabe onde encontrá-los, sabe? — argumentei.
— Conheço alguém que sabe — contra-argumentou o Capitão.
— Se for Zarak, ele foi com os Gen...
— Não é ele, Alec. É um habitante daqui, alguém que já foi um Juiz.

Senti-me um pouco sem graça.

— Vamos procurá-lo então — sentenciou minha Capitã, decidida.

Um belo grifo persa surgiu e ela o montou. A seguir apareceu um *leão azulado* e enorme, todo felpudo, com enormes asas com tons azul e branco, que foi montado pelo outro Capitão.

Suspirei, compreendendo que não havia alternativa. Eu estava numa guerra e precisava lutar até o fim se quisesse sobreviver e continuar vivendo. Criei um dragão-libélula e o montei, seguindo os dois Criativos.

Creio que o tempo de viagem foi de horas, permitindo-me apreciar a paisagem daquele mundo atenciosamente, notar os ricos detalhes, as cores, as formas, toda a manifestação criativa, tudo imaginado em coletividade e mantido pelos poderosos e misteriosos senhores daquele mundo.

No trajeto, para meu deleite, ora ou outra um dos meus dois companheiros de jornada explicava o que sabia sobre o *funcionamento* das coisas naquele mundo. Óbvio, portanto, que não eram explicações precisas, mas me ajudavam bastante a formar uma imagem simples de toda aquela magnitude.

Imaginar todo um mundo, um mundo enorme e cheio de vida, de coisas, de criaturas viventes que se interagem, de lugares e de culturas com certeza não é uma tarefa fácil, pois exige um domínio imenso de Geografia, História, Biologia e algumas outras matérias similares, por exemplo.

Ainda hoje, já sendo escritor há algum tempo, quando tenho de situar alguma trama noutros mundos, eu encontro alguns obstáculos para tal proeza, além de exigir algum planejamento prévio.

Mas naquele mundo era diferente. Os Lordes haviam se unido e concebido um planeta vasto e completo, mantendo-o fixo e em ordem, tudo numa harmonia perfeita, com suas leis e regras — isso até algo sair do *controle*.

Pelo que pude compreender, era um Lorde quem havia produzido o caos que se espalhava pelo mundo. O que não entendia, entretanto, era o motivo de tudo aquilo. Era algo sem sentido — achei —, afinal aquele lugar era maravilhoso e democrático, acessível a quem ousasse apenas sonhar.

Pablo apontou para uma floresta que ardia em fogo negro; árvores *ambulantes* tentavam em desespero escaparem das labaredas medonhas, mas era em vão, pois as chamas pareciam ter vida e as perseguiam até alcançá-las, tragando-as com gula fulminante.

— É horrível! — exclamou minha Capitã, pondo uma das mãos em seus lábios.

— É — concordou o outro.

Eu nada disse, afinal era desnecessário. Tudo o que fiz foi olhar o rosto entristecido de *minha* fantasista e perceber uma lágrima escorrer por sua bochecha branca; aquilo me doeu o coração.

Seguimos afastados do imenso incêndio, evitando assim algum ataque ou qualquer coisa contra nossas vidas. Ainda assim, contudo, ouvíamos os *gritos* agonizantes das árvores em chamas negras.

Eu ainda me atrevia a olhar, apenas para ver toda a floresta ser consumida por um fogo devastador e demoníaco, impiedoso com a vida. Era inevitável não se horrorizar com tudo aquilo, com toda aquela demonstração destrutiva num mundo que deveria representar o oposto.

Marcélia se mostrava firme, porém não conseguia conter as lágrimas que deslizavam por sua face. Ela parecia condoer-se com cada ser que ardia naquele fogo cruel; evitava olhar, mas os sons eram o suficiente para atormentá-la — e não foi difícil vê-la se estremecer em agonia.

Aquela *tortura emocional* só amenizou quando cruzamos uma cadeia montanhosa e o som delicioso da água batendo nas pedras

se iniciou, abafando as lamentações das árvores.

O Capitão achou melhor pararmos um pouco e bebermos o líquido cristalino e revigorante, além de planejarmos algumas coisas caso sofrêssemos algum ataque — perigo este que se mostrava cada vez mais iminente.

Aproveitei a parada para conversar com a contista, porém ela foi tão lacônica que resolvi não me prolongar. Bebi a água mais saborosa e refrescante de minha vida, sentindo uma energia positiva percorrer meu corpo.

— Você gosta dela, não? — indagou Pablo, aproximando-se e pondo as mãos em concha na cachoeira, aparando o líquido.

— O quê?! — retruquei, desequilibrando-me e quase caindo. Ele sorriu antes de beber a água.

— Está em sua *cara de bobo* — acrescentou, agora rindo.

Não pude argumentar, pois logo o romancista gritava para as montarias, chamando-as para que pudéssemos partir.

— *Só* não demore a falar isso a ela, viu? — aconselhou-me, indo para perto de seu leão azulado e alado.

Capítulo 21: A cidade-árvore

Sobrevoamos toda a paisagem por mais algumas horas, agora vislumbrando belezas intactas e livres da corrupção que devastava aquele mundo. Vilas, cidades no meio da floresta, muitas com o estilo *feudal* europeu; também pude enxergar vilas — que me pareceram colônias de insetos de tão exóticas que eram — anexadas em árvores ou em galhos resistentes.

A montaria do Capitão Pablo mergulhou repentinamente, sendo seguida pelo grifo de minha Capitã. Ordenei ao meu dragão que fizesse o mesmo.

Nós três — os Criativos — agora podíamos perceber melhor os detalhes daquela civilização formada sobre a casca da árvore. As moradas eram presas ao caule como casas de *joão-de-barro*, possuindo, inclusive, o mesmo material, porém eram muito mais elaboradas. Os seus habitantes eram um povo de altura mediana, pele bronzeada, cabelos dourados e com mechas esverdeadas.

Claro que nossa chegada provocou um *rebuliço* em todos, mas nada que significasse que sentiam medo. Era, a meu ver, uma mistura de fascínio e curiosidade, talvez por saberem que éramos Criativos e não criaturas, que não pertencíamos ao seu mundo.

O leão alado pousou numa grande área aberta, ao lado de um buraco. Suas asas de penas azuis e brancas produziram um vento forte que sacudiu algumas folhas, mas que agradou às crianças, que brincaram e sorriram com aquilo. Assim que o Capitão desmontou-o, a criatura desapareceu numa fumaça azulada, provocando uma nova onda de alegria.

A montaria de Marcélia fez o mesmo movimento — e a mesma algazarra por parte dos garotos e garotas mais novos daquele povo.

Optei por fazer meu dragão-libélula pousar mais na diagonal, agarrando-se numa elevação de barro e numa parte da casca grossa. Desci de seu dorso com uma leve dificuldade, arrependo-me de ter feito aquilo — e tirado minha contribuição para a diversão da garotada.

Quando nós três estávamos reunidos, Pablo principiou a caminhar, ainda em silêncio. Ele sabia o que precisava fazer e não nos contaria até o momento adequado. Tudo o que podíamos — e devíamos — fazer naquele momento era segui-lo.

Subimos uma *escadaria* complexa. Era feita de madeira, como bambus grossos, tábuas enegrecidas, tudo amarrado com cordas vegetais e tiras de couro. Cada passo dado era um ranger harmônico — e até meio assustador, se ousasse a se pensar na possibilidade de uma queda.

Dediquei-me a analisar os habitantes da grande cidade-árvore, que nos olhavam entre o fascínio e a curiosidade. Eles eram — como já os descrevi anteriormente — medianos, pele bronzeada, cabelos dourados e com mechas esverdeadas; tinham também uma aparência jovial e *andrógina*, alguns com o busto desnudo, outros com animais pequenos e exóticos sobre os ombros; todos nos olhando com aquela expressão em comum.

Olhei rapidamente para Marcélia, que acenava ora ou outra para alguma criança que ou acenava primeiro ou acenava depois, exibindo sempre um sorriso amável. Ela era uma pessoa muito carismática e aquela garotada havia percebido!

Quando chegamos a um ponto específico, o Capitão nos indicou uma casa construída somente com bambus cravados verticalmente no piso de madeira e horizontalmente no caule colossal.

Andamos até lá, embora eu sentisse no ar o aroma forte de hortelã, cravo, canela, tabaco e outra coisa que até hoje não consigo deduzir o que fosse — algo que me deixou um pouco nauseado devido ao cheiro forte e também à mistura nada comum.

Não havia porta, apenas uma cortina de tecido vegetal enfeitada com cristais, ossos, sementes e pedras coloridas como entrada.

Quando entramos, minha opinião sobre a casa tendeu a se tornar ainda *pior*, pois ao adentrarmos-na, deparamo-nos com uma decoração medonha e exótica: esculturas negras, talvez feitas de basalto ou de brita negra, formando esculturas desconhecidas; havia ainda esqueletos e crânios de animais de médios e grandes portes e naturezas.

Pablo, como estava fazendo há algumas horas, tomou a dianteira e foi até um casal de velhos que fumava cada um o seu cachimbo, ambos calados e sérios. O homem — ou quem acreditei que fosse um homem — fitou-o e falou:

— Que bom que veio, “menino grande”.

A velha — a outra criatura humanoide e andrógina — sorriu, revelando dentes cariados e quase ausentes.

— Precisamos da ajuda de vocês — disse o Capitão, humildemente.

— *Sabemos* — sussurrou o velho, porém sua voz soou bem audível.

— Ele — falou a mulher, apontando o dedo magro e enrugado para mim.

— Eu?! — assombrei-me, enquanto o coração batia ainda mais rápido do que já o fazia.

— Ele está indo em busca do *amigo perdido* — continuou a velha, ignorando-me, pois olhava para Pablo.

Tentei falar algo com Marcélia, mas ela estava muito mais concentrada num quadro na parede do que em mim. Voltei a observar a conversa dos três.

— Ela — acrescentou o velho, apontando para minha Capitã, sem olhá-la. — Ela vai atrás de seus *sonhos*.

Olhei novamente para a fantasista, que agora fitava os dois velhos com os olhos marejados. Eu ia indagar o motivo, porém ela saiu dali apressada, cobrindo o rosto com as mãos. O que tanto a perturbava?

— E você — completava o homem, apontando para o Capitão.

Por um ou dois segundos hesitei. Minha curiosidade queria que eu ficasse ali e visse no que daria aquela conversa; e meu coração

ansiava que eu seguisse aquela jovem que me encantava e a consolasse de alguma maneira.

Na minha situação, o que você faria?

Bem, fiz o que achei certo: segui meu coração.

Sai apressadamente da casa de bambu e procurei como um *doido* por Marcélia, chegando a perguntar a um ou outro habitante por ela, inicialmente fazendo alguns gestos que hoje penso que foram ridículos. Por sorte — ou truque dos Lordes ao criar aquele povo —, todos entendiam o português e apontavam para o local certo.

Andei — ou corri, melhor escrevendo — até encontrá-la sentada sobre a beirada de um poço de água — não me perguntem como aquilo era possível, como era possível a existência de um poço numa cidade presa a uma árvore, a centenas metros do solo. Aproximei-me cautelosamente, percebendo que ela ainda chorava.

— Capitã? — chamei, entre o receio de ser visto como intrometido e a preocupação.

A fantasista não me olhou. Secou as lágrimas com os dedos, replicando roucamente:

— Algum problema?

— Você está bem? — trepliquei.

— Sim, estou.

— Tem certeza?

Sou um pouco *insistente* às vezes.

— Sim — respondeu a contista.

Era evidente que mentia, mas resolvi não me aprofundar mais no assunto.

— Vocês aí! — gritou o Capitão, metros atrás.

Virei-me.

— Temos que ir *agora*!

Voltei a olhar minha Capitã, que secava as últimas lágrimas disfarçadamente e se levantava.

— Para onde vamos, Pablo? — indagou ela, a voz carregada de resquícios de sua tristeza ou emoção.

— Para os Pilares — respondeu o rapaz, olhando para algum ponto no horizonte. — Precisamos encontrar os Lordes e os

Generais que partiram para lá.

Marcélia passou por mim sem me fitar, entretanto notei seus olhos avermelhados e a bochecha ainda molhada, bem corada por sinal.

— Não sabemos o caminho — argumentei pela *enésima* vez, olhando agora para Pablo.

— É, *nós* não, mas *ele* sim — contra-argumentou ele, apontando para um ponto no qual me virei rapidamente.

Diante de meus olhos estava uma criatura esguia, com vestes negras e sobrecapa, cabelos prateados, assim como os olhos glaciais; tinha uma pele pálida e com algumas cicatrizes. Era um homem — ou alguma coisa que parecia ser um homem — que sorria enigmaticamente, com certo desdém.

— Esse é... — começava o Capitão, apresentando-o.

— Deixe-me, Capitão! — pediu o novo personagem, a voz grave. — Eu me apresento.

Havia *prepotência* em seu jeito de falar.

— Sou *William*, o *guia* de vocês até os Pilares dos Lordes — apresentou-se.

Olhei-o com desconfiança.

Mal sabia eu que minha aventura naquele mundo estava apenas começando e aquele sujeito estranho seria o causador de uma *jornada* fantástica de descobertas e *autodescobertas*.

Livro II

A imaginação frequentemente nos leva a mundos que nunca existiram. Mas sem ela jamais iríamos a lugar algum.

Carl Sagan

Parte Três: Jornada

Capítulo 22: Uma decisão impensada

Descrever com precisão a impressão que tive ao ver aquele *sujeito* que nos levaria aos Pilares é uma tarefa um pouco complicada, pois já se passaram alguns anos desde aquele momento. Ainda, porém, recordo-me de ter pensado na *loucura* que era confiar em alguém tão *estranho*.

Claro que eu, o criador de um monstrinho muito mais esquisito e que havia me enganado, não seria um bom exemplo para julgar algo tido como estranho, mas ainda assim o fizera.

Hoje, enquanto escrevo tudo o que minha mente é capaz de se lembrar, eu noto o quão *preconceituoso* fui lá até entender que as aparências pouco serviam naquela situação na qual todos nós estávamos envolvidos.

Corri os olhos ora para Pablo, ora para Marcélia, esperando que um deles se manifestasse e me dissesse que aquilo era uma piada sem graça. Ninguém, contudo, pareceu me olhar ou me querer tranquilizar.

— Você foi um *Juiz*? — inquiriu minha Capitã, ainda tentando conter as lágrimas.

— Sei que não parece, mas já fui sim, querida — respondeu William, a voz grave um pouco mais cordial.

— E por que não é mais? — ousei questionar.

Os olhos glaciais da criatura me fitaram, fazendo-me sentir a espinha gelar.

— Porque meu criador *morreu* — respondeu ele, friamente.

Espantei-me ao ouvir aquilo, pois nunca imaginei que uma criação pudesse *sobreviver* após a morte de seu criador. Mas, segundos depois, algo se passou em minha mente.

— Temos que partir logo — interveio o Capitão, olhando para o céu, preocupado.

A fantasista e eu fizemos o mesmo.

Inicialmente enxerguei um céu anil e com nuvens densas, em tons entre o negro e o acinzentado, um sol amarelado. O clima estava *quente*, mais do que estivera nos dias anteriores, quase *abafado*. Não havia nada que merecesse aquela preocupação.

Uma *explosão* fez um galho enorme tombar metros à frente, assustando-me.

— *Hora* de ir embora! — gritou nosso guia, andando rumo a beirada.

Os dois Capitães o seguiram. Eu, entretanto, hesitei um pouco. Estava começando a me cansar de tudo aquilo, de tanta luta contra alguém desconhecido, contra uma *força* que parecia determinada a devastar aquele mundo.

— Vamos, *Alec*! — chamou-me Marcélia, fitando-me.

De todas as coisas *idiotas* que fiz — e que não foram poucas —, a mais idiota e que me custara um pouco caro foi a de ter hesitado naquele momento por própria vontade.

— O que foi? — indagou-me ela.

Realmente nem eu soube o que estava acontecendo. Tudo o que me ocorria era uma extrema ânsia de desespero, de gritar e jogar tudo o ar — uma *crise* emocional que já me atingira algumas vezes e resultara em alguns problemas.

Outra explosão arrasou um conjunto de três casas, apavorando os habitantes de altura mediana.

— Vamos! — insistiu a Capitã, agora muito autoritária.

Hesitei mais ainda.

Voltei a olhar o céu, enxergando objetos triangulares e negros sobrevoarem a minha cabeça, disparando raios vermelhos para todos os lados, atingindo tudo o que alcançavam. *Pássaros* enormes e aquilinos atacavam as naves de guerra, destruindo-as.

Por que tanta hesitação e incerteza? Não era fruto somente de algum medo ou pavor; parecia uma força *externa* que sussurrava coisas *desmotivadoras* ao meu ouvido, como um demônio astuto tentando ludibriar uma pobre alma.

Senti o suor molhar meus cabelos e meu rosto, escorrer pelo pescoço e umedecer minha camisa de algodão branco. Fora isso, meu corpo não se movia; apenas estremecia, tomado por uma sensação *angustiante*.

— *Bora!* — urrou William, avançando em minha direção.

Ele me socou com força, derrubando-me e fazendo-me sangrar um pouco. Cuspi o sangue e o encarei tomado pela raiva.

— Levanta logo, *marica!* — mandou, apontando o dedo indicador no meu rosto.

Quem ele era para me bater?

Levantei-me, totalmente irritado, levando os dedos nos lábios, sentindo o corte do lábio superior arder. Aquilo não ficaria assim. Haveria *troco*.

O *leão* alado e com pelos azuis surgiu, sendo rapidamente montado por Pablo, que parecia criar uma pequena escolta para protegê-lo. O *grifo persa* de Marcélia também apareceu, sendo montado pela contista.

O ex-Juiz montou numa gigantesca serpente negra com *plumagens* em tons variados de cinza e branco, enquanto centenas de *corvos* voavam ao redor do réptil.

Eu criei um *dragão-libélula* — incrível como esta criação estava sendo utilizada abundantemente por mim —, que me agarrou pelos ombros com suas patas traseiras. Aquilo me apavorou, sobretudo quando ele me soltou a centenas de metros de altura para em seguida me fazer montá-lo — um movimento inacreditável e indescritível, pode acreditar.

Olhei para trás, para a cidade que abandonávamos, depois de me recuperar do susto. Metade dela estava em chamas negras e rubras, sob o ataque das naves voadoras.

— Precisamos ajudá-los! — gritei, ao ficar lado a lado com Pablo.

— Não teríamos êxito! — retrucou o Criativo. — Estamos enfrentando um Lorde!

— Mas... e *eles*?

— *São* criações!

Não acreditei naquela resposta insensível. Não ajudaríamos aquele povo da árvore-cidade por que eram apenas criações?

Se antes fora o pavor que se apossara de mim, agora fora o excesso de coragem e altruísmo. Manobrei minha montaria, fazendo-a regressar ao ponto em que havíamos saído, criando todos os tipos de criaturas aladas que pude imaginar.

Quatro dragões — que não me pertenciam — rodeavam uma nave colossal com rajadas de fogo esverdeado. Ao ver aquilo, entendi que era ali que devia concentrar meus ataques.

Ordenei que três dezenas de minhas criaturas fossem para lá. No trajeto cinco ou seis foram reduzidos a pó por naves menores, mas nada que representasse uma grande queda na potência do ataque.

O maior desafio que tive foi o de escapar de três *aeronaves* que me perseguiram, provavelmente *cientes* de que eu era um Criativo e significasse alguma ameaça.

Obriguei meu dragão a realizar manobras ousadas e arriscadas, algo fácil para um animal com dois pares de asas semelhantes às de uma libélula.

Por sorte, uma das naves foi atingida por um raio lilás — conforme notei ao olhar para trás —, chocando-se na outra. Agora era apenas uma que me atormentava com seus raios vermelhos e mortais.

— Para os galhos! — ordenei, arquitetando um plano.

A criatura *dragontina* me obedeceu, emitindo um som gutural agudo, porém potente. Quando criei o dragão-libélula, não o fiz cuspidor de fogo, como tantos outros, mas como *eram* os seres antigos, muito *antes* da Idade Média.

Minha montaria desviou-se dos galhos com habilidade, ora ou outra me dando algum susto e alguns arranhões pelo rosto até eu ter a ideia de criar uma espada para cortar alguns obstáculos e um elmo para me proteger a cabeça.

Toda aquela perseguição começava a me chatear. Era hora de pôr em prática o restante de meu plano: quando a distância entre eu e o meu perseguidor era a menor possível, fiz o dragão dar meia volta e ir de encontro à nave.

Bem, o que descreverei a seguir é a prova da *estupidez* que alguém que se acha muito poderoso e *onipotente* pode fazer. E hoje, ao me lembrar que o fiz, envergonho-me por ter sido tão *prepotente*.

Assim que a minha criatura estava bem próxima de meu perseguidor, criei algumas bombas e lancei-as sobre ele. O plano poderia ter tido êxito completo se não fosse o raio mortal que destruiu minha montaria, fazendo-me cair sobre a nave.

E por um momento, que me pareceu muito tempo, acreditei que seria ali a minha morte.

Capítulo 23: A consequência

Durante toda a minha vida — até o presente momento que dou início a este capítulo — sempre fui inclinado a fazer coisas estúpidas, idiotas e inconsequentes, sendo que a maioria somente me trouxe problemas e sofrimentos. Claro que muitas dessas coisas foram realizadas quando moleque, como a vez que pulei sobre uma morada de *marimbondos*, o que me garantiu quase um mês de pés inchados e uma dor indescritível; ainda posso citar alguns tapas no rosto, socos na barriga — um deles até me rendeu uma amizade —, umas cicatrizes nas costas, outra na cabeça...

Outras, que fiz quando adolescente, custaram-me a perda de amigos, alguns muito importantes para mim. Foi nesta fase de minha vida, quando descobria o amor e outras coisas comuns para o período, que a série de atos impensados foi alta e avassaladora.

E outra vez — como fiz no primeiro livro — cito *aquela* garota como um exemplo. Faço-o por bons e *quase* convincentes motivos. O primeiro deles é que naquele tempo eu ainda sofria com o fim do namoro, por isso me dedicava tanto a *literatomania*, chegando a escrever *doze* livros num determinado ano. O segundo motivo é que *ela* havia marcado a minha vida de maneira *positiva*, apesar dos sofrimentos e de alguns momentos desagradáveis. E o terceiro motivo é que eu era o *culpado* por tê-la perdido!

Quando caí sobre a nave de metal negro, enxergando as bombas que logo detonariam tudo, a lembrança do rosto dela sorrindo foi uma das primeiras imagens fortes que me veio de repente. Se fosse para morrer, que fosse com aquela visão maravilhosa!

A primeira bomba explodiu, sacudindo o veículo espacial, fazendo-me deslizar para perto da segunda granada. Aquilo me apavorou. Agarrei-a rapidamente e arremessei-a o mais longe que pude. Mal o fiz, o objeto explosivo detonou, criando uma forte onda de vento quente que me fez fechar os olhos.

A terceira estourou metros a frente de mim, causando um baque terrível que me arremessou para a beirada da aeronave; apenas não despenquei porque me agarrei em alguma coisa — que esfolou um pouco a palma de minha mão direita, exatamente no ponto que anos antes havia sido cortado.

Naquele momento não senti a dor ou o sangue escorrendo pelos dedos e melando minha mão e meu pulso. Tudo o que me vinha à mente era o *primitivo* desejo de sobrevivência.

Apesar do desespero, consegui me apoiar em alguma coisa com os pés e subir um pouco, porém logo a quarta bomba me fez cair de vez. Agora era o fim!

Até hoje não sei se foi um *milagre* o que aconteceu em seguida, contudo *aquilo* foi minha salvação.

Enquanto eu caía — e meus olhos contemplavam a nave ser totalmente destruída e se converter em fumaça negra —, fui incapaz de criar qualquer coisa. Aguardei a morte, já conformado.

Minhas costas bateram violentamente numa superfície lisa e metálica. Foi uma dor tão grande que me fez tossir, expelindo todo o ar. Senti o gosto incômodo de sangue e os pulmões arderem.

A queda provavelmente me fez estremecer na cama.

Fiquei impossibilitado de me mover; todo o meu corpo estava dolorido e machucado. Apenas meus olhos se moviam, permitindo-me enxergar parcialmente as coisas que estavam ao meu redor.

O objeto no qual eu estava em cima se moveu rumo a algum lugar, pousando em algum ponto em que um gigante me pegou e me pôs no chão.

— Estúpido, idiota e *prematuro!* — urrou a voz de William, sem aparecer na minha área de visão.

— Calma aí, *cara!* — pediu Pablo.

— Ele pôs a todos em perigo desnecessário com essa *criancice!*

— E *você?* — perguntou a voz de minha Capitã. — Quem é?

— Sou *Cíntia Lemos*, Comandante a serviço de *Lupus*, o General que *morreu* para tentar salvar o Santuário — respondeu uma voz firme e feminina.

Houve um breve silêncio, mas logo me tornei outra vez o assunto de uma calorosa discussão.

— *Se não fizermos alguma coisa, ele vai morrer* — alertou a Comandante, com toda a certeza se referindo a mim.

— *Deixe-o morrer!* — exclamou o estranho guia, com desprezo. “Maldito!”, pensei.

— Claro que não! — defendeu-me Marcélia.

— Vocês viram a idiotice que ele fez! — argumentou William. — *Merece morrer!*

Como poderia haver uma criatura tão insensível num mundo tão fantástico?

— *Alec é um ser humano!* — contra-argumentou a fantasista, sua voz beirando o *desespero*.

— *Nunca* gostei de humanos, pois são todos tão egoístas e mesquinhos!

— Calma aí, gente! — interveio Cíntia, um pouco apreensiva, creio eu. — Podemos resolver isso sem brigas, não?

— Concordo com você, Comandante — falou o Capitão.

— *Salve-o, William!* — pediu a contista.

Com certeza o ex-Juiz hesitou ou fez algum gesto de hesitação, mas atendeu ao pedido da Criativa. Seu rosto severo surgiu diante de mim, causando-me um *turbilhão* de sentimentos estranhos e negativos.

— Só vou salvá-lo porque sua Capitã o preza, *moleque* — disse-me, um segundo antes de suas mãos quentes tocarem o meu peito.

Todo o meu corpo — sangue, músculos, nervos, tudo o que o constituía — queimou dolorosamente, fazendo-me gritar e desejar como nunca antes a morte. O que aquele *demônio* fazia comigo? Queria me torturar?

Aquela *tortura* durou um tempo imensurável, findando quando o semblante belo de minha Capitã surgiu. Não havia apenas preocupação em seus olhos — como nas vezes anteriores —, mas também *fúria*. Eu a havia *decepcionado*.

— Precisamos partir — disse Pablo.

— Vamos para onde agora? — perguntou a fantasista, saindo de meu campo de visão.

— Para o *Monte Celestial* — respondeu a voz grave do guia.

— Mas... — argumentava a contista.

— Não é uma *lenda* — interveio a nova personagem. — Meu General esteve lá dias antes do ataque ao Santuário.

— Iremos para lá então — sentenciou o Capitão, que desde o momento que aparecera havia se tornado o líder do grupo.

— E *ele*? — indagou William, referindo-se a mim sem a menor sombra de dúvida.

— Posso levá-lo na nave e *mantê-lo* conosco, se não se importarem.

Cíntia estava se mostrando muito gentil naquele momento — um momento no qual os demais me consideravam um *fardo*.

— *Não é* minha responsabilidade — disse o ex-Juiz, com desdém.

— Leve-o consigo, por favor! — concordou a fantasista. — E não o deixe desfalecer!

Embora muito decepcionada e furiosa, ela ainda mantinha aquele carinho por mim.

Outra vez um gigante me pegou e agora me pôs dentro de uma nave — similar àquelas de filmes de *ficção científica* que nunca aprendi a gostar totalmente. Quando meu corpo ainda dolorido foi posto num piso metálico e gélido, quatro seres humanoides me ergueram cuidadosamente e me levaram para uma cama muito confortável.

O quarto era de um branco *imaculado*, tão alvo que me despertou uma vontade imensa de dormir — ou acordar, nem sei bem ao certo. Meus olhos piscaram até se fecharem...

Uma pequena descarga elétrica me assustou, fazendo-me abrir os olhos num sobressalto.

— Desculpa, amigo, mas é melhor não pensar em fechar os olhos — falou a garota que me salvara, serena.

Claro que não pensaria naquilo de novo. Primeiro, porque não queria levar outro choque elétrico; e segundo, porque sabia que

dormir — ou acordar — naquele momento seria *fatal*.

Capítulo 24: Comandante Cíntia Lemos

Durante o tempo que permaneci imóvel, o corpo ardendo e queimando, dediquei-me a refletir um pouco sobre a minha vida. O que fiz naquele momento de inércia foi algo que fazia — e ainda faço — periodicamente.

Pela *enésima* vez pensei em momentos que fiz coisas tão estúpidas quanto aquela de retornar para a cidade-árvore e tentar inutilmente salvá-la. Pensei nas *bobagens* que fiz por puro impulso.

Senti minha mão direita doer mais do que o restante do corpo — algo *anormal*, eu pensei, pois tudo em minha era dor em igual proporção até segundos antes — cada vez que me recordava de algum desses momentos. E as lágrimas rolavam livremente.

Afinal, *quem* eu era entre aquelas pessoas? Baseando-me em que teorias e teses me considerava *digno* de integrar um grupo tão estruturado?

Cada vez mais que eu me achava alguém incapaz e inferior, mais a velha cicatriz na palma de minha mão doía, fazendo-me ter novamente *aqueles pensamentos perigosos*.

Até hoje me assombro com a facilidade que o *mal* é capaz de nos atingir e nos converter. É algo tão *fácil* de ser feito: basta achar uma brecha em nosso coração ou em nossa mente.

Mesmo a pessoa mais bondosa, que se diz temente a Deus, que faz doações e caridades, que entrega todos os dias a sua vida aos cuidados do Senhor, que é pacífica e gentil, aquela pessoa tida como *santa*, esta pessoa está sujeita ao mal de inúmeras maneiras. Talvez até mais do que a mais distante do caminho da bondade.

E imagina alguém tão confuso quanto eu?

Os delírios devem ter durado horas. A febre me angustiava, as dores — sobretudo a da palma de minha mão, que era mais intensa — me atormentavam. Meus olhos ardiam vendo todo aquele branco monótono. Como eu queria me levantar logo e sair dali!

As vozes em minha cabeça ecoavam frases diversas, a maioria me acusando e me culpando de coisas que hoje sei que não foram minha culpa. Quase todas as vozes eram conhecidas por mim: eram de amigos, familiares, professores, colegas de trabalho e ex-namoradas.

Tentei afastar tudo aquilo com pensamentos bons — que envolviam sempre o gosto pela literatura —, buscando neles algum refúgio para tanta perturbação mental.

Lentamente as dores foram ficando menos intensas, meus movimentos foram aos poucos retornando, já me tornando capaz de mexer a cabeça, os dedos, as pernas, os pés e as mãos. Uma hora depois disso pude me levantar.

Quando consegui sair daquele quarto, não me preocupei em examiná-lo, pois tudo o que eu queria era encontrar a garota — a tal Cíntia Lemos — que me salvara. Queria vê-la e agradecer pela gentileza prestada a mim.

Andei pelo corredor ora me apoiando nas paredes metálicas, ora cambaleando. Ainda sentia um pouco de dor, porém nada que se comparasse a que fui acometido após minha louca e inconsequente *peripécia*.

Logo cheguei à *sala de controle*, local no qual a Comandante — obviamente — controlava tudo de sua nave. Ao me aproximar dali, a porta eletrônica se abriu e enxerguei um aposento em tons cinzentos, possuindo apenas uma poltrona no centro.

— Oi — disse uma voz feminina e serena, naquele tom firme que ouvi na primeira vez.

— Oi — repliquei, surpreso.

— Desculpa perguntar, mas, pelo amor de Deus, o que você estava tentando fazer quando se jogou naquela nave?

Aquela pergunta não soou como uma bronca, mas como uma indagação *curiosa e descontraída*.

— Na verdade, não tive escolha — respondi, um pouco encabulado.

— Há sempre uma escolha, querido — falou a minha anfitriã. Ela estava oculta atrás do encosto da poltrona — ou seria na frente? —, talvez tendo sob controle os movimentos da aeronave.

— Quer chocolate quente? — indagou.

— Não gosto muito — recusei.

— Não sabe o que está perdendo.

Corri os olhos pelos cantos, sem enxergar qualquer tipo de painel.

— Entre e sente-se aqui! — pediu a garota, apontando para a sua esquerda, onde agora havia uma poltrona almofadada.

Caminhei, um pouco tonto ainda, até aquele sofá, sentando-me meio sem jeito. Foi um *alívio* gostoso para minhas pernas.

— Tem certeza de que não quer? — questionou-me a Comandante, esticando uma caneca que continha um líquido fumegante.

— Tenho — tornei a recusar.

Agora era possível ter uma visão completa de minha salvadora.

Ela era quase de minha altura, talvez um ou dois centímetros mais alta; pele morena, cabelos negros amarrados num rabo de cavalo e olhos castanho-escuros. A sua beleza mestiça era valorizada pela maquiagem que usava.

Vestia-se informalmente, assim como eu — o que não agradaria nem um pouco a *Grace* —; usava uma camiseta roxa, uma calça *jeans* surrado e um par de botas pretas de cano alto — que cobriam quase metade das pernas.

Após essa análise geral, consegui ainda observar os detalhes menores, como os acessórios. Usava brincos discretos, prateados e pequenos; no pescoço pendia um cordão negro com um pingente com o formato de um coração.

— Seu nome é Alec, certo? — indagou-me, quebrando o silêncio e me fazendo parar de examiná-la.

— Sim — concordei, um pouco atrapalhado.

— Parece nome de *ator*. Você é um?

Sorri, provavelmente corando as bochechas.

— Não.

Na verdade, eu havia *tentado* ser algumas vezes, tendo algum êxito, contudo não era algo que queria fazer ou usar como profissão ou até mesmo como *hobby*.

— Sou Cíntia Lemos — apresentou-se ela, após tomar um gole de seu chocolate quente —, Comandante a serviço de Lupus, um valoroso General.

Óbvio que eu sabia quem ela era, mas nada comentei. Deixei que se apresentasse assim mesmo.

— Para onde estamos indo? — perguntei, mudando drasticamente de assunto.

— Para o Monte Celestial, a morada de criaturas *aladas*, como dragões, águias, grifos e *Anjos*.

— Anjos?!

— Não são aqueles seres que você e eu conhecemos lá na Terra — falou Cíntia, sorrindo. — São *diferentes*.

Fiquei confuso.

— E os outros? — preocupei-me.

— Eles preferiram cada um ir montado em sua criatura, como pode ver pela parede.

Olhei para a parede mais próxima, que se tornou *transparente*, permitindo-me ver através dela.

— Uau! — exclamei.

Inicialmente vislumbrei as formas *nefeloides* da água condensada no céu, criando figuras quase animadas; a seguir, percebi que a noite se aproximava, sendo possível ver um *corcel ígneo* cortar o Oeste e desaparecer no horizonte.

Por instinto, voltei a olhar para o lado oposto, enxergando o manto negro-azulado, todo estrelado e brilhante se mover, sendo puxado por *unicórnios* dourados.

— Lindo, não? — questionou-me a Comandante.

Concordei.

Procurei por minha Capitã e os outros dois companheiros de jornada — inclusive o ex-Juiz que naquele instante eu tanto detestava. Encontrei-os um pouco a frente. Pareciam animados, conversando sobre algum assunto muito divertido. O que seria?

Percebi que Marcélia sorria e ria muito do que William falava — ou contava —, totalmente *oposto* ao estilo triste — e melancólico — de horas antes. Ela agora era aquela fantasista encantadora que vi pela primeira vez.

Ao ver aquela cena, minha mão direita ardeu um pouco, obrigando-me a coçar a palma com certa dose de *violência*.

Capítulo 25: O Monte Celestial

A *gentileza* de Cíntia era algo muito impressionante, sobretudo sob as circunstâncias nas quais estávamos envolvidos. Agradei cada demonstração carinhosa e solidária.

A viagem rumo ao tal Monte Celestial demorou mais algumas horas ainda. Eu já julgava que não chegaríamos nunca ao local, acreditando que seguíamos uma lenda *ilusória*.

Para não ficar entediado, dediquei-me a observar a paisagem noturna, sendo incapaz de diferenciar céu e terra, pois o manto animado parecia cobrir tudo.

A Comandante, por sua vez, andava de um lado a outro, talvez planejando coisas para eventuais emergências. Ora ou outra me perguntava alguma coisa, como o que eu fazia, de que gostava e qual minha idade. Respondi a tudo.

Ela era bonita, simpática e educada, sempre prestativa e alegre. Em momento algum — salvo quando adentrei a câmara de controle — me repreendeu pelo ocorrido.

Por que naquela época eu era tão *carente*? Por que me deixava facilmente me encantar por demonstrações de carinho de minhas amigas?

Parei de olhar para Cíntia e voltei a me deixar ser fascinado pelas belezas celestiais daquele mundo. Tudo ali era lindo, *surreal*, onírico, encantador.

— Estamos chegando — informou-me a jovem, fazendo-me olhá-la.

“O quê?!”

— O Monte Celestial — explicou ela, entendendo o meu espanto.

Olhei para frente, vislumbrando alguma coisa que surgia entre as nuvens densas e ondulantes. Parecia um monte, o pico, na verdade, cortando o céu.

Conforme a nave avançava, pude visualizar uma enorme cachoeira cristalina que despencava até as massas nefeloides, *fundindo* suas águas a elas. Em seguida identifiquei enormes galhos que pareciam se unirem para assim formarem um emaranhado denso e selvagem.

— Dragões-libélulas! — exclamei, muito empolgado.

Agarrados ao rochedo da cachoeira e aos galhos entrelaçados, aos grupos de unidades que formavam dezenas — ou centenas, nem sei bem ao certo agora —, com vários tamanhos e cores, dragões com asas de libélulas se reuniam ali, todos em harmonia.

William seguiu para a direita, sendo imitado pelos dois Criativos que o acompanhavam e pela aeronave.

Em pouco tempo, sobrevoávamos uma floresta de árvores com folhas em tons acobreados e dourados, parecendo que naquele local o outono predominava.

Desviei rapidamente o olhar e vi um campo multicolorido, não muito longe de onde estávamos.

— Parece o *Paraíso* — deixei escapar.

— *Humrum*.

Não olhei para a Comandante, pois algo me chamou bastante a atenção: no alto de uma colina criaturas humanoides e aladas treinavam com suas espadas.

— Quem são eles? — indaguei, apontando para lá.

— Anjos — respondeu Cíntia, talvez sorrindo.

— Sempre pensei que tivessem asas brancas.

— Aqui *não*.

Realmente aqueles seres que eram chamados de Anjos fugiam um *pouco* de minha visão *preconceituosa*. Possuíam asas imensas, com penas coloridas, como as de uma *arara*, para nível de comparação. O que se mantinha era a túnica branca, que era em sua maioria de tamanho médio.

— São criaturas dos Lordes? — questionei.

— Sim, assim como os Juízes — confirmou a Criativa. — Porém, sua função já foi muito *invejável*.

— Como assim?

— Lupus uma vez me contou que em tempos *imemoráveis* os Lordes os criaram para serem os *combatentes* dos Criativos, ajudando-os a estimularem suas imaginações.

Enquanto ela falava, continuei observando aqueles seres incríveis.

— Com o tempo, contudo, os Lordes optaram por fazerem os combates serem entre os Criativos, dando aos Anjos a liberdade de habitarem onde quisessem — prosseguiu a Comandante. — Alguns acreditavam que eles tivessem vindo realmente para cá, um lugar *utópico*, o que sabemos que é uma meia verdade.

— Por que não lutam contra o Lorde *corrompido*?

— Porque decidiram que este mundo deveria ser *alheio* a eles, mas já interferiram nele *duas* vezes após virem para cá, segundo relatam *boatos*.

— Quando foi isso?

— A primeira vez ninguém sabe, pois é muito antiga. A última, porém, foi quando um grande General quase *destruiu* este mundo.

— Como?! — espantei-me, fitando a garota e quase engasgando.

— Houve um Criativo, um General acima de qualquer outro já existente, o mais *poderoso* até hoje, que tentou *conquistar* este mundo e torná-lo *seu* matando os Lordes e criando uma *nova ordem*.

Tive outro espanto. Era *possível* matar um Lorde?

— Quando isso aconteceu, os Anjos entraram imediatamente em ação e lutaram por dias e noites contra hordas de monstros e demônios, conseguindo vencer o corrompido. Expulsaram-no eternamente daqui — continuou Cíntia, indiferente ao meu assombro. — Entretanto, ele levou consigo o *mal* e o *espalhou* pela Terra até os dias de hoje.

Senti um *calafrio* percorrer a minha espinha.

— E quem foi esse General? — ousei perguntar.

Quando ela respondeu, o calafrio aumentou imensamente. Quem imaginaria que um homem tão cruel, insano, enigmático e sombrio, que até hoje é objeto de estudos, poderia ter sido um Criativo tão forte? O que ele fizera neste mundo fora o mesmo que tentara naquele, obtendo um resultado semelhante: a derrota.

Capítulo 26: Sobre o Monte

Enquanto olhava para os *espadachins* alados, pensei num assunto geralmente relacionado: *religião*. Pensar nisso foi como voltar no tempo e refletir sobre a minha *religiosidade*.

Durante um período, embora oriundo de uma família *católica não-praticante*, fui pouco religioso e sempre curioso por *crendices*, como as de fantasmas, lobisomens, curupiras e sacis. O fato de ter crescido em fazendas tenha influenciado esse *fascínio*.

Conforme fui crescendo e conhecendo um pouco do mundo, passei a me interessar por criaturas fantásticas, como os dragões, e a mitologia greco-romana, sobretudo graças a duas *séries televisivas* bem conhecidas — ou não — por todos.

O tempo foi passando e fui aprendendo noções sobre o *Cristianismo*, sempre *temendo* o *Juízo Final*. Já havia se passado o famigerado ano *dois mil*, que tanto alvoroço causou pelo mundo.

Quando aprendi a ler, entre os nove e dez anos — ou onze —, fiquei curioso para ler o último livro bíblico, o que ocorreu anos depois. Foi uma leitura estranha e interessante — e que se repetiu duas ou três vezes, em momentos diferentes.

No começo eu era *agnóstico*, alguém que não conhecia Deus em toda a Sua plenitude. Foi um período de investigações, de aprofundamento *filosófico*, algo muito esclarecedor.

Assim que tive a minha primeira *crise depressiva*, tornei-me um *ateu*.

Mas, o que me fez me tornar *evangélico*?

Bem, o caminho foi meio estranho: primeiro passei a ser um *cristão* — o que nunca mais deixei de ser, é claro — sem denominação religiosa, um admirador de *Cristo*. Com o tempo,

porém, graças a *ela*, passei a ser o que sou — apesar de ser muito *falho*.

— Vamos *pousar* ali — disse Cíntia, interrompendo meus pensamentos.

Olhei para onde ela apontava, enxergando um espaço de grama curta, bem rala, contudo muito verde — ponto o qual o guia macabro e os outros dois Criativos, os Capitães, já estavam em pé, aguardando-nos.

A nave pousou com uma suavidade improvável para o seu peso. No segundo seguinte estávamos ao ar livre, ao lado dos outros.

— *Sobreviveu*, moleque — provocou-me o ex-Juiz.

Encarei-o, demonstrando que eu não estava para brincadeira.

— Que bom que se recuperou, Comandante! — exclamou Pablo, sorrindo.

A fantasista concordou com um leve *sorriso amarelo*. Estava chateada comigo.

— Vamos ficar aqui por quanto tempo, hein? — perguntou a Comandante.

— Até que tudo esteja mais *estabilizado* — respondeu William —, o que levará algumas horas.

— Como assim? — indagou Marcélia.

— O Lorde terá de *diminuir* um pouco as suas atividades criativas, pois é humano. Quando o fizer, seguimos para os Pilares o quanto antes, pois um ataque que viermos a sofrer durante este período será mais *ameno*.

Estranhei como ele poderia saber tanto sobre o assunto.

— Não há perigo de sermos atacados aqui — disse Cíntia, serena. — O Monte Celestial é tão *neutro* e *avulso* deste mundo quanto é do nosso, como deveria ser o Santuário.

Aquilo me tranquilizou bastante.

— Vou passear um pouco — falou a Capitã, meio desanimada. Preparava-me para oferecer minha companhia quando ela acrescentou:

— *Sozinha*.

Desviei o olhar, sentindo um nó incômodo na garganta.

Quando voltei a olhá-la, ela já se afastava da gente.

— Vou visitar um *amigo* — avisou o guia —, e volto daqui algumas horas.

— Certo — falou o Capitão.

Apenas a Comandante, Pablo e eu permanecemos ali, sentados na grama.

— Ela ficou chateada comigo, *né?* — ousei perguntar, apesar de já saber a resposta.

— Está *bravíssima* com o que você fez, Alec — confirmou o rapaz. — Foi uma *besteira* voltar lá.

— Eu precisava ajudá-los!

— Não, não precisava.

— Eles eram...

— Criações apenas.

Novamente não acreditei naquela *insensibilidade*.

— Sei que é ruim pensar assim e até parece ser *cruel*, mas você precisa entender que a vida é assim mesmo: *tudo* o que é criado um dia *será* destruído.

— Mas, Pablo, isso é ser insensível! — argumentei.

— Sim, é sim — concordou ele, sério. — Detesto pensar nisso, mas é a mais sincera verdade, infelizmente. Pense em quantas estátuas foram construídas no Período Clássico e em quantas dessas foram destruídas! Você acha justo algo belo e que foi construído com *amor* ser destruído por alguém?

— Claro que não!

Lembrei-me de minha ex-namorada.

— E quantas vezes coisas maravilhosas são *destroçadas?* — continuou o Capitão. — Em nosso mundo isso ocorre o tempo todo. Na maioria das vezes nem nos damos conta de que somos também *culpados* por fazer isso, por permitir que isso aconteça.

Eu tinha consciência de minha culpa. *Eu* havia destruído um amor, um sentimento tão lindo. *Eu* havia feito uma jovem chorar e se desesperar tantas e tantas vezes que sou incapaz de contar. *Eu* havia desistido de lutar. *Eu* havia abandonado um sonho de amor eterno e felicidade por não saber de onde mais tirar — e retirar — forças.

— Você está bem, Alec? — indagou Cíntia, olhando-me com alguma preocupação.

— Sim.

— Você está *chorando*.

Levantei-me bruscamente, levando as pontas dos dedos ao rosto. Lágrimas molhavam minha face sem qualquer mínimo sinal de pudor.

— Só me emocionei com o que Pablo disse — falei, virando-me.

— Vou andar um pouco para pensar.

— Tem certeza de que está *realmente* bem? — insistiu a Comandante.

— Sim, tenho sim.

Afastei-me logo dali, levando comigo um turbilhão de lembranças dolorosas.

Capítulo 27: Gariel

Caminhando sozinho, observando ora o céu de puro e fascinante *éter luminífero*, conforme criam os *helenos*, ora a paisagem da ilha flutuante erguida no ar, que era tão bela e *onírica*, eu me perdia em divagações.

Agora — assim como pensei naquela época — chego a duvidar de que tudo o que vivi lá fosse apenas fruto de um *não-sonho*, como Zarak me falara no meu primeiro dia na Guerra dos Criativos. O fato de meu *subconsciente* me levar para lá toda a vez que dormia ajuda a reforçar a *teoria* de que naquele mundo eu tinha uma *segunda vida*.

Claro que lá meu poder criativo era *ilimitado*, apesar de meus *paradigmas* me impedirem de usar todo o *potencial* fantástico que a mente livre pode oferecer; ainda assim havia o *medo* e toda a *horda* de pensamentos negativos.

Em poucos dias eu seria um escritor publicado, um autor *amador* e *estreador*, alguém lutando num campo selvagem e traiçoeiro, como sabia que era — e sei que ainda é. Era uma *vitória*, uma batalha vencida, porém a guerra seria longa e cheia de outros combates. E me custaria caro.

Quantas lutas haviam me feito andar até aquele momento que se aproximava! Quantas perdas! Quantos obstáculos vencidos e superados! Tudo por causa de sonhos que eu conhecia — e alguns que nem sabia como eram!

Sentei-me sobre uma rocha, tendo diante de mim um lago de água cristalina e tranquila. Algumas libélulas e borboletas roçavam a sua superfície, causando leves ondulações, para logo em seguida pousarem em galhos e flores. Um pequeno espetáculo da vida.

A brisa estava amena, parecendo dedos delicados de *alguma* jovem me acariciando o rosto cansado.

Sem perceber, pronunciei o nome de minha ex-namorada.

Abaixei o olhar, enxergando meus dedos magros.

Retirei um dos anéis e fiquei mexendo-o entre os dedos, levando-o de uma mão a outra. Era uma *mania* que eu tinha — e ainda tenho, embora agora com menor intensidade — quando não tinha algo melhor a fazer ou estava pensativo.

— Posso me sentar ao seu lado, Criativo? — perguntou-me uma voz serena.

Ergui os olhos, tomado pelo susto.

Diante de mim estava uma criatura humanoide alta e morena, uma cicatriz sobre o olho direito, o que lhe obrigava a ter a pálpebra semicerrada, ocultando o negro absoluto de sua pupila e de sua íris.

— Sou *Gariel* — apresentou-se, sorrindo de modo simpático.

Suas enormes asas coloridas estavam rentes ao corpo, como uma capa ou um manto, cobrindo-lhe parte das costas e dos cabelos longos e castanhos com mechas negras e prateadas.

O ser *angelical* não me trouxe aquela paz que sempre pensei que um deles traria, mas sim um pouco de receio e *vergonha*.

— Posso me sentar? — tornou a perguntar.

— Sim, claro — respondi, visivelmente abobalhado.

Ele se sentou, agradecendo.

— O lago é lindo, não? — questionou-me.

— Sim.

— Chamamo-lo de *Lago da Alma*, sabe?

Achei a partir daquele comentário que ele queria “puxar” assunto comigo.

— É um lago que *reflete* o nosso interior mais íntimo e profundo — continuou Gariel —, como um *espelho*.

— Sério? — interessei-me.

— Sim, *assim como gatos sonham*.

“Mas gatos não sonham”, pensei.

— Claro que sonham, meu caro — falou o Anjo.

Olhei-o com grande assombro.

— Desculpa! — escusou-se. — *Nós* fomos criados para conhecermos os pensamentos de *vocês*, até mesmo os mais secretos e obscuros.

— Como um *telepata*.

Ele riu.

— Não. Somos Anjos que têm como objetivo central ajudá-los.

— Entendo...

Em pouco menos de um minuto uma sensação de paz me dominava.

— *Alex*, sei de seus *medos* — disse a criatura alada, com muita calma. — E os compreendo um a um, sobretudo os que eu considero *tolos*, pois são todos *seus*.

Não achei aquilo estranho.

— O medo é algo muito curioso, sabe? — prosseguiu o Anjo. — É uma *lâmina* de dois cortes, como uma espada. Vocês o têm para *garantirem a sobrevivência*, mas o usam tanto que acaba tornando-o um *atraso* em suas vidas, uma *desculpa* viável para não fazerem algo novo e seguirem em frente, não arriscarem um pouco mais, não ousarem, não inovarem, não tentarem.

Abaixei os olhos, visando minhas mãos trêmulas.

— Por que é tão difícil largar algo que nos machuca, hein? Qual é a *vantagem* de sofrer por coisas passadas e que um dia se julgou serem suas? Tanto sofrimento não trará a presença, o amor, os risos, as alegrias, a pessoa de volta. Tudo o que conseguirá é se ferir mais e mais e sempre temer o futuro, o *novo*.

Cada palavra dita me atingia com violência e precisão.

— *Ainda* a ama, é *indiscutivelmente* possível notar, mas não é o seu *proprietário*, é? Não é o dono de sua vida, de seu futuro, assim como também ninguém é de nada na vida. Na verdade, *ninguém* possui nada além de seus sonhos e de seu *caráter*, que se vão quando não se há mais seus únicos e legítimos *autores*.

Fechei os olhos, enquanto suspirava dolorosamente.

— Neste mundo você descobrirá coisas fantásticas sobre as pessoas, coisas que as tornam tão *humanas* e marcantes. Claro que no meio de uma guerra é *meio* difícil se notar algumas coisas ou não, mas cada *detalhe* notado torna tudo mais *interessante*.

Gariel falava de maneira *não-linear*, desrespeitando uma sequência lógica e interligada de temas. Ia e vinha sem se preocupar, como um louco ou um bêbado falando.

— Há quem acredite que a *inteligência* é tudo, sabe? Que diplomas, cursos, números, grau de escolaridade, tudo isso é *sinônimo* de sucesso. Mas, quer realmente saber de uma coisa?

Levantei meu olhar e fitei seu rosto jovem, sereno e simpático.

— Nunca vi ou ouvi falar de um ser humano neste mundo que não fosse capaz de criar pelo menos um grão de areia — falou-me.

— Mas, *Einstein*...

— Era não *apenas* inteligente quanto muito criativo também. Ou você acha que ele diria apenas por brincadeira que a criatividade é mais importante do que o conhecimento?

Sorri. Sempre gostei dessa afirmação do físico alemão.

— Uma vez um *humorista* comentou que se houvesse a participação de pessoas que fossem somente inteligentes, a guerra se chamaria *A Guerra dos Inteligentes* e ninguém criaria nada com a imaginação, mas recorreria a conhecimentos aprendidos durante anos de estudos, imitando *fórmulas* prontas, ocorrendo o risco de se desesperarem quando seus planos tão bem arquitetados falhassem, pois nada saberiam o que fazer sem consultarem livros, enciclopédias e guias.

Eu conhecia — como ainda conheço — muita gente que agia — age — da mesma forma. Na maioria são pessoas que tinham notas maiores do que as minhas, faziam faculdade e se *gabavam*. Eram, contudo, *presas* em coisas já testadas.

— Números não *medem* a criatividade de ninguém. Podem fazer e fazem isso com a inteligência, porém nunca com a imaginação, afinal esta *desconhece* limites e qualquer forma de controle.

Suas palavras pareciam retiradas de um daqueles livros *esotéricos* que se intitulam de *autoajuda*, contudo foram mais verdadeiras e profundas, sinceras e importantes para que o que ainda estava por vir.

— Quando *vencer*, e não duvide que não vá, verá que cada lágrima, cada derrota sofrida antes, cada sofrimento, tudo o que o

impediu anteriormente, tudo isso foi um *combustível* para seguir em frente e chegasse onde irá chegar — finalizou Gariel, levantando-se com uma pedra na mão.

Ele arremessou-a em direção ao lago, num movimento que as suas asas enormes se abrirem, revelando ainda mais as belas penas coloridas.

Segundo minha conta, a pedra *quicou* umas quinze vezes seguidas, causando ondulações inicialmente leves na superfície, mas logo o objeto pareceu aumentar de tamanho à medida que alcançava o meio do lago e as ondulações cresceram proporcionalmente, uma maior do que a outra.

— Deus! — exclamei ao me deparar com uma onda de dezenas de metros de altura, que rumava em nossa direção.

O Anjo emitiu um som que me pareceu um riso de satisfação e abriu tanto os braços quanto as asas, num momento que parecia aguardar algum evento glorioso e solene.

Desesperei-me, recuando dois ou três passos, quando a onda *engoliu* a margem e avançou para nós. Não tive tempo de criar nada, pois também fui envolvido pela água.

Foi então que algo *mágico* aconteceu...

Capítulo 28: Alma lavada

A água parecia partículas cristalinas, *miríades de miríades* de grãos, esferas ou pedaços de cristais.

— O quê?! — assombrei-me.

Ousei tocar num daqueles objetos, sentindo a umidade, a *liquidez*. Era como se o tempo ao meu redor tivesse sido *congelado*!

Olhei em volta, procurando por Gariel. Ele havia desaparecido. Tudo o que vi foi uma silhueta debruçada sobre uma mesa; escrevia com grande concentração. Muita concentração, na verdade.

Não me aproximei, talvez *receando* alguma coisa. Apenas continuei observando.

— *Papai!* — chamou uma menina, surgindo no que agora era uma sala muito parecida com um escritório ou uma biblioteca particular.

Aquele homem parou de escrever e se virou para a criança, abrindo os braços carinhosamente; e do mesmo modo amoroso chamou-a pelo nome. Ambos se abraçaram. Ele brincou um pouco com a filha e mostrou o que tanto fazia, lendo uns trechos.

Em seguida, surgiu uma mulher — que, assim como o pai e a menina, não pude ver o rosto, porém de igual maneira me fez sentir o coração acelerar e a respiração ofegar —; ela se uniu aos dois numa grande e linda demonstração de amor e de carinho.

Aquilo fez meu coração bater ainda mais forte, emocionando-me, enquanto senti um nó apertado na garganta. Era ânsia.

A água cristalina e *fragmentada* se moveu um pouco mais e diante de mim estava o mesmo homem, agora com um *troféu* nas mãos, enquanto discursava para centenas — ou milhares — de pessoas.

Toda a plateia o aplaudiu de pé no final de seu discurso comovente, algo que também me emocionou ainda mais. Era algo que parecia ser comigo, que eu queria que fosse comigo...

Outro movimento da água e em minha frente surgia um estabelecimento, uma entrada de um *cinema*! Inexplicavelmente aquilo me fez estremecer um pouco e sentir um frio na barriga.

Ergui os olhos para o letreiro e li o título do *filme* que estreava.

Voltei a olhar para a entrada do prédio. Repórteres, fotógrafos, os atores que participavam do filme, o diretor, produtores, espectadores, fãs... e o *roteirista*, aquele mesmo homem que tinha uma família que o amava e havia ganhado um importante prêmio literário.

Ele já estava um pouco mais velho do que antes, mas ainda assim mantinha seu espírito jovial e alegre.

Houve outra movimentação da *água cristalizada*.

Agora eu estava no interior de um *cemitério*. Havia pessoas ao redor, todas chorando a morte daquele homem. Todos de preto, em sinal de *luto*. Sua ausência seria sentida por cada um deles.

Reuni coragem e me aproximei, sentindo uma vontade de ver a *lápide*. Quando dei uns dois ou três passos, aquelas pessoas — ou vultos — afastaram-se, parecendo saber de minha presença. Tive a nítida impressão de conhecer alguns deles.

— Meus Deus! — gritei, ajoelhando-me, totalmente envolvido pela emoção *avassaladora* que me dominava.

Havia uma descrição na lápide, algo além da frase “*Aqui jaz*”. Estava em letras negras, numa placa de metal, em alto-relevo.

— *Deixar uma marca no mundo* — souou a voz de Gariel, em algum lugar.

A água voltou a “correr” normalmente, molhando-me todo, parecendo com as lágrimas que corriam de meus olhos fixos nas letras da lápide.

— Que *tipo* de *sonho* é esse, afinal?

— É o *meu* sonho — respondi, num sussurro.

Ergui *timidamente* o olhar, enxergando o rosto sereno do Anjo.

— Sim, é o *seu* — concordou ele, sorrindo. — Por isso é tão *importante*.

A criatura alada me estendeu a mão direita, que aceitei. Quando minha mão direita tocou a dele, senti um calor indescritível no local do corte sofrido horas antes.

— Alex, tome muito *cuidado* com as suas escolhas sempre! — aconselhou-me ele, bastante sério. — Sua vida *dependerá* disso, tenha certeza.

Aquilo me soou um pouco estranho.

— Você está aí, é? — perguntou a voz do guia macabro, a metros de distância.

Virei-me, enxergando-o ao lado dos Capitães e de Cíntia.

— Precisamos seguir viagem — falou Pablo, parecendo preocupado.

— Algum problema? — indaguei.

— O *maldito* Lorde enviou tropas inteiras para cá — respondeu William.

— Mas aqui é protegido, não?

— Sim — confirmou Gariel.

— Portanto, não corremos riscos aqui, certo?

— Aqui não, mas quando sairmos sim — respondeu-me minha Capitã —, pois eles permanecerão o tempo que for preciso aqui, sitiando-nos.

— Por isso temos que ir logo.

Cedi logo ao *ímpeto* de fugirmos do Monte Celestial.

Criei desta vez uma águia enorme e me apressei a montá-la; em seguida minha criação levantou voo, soltando um som agudo e quase ensurdecedor.

Rapidamente os outros Criativos fizeram o mesmo, seguindo-me.

— Para lá! — avisou-me o Capitão, apontando para uma grande *estrela azulada*.

Obedeci.

A noite estava muito *densa* do lado de fora dos domínios do monte flutuante, o que me causou um pouco de espanto. O vento era quente e cheirava a *enxofre*.

Lembrei-me de Gariel. Nem me despedi dele.

Ao me virar para vê-lo pela última vez, percebi que ele e o ex-Juiz discutiam calorosamente. O nosso guia parecia exaltado, pois havia adquirido uma postura de ameaça muito visível e evidente — assim deduzi pelos gestos bruscos que fazia incessantemente, como se acusasse ou advertisse o outro. Segundos depois um dragão negro e emplumado surgiu, sendo habilmente montado por um ser furioso.

O Anjo me olhou sereno, sem acenar ou demonstrar qualquer sinal de emoção. Depois desapareceu, deixando apenas uma cratera vazia, um espaço que outrora fora o Lago da Alma.

— *Eu lidero agora!* — urrou William, tomando a dianteira do grupo e afastando de mim alguns pensamentos esquisitos.

Capítulo 29: De volta ao Acampamento

Já fazia horas que sobrevoávamos paisagem após outra em certo silêncio. Ora ou outra alguém apontava para alguma coisa, mas nada que nos fizesse iniciar uma conversa.

Para *ocupar* um pouco a mente, comecei uma *série* de passatempos estranhos. O primeiro deles foi calcular quanto tempo se passara desde a minha chegada; como nunca fui muito bom em matemática, calculei que quase *um dia* havia se passado ali, ou seja, mais de *uma hora e meia* de sonho — mais do que nas vezes anteriores.

Logo em seguida dediquei-me a *comparar* as belezas de Cíntia e Marcélia — prova de minha total falta do que fazer. A Comandante era morena, pele quase da minha cor, cabelos negros, sendo mais alta do que eu; a outra era branca, pele alva, cabelos em tons castanhos, com um pouco mais de um metro e meio de altura. A primeira era dona de olhos castanho-escuros e aparência forte, de alguém determinada e corajosa, confiante em vários pontos; minha Capitã, por sua vez, tinha olhos quase negros — nunca consegui entender este termo que eu mesmo criei —, aparência mais frágil, embora mantivesse o ar de coragem e determinação, porém mais delicada e enigmática.

Arfei, pensando no que tanto deveria incomodar minha fantasista. Ela estava muito desanimada e preocupada; havia chorado mais cedo, na cidade-árvore; e eu fizera o *favor* de decepcioná-la ainda!

Percebendo que era inútil tentar adivinhar os motivos da tristeza de Marcélia, voltei-me ao terceiro — ou quarto, se a indagação anterior for considerada como um — passatempo:

imaginar como seriam os Lordes, os poderosos senhores daquele mundo. Imaginei-os belos, altos, pele prateada, cabelos dourados, com coroas, roupas imaculadas, sabedoria suprema, algo entre um *anjo* e um *elfo*.

— Ali! — gritou a voz potente de William, trazendo-me de volta de meus devaneios.

Ele apontava para logo à frente, rumo ao mar imenso e esverdeado que era tingido pelos primeiros raios de luz da estrela maior daquele mundo *surreal*.

Olhei para lá e vi enormes criaturas deslizando sobre a superfície, parecendo serpentes ou tentáculos de *monstros lovecraftianos*. Era uma visão medonha.

— O Acampamento! — apontou a Comandante.

À nossa esquerda havia apenas as ruínas do que um dia fora o Acampamento de Comunhão.

— Vamos parar um pouco lá! — gritou o Capitão.

— Temos que prosseguir logo! — discordou o guia.

— Serão apenas alguns minutos! — interveio minha superior.

O ex-Juiz arfou, mas acabou cedendo.

Retornar para lá foi como retornar para um local há muito abandonado. O chão estava coberto por cinzas e pó negro, as tendas quase todas destruídas.

— Aqui era tão lindo! — exclamou Cíntia, num tom de voz saudosista.

— Era mesmo — concordou minha Capitã.

Ambas estavam levemente emocionadas.

Notei que o guia estava impaciente, ainda sobre a sua criação *bestial*, ora ou outra olhando em volta com desconfiança.

— O poder desse Lorde é imenso — falou Pablo, olhando um monte de areia dourada. — E parece que cresce à medida que vai *corrompendo*.

— Sim — confirmou William —, é isso que ele está fazendo aqui.

Fitei-o agora com mais atenção.

— Quanto mais *corrupção*, maior é o poder destrutivo dele.

— E os outros não percebem isso? — inquiriu a Comandante.

— Percebem, *claro* que percebem, porém não agem porque um Lorde não pode enfrentar outro.

— Como? — indaguei, surpreso.

— Você é surdo, é?

Aguentei para não criar um monstro e fazê-lo dar uma surra naquele ser tão *imbecil*.

— Os Lordes são o *ápice* — explicou-me a fantasista. — Por isso não precisam atuar na Guerra dos Criativos, como nós fazíamos. Logo, um Lorde não duela jamais com outro.

— Então, os Lordes não vão poder nos ajudar a vencer o *corruptor*? — perguntei.

— Não *diretamente*, como você deve estar pensando, Alec — respondeu o Capitão. — Mas poderá nos *ceder* temporariamente a sua força criativa para enfrentá-lo.

— Por que não o fazem logo?

— Porque temos de *merecer*, oras! — exclamou o ex-Juiz, ainda mais impaciente. — O *dom* de um Lorde é algo *incontrolável*, é um poder que tanto cria quanto destrói, como você já notou ao seu redor! Não é um *brinquedo* de criança!

Agora eu entendia parte do interesse de Amaury em ir até os Pilares. Queria ele ter em seu controle um poder *incalculável*?

— Vamos partir logo — disse o Capitão, indo em direção ao seu leão azulado e alado.

— Pare! — pediu nosso guia, o olhar fixo num ponto.

— O que houve? — perguntou Marcélia, preocupada.

— Tem mais *alguém* aqui.

Todos nós olhamos em volta, com certa apreensão.

O meu coração batia acelerado.

Foi um longo minuto de *expectativa*, de espera.

De repente um gigante de pele acinzentada surgiu de trás de uma tenda destruída, assustando-me — e aos outros Criativos também, exceto o nosso guia. Ele segurava alguma coisa que se debatia violentamente.

— *Hipólito*?! — espantou-se a contista.

Era aquele jovem *centauro* loiro, o amigo do antes monstrinho, quem se debatia na mão imensa do gigante.

— Você o conhece? — indagou William, parecendo surpreso.

— Ele é amigo de Zarak — respondi, sentindo um pouco de ressentimento ao pronunciar o nome do monstrinho.

Os olhos glaciais do ex-Juiz pareceram hesitar ou duvidar. Ele olhou ora para mim e para minha Capitã, ora para o centaurinho.

— Algum *problema*? — perguntou a Comandante.

— Sim — respondeu o ser, por fim.

Aquilo me pegou de surpresa.

— Há alguns anos, quando eu ainda era um Juiz, um centauro chamado Hipólito foi *destruído* por incitar a *rebeldia* — explicou-nos o guia.

Mal ele falou isso, o gigante *explodiu*, transformando-se em objetos em brasa, como papéis sendo *carbonizados*, espalhando milhares de pedaços para todos os lados.

— *Droga!* — urrou William.

No lugar daquele pequeno centauro *sabichão* havia um enorme monstro portando uma *acha*, um machado de dois gumes; era uma besta meio humana, meio equina. Ele nos encarava com um olhar *demoníaco*, um olhar cruel e sanguinário.

— Eu *devia* ter imaginado que era você, *Tarnis!* — exclamou o ex-Juiz, o tom de voz um pouco desdenhoso.

Como resposta, aquela criatura monstruosa esboçou um maligno sorriso de satisfação.

Uma batalha colossal seria travada com toda a certeza.

Capítulo 30: Batalha furiosa

Se *você* não entendeu nada, imagina *eu*, que até pouco antes acreditava que aquela *aberração* criativa fosse um pequeno e frágil centauro!

Os outros Criativos também compartilhavam dos mesmos *assombro e ignorância*.

— Quem é *ele*, William? — perguntou Pablo, os olhos amendoados fixos na criatura.

— Um ex-Juiz — respondeu o guia, lacônico e com tom grave.

Não houve tempo para mais perguntas, pois a terra tremeu e rachaduras se abriram velozmente por todos os lados, fazendo fumaça negra e um calor intenso subirem. Era possível ver o *magma* escorrendo lá embaixo.

A seguir, enormes tentáculos negros se ergueram, trazendo consigo a lava, espalhando o líquido grosso e escaldante à medida que se moviam furiosamente, apalpando o chão.

Apressei-me a criar gigantes com escudos para nos proteger, atitude também tomada pelos demais, que criaram coisas semelhantes em tamanho e forma.

Estávamos cercados por dezenas de potentes tentáculos que destruíam nossos escudos, obrigando-nos a sempre repor imediatamente o ponto enfraquecido, temendo sermos agarrados e derretidos pelo calor intenso.

— Aguentem firme! — ordenou William, saindo do interior do escudo.

O que aquele *psicopata* pretendia fazer?

— Precisamos cortar os tentáculos! — gritou o Capitão.

— Já estou providenciando isso — falou minha Capitã, bastante séria.

Novamente a terra tremeu. Desta vez foram explosões ocorridas no interior das rachaduras.

Olhei para uma das brechas, enxergando enormes dragões compridos e vermelhos, todos lançando esferas incandescentes em direção aos tentáculos em sua origem.

— *Cobertura!* — gritei, com um plano em mente. — Preciso de cobertura!

— Fique quietinho aí, Alec! — exclamou Marcélia, repreensiva.

— Mas, eu pos...

— Sou *sua* Capitã! *Obedeça-me!*

Senti-me mal, mas atendi a ordem.

Ouvi sons das naves de Cíntia sobrevoando o local e os raios *laser* cortando o ar e atingindo o restante dos tentáculos que ainda nos atacavam.

— *Tática* de contra-ataque! — gritou Pablo, por um momento parecendo um leão rugindo.

As criações deles ergueram os escudos e avançaram contra os membros alongados que tentavam quebrar a barreira, sendo substituídos por outros seres semelhantes.

Pude vê suas espadas cortarem com sucesso os tentáculos, espalhando poeira negra para todos os lados. Lamentei não poder atuar naquela tática.

Não demorou muito tempo para que fosse possível montarmos em nossas criaturas aladas e sairmos dali, do meio de dezenas de membros tentaculares furiosos de um monstro *infernai*.

Do alto era possível ter uma noção do que aquele tal de Tarnis havia causado: enormes rachaduras dominavam o que outrora fora o Acampamento de Comunhão, todas exibindo magma e permitindo que os tentáculos escuros e horrendos se movessem de um lado a outro.

— Vejam! — pediu a Comandante, apontando para a praia.

Lá, enquanto a água se agitava em ondas imensas, os dois ex-Juízes se enfrentavam pessoalmente, como verdadeiros e grandes *gladiadores*. O centauro parecia rasgar o ar com sua acha, girando-

a no ar a cada tentativa de golpear o nosso guia, que se defendia com uma espada de lâmina grande e irregular. O choque das lâminas produzia *faíscas* rubras que pareciam raios.

— Devemos ajudá-lo, não? — indaguei.

— Não — respondeu o Capitão. — Ele *não* gostaria.

Continuamos olhando o confronto.

William parecia um guerreiro daqueles *jogos eletrônicos* famosos com a sobrecapa esvoaçante, a espada reluzente, os cabelos prateados bagunçados. Ele manejava a arma com *maestria*, conseguindo defender-se e contra-atacar no momento certo.

O seu adversário, por sua vez, também era exímio no manejo daquele tipo de machado de guerra, sendo capaz de manobras espetaculares, representando um adversário à altura do outro.

— Eles *também* podem criar? — perguntei, surpreso, sem parar de assistir a tudo.

— Todo Juiz pode sim — confirmou Pablo.

Tarnis roçou a lâmina da acha na areia, provocando um rastro incandescente; ele galgava furioso para cima do oponente, que apenas aguardava, com a ponta da espada tocando a água agitada que se movia.

Quando o centauro bestial levantou um pouco a sua arma, um *filete* luminoso acompanhou-a, como se *cortasse a realidade* daquele mundo.

Quase no mesmo segundo nosso guia fez o mesmo, trazendo consigo uma onda monstruosa que os envolveu e avançou por dezenas de metros, caindo dentro das rachaduras. O *vapor* subiu no mesmo instante, dominando todo o ambiente.

— Uau! — exclamei.

Sob a densa camada de névoa os raios rubros ainda eram visíveis, revelando os pontos nos quais os dois se enfrentavam.

— Tomem cuidado! — advertiu Marcélia.

Mal ela pronunciou essas duas palavras, os tentáculos emergiram, atacando-nos.

— *Merda!* — gritei, quando minha montaria foi atingida por um dos membros compridos e macabros.

A queda foi pouca, pois logo criei outro dragão-libélula, que me agarrou, impedindo um acidente grave.

Irritado, imaginei centenas de seres com foices, todos montados em enormes e horríveis *morcegos*, que imergiram na densa camada de vapor.

Voltei-me para os outros, vendo que todos enfrentavam os tentáculos com suas criações. Cíntia usava suas aeronaves, cujo poder de fogo era impressionante; a fantasista era protegida por dragões vermelhos e alongados e que vomitavam bolas de fogo contra os inimigos; e o Capitão contava com a ajuda de pássaros parecidos com pardais, porém imensos e vorazes, que bicavam e arrancavam nacos impressionantes dos tentáculos.

Cada parte daquele monstro *abismal* que era destruída se convertia naquela fumaça — ou poeira — enegrecida, misturando-se com a névoa branca, criando uma nuvem acinzentada densa, sendo iluminada apenas pelos raios violentos dos choques das lâminas dos ex-Juízes.

Assim que conseguimos vencer aquelas aberrações tentaculares, trouxemos para perto de nós as nossas criações e tentamos enxergar alguma coisa do embate.

— É impossível ver qualquer coisa com tanto nevoeiro! — reclamou a Comandante.

Concordei.

Tudo o que víamos eram as luzes oriundas do encontro feroz das armas daquelas criaturas poderosas, ora num lugar, ora noutro, a metros de distância um do outro.

Observamos a movimentação luminosa por inúmeros minutos, cada um mais apreensivo do que o outro. Queríamos o quanto antes que aquilo concluísse — e que nosso guia sombrio vencesse.

De repente um *círculo* surgiu entre a névoa, permitindo a nós vermos os dois ex-Juízes, cada um portando a sua arma, frente a frente. Estavam no meio de uma cratera enorme, provavelmente provocada pelo recente encontro de seus poderes. Chamas rubras ardiam em focos isolados.

— *Acabou* — falou Pablo, sério.

Segundos depois pedaços de folhas queimando subiram, rumando para o vapor que voltava a invadir o espaço aberto. A luta havia findado e um dos combatentes *sucumbia* sob a lâmina do outro.

Capítulo 31: Um pouco de tristeza, por favor!

— Ele... ele venceu — falei, assombrado.

O ex-Juiz nos olhou com um sorriso macabro. Em seguida cravou a lâmina no chão, produzindo um leve *tremor*. Por fim criou uma besta alada e montou-a.

— Acharam mesmo que eu não venceria, não é? — perguntou ele, ao se aproximar de nós.

Seu tom de voz era *prepotente e arrogante*.

— Vocês não *sabem* do poder de um ex-Juiz — concluiu William, orgulhoso —, por isso nunca *subestime* um.

Nosso guia rumou para a direção na qual Zarak e os três Generais partiram dias antes, uma trilha que supostamente levaria aos Lordes.

Sobrevoando por algumas centenas de metros adiante, testemunhei o tal poder de um Juiz — ou ex-Juiz — ou ambos: as rachaduras se estendiam por vários quilômetros, a poeira negra parecia *viva*, movendo-se suavemente de um lado a outro, misturando-se ao vapor branco, cobrindo tudo o que tocava.

Eu particularmente estava *fascinado* com a demonstração destrutiva que presenciei há pouco. Como tanta destruição *caótica* era capaz de me deixar fascinado, admirado?

Olhei para minha Capitã. Ela se mantinha séria, montada no grifo persa que tanto apreciava. Seus cabelos castanhos com mechas em tons mais claros e mais escuros ondulavam ao sabor do vento, tornando-a ainda mais bela.

Como eu queria que minha superior me *perdoasse* por aquela atitude na cidade-árvore!

Cíntia, por sua vez, mantinha-se serena, parecendo despreocupada. Ela era uma pessoa curiosa, calma, esperançosa, sempre aguardando o melhor das coisas.

Ainda pude olhar para Pablo, que sempre me pareceu esconder algum *segredo*, algum *motivo* obscuro para nos ajudar e apontar coisas e lugares, fazer-nos chamar um ex-Juiz macabro para ser o nosso guia. Mas, o que seria?

Por fim fitei William, que se tornara uma figura distante de minha visão.

Eu estava *acordando*.

Abri os olhos, arfando.

Era como estar noutro *corpo*, noutro lugar. Era *estranho* acordar para a *realidade* deste mundo. Era como se minha vida não fosse aqui, mas *lá*, naquele mundo.

Levantei-me, sentindo a cabeça doer. Praguejei. Não seria nada fácil me locomover com aquela *enxaqueca*. Voltei a me deitar, fechando os olhos.

Desde criança sofro de alguns problemas pequenos: dores de cabeça, tonturas, ardências nos olhos, hemorragias nasais e dores musculares — estes dois últimos atualmente são bem raros. Os dois primeiros amenizaram após eu começar a usar óculos.

Enquanto deitado, pensei em inúmeras coisas, como as lutas que participei e testemunhei, as palavras dos outros Criativos e de Gariel, embora tudo soasse agora como um *sonho* esquisito.

Quando acordado, havia em mim a *incerteza* da *veracidade* de tudo aquilo, assim como também o fato de ter os cabelos cortados e os anéis prateados — presentes da garça estilista — comprovarem que tudo aquilo fora *real*. Além disso, Zarak era capaz de me visitar periodicamente. Como negar isso?

Cochilei, mas desta vez sem sonhar.

Ao despertar, era mais de dez da manhã. Ainda bem que naquele dia era minha folga.

Consegui me levantar com um pouco de esforço, indo ao banheiro. Fiz a higiene matinal.

O café da manhã foi meio estranho, assim como toda a manhã. Ora ou outra minha mão direita coçava *gostosamente*, principalmente sobre a cicatriz do corte da faca que acidentalmente tive anos antes.

Observei o rastro maior do corte, que se localiza um pouco abaixo da base do *mindinho*, dedo que usava um dos anéis. Era como voltar ao passado, para o início de uma *doença emocional* que sempre me *espreitava*.

Notar aquela pequena cicatriz esbranquiçada na palma de minha mão era recordar de meus pensamentos *suicidas*, era reviver aquela *angústia* desesperada de me matar, de encerrar o *sofrimento*.

Se não fosse aquele *acidente* com aquela faca, aquele corte que por menos de um milímetro não atingiu uma veia ou uma artéria, eu teria cometido *suicídio* e não teria jamais escrito meu primeiro livro, dois anos depois.

Ao ver aquele ferimento profundo, o sangue escorrendo sem cessar, as veias, as artérias, a carne cortada, tudo aquilo me fez repensar a vida. Percebi que era *bobagem* tirar a minha vida por aqueles motivos idiotas.

E nunca mais pensei tão intensamente em me suicidar, apesar de várias vezes a situação chegar a tentar a minha *alma* a essa "solução".

Após a refeição, dediquei-me a digitar o restante do livro no qual me dedicava nos últimos dias.

Quando terminei, era fim de tarde. Salvei tudo e fui tomar um bom banho.

Enquanto a água morna caía, minhas lágrimas se misturavam a ela, deixando *vazar* tudo o que eu sentia e me sufocava. Permaneci ali por um tempo imensurável; ao sair, sentia-me um pouco melhor.

Capítulo 32: Três torres em chamas

Andar de bicicleta sempre me acalmou e me fez pensar. É como uma *terapia*, um *remédio* sem contra-indicação.

Naquele fim de tarde e início de noite, para *apaziguar* um pouco as lembranças, *meditar* um pouco, resolvi sair por alguns longos minutos.

Enquanto pedalava, meus olhos se perdiam em imagens diversas: pessoas, carros, ruas, casas, estabelecimentos comerciais, animais, casais, grupos de amigos, árvores, calçadas, objetos...

Durante passeios parecidos com aquelas ideias de poesias, contos e até mesmo de livros surgiram. Era uma oportunidade maravilhosa, mas que lenta e inconscientemente eu estava abandonando.

Ao voltar para casa, era mais de sete ou oito horas da noite. Guardei a bicicleta e fui jantar. Em seguida, li um pouco e tentei escrever, contudo a minha imaginação estava *vaga* e distante, talvez naquele mundo em colapso.

Deitei-me mais cedo do que o normal, totalmente entristecido. Creio que logo dormi.

O cheiro forte de *enxofre* me fez abrir os olhos, temeroso. Notei a enorme camada enegrecida da névoa que tanto dominava o local que era atacado por aquela *horda* de criações destruidoras.

— Opa! — exclamei, não gostando nem um pouco daquilo.

Examinei rapidamente tudo ao meu redor, procurando um dos três Criativos que eu conhecia e que me acompanhavam rumo aos Pilares. Não obtive o mínimo resultado.

Enormes *torres* ardiam em fogo rubro e negro, produzindo enormes quantidades de fumaça densa e macabra, cobrindo o céu e

me impedindo de vê-lo.

Não havia o mínimo sinal de destruição ali, como pude notar no Santuário e no Acampamento, por exemplo; o que percebi foi algo *oposto*. Tive a *certeza* de que era ali que o *mal* surgia e se espalhava. Era a sua *fonte inesgotável*.

Comecei a andar, sendo orientado apenas pela luz rubra oriunda daquele fogo esquisito. Observei cada detalhe, buscando entender em que lugar exatamente estava.

Contei *treze* torres, cada uma espalhada pelo perímetro, formando o que me pareceu um *círculo* perfeito. Estavam distantes uma da outra em proporções iguais e precisas.

O chão era plano, muito duro. Meus passos ecoavam de maneira assustadora — como se eu estivesse numa sala vazia, o que era estranho, pois havia as torres em chamas e o horizonte largo e coberto pela fumaça. A sensação de vazio era intensificada pela escuridão além das construções, como se houvesse o *nada* após elas.

A fumaça negra dominava tudo, sobretudo acima de mim, sendo como uma nuvem densa e *impenetrável*.

“Cadê eles?”, pensei, confuso.

Há algum tempo, lembrei-me, Marcélia havia comentado que sempre que eu voltasse para aquele mundo, estaria entre eles. Por isso a minha esperança de encontrá-los ali.

Assim que me convenci de que não os encontraria naquele lugar sombrio, desesperei-me. Tentei criar alguma coisa, sem obter qualquer tipo de sucesso, o que apenas *agravou* o meu desespero.

Nunca tive medo do escuro, como uma de minhas irmãs tinha, porém naquele momento um *pavor* me invadiu. Embora apenas meus passos ecoassem ali, tive a sensação incômoda de ouvir outros *sons*, de vislumbrar *formas* se esgueirando nas trevas.

Angustiei-me ainda mais quando me deparei com um muro alto e iluminado por uma luz alaranjada, diferente da que predominava pelos demais pontos do cenário. Senti a espinha dorsal gelar e um calafrio medonho percorrer todo o meu corpo.

— Não pode ser! — exclamei.

A sombra *demoníaca* que surgiu no muro confirmava o meu temor: uma figura assustadora e com um par de chifres, a visão medieval do *Diabo*. Como aquela imagem me atormentara quando menino! Nunca mais me esqueci daquele pesadelo e dos acontecimentos que o sucederam. Acordar gritando de madrugada, assim como a minha mãe, e as janelas do quarto se abrirem violenta e *inexplicavelmente* são coisas que ninguém esquece, pode ter certeza.

Respirei com dificuldade, sem saber o que fazer.

Estaria eu no *Inferno* e não naquele mundo que estava em colapso? Teria morrido e ido para lá por meus *pecados*?

Voltei-me para trás, sem suportar mais ver a imagem, desejando o quanto antes que acordasse daquele maldito pesadelo. Comecei a correr, tendo a certeza de que estava com alguma coisa me perseguindo em alta velocidade, galgando como um cão faminto. Não ousei olhar para trás.

Corri com a impressão de não sair do lugar, como se corresse numa *esteira ergométrica*. Aquilo me angustiou ainda mais. Queria acordar logo, o que não ocorria.

De repente uma criatura pulou sobre mim, em minhas costas, jogando-me violentamente no chão duro e áspero. Suas *garras* penetraram a minha carne, perto das costelas, causando-me muita dor e angústia.

Tentei gritar, entretanto minha voz havia *desaparecido*. Ou o som agora era *ausente* naquele ambiente, algo comum no *vácuo*. Além disso, todo o meu corpo se *paralisou* e meus pulmões *clamaram* por ar. Desespero.

Despertei, num grito de horror alto e assustador.

— Calma, Alec! — pediu Cíntia, segurando meu ombro.

Eu estava sentado numa cadeira, diante dos três Criativos. Ofegava como se tivesse acabado de fazer um grande esforço físico.

— O que houve? — questionei, ainda em choque.

— Você foi atacado por um *Súcubo* — respondeu Pablo.

— Eu o quê?!

— Um *demônio* dos sonhos, um pesadelo, uma criação antiga que *usurpa* energia — explicou o guia, sempre impaciente.

— Mas, não era apenas uma *lenda*?

— Não aqui — falou a fantasista. — Estamos num mundo *sem* distinção de real e imaginário. Tudo é possível e verdadeiro, quer se crê ou não.

— E você teve *sorte*, garoto — tornou a falar William.

Olhei-o, notando imediatamente o princípio de alguma *zombaria* em seu olhar.

— *Poderia* ter sido um *Íncubo* — completou, sorrindo cinicamente.

Furioso, avancei contra o infeliz, criando, sem que eu percebesse, uma espada. Mal dei dois ou três passos, fui arremessado de volta para a cadeira por um chute.

— Acalme-se aí, moleque! — ordenou o ex-Juiz, os olhos faiscando.

Minha vontade era *matar* aquele desgraçado o quanto antes.

— Isso mesmo, Comandante — concordou Marcélia, autoritária.
— *Controle-se!*

A repreensão da contista me fez ficar mais sossegado, *embora* ainda mais irritado.

— Para onde estamos indo? — perguntei, querendo mudar de assunto, muito ressentido.

— Para o *Deserto* — respondeu o Capitão, olhando para trás de si.

Somente naquele momento percebi que estávamos numa plataforma móvel e coberta, como uma área externa de uma casa ou algo semelhante. Abaixo do piso alguma coisa permitia que movêssemos. Inicialmente julguei que fosse algum tipo de carroça, mas agora, após alguns minutos, constatei que era uma *aranha* gigante!

O enorme animal de oito patas compridas e peludas se movia com calma, dando passadas de dezenas de metros, sem realizar muito esforço para atravessar desfiladeiros, riachos ou lugares muito íngremes.

Sobre uma mesa havia mapas feitos pelo guia, além de facas e instrumentos de orientações, mas nada que lembrasse uma

bússola, por exemplo. Nunca entendi como funcionavam, pois apenas William as manipulava.

Atravessamos campos imensos, onde ainda era possível ver a beleza natural daquele mundo, uma parte ainda não alcançada pelo mal que se espalhava por ali e logo estaria presente naquela região.

Cíntia e eu conversamos um pouco sobre literatura e, maravilhado, ouvi-a relatar suas ideias literárias, todas muito incríveis. Ela era — como a apelidei — minha *versão feminina* e com muito mais *juízo*. E um futuro melhor.

Logo veio a noite e com ela o frio.

Pablo preparou o jantar vegetariano, o que fez nosso guia reclamar e sair para caçar. Foi o momento mais agradável até então, pois me senti mais tranquilo — embora minha relação com minha superior *oscilasse* de mal a pior.

Quando a aranha alcançou o Deserto, todo o grupo estava reunido ao redor da mesa, enquanto o ex-Juiz nos explicava sobre os perigos que iríamos encontrar a partir dali.

Capítulo 33: Adentrando o Deserto

— O Deserto é uma área de perigo não porque tem muitos inimigos, mas sim por ser o lugar que nossos medos, nossas manias e nossos defeitos se *intensificam* — começou o guia, sério, fitando-nos um a um. — Ao adentrá-lo, saibam que enfrentarão *tudo* o que temem, detestam, odeiam, desprezam, abominam ou que os tornam fracos. Cada medo que tiverem será aumentado *indefinidamente* a ponto de torturá-los. Cada mania será *explorada* até a exaustão para enlouquecê-los. Cada defeito ganhará força para *esmagar* duas qualidades.

Pude notar visivelmente as expressões apreensivas dos outros — a mesma expressão que também mantinha em meu rosto.

— Como diria Gariel, o *maior* inimigo não é o que está diante de nós, mas o que está *refletido* no espelho — continuou William, com um leve *desdém* na voz. — Por isso, Criativos, vocês devem ser fortes o bastante para *suportarem* o que os esperam e unidos o bastante para se *ajudarem* quando for necessário.

Ele segurava uma faca de lâmina recurva. Ora ou outra cravava a ponta na madeira da mesa ou a arranhava na superfície, indiferente se aquilo nos incomodava ou não.

— Além disso, o Lorde que ameaça este mundo tem em seu *séquito* os Íncubos e os Súcubos, que nosso *amigo* aqui já conheceu — o maldito apontara para mim —, além de *Quimeras* e alguns Criativos corrompidos. Ou seja, um *exército* perigoso de criadores e criações.

— Quimeras?! — estranhei.

— Parecem Íncubos e Súcubos, porém são capazes de *materializarem* nossos *desejos* mais profundos para nos

enfraquecerem — respondeu Marcélia.

Cada vez mais eu me apavorava com o fato de estarmos indo para um lugar tão *inóspito*.

— Quando os Lordes criaram o Deserto, tinham em mente um local no qual pudesse haver um *confronto* entre os Criativos e seus medos — disse o nosso guia. — Era uma forma de ajudar a pessoa a superá-los. Com o tempo, contudo, o local deixou de ser *visitado* até se tornar algo muito *selvagem* para vocês, a maior *barreira* para se chegar aos Pilares.

Sua estranha faca foi enterrada até a metade da lâmina na mesa, no meio do mapa do Deserto.

“*Pilares*” foi o que pude ler, apesar de o papel grosso e amarelado estar rasgado pela arma branca.

— Entenderam o motivo de ser tão difícil chegar até lá? — questionou-nos Pablo, fitando a mim e as duas moças.

Assentimos.

William riu e se afastou da mesa, indo para frente da plataforma.

— Estamos adentrando o Deserto neste momento — comentou.

Fomos todos para perto dele, notando a imensidão de areia vermelha e montes de formas estranhas.

— A partir de agora as maiores batalhas serão *travadas* — falou o ex-Juiz, encarando-nos com um sorriso sombrio.

Achei inicialmente que ele estava sendo *teatral*, exagerando no fato de aquele lugar ser o território de tantos perigos e ameaças. Mas, como logo viria a descobrir, não havia exagero naquela frase.

Agora que estávamos no Deserto, foi preciso que nos agasalhássemos um pouco mais, pois fazia um frio invernal ali; era como estar no meio da neve durante uma noite de vento seco num inverno. Apenas nosso *instrutor* permanecia insensível ao clima gélido.

Criei uma cadeira almofadada e me sentei num canto mais reservado, olhando o céu tão animado e pontilhado. Logo encontrei uma estrela de intenso brilho azul-prateado, um ponto brilhante que me chamou a atenção.

Anos atrás, até um pouco antes de conhecer minha ex-namorada, eu gostava de olhar para uma estrela como aquela — embora nenhuma até então tivesse metade daquele brilho — e pensar, devanear acerca do desejo de encontrar a minha *alma gêmea*. Foi assim que surgiu meu *primeiro* livro, um romance, quando tinha entre quinze e dezesseis anos.

— Alec — chamou-me a voz suave de Marcélia.

Virei-me.

— Posso fazer companhia? — indagou ela.

— Sim, claro — respondi, meio atrapalhado.

Era a primeira vez, desde o ocorrido na cidade-árvore, que minha Capitã vinha conversar comigo como outrora.

Uma cadeira de prata, incrustada de safiras, esmeraldas e diamantes, surgiu, sendo ocupada por minha superior. Foi uma criação minha, a qual ela agradeceu com um sorriso sincero.

— Está bem frio por aqui, não? — comentei, sem saber ao certo o que falar.

— Está — concordou ela. — Mas, durante o dia vai ser bem quente.

Sorri com *discrição*.

— Queria me *desculpar* por ter sido grosseira com você ultimamente — disse a fantasista.

— Sem problema — repliquei. — Até que *mereci*.

— Só um pouco, mas não tudo. Às vezes não sei controlar minhas emoções e acabo exagerando.

— Também sou assim. Não se preocupe!

Ela deu um leve sorriso.

— Como sua Capitã, eu devo *alertá-lo* apenas sobre o perigo de sua *desobediência* em momentos críticos — disse-me —, e como sua *amiga*, que me preocupo muito com você.

Provavelmente corei um pouco.

— Tome sempre cuidado com o que você escolher, pois poderá não ter meios de retornar! — pediu Marcélia.

— Tomarei sim.

Escolhas sem retorno eram coisas que sempre surgiam em meu caminho.

— Outra coisa: quero lhe pedir um *favor* — continuou ela, ainda mais séria.

— Pode pedir, Capitã!

— É algo muito importante, a julgar que aqui nossos maiores defeitos, medos e desejos *ganham* forma e vida.

Eu estava cada vez mais curioso e apreensivo.

— Quero que me *oriente* e me *ajude* quando meus medos ganharem dimensões *perigosas*, certo?

Estranhei o pedido.

— Quando eu ficar *fora de controle*, por favor, faça o que for preciso para me controlar! — explicou a contista, com um leve tom de desespero. — Use a força bruta, se for o caso, mas não me deixe *enlouquecer*!

Notei em seus olhos quase negros o surgimento de lágrimas. Hesitei diante das possibilidades que estavam em minha frente.

— Promete? — inquiriu-me, deixando correr livremente sua desesperação cristalina.

— Eu... eu... — atrapalhei-me, olhando seu belo semblante molhado.

Por que ela estava daquele jeito? Qual era o motivo de tanta desesperança e de tanta tristeza? O que tanto a atormentava a ponto de fazê-la pedir aquilo para mim?

— Por favor, prometa! — insistiu a Capitã, numa súplica.

— Claro que eu prometo — assenti, incapaz de continuar vendo tanto *sofrimento*. — Prometo que farei o que achar necessário.

A fantasista esboçou um sorriso de gratidão, um gesto que cortou meu coração, reabrindo feridas que não haviam se cicatrizado ainda. Era como um *flashback*, um *dèja vú* de uma parte futura ou sempre presente em minha vida.

Desviei o olhar, tão triste quanto minha superior. Lágrimas molhavam meu rosto, enquanto um turbilhão de imagens do passado me torturava e uma voz distante me chamava de “me amor”.

Parte Quatro: Descobertas

Capítulo 34: Calmaria

Chegamos à segunda parte deste segundo livro. É nesta parte que sucedem os momentos que me fizeram viver uma série de aventuras e desventuras por aquele Deserto; e conhecer outros Criativos e a mim mesmo.

Até o momento que você avança nesta linha, cada acontecimento foi apenas uma *fase preparatória* para o que nos aguardava naquele lugar. As batalhas contra os exércitos do Lorde, a conversa com Gariel, a aliança com William e tudo o que não consigo recordar agora, cada evento nos levou para lá.

Como se pôde ser notado, todos os cinco personagens envolvidos naquela jornada rumo aos Pilares tinham seus segredos, seus receios, seus sonhos, suas fraquezas. E foi através disso que tanto o mal quanto a *força criativa* daquele lugar nos atacaram.

Após o estranho pedido de minha Capitã, nada mais foi pronunciado, havendo um silêncio assustador entre nós. Creio que tenha se estendido por horas.

Não me preocupei em quebrar a ausência de diálogo; estava perdido em lembranças naquele instante, em devaneios. Pude escutar em meus ouvidos uma música suave e romântica; diante de mim um casal dançava meio desengonçado, entregue ao amor, sob um céu parcialmente estrelado, num sábado.

A *garota*, cujos cabelos loiros e pele macia faziam sonhar, fez juras de amor, revelou seus sonhos e desejos. Ela o amava muito... amava-me. Era a estrela que tanto olhava no céu.

Suspirei, entristecido.

— *Será que ela o amava mesmo?* — uma voz sussurrou em meu ouvido.

Olhei em volta, enxergando apenas Marcélia, que parecia adormecida sobre a cadeira almofadada.

— *Ou era tudo uma mentira, uma ilusão?* — continuou aquela voz *andrógina*.

Não respondi, lembrando-me de algumas *crendices*.

— *Que amor é esse que duvida, que hesita, que teme, que desconfia?*

Levantei-me, intrigado.

— *De que valeu tanto sofrimento de sua parte? Quantas lágrimas derramadas, quantos sacrifícios, quantos sonhos... Tudo jogado fora por causa do medo e da descrença!*

Meu corpo estremeceu.

— *Veja você! É um ninguém! Seu pai sentiria vergonha de vê-lo agora! Como alguém amaria um ser tão insignificante quanto você? Não é bonito! Não é rico! Não é inteligente! É apenas um tolo que acredita que pode mudar o mundo!*

Tudo aquilo me fazia ficar *nervoso*. Cerrei os punhos.

— *Não há força! É um fraco, um covarde! É incapaz de agir, de reagir! Nunca tomará uma atitude diante de um problema!*

Aquelas *afirmações* me atingiam com tudo, fazendo minha cicatriz na mão coçar de maneira dolorosa.

— *Nunca alcançará o que quer, pois não luta!*

— Chega! — vociferei, muito furioso.

Uma ventania se iniciou.

— O que foi, Alec? — indagou a contista, despertando de seu cochilo e me olhando, assustada.

— Não foi nada — menti, amenizando a voz.

Ela me olhou com desconfiança, porém nada mais comentou.

— Vou conversar um pouco com a Comandante Cíntia — falou-me, após alguns segundos.

— Certo.

Observei-a se distanciar, deixando *involuntariamente* surgir alguns pensamentos nada *puritanos* em minha mente. Desviei um pouco o olhar, arfando e tentando manter a concentração. Não seria bom me *distanciar* da razão.

Ao longe, à esquerda da aranha que nos transportava, um horizonte rubro revelava que o Lorde que ameaçava aquele mundo não descansava em sua *ambição*. Agia sem se deter a nada e a ninguém.

Qual seria a motivação de alguém que desejava corromper um lugar tão fantástico quanto aquele? O que estaria ganhando?

— Uma noite calma *demais*, não acha? — comentou a voz de Pablo.

Virei-me, fitando-o.

Sua cabeleira vasta se mexia um pouco devido ao vento frio e seco; seu casaco, uma pele de leão branco, aquecia-o.

— Sim — concordei.

— *Não* é um bom sinal — alertou ele, severo.

Voltei meu olhar para o horizonte longínquo.

— É o *prelúdio* de acontecimentos *turbulentos* — continuou o Capitão.

— Você acha mesmo? — retruquei, olhando-o novamente.

— Tenho certeza, amigo.

Sua voz era firme e pesarosa agora.

— Temo que amanhã se inicie uma série de *testes* e *provações* que nos farão atrasar bastante quanto ao nosso objetivo — completou, meio enigmático.

— Será que os outros conseguiram?

— Receio que não.

Aquele era meu *pressentimento* também. Desde o momento que adentrei o Deserto, eu tinha uma certeza de que os três Generais e Zarak não tinham conseguido alcançar os Pilares.

Ficamos em silêncio por um bom tempo.

Deixei-me novamente ser rodeado por recordações, entretanto agora mais distantes no tempo.

Eu era ainda criança e vivia vendo as brigas de meus pais. Minha mãe chorava e sofria devido às coisas ruins que meu pai fazia. E eu jurava que nunca seria igual a ele...

Nem percebi quando Pablo se afastara.

Ao dar por mim, notei que estava sozinho outra vez, contemplando o vazio.

Criei uma poltrona reclinada, pois a outra já havia desaparecido, e me deitei, embora sem sono. Passei horas olhando o céu até o amanhecer, quando o leste se *queimara* graças aos cavalos dourados que puxavam uma carroça em chamas. O astro-rei naquele mundo assumia formas distintas cada vez que eu o olhava.

Com o dia surgindo, o frio se extinguia, dando lugar a uma temperatura mais amena. Livrei-me, portanto, da blusa de frio roxa, ficando apenas com a camisa azul com detalhes brancos e a calça *jeans* acinzentada.

Logo os outros Criativos vieram até onde eu estava para apreciarem o nascer daquela manhã cheia de expectativas.

Notei que William permanecia sentado em sua cadeira, na mesa, diante de sua faca de lâmina estranha. Mantinha-se sério, e quando o fitei, ele ergueu a sobrancelha esquerda.

Senti-me *incomodado* e voltei a observar o leste, coçando a mão direita.

— Permaneceremos em *duplas* a partir de agora — disse Capitão Pablo, sem nos fitar. — Faremos isso em *escalas*. Cíntia e Alec, vocês ficarão juntos pela manhã, assim como Marcélia e eu. Depois serão as duplas Marcélia e Cíntia, Alec e eu. Por fim, Alec e Marcélia, Cíntia e eu. Um dever *vigiar* e proteger o outro de seus “demônios”, certo?

— Sim — concordamos, em uníssono.

E assim passamos a manhã toda, reunidos em duplas, um acompanhando o outro, independente aonde fosse.

Aproveitei a companhia de Cíntia para saber mais sobre ela. Descobri — após várias perguntas — que a Comandante fazia faculdade no Piauí, namorava um *cara* do Maranhão, onde também morava a família dela; ela me contou ainda que gostava de escrever e ler, sendo uma leitora voraz, principalmente de *litfan*, tornando-se, por causa disso, uma aspirante a escritora.

O diálogo rendeu muitos assuntos, sendo que vários deles nem me lembro totalmente para registrar aqui ou que não daria para citá-los com pormenores, de tão longos que foram. Mas, um trecho em especial — creio eu — merece destaque.

Falávamos sobre a parte mais pessoal da vida dela quando fui surpreendido com uma pergunta:

— Você *gosta* da Capitã, não?

Não soube bem como reagir.

— Como?! — espantei-me.

— A Capitã Marcélia... Você gosta dela, não?

Atrapalhei-me ainda mais.

— Percebi a maneira que você olha — explicou, sorrindo com graça. — Na verdade, *todos* nós percebemos.

Corei.

— E você se *arriscou* muito para salvá-la no Santuário, segundo ela própria me relatou.

— Só fiz o que achei certo — contra-arguntei.

— Sim, claro.

Havia *ironia* em seu tom de voz.

— Outra coisa: você se preocupa demais com ela também, além de *preferir* mais a companhia dela a nossa.

Ela sorriu ainda mais, quase rindo.

— Não é bem assim — defendi-me.

— Tudo bem; não ligamos para isso! — exclamou Cíntia, agora rindo.

Abaixei a cabeça.

— Só toma *cuidado* para não sofrer, viu? — advertiu-me.

— Certo — confirmei, olhando-a rapidamente.

A seguir falamos sobre nossas literaturas.

Pela parte da tarde foi a vez de fazer dupla com o Capitão, a quem havia sido entregue a liderança *voluntariamente* por nós — os outros Criativos — e que se mostrava tão interessado em chegar aos Lordes quanto o lovecraftiano.

Nossos diálogos também giraram em torno de nossos livros. Ele já era um autor publicado, um amante da literatura nacional, sobretudo a fantástica, assim como as duas garotas e eu.

Em nenhum momento se falou sobre nossos temores — talvez por medo de que pudessem se tornar *reais* e nos ameaçarem.

Entre um assunto e outro, dedicava um tempo daquela tarde para me perder na contemplação da paisagem desértica e de areia

avermelhada, com pouquíssimas plantas rasteiras e de aspecto seco. Era tudo tão vermelho, tão acobreado que doía meus olhos após alguns minutos.

O calor logo se tornou intenso, obrigando-nos a criar enormes ventiladores e piscinas para nos refrescarmos. Óbvio que ninguém ali ficou de roupa de banho, mas sim com roupas mais leves e folgadas, necessárias para a ocasião.

Optei por um *short* acinzentado bem abaixo dos joelhos e uma camisa de malha branca, mergulhando-me com gosto na piscina — agradecia por naquele mundo saber nadar e mergulhar.

Quando vi minha Capitã, quase me afoguei.

Como estava linda! Muito mais linda com aquele vestido esvoaçante que roçava suas pernas, um pouco acima dos joelhos! Por causa de sua pouca estatura — creio que chegasse a ter um pouco mais de um metro e meio de altura —, poderia ser facilmente confundida com uma daquelas adolescentes que somente agora ingressam no colégio. Ou, mais poético, a uma *fada*.

Cíntia também trajava um vestido parecido, porém não se comparava a Marcélia — embora a Comandante fosse igualmente bonita e encantadora.

Na verdade, ambas formavam uma dupla *incrível* em inteligência, criatividade e beleza. Era impossível olhá-las e não gostar ou de uma ou da outra — ou de ambas.

A tarde, apesar de quente, passou divertida, entre brincadeiras e conversas despreocupadas. Por um momento parecia que estávamos de *férias* e não no meio de uma guerra.

Mas, como previu Pablo, aquele foi o prelúdio de uma grande e furiosa tempestade...

Capítulo 35: Tempestade emocional

Ao cair da noite, o vento seco e gélido dominou tudo. Agasalhamo-nos como consequência, exceto William, que durante todo o dia se mostrara insensível ao clima de modo geral. E distante de qualquer relação social conosco.

Pablo e nosso guia foram caçar.

Não me impressionei tanto com o entardecer, com o fim da tarde e o início da noite, o anoitecer. Sentia-me *angustiado* e triste, apesar de desconhecer os motivos. Havia uma *ânsia* estranha de desaparecer, de jogar tudo para o ar e sumir.

— *Incapaz, fraco, covarde...*

Outra vez aquela voz que eu desconhecia a origem se manifestava como se fosse a minha *consciência*. Ou seria?

Tentei ignorá-la inicialmente, afinal não é nada *saudável* ouvir vozes e respondê-las, certo? Busquei pensar em alguma coisa *avulsa*, talvez em *abelhas* e outros insetos; foi em vão.

— *Veja o que você nunca terá!* — pediu a voz andrógina.

Diante de meus olhos surgiram duas figuras; uma era bem conhecida por mim, *muito* conhecida. Ela era tão bela quanto fui capaz de me lembrar, tão encantadora quanto pensei que fosse, tão *sensual* quanto imaginei que poderia ser.

De todas as ilusões, de todos os devaneios, de todos os *pesadelos*, foi aquela cena que mais me machucou naquela semana tão fora do comum. O que presenciei, mesmo sendo um *truque ilusório*, causou um efeito.

Minha ex-namorada estava abraçada com um *sujeito* que eu não conhecia. Era um abraço tão *íntimo* e apertado, tão apaixonado e *erótico*! Eles se beijavam com *fervor*, sedentos pela *luxúria*.

Imediatamente meus olhos se encheram de lágrimas. Aquela *tortura* seria o bastante para me *derrubar* por muito tempo. Um tempo *indeterminado*.

Mas, por infelicidade e para meu tormento, aquilo era apenas o começo.

Aquele *cara* que a abraçava se atreveu a lhe morder a parte mole da orelha, que, por não ter brinco algum, era um ponto muito sensível — quase *erógeno*, arrisco-me a escrever. A mordidela causara o efeito desejado: a pele branca dela se arrepiara e seus olhos castanho-claros se fecharam.

Em seguida o desgraçado levou as mãos sobre as coxas e seios dela, aumentando ainda mais o meu sofrimento. Como *golpe de misericórdia*, ele a despiu, deixando-a apenas com as peças íntimas.

Fui incapaz de continuar olhando.

Virei-me rapidamente, os olhos inchados tanto por causa das lágrimas quanto do *ódio*. Dezenas de metros a minha esquerda estava minha Capitã, que se aproximava para fazer dupla comigo pelo turno da noite.

— *Veja o que você nunca terá!*

Sim. Eu nunca teria nada além da amizade de Marcélia. *Quem* eu era para querer mais do que isso? Não era *ninguém!* Assim como havia perdido a garota com quem sonhava me *casar* e formar uma família, perderia a fantasista para sempre.

— *Lute ou a perderá!*

Claro que eu lutaria, oras! Faria o que fosse preciso para tê-la comigo, para não perdê-la.

— Noite estranha, não? — comentou a contista, sorrindo levemente.

— É — concordei, com um plano em mente.

Minha mão direita coçava, ardia, doía, aumentando ainda mais a sensação de angústia e desespero que me dominava. Eu suava frio, delirava, sentia a cabeça doer.

— Você está bem, Alec? — preocupou-se ela.

Tudo em mim estava doendo, estava num estado de *ebulição*, desejando ser *libertado* o quanto antes. Era a hora de atender aos

meus desejos, de satisfazê-los pelo menos uma vez sem *medir* as consequências. Sem pudor.

Quando percebi, meus braços envolviam o corpo pequeno de minha superior, que se debatia e gritava, numa tentativa de se livrar de mim. Eu queria beijá-la, senti-la, tê-la... Eu precisava lutar.

De repente uma mão grande e pesada agarrou a minha camisa por trás e me puxou para longe da contista, jogando-me metros de distância, contra a parede.

Furioso, criei um gigante de titânio para destruir aquele *golem* maldito que me afastara de minha *amada*. Minha criação sacou sua espada enorme e decapitou o adversário, num golpe apenas, transformando-o em areia brilhante, que o vento carregou para fora da plataforma.

Marcélia corria para longe de mim, enquanto entre ela e eu surgiam estátuas com aparência de *deuses egípcios*, todos armados com escudos e armas típicos daquele povo do Nilo.

— *Ela está fugindo!*

Apressei-me a criar outros gigantes iguais ao primeiro, incitando-os a atacarem as criações da fantasista.

O embate foi fulminante! Meus guerreiros de titânio lutavam com louvor, porém os de minha superior também eram exímios no manejo daquelas armas que lembravam foices.

Ao notar algumas brechas entre os combatentes, passei por elas e corri atrás da Criativa, determinado a não perdê-la. Avistei-a dezenas de metros à frente; ela montava em seu grifo persa. Estava fugindo!

— Não! — urrei.

Imediatamente aquela pantera colossal que criei na batalha do Santuário surgiu galgando e pulou sobre a fantasista e sua criação, destruindo a última. A seguir encarou a primeira, soltando um som gutural, rouco e feroz.

Um enorme dragão deu uma rasante e agarrou meu felino negro com listras horizontais e brancas, destruindo-o.

— Não fuja! — implorei, quando Marcélia se levantou.

— *Você enlouqueceu!* — gritou ela, apavorada.

— Eu a amo! É isso!

Eu dava passos firmes em sua direção.

— Não... Você está delirando!

Ela estava visivelmente abalada.

— Não estou! — neguei. — É amor o que sinto!

A Capitã sacudiu a cabeça de modo negativo, enquanto lágrimas rolavam por seu rosto avermelhado.

— Tudo o que quero é fazê-la feliz!

Cada passo que eu dava para frente era um passo que ela recuava.

— Por favor, Alec! — suplicou. — Pare aí! Não se aproxime!

Teimei.

Quatro arqueiros apareceram entre nós dois, todos direcionando as pontas das flechas para mim. Por estarem encapuzados, não pude ver suas feições.

Hesitei por um ou dois segundos.

Uma enorme bola de fogo os atingiu.

Aquilo fez a garota soltar um grito assustado e olhar para cima, para o meu *dracogrifo*.

— Não quero machucá-la! — exclamei, continuando a andar.

Duas serpentes enormes se enroscaram a ela, imobilizando-a.

— Por favor! — implorava, olhando-me com o olhar desesperado.

Rocei as pontas de meus dedos em seu rosto molhado, admirado com tanta beleza e encanto. Como ela era linda! Era impossível resistir a tanta beleza! Como alguém em são juízo poderia resistir?

Totalmente imóvel, Marcélia era uma jovem *indefesa* e dada a mim para fazer o que quisesse. Era algo muito *tentador*.

— Alec?!

Virei-me para trás, vendo a Comandante Cíntia, que me olhava com uma expressão de assombro.

— O que você está fazendo?

Não respondi.

Criei duas enormes panteras negras, que impediriam que ela me *atrapalhasse*.

— Para seu *bem*, fique aí, Cíntia! — pedi, voltando a minha atenção para a contista, que permanecia incapaz de criar qualquer coisa para se livrar de meus ofídios negros.

Ela chorava, parecendo *anestesiada*, presa em suas *ilusões*.

De repente uivos, latidos vorazes e rugidos, além de sons de luta corporal me fizeram olhar outra vez para trás. Ainda vi um enorme lobo de pelos rubros abocanhar a garganta de uma das panteras, um segundo antes de ela virar pó acinzentado.

Os quatro lobos de olhos azulados e serenos me fitavam com firmeza. Atrás deles estava a sua criadora, que me encarava entre o medo e a determinação.

— Não sei o que você quer, mas não vou deixar — falou ela, a voz um pouco trêmula.

Sempre detestei ser atrapalho. Na verdade, ainda hoje detesto.

— Vá embora! — vociferei.

— Só se soltar a Marcélia!

— *Nunca!*

As feras lupinas rosnaram, em posição de defesa.

Reagi com ira, criando três golens, que atacaram os lobos com violência. Um deles esmurrou o maior deles, arremessando-o para fora da plataforma.

Aproveitei ainda para fazer meu dracogrifo avançar e atacar a Criativa que queria *estragar* os meus planos.

Quando percebeu que estava em perigo, ela se concentrou, fechando os olhos.

Por um momento, pensei que meu monstro a queimaria, dando-me a *vitória absoluta*. Contudo, para meu espanto, a poderosa rajada ígnea de minha criatura fora direcionada para uma *garota* de cabelos ruivos e esvoaçantes e olhos esverdeados.

— O quê?!

Mal meu espanto surgiu, ele cresceu ao ver um fogo avermelhado rodopiar o corpo dela e avançar contra minha criação, em forma de *águia*, destruindo-a. Não era possível!

— Como?! — assombrei-me, ora fitando a jovem pálida, ora a Comandante que a criara.

— Minha criação mais poderosa — respondeu ela, arfando.

Com certeza criar aquela garota em tão pouco tempo havia lhe exigido bastante esforço. (Percebo que, de tão *acostumados* a usarmos somente dez por cento de nossa capacidade mental, éramos facilmente levados a nos cansar depois de uma série de criações.)

Embora cansado, eu ainda tinha força o suficiente para dar uma lição tanto naquela Criativa *intrometida* quanto em sua criação com a capacidade de manipular o fogo, tocá-lo sem sofrer danos e devolvê-lo ao ponto de origem com o poder de destruí-lo.

Fechei as mãos, estalando os ossos dos dedos.

Calmamente caminhei para perto de Cíntia, sentindo em meu corpo uma sensação estranha e prazerosa, uma vontade intensa de *matar*.

Capítulo 36: Embate

Um dos *sintomas* da *fadiga mental* é o cansaço excessivo, algo tão intenso que chega a impossibilitar até a habilidade de pensar, pois a cabeça dói terrivelmente. É uma dor tão grande que chega a torturar e cegar.

E eu começava a sentir as têmporas latejarem, o que apenas aumentava a minha ira. Naquele momento a palma de minha mão parecia em brasa.

— Não quero machucá-lo, Alec — disse Cíntia, provavelmente temendo meu contra-ataque.

Ignorei-a, criando agora guerreiros de terracota armados com escudos e espadas. Ordenei a cinco ou seis que atacassem a garota de cabelos rubros, que ainda segurava em uma das mãos uma labareda vermelha. Aos demais mandei atacarem a Criativa.

A Comandante *invocou* seres humanoides de pele pálida e olhos avermelhados. Eles não possuíam armas, contudo eram dotados de grande força: com chutes e socos potentes destruíram minhas criações com certa facilidade.

Criei a seguir *lobisomens*, que avançaram contra aquelas criaturas que pareciam *vampiros*.

Foi um confronto violento entre as duas forças, resultando em baixas consideráveis para os dois lados. Apenas uma criação sobrevivera ao combate: uma jovem loira, tão linda quanto *ela*.

Por um momento hesitei.

Tempo suficiente para a garota ruiva correr para perto de Marcélia — após eliminar meus guerreiros de terracota — e queimar as duas serpentes, libertando-a.

Quando voltei a mim, minha Capitã e Cíntia me cercavam, ambas criando suas tropas de combatentes.

Dezenas de seres formavam um círculo ao meu redor; eram lobos colossais e de pelos eriçados, arqueiros encapuzados, criaturas de pele pálida e olhar avermelhado e mulheres com *asas transparentes e varinhas de condão*.

— Pare com isso! — ordenou a fantasista, grave. — Você está delirando!

Eu olhava em volta, procurando um meio de escapar. Lamentei por não ter lido *A Arte da Guerra*, de Sun Tzu, quando tive a chance.

— Podemos ajudá-lo! — gritou a Comandante.

Ajuda?! Quantas vezes as pessoas diziam que me ajudariam e não o fizeram? Quantas vezes caí em *ciladas* e *armadilhas* por acreditar nas pessoas?

Não, eu não precisava de ajuda!

Achei uma brecha pequena entre as *fadas* e as feras lupinas.

Sorri, criando naquele ponto uma granada.

— Vocês *não* me conhecem — falei, fitando uma a uma, com todo o *cinismo* nos lábios.

Antes que as duas entendessem o que eu tramava, algumas dúzias de suas criações foram consumidas numa grande e *avassaladora* explosão, transformando-se em pó brilhante e colorido.

Criei aqueles gigantes de múltiplos braços que tanto me foram úteis na batalha do Santuário, ordenando que atacassem os meus adversários. Eles tinham somente *um terço da metade* da altura e do porte dos originais, mas ainda assim eram poderosos.

Enquanto meus modestos *colossos* lutavam contra as criações de ambas, revesti-me com uma armadura de metal leve e resistente, forte o suficiente para suportar muito impacto, um escudo com a forma de um "V" retorcido e uma espada de lâmina irregular.

Com aquelas armas potentes pude lutar contra algumas criaturas e ir de encontro às duas Criativas, que montavam um enorme *dragão europeu*.

— Vocês não vão fugir! — exclamei, correndo.

Nunca fui bom em corridas, porém ali eu era capaz de vencer esse limite e pular sobre o dorso do monstro *reptiliano*, cravando a espada com força em sua costela.

O animal urrou, realizando movimentos desajeitados; jogou-se na *murada* da plataforma, quebrando-a e caindo, levando consigo as duas amazonas e eu.

Segurei-me como pude, enxergando o chão arenoso que se aproximava.

A queda foi estrondosa e dolorosa, destruindo o dragão e espalhando areia para todos os lados, misturando-se ao pó incandescente resultante da destruição do ser fabuloso.

Tossi um pouco, fazendo um esforço descomunal para me sentar.

A poeira avermelhada, com resquícios cinzentos, dificultava um pouco a minha visão, porém distingui o vulto da aranha gigante se distanciando.

Minha audição detectou a presença das Criativas por ali.

Levantei-me com um pouco de dificuldade, pegando a espada. A armadura havia *absorvido* grande parte do choque, entretanto não amassara nem um pouco.

Andei, procurando tanto Marcélia quanto Cíntia.

— *Castigue-as!* — incitava-me aquela voz andrógina.

Era o que eu faria, com toda a certeza.

Castigaria a ambas. Castigaria a Comandante por ter me atrapalhado na realização de meu sonho. Castigaria a minha superior por ter me ignorado e fugido.

Por muito tempo as pessoas tenderam a me ignorarem, independente de qual fosse a circunstância. Era como se eu fosse alguém que não merecesse alguma mínima *importância*, que não merecesse um pouco de atenção.

Sempre houve quem me *subestimasse*.

Até hoje há quem duvide de minha capacidade, de meus sonhos; há quem duvide das coisas que sou capaz de fazer. Tudo isso me incomoda.

Não quero que me *superestime*, é claro, mas também ser olhado com *desprezo* não dá certo, não é?

A poeira principiou a se extinguir, voltando para o chão, já sendo possível distinguir melhor o cenário a minha volta. A noite, ainda no início, não me atrapalhava tanto.

A pouca luz *crepuscular* me permitia vislumbrar as coisas e buscar as duas moças que me atacaram; deviam estar caídas ali por perto.

Hoje, enquanto me lembro e escrevo este relato, sinto-me envergonhado por ter agido tão *covardemente*, feito tudo aquilo com pessoas tão maravilhosas, por tê-las agredido com tanta violência.

Encontrei-as metros à frente, entre duas pedras enormes; estavam *encurraladas*. A Comandante tinha o corpo *inanimado* de minha Capitã no colo, sobre as pernas dobradas; ela me olhava com *pavor*, enquanto de seus olhos castanho-escuros vertiam lágrimas abundantes.

Aproximei-me, roçando a ponta da lâmina no chão macio e arenoso; cada passo meu parecia provocar um soluço de medo em Cíntia, obrigando-a a pressionar as costas contra a pedra atrás de si.

Assim que estava próximo o suficiente das duas, ergui a arma, ofegante, e encostei a ponta no queixo da jovem consciente, olhando para Marcélia, que estava muito machucada e sem qualquer tipo de movimento.

— Ela... ela... — balbuciei, muito surpreso.

Olhei rapidamente para a garota que eu pretendia matar.

— Ela *morreu*? — indaguei.

Toda a resposta que obtive foi o choro desesperado da Comandante.

Meu Deus! O que eu havia *provocado*?

O véu ilusório que me cegava caíra no solo avermelhado, dando-me a capacidade de ver o mal que havia sido causado. Diante de mim estava o corpo *inerte* da Criativa que *eu* tanto estimava sobre o colo de uma jovem que *eu* quase ia matando também.

Que *espécie* de monstro eu havia me tornado?

— Eu... eu... — tornei a balbuciar, as lágrimas rolando pelo rosto em quantidades *exorbitantes*.

Não houve mais tempo para nada.

Um disparo; e minha mão direita doeu terrivelmente, fazendo-me largar a espada e me virar para trás, estacando a hemorragia com a outra.

Uma mulher com trajes justos e curtos demais a meu ver, chapéu de *cowboy* e máscara de *bandida* me encarava, apontando para mim uma pistola ainda fumegando.

Capítulo 37: Fuga e solidão

Minha mão sangrava sem cessar devido ao tiro. Meu corpo, sobretudo a cabeça, latejava dolorosamente, cansado de tanto lutar. E meus olhos, ardendo, fitavam aquela figura *singular*.

— O que houve aqui? — soou a voz de Pablo, surgindo em seu leão alado e de pelos azulados.

Atrás dele vinha nosso guia, que montava uma serpente *desprovida* de asas, mas que voava. Desceu num pulo da montaria, severo.

— Eu... eu... — tentei responder, mas a *culpa* me sufocava.

Eu havia enlouquecido e atacado minhas amigas, provavelmente matado uma delas! Como *justificar* um crime tão *covarde* e *hediondo*?

— Ele foi *corrompido*, não percebe? — informou o ex-Juiz, caminhando com passos largos em minha direção.

Antes que pudesse fazer qualquer coisa, William pegou minha mão ferida e a ergueu, mostrando ao Capitão a palma ensanguentada.

— Deus! — exclamou o Criativo, alarmado.

A pistoleira preparou a arma, engatilhando-a, como reação, aguardando o comando para atirar. E *não hesitaria* quando tivesse a ordem.

— E veja o que ele fez com as duas! — continuou o guia, apontando para trás de mim, para as minhas vítimas.

Olhei a palma de minha mão, enxergando a mistura macabra de sangue e uma substância que me pareceu *piche*, ambos oriundos do ferimento provocado pela bala — que atingiu precisamente a minha cicatriz recém-aberta.

Não! Não poderia ser verdade!

Contudo, as provas indicavam a pura e cruel verdade: de algum modo eu fora *contaminado* pelo mal que fizera o Comandante Marlus me atacar com tanta vontade de matar, pelo mesmo mal que ameaçava aquele mundo.

Aquilo foi um *golpe de misericórdia*. Foi o início de minha própria jornada, na verdade; uma jornada de *autodescobertas*. E descobertas surpreendentes.

Criei uma pantera negra e corri ao seu encontro imediatamente, montando em seu dorso ainda no processo de criação. Quando a criatura ficou completa, ordenei que galgasse com extrema velocidade para longe dali.

— Você não vai fugir! — gritou William, com determinação no tom de voz.

Enormes *cães negros* surgiram metros à frente, latindo com ferocidade e exibindo dentes alvos e pontiagudos, enquanto seus olhos rubros faiscavam, queimando a escuridão.

Obriguei minha montaria a desviar.

Usei as forças criativas que pude e fiz um pequeno exército de terracota; não venceu as *aberrações caninas*, que possuíam uma *aura fantasmagórica*, mas me deu tempo para me distanciar de suas ameaças.

Receei um ataque ou do ex-Juiz ou de Pablo, porém depois de uns cinco ou sete minutos de fuga desenfreada me acalmei; haviam me deixado em paz.

Forcei minha montaria felina a galgar por muito tempo, talvez horas, desejando sempre ir cada vez mais longe do local de meus *crimes*. Queria o quanto antes acordar e nunca mais voltar àquele mundo.

A noite foi muito fria, *gélida*. Havia poucas estrelas e as nuvens negras cobriam a maioria, tornando tudo aquilo ainda mais sombrio. Era como se o clima *reforçasse* o meu estado de espírito.

Durante a minha escapada, apesar de já ter percebido que nem William nem o Capitão viriam atrás de mim, o medo de ser apanhado por alguém me atormentou.

Eu estava cansado, *exausto*. Não era nem tanto a dor física que me incomodava, mas a *mental*. A *culpa* me fazia reviver ora ou outra, sempre com maior intensidade do que anteriormente, o que havia feito contra as duas Criativas.

Cada vez mais distante de todos, a escuridão noturna me abraçava e me conduzia a algum lugar desconhecido. Pouco me importava para onde iria, mesmo que fosse ao encontro da morte. Só queria estar longe, muito longe.

Lentamente fui sentindo menos cansaço e mais *disposição*, o que me fez criar uma tocha para iluminar aquela *treva* incômoda.

A criatura felina agora andava com mais tranquilidade, parecendo mais um gato gigantesco do que uma pantera de tão mansa que estava. Ela sabia que não havia mais perigo ou ameaça para nós ambos.

Era madrugada quando resolvi parar e preparar uma pequena fogueira e uma tenda para repousar um pouco. Criei o que julguei necessário, como os itens já citados e algumas *sentinelas* para me protegerem.

Ao longe, como *augúrios* lúgubres, havia sons de lobos — ou coiotes —, do vento assoviando como uma *alma penada*, de *alguma coisa a mais*. Algo um pouco assustador, posso garantir.

A solidão era perturbadora!

Eu falava sozinho, indagando-me e criando respostas — algo que ainda hoje faço com certa frequência, embora um pouco diferente de outrora. Claro que a culpa pelo ataque violento contra Cíntia e Marcélia era o assunto principal, mas de alguma maneira parecia que aquilo *não era* a minha *responsabilidade*.

Quando começou a chover — muito forte, por sinal —, entrei na tenda e me enrolei em cobertas grossas, aquecendo-me como me foi possível. Se não fosse por uma lamparina de pouca luminosidade, teria ficado outra vez na escuridão.

A chuva caiu por longas horas, aumentando ainda mais a tristeza que caíra sobre mim. O som das gotas volumosas indo de encontro à lona ou ao chão agora encharcado era um som *monótono* e *depressivo* aos meus ouvidos.

Assim que cessou, os primeiros raios daquela manhã amena iluminavam o cenário, convidando-me a sair e *espiar* tudo ao meu redor. Como eu não havia dormido — apenas ficado acordado, ouvindo a chuva, e chorado dores recentes e antigas —, saí logo e observei o que me foi permitido.

Estava numa parte daquele Deserto que era — até o momento — bem *peculiar*: um campo de vegetação rasteira e seca, de tom amarelado e *enferrujado*, tal como a areia; poucos arbustos dividiam o espaço com as ervas que pareciam *imitar* a grama.

Ergui o olhar, enxergando ainda as nuvens acinzentadas que se afastavam, dando lugar a um céu anil. Logo o *astro-rei* daquele mundo tornaria o clima tão quente quanto o dia anterior.

Não demorei a continuar *vagando* sem rumo certo.

Minha montaria agora era uma criatura reptiliana esguia, com quatro patas potentes e aparência de *lagarto*; possuía uma cauda longa, que *chicoteava* o ar com graça e ferocidade.

Como a ausência dos Criativos me incomodava! Parecia que uma parte de minha vida havia sido *arrancada*!

Meu lagarto gigante andava calmamente, permitindo-me analisar com cuidado a paisagem desértica, que não deixava de ser tão encantadora quanto um campo florido.

Perguntei-me se haveria algum Criativo por ali, alguém além de mim. Foi uma pergunta muito *idiota* para o momento, afinal quem mais se atreveria a vagar sem destino por um lugar tão perigoso? Ou haveria outra pessoa por ali, alguém que havia cometido um crime e andava pelas areias escaldantes para *expiá-lo*?

Pensei nos três Generais que haviam se aventurado com o *monstrinho* por aquela região *hostil*. Estariam bem ou teriam *perecido* na tentativa de alcançarem os Lordes?

Não sei se foi *miragem*, intervenção das Quimeras ou minha imaginação muito fértil, mas o fato é que comecei a ver ao meu redor, ora na frente, ora de um de meus lados, cenas do quarteto andando por ali.

Elric estava montado no que me pareceu um dragão desprovido de asas, tendo em punho uma espada cravejada em alguns pontos com cristais azulados; Alfredo montava um coioote com *proporções*

equinas, mantendo a expressão séria e autoritária; Amaury usava uma criatura cheia de pernas — como uma aranha ou um escorpião, embora não fosse nem um nem outro —, tendo no semblante uma expressão enigmática e austera; e Zarak, meu amigo, *levitava* suavemente, parecendo mais um personagem de *desenho japonês* do que uma invenção minha.

Do mesmo modo que apareceram, como uma lembrança distante, desapareceram, deixando-me mais uma vez sozinho numa imensidão avermelhada.

Eu estava *condenado* a caminhar por horas pelo Deserto e nunca encontrar ninguém até que o Lorde — ou alguém que o servisse — me achasse e me matasse?

Não era aquele futuro que pretendia para mim.

Olhei a palma de minha mão, que estava enegrecida, tão enegrecida que tive certeza de que estava *necrosada*, apesar de não haver o mínimo sinal de imobilidade. O local da cicatriz ostentava um rastro rubro e horrível, parecendo estar em carne viva ou coberta por sangue quase fresco. Mas, *não doía*.

William dissera que eu estava corrompido pelo mal.

Seria verdade e uma possível *justificativa* para a crueldade do meu ataque na noite passada?

Novamente a dor da culpa me dominou.

Eu era o *responsável* pela morte de uma garota linda, inteligente e carismática. Havia enlouquecido, perdido o controle e a matado sem pestanejar. E quase feito o mesmo a outra.

Como antes, odiei-me muito.

Quantas vezes eu havia colocado tudo a perder por tomar decisões e atitudes *impensadas*?

Recentemente, por exemplo, agi por impulso e perdi algo de considerável importância para mim; acho que é uma característica minha — uma coisa *fixa* e *imutável* de minha personalidade.

Rasguei um pedaço de minha camisa e cobri o ferimento, deixando apenas parte dos dedos visíveis. Não queria ficar olhando para aquela ferida horrível e *vergonhosa*. Era uma parte de minha vida que queria esquecer. Mas, assim como muitas outras, não esqueceria.

Meus olhos fitaram a *imensidão* à frente, vislumbrando a monótona areia avermelhada.

Arfei, pensando como seria longa a jornada rumo a *lugar nenhum*.

Capítulo 38: Os heterônimos

A *solidão* me torturava.

Não havia ninguém com quem pudesse desabafar o que sentia, ouvir-me e me aconselhar. Seria muita loucura se eu começasse a conversar com aquele lagarto gigante — além do mais, não obteria resposta alguma de sua parte.

Tudo o que eu poderia fazer — na verdade, a *única* coisa a ser feita — era conversar sozinho, criar um *diálogo de uma pessoa*, como apelidei minhas conversas, um *monólogo*.

O calor era forte, obrigando-me a mudar de “transporte” antes do que julguei ser o meio-dia; agora eu estava no interior de uma carroça coberta, que era puxada por criaturas de passos lentos e pacientes. O espaço me permitia ficar sentado ou deitado, esticar as pernas ou cruzá-las, criar alguns seres pequenos para, bem, brincar ou simplesmente ficar sem fazer nada.

Depois de algumas horas, tudo aquilo se tornou *rotina*.

Procurei alguma coisa diferente para fazer, contudo logo me cansava.

E, entre uma brecha e outra, surgia uma *oportunidade* para pensar no incidente da noite anterior.

Como uma mente *ociosa* e sem ter o que fazer é capaz de pensar tantas coisas! Bastam uns instantes de ócio e surgem as ideias mais originais!

Marcélia estaria ferida ou morta? Estariam os três Generais bem? Estaria o Lorde espalhando o mal ainda pelo mundo ou já rumava de vez ao seu objetivo? E Zarak? Ele estaria bem?

A impaciência me invadiu, fazendo-me repetir movimentos e gestos, cantarolar trechos de músicas que gosto, *recitar* poemas,

frases e fragmentos de livros. Quando a falta do que fazer cresceu, bati palmas, *encenei* trechos de livros e filmes, voltei a falar sozinho.

Logo que se esgotaram todas as coisas possíveis — e improváveis — para se fazer, indaguei-me por que demorava tanto para eu acordar. Nem fazia mais noção de quanto tempo havia que eu estava naquele mundo.

Outra vez me deixei levar pela imaginação e pensei como seria bom se tivesse um *irmão gêmeo* e que ele pudesse participar da Guerra dos Criativos. Sempre foi meu sonho ter um irmão quase de minha idade; eu tenho três irmãs e um meio-irmão apenas.

Bem, na verdade, minha irmã caçula é minha *meia-irmã* por parte de mãe, mas a considero como irmã — enquanto o filho de meu pai com outra mulher é somente *meio-irmão* mesmo, o qual eu não nutro muito sentimento. Coisa familiar e meio complicada de explicar.

Cresci quase sem contato com meninos de minha idade, sendo cercado de brinquedos — que me permitiam criar cidades, fazendas, aventuras, batalhas e tudo o que minha criatividade permitisse. Ora ou outra, em algum momento de minha infância, tive a sorte de ter alguém para brincar, mas nada que demorasse tanto quanto gostaria.

Se não fosse Zarak, a solidão naquela fase de minha vida teria sido insuportável e muito *deprimente*.

Desejei muito ter a companhia de alguém, qualquer pessoa ou criatura racional que fosse capaz de me ouvir, ouvir o que eu tinha a dizer, perguntar e me responder.

Talvez *resultado* de meu desejo ou mais um dos *segredos* daquele mundo — cujo nome ainda desconhecia —, o fato é que diante de mim apareceram não um, mas dois *duplos*, cópias exatas de minha pessoa, embora houvesse pequenas e notáveis diferenças entre nós.

O primeiro duplo a aparecer era de aparência severa, alguém rígido e de poucos amigos, uma *versão* um pouco mais *velha* e séria de mim; tinha os cabelos negros bem curtos, não usava óculos e ostentava uma barba rarefeita, um estado obtido um pouco mais de

uma semana depois de ter sido devidamente aparada. Usava no pescoço um colar de prata, como uma pequena corrente, com um pingente em forma de triângulo; em seus dedos possuía mais anéis do que eu. Trajava uma calça *jeans* preta e cheia de bolsos, com alguns chaveiros presos, uma camisa de manga longa roxa e tênis pretos com detalhes brancos.

Minha primeira impressão ao vê-lo foi a de compará-lo ao lovecraftiano, questionando-me se seria aquela minha aparência se eu me aprofundasse um pouco mais no gosto pelo *rock* e pelos textos mais sombrios que tanto rabiscava nas horas vagas; se aquele seria minha versão mais obscura e revoltada.

Antes que pudesse iniciar algum diálogo com ele, o segundo duplo surgiu ao seu lado. Este era mais *jovial*, quase tão jovem quanto eu, tendo um sorriso carismático no rosto; seus cabelos estavam um pouco grandes, assim como estavam os meus antes da visita à tenda da Grace, *perfeitamente* encaracolados com a ajuda de algum gel ou creme fixador. Abaixo de seus óculos — iguais aos meus — havia um olhar esperançoso e romântico. Suas roupas eram uma calça *jeans* azul, uma camisa de botão branca e tênis branco, com detalhes acinzentados, bem casuais.

Ao examiná-lo, tive a sensação de ver um jovem poeta, uma pessoa tímida nos gestos e poética nos textos, o que me fez sentir saudade dessa fase de minha vida, quando a *poesia* era uma de minhas qualidades, quando havia em mim uma fogueira mais intensa de sonhos, amor e alegria.

Era uma situação muito esquisita aquela na qual me encontrava. Parecíamos *trigêmeos*, sendo o primeiro duplo o mais velho, eu o do meio e o segundo duplo o irmão caçula. Olhávamos um para o outro não com espanto, mas com fascínio, parecendo um sentir *orgulho* do outro.

— Oi — quebrei aquele silêncio que pairava sobre a gente.

— Oi — retribuiu o poeta, sorrindo cordialmente.

O outro apenas ergueu um pouco a cabeça, cumprimentando-me sem emitir um som sequer.

— Quem são *vocês*? — indaguei.

— *Alastair Dias*, autor de *gore*, fantasia erótica, horror, suspense, ficção científica, *terrific*, *dark fantasy*, *steampunk*, *et cetera* — respondeu o primeiro duplo, com certo orgulho no tom da voz.

— *Alécio Silva*, poeta, contista e romancista — apresentou-se o outro, em seguida, também demonstrando um leve orgulho.

Não sei o porquê, mas também me apresentei:

— Sou Alec Silva, escritor de literatura fantástica.

Quando se fala em literatura fantástica — ou litfan, para os mais íntimos —, pensa-se em muita coisa, certo? Tudo bem que eu escrevia outros *gêneros*, alguns mais realistas, quando inspirado, porém a litfan era mais intensa em minha vida, algo que me seguia desde criança.

— Vocês se *parecem* comigo — comentei, depois de alguns segundos de silêncio absoluto.

— Não parecemos — explicou Alastair, tirando do bolso da calça uma caixinha de chiclete —, *somos* você. Somos seus *heterônimos*.

— Heterônimos?!

— Sim — confirmou Alécio, contente.

— Pensei que só poetas, como o *Fernando Pessoa*, pudessem ter.

— Na verdade, sim.

Olhei para o meu duplo mais velho.

— *Mas* você, de algum modo, conseguiu nos criar e nos tornar *reais*, assim como fez com Zarak — continuou ele.

— Somos as partes mais *heterogêneas* de sua personalidade — explicou o poeta, fitando tanto a mim quanto o outro. — Alastair e eu somos como a água e o azeite: nunca nos *misturamos*. Mas você nos *une* e nos permite *agir* em você, fazendo-o escrever o que quiser escrever.

— Então, vocês são as minhas partes criativas?

— Não! — exclamou Alécio, rindo.

— Você *é* o Criativo. Nós *somos* apenas o *complemento*, entende?

Era um fato curioso como os dois heterônimos falavam iguais a mim, com a mesma voz e forma de unir as palavras numa frase, contudo com tons um pouco diferentes.

— Acho que sim — respondi.

Alastair coçou a barba rala, pensativo. Em seguida, com seriedade, voltou a falar:

— Você, Alec, escreve normalmente *high fantasy*, aventura e temas ou infanto-juvenis ou juvenis. Tem momentos, contudo, que surge aquela vontade de escrever algo *diferente*, como *dark fantasy* ou *gore*, como ocorreu quando você fez dezoito anos; quando isso acontece, eu me *manifesto* e o *ajudo* a fazer a ideia se tornar possível.

— Ou quando surge uma vontade de fazer um poema ou uma história mais *amena* e *romântica*, como ocorreu há algum tempo, eu o *ajudo* — completou o poeta.

Eu começava a entender melhor.

— Portanto, nada o impede de assinar suas obras com os três *pseudônimos* disponíveis, sendo que dois são, na verdade, heterônimos — finalizou o autor de temas mais violentos.

Será que era assim que Fernando Pessoa conversava com seus *trezentos* heterônimos? Tal pensamento me fez rir baixo.

— Vocês vão me acompanhar por quanto tempo? — perguntei.

— Como você está sozinho, vamos ficar num pequeno acampamento até o seu retorno — respondeu Alastair, em tom grave. — Se não o fizermos, você correrá o *risco* de voltar para cá em qualquer lugar, até mesmo no meio de algum campo de batalha.

Estremeci diante daquela possibilidade.

— Não se preocupe! — tranquilizou-me Alécio, sorrindo. — Vamos garantir o seu retorno seguro.

Sorri.

Logo os meus olhos se fecharam.

Quando se abriram, eu estava de volta a este mundo, numa monótona manhã de domingo.

Capítulo 39: Grandes amigos

Minha cabeça doía mais do que no dia anterior, sendo praticamente impossível me levantar da cama. Tudo girava, rodopiava. Havia um gosto amargo em minha boca. Sentia meu corpo *febril*. Tomei algum analgésico e continuei deitado.

A tristeza me dominava e me fazia querer chorar — parte desta vontade se devia também a dor de cabeça. Um turbilhão de imagens me deixava confuso, muito confuso.

Quando o medicamento fez algum efeito, levantei-me e cuidei de minha higiene matinal; depois tomei um pouco de suco e comi uma fatia de bolo.

Assim que o efeito do remédio aliviou quase por completo a dor, troquei de roupa e saí um pouco, visando visitar meu melhor amigo.

Naquela época, para minha felicidade, eu tinha poucos e bons amigos. Hoje tenho um pouco mais, porém mais da metade não se compara aos que conheci enquanto estudava e que permaneceram até o presente momento.

Meu amigo ouvia a sua banda preferida de *MPB* em um volume um pouco alto, enquanto a sua esposa — que é um pouco mais velha do que ele — fazia alguma coisa que agora que não me recordo.

Conversamos por quase duas horas, contando piadas, fatos que ocorreram durante a semana, entre outros assuntos. Tanto ele quanto eu parecíamos felizes — embora em mim existisse aquela tristeza —, sendo a nossa felicidade mais pelo outro estar bem do que por nossos próprios motivos.

Quando Daniel percebeu minha tristeza, perguntou a razão. Óbvio que não fui capaz de responder, mas creditei isso ao fato de estar perto de publicar meu primeiro livro sem apoio, sem um lançamento *decente*, sem todo o *brilho* que havia imaginado... sem *ela*.

Infelizmente — ao contrário do relato tão preciso que sou capaz de dar quando se refere ao que vivi naquele mundo —, não me lembro bem do que ele disse, mas foi profundo e inspirador.

Quando acabou a conversa, fui embora, para uma tarde muito chata e cansativa. Não escrevi nem digitei nada. Assisti televisão à noite — não fui à igreja — e depois deitei para dormir.

Capítulo 40: Emboscada

Ao abrir os olhos, deparei-me com um céu anil absoluto. Eu estava deitado na areia escaldante, enquanto sons de aves de rapina ecoavam por todos os lados. Se fosse um filme de *faroeste*, haveria aquela trilha sonora típica.

Sentei-me, olhando em volta. Estava no fundo de um desfiladeiro alto e *íngreme*, sobre um cascalho duro e quente. A seguir me pus de pé, sacudindo a poeira e procurando os meus heterônimos, sem, entretanto, encontrá-los.

Outra vez sozinho, criei um ser parecido com um dinossauro herbívoro e bípede, porém possuía escamas na cabeça, que de tão salientes eram parecidas com chifres, formando quase um *elmo*. Montei-o e iniciei a viagem por aquela trilha desconhecida, sem ter um rumo certo a seguir.

Enquanto minha montaria andava em passos lentos, dediquei-me a observar o local no qual me encontrava. Não era muito diferente do que eu pensava que seria um desfiladeiro de um deserto.

O que logo me incomodou foi a repetição dos sons das asas batendo e os pios agudos das aves de rapina, que até o momento não haviam aparecido. Algo ali não estava agradável.

Por precaução, criei cavalos e guerreiros de terracota para me *escoltarem*, posicionando quatro cavaleiros à frente, outros cinco atrás, seis à esquerda e outra meia dúzia à direita.

Continuamos a marcha por algumas horas até que tive a nítida impressão de que dezenas, quase uma centena de aves nos rodeavam, sedentas por algum ataque.

Apressei-me a reforçar meu exército, visto que uma batalha era inevitável. Criei agora centenas de soldados feitos de barro — ou argila — cozido, armando-os com lanças, escudos, espadas, arcos e flechas, montando grupos específicos e os espalhando em pontos estratégicos.

Como o ataque seria aéreo, criei alguns dragões acinzentados, pondo-os agarrados às paredes do penhasco, prontos para agirem. Ainda preparando minha linha defensivo-ofensiva, finalizei com *autômatos* armados com metralhadoras, fuzis, *bazucas*, mísseis e granadas.

Quando concluí, senti-me satisfeito pelo trabalho realizado. Não havia me cansado tanto quanto na batalha cruel que travei contra as duas Criativas, mas realizei um bom plano de defesa e contra-ataque.

Acredito que tenha demorado quase três minutos até que o combate começou.

Não eram aves de rapina que avançavam sobre mim e as minhas criações, mas sim enormes criaturas híbridas, meio humanas, meio aves! Eram, na verdade, *harpías*!

Choveu flechas contra as primeiras delas, fazendo-as se tornarem fumaça negra — e aquilo me apavorou, pois significava ou que alguém a serviço do Lorde me atacava ou o próprio estava ali.

Inicialmente os meus adversários foram derrotados com grande facilidade, entretanto logo começaram a revidar e a vencer os meus soldados.

Ordenei aos meus dragões e autômatos que atacassem sem piedade, tornando o desfiladeiro um palco de colisões alucinantes entre as minhas criações e as harpias.

Não demorou muito para surgirem *centauros* e *minotauros*, que avançaram contra meus gigantes com aparência humanoide, tentando detê-los a golpes de machados, martelos e marretas.

Eu precisava saber *quem* me atacava.

Assoviei para um dos seres dragontinos, que veio até mim e, num rasante, agarrou-me com precisão com suas patas dianteiras, subindo vertiginosamente, saindo do desfiladeiro.

Acima do palco no qual se desenrolava um combate mortal dezenas de harpias eram criadas e enviadas para baixo, num ritmo frenético. Algumas daquelas criaturas femininas e *bestiais* me olharam com *voracidade*, emitindo sons agudos e ameaçadores.

— Merda! — praguejei.

Meu dragão compreendeu o meu temor, pois se ergueu ainda mais e me soltou, fazendo-me gritar apavorado; caí por poucos segundos, pois logo em seguida estava no dorso do mesmo animal fabuloso que me soltara.

Percebi imediatamente que várias harpias — ou todas elas — me perseguiam, piando seus sons medonhos. Criei outros dragões, que eliminaram parte de minhas perseguidoras.

Eu sabia que o responsável por aquelas criações tão assustadoras deveria ser detido o quanto antes, pois, se não o fizesse logo, nunca conseguiria escapar dali com vida. Procurei *freneticamente*, enquanto minhas criaturas enfrentavam os monstros que tentavam me matar.

Fiz minha montaria alada realizar manobras sensacionais, inclusive soltar *labaredas* imensas contra os oponentes que surgiam à frente, direcionando suas garras mortais para nós. Com um voo rasante, a ponta de sua cauda roçou o solo arenoso, levantando poeira avermelhada.

Avistei uma figura humana sobre um pequeno monte, metros à minha esquerda. Tive a certeza de que era um Criativo corrompido por causa da pequena quantidade de fumaça negra sobre o solo, rodeando suas pernas.

Criei dezenas de arqueiros no solo, ordenando a eles que disparassem contra meu inimigo, sem cogitar a ideia de que poderia matar um *ser humano* como eu.

Quando se viu em perigo, meu adversário se protegeu com gigantes de pele esverdeada que portavam escudos. A seguir contra-atacou, enviando guerreiros de pedra para massacrar seus atacantes.

Uma lança imensa avançou contra o meu dragão, atravessando-lhe o pescoço e passando *zunindo* centímetros de distância de meu ouvido direito.

Minha montaria *evaporou*, reduzida a pó acinzentado, que se espalhou ao sabor do vento. Isso me fez cair alguns metros até atingir o solo e me ferir um pouco na areia quente e cheia de pedregulhos. Foi uma queda muito dolorida, posso afirmar.

Levantei-me com pressa, notando que estava cercado por um exército variado de criaturas que me encaravam com uma determinação *assassina* que me amedrontava.

Seria aquele meu fim?

Mal tive o pensamento pessimista de minha morte, cinco ou seis criaturas que me cercavam foram convertidas em poeira negra. Um ou dois segundos depois disso, para aumentar o meu espanto, mais meia dúzia de criações foram destruídas.

Logo mais e mais inimigos foram tendo o mesmo destino, enquanto eu tentava entender o que estava acontecendo — além de criar alguns espadachins para me protegerem. Por um breve momento — algo tão *evanescente* quanto um relâmpago —, pensei *piamente* na hipótese de que fossem os três Criativos que abandonei quem me salvavam. Ledo engano de minha parte.

Não demorou muito, porém, para que eu conseguisse vislumbrar alguns seres humanoides com máscaras brancas, trajes negros e sombrios, armas estranhas e agilidades anormais atacarem *hordas* com grande êxito.

Passado o assombro, apressei a criar autômatos com metralhadoras giratórias e fazê-los eliminar as harpias que nos sobrevoavam. Logo depois procurei o Criativo corrompido, ansiando vencê-lo e encerrar aquele combate.

Andei rodeado por alguns espadachins *brônzeos*, percebendo a ação eficiente daquelas criaturas de máscaras de porcelana ou mármore, desprovidas de expressões faciais. Havia aquelas que manejavam uma ou duas espadas; outras portavam chicotes enormes, metálicos e mortais, cortantes iguais espadas, ou cheios de espinhos. Quem era seu criador?

O meu inimigo estava fugindo num cavalo negro, assustador e alado, possuindo um par de asas de morcego. O desgraçado era *covarde* a ponto de abandonar uma batalha por algo ter saído de controle!

Não! Ele poderia escapar!

Criei um golem que atacou tanto o Criativo quanto a sua criação. O cavalo macabro foi reduzido à fumaça negra; o seu criador, contudo, foi agarrado com força e trazido até mim, no mesmo instante no qual as suas criaturas ou eram destruídas ou simplesmente *desapareciam* sem serem ao menos tocadas.

Capítulo 41: O trio corrompido

Minha vontade era saber quem era aquele maldito que tentara me matar numa *emboscada* e depois — se fosse o caso — *matá-lo*. Sim, *matá-lo*. Ainda residia em mim o *mal* que me fizera *desejar* Marcélia como se deseja um objeto e atacar Cíntia com extrema violência. Óbvio que era menos intenso, contudo latente e me fazia agir a seu bel-prazer.

O gigante de terra e pedras se aproximou com passos lentos, pesados e curtos, trazendo em sua mão imensa o Criativo, que se debatia e gritava numa língua estranha, porém um pouco familiar para mim.

Os guerreiros mascarados vieram até mim, entretanto apenas um deles — para o meu completo espanto — perguntou:

— O que irá fazer com ele?

Virei-me todo para examiná-lo. Não era uma criatura, mas um criador. Ele vestia-se como suas criações, contudo era mais lento nos movimentos e de porte que revelava um pouco de *sedentarismo*.

— Ainda não sei — menti.

— Entendo — falou, a voz serena. — Só tome a *decisão* correta, certo?

Estranhei aquilo, mas a aproximação do gigante me impediu de indagá-lo.

Quando pude ver quem havia criado aquele exército, outro assombro: *era* o Capitão Jean!

Como sou incapaz de transcrever suas palavras — que com certeza eram *xingamentos* —, pois mal sei a língua portuguesa —

imagina uma estrangeira? —, cabe a cada um imaginar o que ele tanto gritava em *francês*.

— Você *está* corrompido? — perguntei, meio incrédulo.

O *pintor* me fitou com ira, esbravejando em seu idioma.

— Conhece-o? — questionou-me o Criativo mascarado.

— Sim... acho que sim... nem sei mais... — atrapalhei-me na resposta.

O fato de Jean ser um servo do Lorde me incomodava, tirando o meu raciocínio lógico. Ele era meu inimigo, a quem eu deveria tomar o máximo de cuidado! Era uma revelação e tanto, não?

— Você *está* ou não *está* corrompido, oras? — indaguei-o, já ficando irritado.

Novamente o pintor respondeu em francês, com toda a certeza usando palavrões e xingamentos pesados.

Irritado, fiz meu golem apertá-lo com um pouco de força.

— Fale em *português*, oras! — mandei, encarando-o.

— Solte-me, por favor! — pediu ele, com sotaque, começando a ofegar.

— Primeiro, responda o que lhe perguntei! Você é ou não é um servo do Lorde que *está* destruindo este mundo?

O jovem de ascendência francesa respirou com dificuldade, talvez incomodado com o aperto firme da mão do gigante de barro que o segurava.

— Sim, eu sou — confirmou, encarando-me com severidade —, *assim como você é*, Alec Silva.

Arregalei os olhos, enquanto em minha mente as cenas da luta contra as duas Criativas e da revelação de William me deram um baita soco no estômago.

Eu era um humano corrompido. A *necrose* em minha mão direita era a prova, a marca que afirmava a minha condição macabra. Escondido sob aqueles pedaços de pano estava o sinal de minha *sina*.

— Não é só ele ou você que tem o *toque* do Lorde — interveio o Criativo mascarado, dando uns passos à frente.

Olhei-o.

— Sob esta máscara há o rosto de alguém que *fraquejou* por breves minutos e quase pôs tudo a perder — continuou ele, fitando Jean.

— Você é o Capitão *Diogo Virgílio*, não? — questionou o francês, com um sorriso de *deboche*.

— Sim, sou sim.

— Foi *graças* a você que o Santuário pôde ser destruído!

— O quê?! — exclamei, entre a surpresa e o receio.

— Envergonho-me de afirmar, mas *é* verdade.

Três Criativos com uma *ficha criminosa* bem suja: assim éramos nós.

— *Nenhum* de vocês *é melhor* do que eu! — esbravejou Jean, quase gargalhando.

— Ninguém aqui *afirmou* isso — observou Diogo, a voz firme. — Apenas mencionei que tive uma escolha.

Ter uma escolha...

— E você também tem — concluiu ele.

— Danem-se suas *filosofias*! — urrou o pintor, os olhos avermelhados.

O Capitão de máscara de porcelana branca abaixou a cabeça, parecendo pensativo.

— O que *ele* prometeu a você? — provocou o Criativo capturado, dirigindo-se a ele.

Percebi que os dois se conheciam desde o período anterior a destruição do Acampamento.

— E a você, Alec?

Eu não havia visto o Lorde; não havia sido estabelecido o mínimo contato. Portanto, ele não havia me prometido nada. Na verdade, tudo o que sabia era que havia sido *infectado* por causa daquela estupidez na aeronave, lá na cidade-árvore. E o ponto atingido fora uma pequena cicatriz na palma da mão.

— Até onde eu saiba — falou o mascarado —, ninguém ainda viu o tal Lorde.

Virei-me para ele.

— Ele é tão covarde quanto um *rato*. Usa os Criativos como peças de *xadrez* para derrubar os outros, descartando quem o serve

em nome do jogo — continuou Diogo, novamente firme no tom de voz.

— Mentira! — bradou Jean, parecendo desesperado.

— Mentira?!

A voz do novo personagem parecia *provocativa*.

— Fiquei sabendo que ele *matou* alguns servos ou *roubou* suas imaginações — prosseguiu ele. — Isso também é mentira? É mentira ou não, Capitão Jean?

Se a intenção era perturbar o prisioneiro, o resultado estava sendo alcançado com certo *louvor*.

— Servir a alguém que *menospreza* seus súditos e *ambiciona* o poder supremo é aguardar para ser menosprezado e *subjugado* — finalizou o mascarado.

Aquilo foi demais para a mente confusa do francês, que criou cinco enormes e monstruosos minotauros. Dois atacaram meu golem, destruindo-o. Os outros vieram em nossa direção, com clavas em punho.

Eu ia criar alguma coisa, contudo Diogo pôs a mão esquerda em meu ombro direito, pedindo:

— Não faça nada!

Estranhei o pedido. Entretanto, logo notei que as criações humanoides e mascaradas atacavam aquelas criaturas *taurinas*, eliminando-as com facilidade. A seguir, um deles, que portava um reluzente chicote prateado, avançou contra o pintor e lhe enrolou a correia no pescoço, puxando-o para perto de si.

— Irá matá-lo? — perguntei, surpreso com o que testemunhei.

— Não — respondeu o Capitão. — Apenas *acordá-lo*.

Quando o guerreiro com o chicote ficou a centímetros de Jean, agarrou-o pelo pescoço e o arremessou inacreditavelmente para cima, com a correia fora de sua garganta.

O corpo do Criativo subiu com grande velocidade, enquanto este gritava tomado pelo pavor. Creio que tenha ficado a quase meio quilômetro acima do solo quando a ponta *maleável* do chicote lhe agarrou o pé direito.

Com um movimento brusco, a criação de Diogo trouxe o Capitão enlouquecido de volta ao chão, fazendo-o descer de forma

vertiginosa. Seria uma queda violenta.

— O *subconsciente* vai *obrigá-lo* a acordar antes que se choque por causa da mudança de sentido de movimento — explicou-me o jovem mascarado, parecendo notar meu receio.

Antes que o corpo se colidisse com o solo arenoso, tive a impressão de ver o francês se *dividir* em dois. A metade mais leve *evaporou* rapidamente, enquanto a mais pesada rumou ao chão, levantando grande quantidade de poeira com o impacto.

— Ele acordou — falou Diogo, virando as costas para a sua criação ágil e o objeto que se chocara com a terra.

Capítulo 42: O Elo

Assim como você, leitor, eu também não entendi bem o que havia testemunhado. Bem, Jean havia sido arremessado para cima e depois puxado para baixo; a seguir, foi dividido em dois. Melhor: foi como se o seu *corpo* e a sua *alma* se separassem — e apenas esta desaparecesse...

Minha *curiosidade* estava me cutucando, chamando-me para ir até o local onde caíra o corpo do Capitão. Eu queria ver o que havia se chocado com o solo arenoso, tirar minhas conclusões.

Criei dois soldados de cobre e andei até o ponto do choque, que ficava quase cem metros de distância, escoltado por eles. A poeira ainda estava alta, dificultando a visão.

— Você sabia que a curiosidade é um *defeito virtuoso*? — indagou Diogo, ao meu lado, acompanhando-me.

— Estou sabendo agora — respondi, com seriedade.

— O que você verá é apenas o *Elo*.

— Elo?!

— Sim. É o que *liga* Jean com este mundo.

Sempre tive curiosidade sobre as idas e vindas de um mundo a outro.

— Normalmente, quando se vem pela primeira vez para cá, o Elo é o Acampamento — continuou ele. — Ou *era*, visto que foi destruído, não é?

— Entendi.

— Foi assim que vim parar aqui pela primeira vez, sabe?

— Meu Elo foi meu amigo imaginário, o Zarak.

— Uau! Você é o criador dele?!

O tom de sua voz era de espanto mesclado com admiração.

— Sim — respondi, sem compreender aquilo.

Estávamos próximos de uma pequena cratera.

Mais alguns passos e pude ver uma estátua negra com a aparência do Capitão Jean. Parte dela estava cravada no chão, coberta pela areia avermelhada.

— O Elo é uma estátua?! — espantei-me.

— No caso dele, sim. Mas pode ser um amigo imaginário, um local, como era o Acampamento, outro Criativo ou...

— Heterônimos?

— Como?!

— Heterônimos, duplos, *clones*... Sei lá o nome certo...

Diogo gargalhou.

— Nunca ouvi ninguém mencionar isso — disse ele —, mas creio que sim.

Calei-me, temendo ser visto como um louco.

— Quando você faz parte de um grupo — prosseguiu meu novo amigo —, surge um Elo que *sempre* o trará de volta a eles, como um *ímã*.

— E quando *todos* acordam? — inquiri. — O que acontece?

— O Elo é o local no qual o último Criativo a acordar esteve.

Meneei a cabeça, mostrando que havia entendido.

— No caso do heterônimo, como você apontou, o Elo é meio estranho, sabe? — observou o Capitão.

— Como assim?

— Dizem que Fernando Pessoa tinha *milhares* de heterônimos quando participou da Guerra, atuando como Capitão. Ele era capaz de *repartir* seu subconsciente em inúmeras unidades e atuar *conscientemente* em todas elas.

— Como se fossem clones?

— Mais ou menos. É uma habilidade rara. Não é qualquer um que é capaz de criar personalidades distintas de sua própria personalidade original e poder estar em *todas* elas ao mesmo tempo.

Aquilo me pareceu ser mais um sonho do que uma constatação; era como se alguém *sonhasse* ser capaz de tal proeza — assim como eu também desejei naquele momento.

— E é melhor sairmos daqui — disse Diogo, afastando-se —, pois não vai demorar muito para que Jean volte a dormir.

Segui-o, admirado com aquele sujeito tão peculiar.

— Você deve estar indo para os Pilares, não? — perguntou-me.

— Na verdade, nem sei para onde estou indo — respondi, olhando para o céu.

— *Aqueles* que não sabem para onde ir *costumam* ir cada vez mais longe, pois só param quando morrem.

Nunca entendi ser aquela frase um elogio ou uma advertência.

— Se quiser, pode me acompanhar até os Pilares — convidou-me ele. — Há *rumores* de que todos os Criativos do mundo estão indo para lá com as mais variadas *intenções*.

Estremeci um pouco. Não apenas o *receio* de reencontrar meus superiores, amigos ou companheiros de guerra — a quem eu havia causado tanto mal —, mas o *temor* de que alguém mal-intencionado conseguisse enganar os Lordes para se apoderar de seus dons e ajudar o inimigo.

— Irei sim — aceitei o convite, fitando o rosto mascarado do Capitão.

Nunca soube se ele sorria naquele momento.

Enormes cavalos de pele escamosa surgiram. Lembravam mais dragões do que equinos, porém relinchavam e bufavam como estes.

— *Cavalos-draconados* — falou-me Diogo, montando num ser de pelos curtos e negros, enquanto ajeitava a sobrecapa preta.

Suas criações imitaram seu gesto, restando apenas um cavalo-draconado para mim.

Quando montei o animal fabuloso, o grupo partiu, sob a liderança de um dos guerreiros, *aquele* que portava o chicote prateado e que fizera Jean acordar.

— Não é aconselhável vagar pelo Deserto sem uma *escolta* — explicou meu novo amigo, percebendo alguma expressão em meu rosto. — Há muitos males e perigos por aqui, todos capazes de arrancar tudo o que formos capazes de lhes darem.

— Ouvi dizer — falei, lembrando-me da conversa com William.

Óbvio que não contaria a ele que também havia sido *vítima* dos perigos daquele lugar, como o ataque do Súcubo ou a ilusão que me

fez agredir minhas duas amigas.

— Os Pilares... Demora muito para chegar até lá? — questionei.

— Como nunca fui para lá, nem sei quanto tempo levará — respondeu Diogo, com tranquilidade —, mas Zarak me mostrou o *caminho* numa *visão*.

— Por que ele faria isso?

— Porque eu *pedi*. Ele não podia me guiar naquele momento, pois precisava permanecer no Acampamento até o seu criador aparecer.

Agora tudo parecia ainda mais confuso.

— Diogo, quer me explicar isso direito? — inquiri, tentando raciocinar.

— Vou lhe contar a minha história, pode ser?

— Sim, sim, claro!

Ele respirou fundo, reunindo fôlego. Ajeitou-se sobre o dorso do cavalo-draconado, parecendo hesitar um pouco. A seguir me fitou, o que me causou certo desconforto, afinal não via seu rosto.

O que eu ouvi foi, na verdade, a primeira parte de uma *série de relatos* que me mostraram como era *grandiosa* aquela aventura naquele mundo e o quão *importante* era para todos os resultados daquela guerra que era travada.

Capítulo 43: O pequeno relato de Diogo

Minha vida fora deste mundo nunca foi fácil — começou Diogo. — Mas foi a literatura que me mostrou alternativas. Desde criança li livros sobre vampiros, terror, aventura, fantasia; li também histórias em quadrinhos, muitas no estilo japonês, os mangás. Tudo me influenciou de alguma forma.

Cresci e sempre tentei transmitir meus pensamentos e emoções para meus textos. Era uma forma de desabafar, sabe? (Assenti.)

Não demorou muito para gostar de trabalhar na parte de design também. Com isso, houve quem me chamou de um artista quase completo. (Rimos.)

Quando recebi a visita do Arauto, quase tive um ataque cardíaco, pois não é comum... melhor dizendo: não é nem um pouco normal alguém receber a visita de uma criatura mágica, não é? (Concordei, apesar de ora ou outra ter recebido a de Zarak.)

Embora o convite fosse irrecusável, eu o aceitaria mesmo assim se não fosse, afinal queria muito fugir um pouco da realidade amarga em que estava — e ainda estou — vivendo na Terra. Até me lembro de um filme no qual o protagonista pode escolher entre duas pílulas, porém no meu caso eu queria adentrar uma simulação e não sair dela, entende?

Bem, o fato é que li o Pergaminho e vi que bastava dormir para vir para cá. Tomei alguns soníferos pesados e quando percebi, estava neste mundo.

Cara, descrever o que senti ao me deparar com o Acampamento, com os Criativos e com as suas criações não é nada fácil, mas receio que você saiba bem como seja, como me senti.

Apressei-me a procurar um dos Juízes, perguntando-lhe sobre meu posto. Ele foi gentil, respondendo-me que eu seria um Capitão, sendo responsável por dois Comandantes, que graças aos Lordes saíram deste mundo, e servindo ao General Amaury. (Minha espinha foi invadida por um gélido e incômodo arrepio.)

Tive a honra não apenas de conhecer meu superior, mas também de conversar com outros Generais, como Lupus, que morreu em combate lá no Santuário, segundo fiquei sabendo, Elric, Alfredo e Renan. Na tenda de Grace conheci uma Capitã... Marcélia, se não me engano. (Outro arrepio, não muito incômodo desta vez.)

Dediquei-me naquele primeiro dia a treinar e conversar com todos; um número significativo ali era recém-chegado, exceto um, pelo que pude saber. Ele me pareceu estranho — mais do que meu General —; falava sobre um ataque fulminante e pedia ajuda.

Não pude ouvir toda a longa conversa que ele teve com Alfredo e Renan, porém logo notei que o primeiro se mostrou interessado, partindo de imediato com ele.

Infelizmente acordei.

É meio esquisito retornar para lá. Você não se lembra de tudo o que viveu. Tudo o que foi vivido aqui lhe parece somente um sonho vago, algo confuso. Talvez até se recorde de algo além de isso; mas a certeza... você não pode e nem consegue ter certeza de nada... se é real ou não...

Meu dia foi estressante. Não via a hora de poder parar e escrever um pouco. E quando o fiz, notei o Pergaminho. Como não me recordava da visita do Arauto, peguei-o e o abri, entretanto estava em branco, como sempre esteve até desaparecer. Larguei-o de lado.

Digitei até o começo da madrugada, entretanto nada de vir o sono. Outra vez recorri a soníferos, conseguindo assim dormir.

Assim que retornei para cá, Amaury me avisou de um combate contra Jean, o que me animou, pois seria a minha primeira batalha, a chance de testar minha criatividade.

Perdi o duelo após quase meia hora.

Quando meu oponente veio me cumprimentar, ele me falou sobre a oportunidade de ser tão forte quanto ele. Aquilo atçou meu

desejo mais secreto de poder. Aceitei a proposta sem pestanejar.

Uma pequena quantidade da fumaça negra que pairava sobre o campo de batalha se moveu vagorosamente até o Capitão, rodeando-o, enroscando-se nele como uma serpente, sem que ele se assustasse ou temesse o que aquilo poderia lhe fazer.

Antes que eu percebesse, uma criatura portando uma adaga surgiu entre ele e eu. Com um movimento ligeiro, a lâmina me arranhou a bochecha esquerda.

Praguejei, cobrindo o corte.

— Está feito — foi tudo o que Jean me disse, antes de se afastar.

Como me arrependo de ter cedido ao mal! Fui fraco! Era como fazer um pacto com um dos demônios do Inferno!

Voltei para o Acampamento e ninguém foi capaz de disfarçar o olhar para meu rosto, como se nele estivesse tatuado a minha culpa, o meu crime. Os Criativos evitavam manter algum contato comigo, exceto meu General, que parecia interessado mais do que nunca em mim. Foi ele quem me levou para um lago e me mostrou o que tanto perturbava os demais.

Meu Deus! Meu rosto estava quase todo coberto por veias ou artérias finas e enegrecidas! Minha pele havia necrosado! Desesperei-me a ponto de chorar e agarrar meu superior, exigindo uma explicação.

Com paciência, ele me explicou que eu estava amaldiçoado por alguma força que tanto ele quanto Alfredo e Renan investigavam. Havia relatos de outros amaldiçoados pelo mundo, ainda isolados, e logo o Tribunal seria informado, visto a gravidade que tendia a se tornar tudo aquilo.

Quis lhe contar quem me passara a Maldição, entretanto me calei, e nem sei bem o porquê, mas também não me arrependi. Nem sabia o motivo de tudo aquilo. E o preço foi que com isso o mal conseguiu adentrar o Acampamento e angariar mais seguidores, culminando na destruição do Santuário.

O General me deu esta máscara. (O Capitão apontou para a inexpressiva máscara de porcelana que o caracterizava.) E a uso desde então. Logo em seguida me ensinou sobre o Elo e me indicou

um Juiz, um ser bondoso e compreensivo, que me mostraria o que deveria ser feito.

Procurei os conselhos da criatura com urgência, sendo orientado a buscar os Lordes, que vivem além dos limites, no meio do Deserto, nos magníficos Pilares.

E assim venho fazendo até encontrá-lo...

Capítulo 44: Uma revelação surpreendente

— *Peraí!* — interrompi-o.

Diogo me fitou.

— O que houve? — indagou-me.

— Você me contou que Zarak lhe mostrou o caminho e...

— *Cara*, você ainda não sabe?

Se eu pudesse ver seu rosto, com certeza veria uma expressão ou de surpresa ou de espanto. Contudo, tudo o que via era aquela máscara branca e inexpressiva.

— Como?! — estranhei.

— Zarak é um Juiz — respondeu-me ele.

Quase caí do cavalo-draconado.

— Um Juiz?!

Em poucos segundos uma onda imensa de imagens, de perguntas e de incertezas invadiu a minha mente. Havia, claro, algumas certezas, entretanto nada tão intenso quanto a primeira trindade.

— Ele... ele... Não é possível! — duvidei.

— Pensei que você soubesse. Não queria...

— Ele *mentiu* para mim...

Minha mão direita começou a *queimar*, arder, coçar.

— Acalme-se, por favor! — pediu Diogo, parecendo preocupado. — Se você se *estressar* muito, a Maldição vai *controlá-lo*.

Eu ofegava, tentando me acalmar. A lembrança do ataque que fiz contra Marcélia e Cíntia me doía o peito.

— Alec, *orgulhe-se* por isso — falou o Capitão, trazendo-me de volta ao presente. — Um Juiz é o mais alto *posto* que uma criatura alcança; e tem que ser muito *especial* para conseguir tal *façanha*.

— Especial?! — surpreendi-me.

— Sim. Ele, seu amigo, é uma criatura muito *prestativa*, conselheira e solidária. Vi inúmeros Criativos irem até ele pedir conselhos e orientações.

Imaginei com riqueza de detalhes a cena.

— Quando o procurei, Zarak *não me disse aquilo que eu queria ouvir* — continuou ele, sereno. — Ele me contou sobre a pessoa mais *maravilhosa* que conheceu; contou-me sobre o quão sonhador era e as inúmeras dificuldades enfrentadas, porém ainda assim erguia o olhar para o monte mais alto do mundo e dizia “Eu vou alcançar o seu topo”. Segundo ele, essa pessoa aprendera seguir em frente, embora o corpo doesse ou o caminho fosse difícil.

Emocionei-me.

— E quem é essa pessoa? — ousei indagar.

— *Você*.

Aquilo foi o golpe de misericórdia.

Lágrimas rolaram sem pudor pelo meu rosto, enquanto lembranças antigas vinham à mente.

Durante toda a minha vida eu havia enfrentado obstáculos e desafios tão grandes quanto os meus sonhos e vencido alguns com bastante dificuldade.

Uma de minhas maiores *adversidades* fora a ausência de um computador por mais de *quatro anos*, desde o dia em que comecei a me dedicar a querer ser escritor.

Por algum tempo, consegui *driblar a limitação* por intermédio da ajuda de amigos, professores e pessoas que acreditaram em meu sonho, que acreditaram em mim. Foram essas pessoas quem me permitiram digitar alguns contos, algumas poesias, algumas *noveletas* e um ou dois livros.

Ainda me lembro — não com rancor ou raiva, como outrora — de um episódio um pouco *humilhante* e que gostaria de compartilhar com o leitor. Creio que seja tal evento o maior exemplo de obstáculo enfrentado.

Eu havia dado uma entrevista na rádio comunitária da cidade em que morava, relatando a dificuldade de publicação e pedido com humildade alguma ajuda. Não me recordo bem de como foi todo o processo, mas acabei indo parar na Secretaria de Educação. E lá fui *enganado*.

Surgiu uma promessa que me mostrou uma *luz ilusória*, uma esperança de ter um computador — usado, porém em bom estado de conservação, o que já me serviria. Pediram uma série de documentos no decorrer de meses, sempre me afirmando de que eu teria o instrumento tão necessário. Até banho de chuva tomei para cumprir o que me era exigido, cego e confiante.

E assim chegou o dia de ir buscar o tão cobiçado objeto. E ali poderia ter sido o enterro de meu sonho...

Como descrever a *euforia* de em breve ter um computador em casa e poder digitar e preparar meus livros, passar do manuscrito ao digitado — como fiz com esta autobiografia? Como transmitir ao leitor o quão emocionado estava naquele dia que para era ser especial?

Hoje, enquanto me recordo daquele dia, meus olhos marejam e a emoção — a série de emoções, melhor escrevendo — domina meu espírito.

Ver a *cara-de-pau* de quem me prometeu o computador dizer... dizer que *não poderia* dá-lo a mim, mesmo tendo prometido inúmeras vezes que o faria, que estava certo a doação! Quão humilhante foi aquilo! Fiquei arrasado!

Mas, foi ali que um tijolo dourado foi fixado na estrada de meu sonho e surgiu uma ajuda muito bem-vinda...

— Você está bem? — perguntou a voz de Diogo, trazendo-me de volta a mim.

— Hein?! — estranhei, fitando-o.

Ele deslizou o indicador pela máscara de porcelana, iniciando do olho esquerdo e indo até o queixo.

Levei a mão ao rosto, percebendo então que lágrimas brotavam com liberdade de meus olhos. Aquilo me *embaraçou* um pouco. Havia me esquecido de controlar a emoção!

— Agora compreendo o porquê de ele ser tão bondoso, honesto, justo e solidário — falou o Capitão, desviando o olhar —, pois somente alguém capaz de se emocionar sem pudor tem o *coração puro* a ponto de criar algo assim.

Naquele momento em diante tive certeza de que ele não era um Criativo igual à Marlus; havia um *senso filosófico*, um *caráter nobre* atrás daquela máscara branca e inexpressiva.

Nossos cavalos-draconados marcharam com tranquilidade por horas, permitindo a nós saciarmos a nossa curiosidade com alguns detalhes muito *peculiares*.

Um dos seres mascarados de meu novo amigo fez uma bela águia sobrevoar um determinado perímetro; quando a ave voltou, emitiu sons agudos — que eram “traduzidos” por seu dono num papiro. Quando as informações foram concluídas, o pedaço de couro seco foi entregue a Diogo, que relatou:

— Cinco ou seis quilômetros à esquerda há um grupo numeroso de Criativos e criaturas, algo em torno de mil indivíduos. Com certeza devem rumar para os Pilares, mas desconhecem o caminho.

— Poderíamos guiá-los, não? — sugeri.

— Sim, porém somos... bem... como é mesmo que devemos chamar quem é “tocado” pelo mal?

Compreendi o ponto ao qual ele queria chegar.

— Além do mais, uma *grande batalha* irá ocorrer em breve — continuou o Capitão, com serenidade. — E se lutarmos contra quem é inocente, estaremos *dispersando* energia em vão, entende?

Meneei a cabeça de maneira afirmativa.

Corri o olhar para os lados, pensando nos grandes perigos que nos aguardavam naquele lugar *inóspito*. Pensei em Zarak, meu amigo imaginário, uma criação não-literária, que agora guiava três Generais rumo aos Lordes e era, na verdade, um Juiz, assim como fora um dia William, que guiava meus amigos distantes.

Inexplicavelmente, um frio percorreu meu corpo, fazendo-me estremecer e me arrepiar.

Capítulo 45: Malditos vermes!

A noite se aproximava e já víamos um local para montarmos acampamento. As criações do Capitão assumiam seus postos de vigilância quando a águia retornou com novas notícias.

— Merda! — praguejou o Criativo após ler o papiro.

— O que foi? — questionei, preocupado.

— Tem gente em *perigo*!

Ele criou um dragão com características que me lembravam os monstros de Amaury.

— Vamos ajudá-los! — gritou, montando sua nova criatura.

Apressei-me a criar um dracogrifo e montá-lo, seguindo meu companheiro de jornada e sua aberração dragontina, que movia seus enormes tentáculos e barbatanas.

Minha montaria teve um pouco de dificuldade para acompanhar o dragão de quatro asas, duas caudas e seis patas concebidas por Diogo. Aquela criatura possuía um corpo esguio, *serpentino*, escamas largas e salientes, desprovidas de qualquer mínimo sinal de brilho.

Notei que apenas a águia nos seguia, *orientando* a fera lovecraftiana que voava como uma nuvem tempestuosa no céu, rasgando o *véu das coisas*.

Alcançamos um ponto rodeado por montanhas rochosas, no qual uma densa poeira avermelhada pairava no ar. Percebi de imediato os traços da fumaça negra e de *purpurina*, revelando que um combate estava sendo travado.

O dragão macabro *mergulhou*, enquanto dezenas de criaturas humanoides e aladas surgiam, todas com lanças e espadas

apontadas para baixo. Imitai-o, criando arqueiros montados em dragões-libélulas.

Uma coisa que compreendi naquele momento: nossas criações *sabiam* exatamente quem deveriam atacar, ou seja, não acertavam nem os Criativos nem suas criaturas a menos que surgisse em nossa mente tal desejo.

Foi um pouco complicado enxergar através de tantas partículas misturadas, contudo depois de um ou dois minutos pude vislumbrar uma silhueta feminina e baixa ser cercada por seres quadrúpedes e rastejantes.

Quando me preparava para ajudá-la, notei que aquelas coisas esquisitas a protegiam, atacando com ferocidade qualquer criatura que se atrevesse a se aproximar.

Eu ainda tentava achar a *origem* de tudo aquilo, do ataque, quando meu dracogrifo foi golpeado por baixo, envolvido por uma série de tentáculos e puxado de encontro ao chão.

Mal se chocou com o solo duro, minha criação se reduziu a cinzas e por muito pouco não fui *tragado* para dentro da terra. Se não fosse o meu desespero em bater os pés e impulsionar o corpo para fora do buraco, hoje não estaria aqui para escrever esta autobiografia.

Ao me encontrar a salvo, ousei espiar o ponto em que os grãos grossos ainda se moviam. Um pavor de infância fez meu coração acelerar. Não! Não poderia ser provável!

— Cuidado! — gritou uma voz masculina e desconhecida.

Não tive tempo de localizar o seu dono, pois fui obrigado a me levantar rápido e subir numa enorme pedra achatada que estava a metros à minha direita.

— Meu Deus! — apavorei-me ao ver uma bocarra medonha aparecer, emitindo um som gutural horrível e se debater *debilmente*.

Olhei em volta, notando que a poeira diminuía. Era provável que o combate tivesse se encerrado por causa dos monstros que se movimentavam abaixo de nossos pés.

Localizei Diogo sobre o galho de uma imensa árvore. Ele estava sentado, com a cabeça curvada em direção ao solo.

— Ei, Capitão Diogo! — gritei, chamando-lhe a atenção. —
Essas coisas são... são...?

— Se tiver pensando o mesmo que eu, sim, são sim —
concordou ele, sem, contudo, olhar para mim.

— Podemos sair daqui voando, não?

— Veja lá em cima!

Obedeci-o, enxergando de início as primeiras estrelas animadas da noite e uma densa massa negra girando em seu próprio eixo, entretanto sem ser — ou lembrar um — círculo.

— O que é? — perguntei, voltando a fitar o Capitão.

— Pergunte a *e/es*! — pediu ele, apontando para duas direções quase opostas.

Olhei primeiro para dezenas de metros à frente, onde a poeira ainda estava em grande quantidade. Enxerguei ali uma figura feminina, a mesma jovem que minutos antes era protegida por aquelas criaturas quadrúpedes tão agressivas. Ela acenou com gentileza para mim — e retribui de igual modo.

A seguir me volvei para a outra direção, mais precisamente atrás de mim. Numa distância mais curta, estava um jovem quase de minha altura, que parecia se distrair jogando pedras ao longe, provocando as coisas abaixo de nós.

— Ei! — gritei, tentando chamar a sua atenção.

Em vão. Parecia muito mais interessante arremessar pedras do que me dar alguma atenção. Aquilo me incomodou, fazendo minha mão machucada doer ligeiramente.

Cogitei gritar outra vez, agora para repreendê-lo, quando senti a terra tremer um pouco. Olhei para o chão, percebendo consideráveis ondulações de pedregulhos e areia se movendo de um lado a outro, sobretudo nos locais aos quais aquele jovem lançava as pedras.

Se aquilo fora *resultado* de algum pensamento secreto ou algum *truque* daquele lugar, nunca descobri, mas uma de minhas maiores fascinações cinematográficas quando criança estava embaixo de meus pés! Era como voltar a ser moleque e ter medo de andar no chão após assistir aqueles *filmes* numa tarde ensolarada.

Quanto espanto e empolgação quando uma cabeça alongada surgiu, exibindo uma enorme e pavorosa língua rubro-negra, coberta por uma substância pegajosa e nojenta, e uma estrutura mandibular fossilizada que substituíra os dentes.

— São como nos filmes! — exclamei.

— Sim — concordou o garoto, finalmente me fitando.

Ele e eu sorríamos, parecendo nos orgulhar daquela descoberta.

— Não podemos andar nem voar — observou Diogo, fazendo-me olhá-lo.

— E agora? — questionei-o.

— Podemos *sacrificar* nossas criações, usá-las como *iscas* para os vermes e tentarmos fugir, não? — sugeriu o outro Criativo, que até há pouco estava em perigo.

— Creio que não seja uma boa ideia — intervim, pensativo.

— Por que, Alec?

— Vocês devem ter assistido a algum dos filmes, não?

Ambos menearam a cabeça afirmativamente.

— E há também *aquilo!* — continuei, apontando para a densa nuvem negra, que agora liberava *descargas elétricas*.

— O que sugere? — indagou o novo personagem.

Hesitei na resposta, afinal não havia plano algum que pudesse permitir a nossa fuga daquela situação incomum; se houvesse ao menos um, os riscos eram imensos. Arfei, tentando arquitetar algo que pudesse dar certo, mas foi em vão.

— Bombas! — sugeriu o Capitão mascarado, um segundo antes de arremessar para longe um objeto alongado como um *pino*.

Quase no mesmo instante em que o explosivo parou de se mover no chão avermelhado de pedregulhos e areia, uma bocarra o agarrou e se afundou. Dois ou três segundos depois houve uma detonação, espalhando terra e pedaços do monstro, momentos antes de se tornarem apenas uma fumaça alaranjada.

— Uau! — exclamamos os três diante do ocorrido.

Em seguida rimos bastante, alegres com aquela solução tão *óbvia*.

Capítulo 46: Uma esperança vaga

O que nos pareceu uma tarefa fácil acabou durando mais tempo do que o que esperávamos, pois os *malditos vermes* logo aprenderam a evitar as bombas que jogávamos. Até que aprendessem, contudo, conseguimos eliminar meia dúzia deles.

Ficamos irritados — ou pelo menos eu tenha ficado — quando o plano se tornou ineficaz, obrigando-nos a pensar noutro meio.

A noite já dominara todo o Deserto, dando uma cor mórbida para as areias. Todo o céu estava nublado, entretanto aquela nuvem estranha parecia abaixo das demais. Pensando bem agora, aquilo parecia ser a causadora da *tempestade* que se aproximava. Não demoraria muito para tomarmos um banho de chuva.

Criamos tochas quando o breu dificultou a visão.

Dediquei-me a observar os dois Criativos que estavam sendo atacados antes de nossa chegada. Tudo o que pude ver da garota foi a sua baixa estatura — creio que fosse menor do que a Marcélia —, os cabelos negros e num penteado *rebelde*, as roupas no melhor *estilo gótico* e aparência alegre. E quanto ao garoto — que se apresentou como Comandante *Izaak* — era um sujeito que parecia sempre *desconfiado*, alegre e curioso; trajava roupas casuais — assim como eu.

A comunicação era apenas entre os três que estavam mais próximos, cabendo a mim ou a Diogo gritar ou gesticular para a jovem — que nenhum de nós três sabia o nome ou o posto.

Raios elétricos atingiam o solo com intervalos irregulares, chegando a destruir dois vermes imensos e monstruosos numa dessas descargas, além de *atiçarem* outros, o que nos apavorou.

— Precisamos sair logo daqui! — gritei, em desespero.

Ninguém ali tinha um bom plano. Éramos quatro pessoas segurando cada um uma tocha, aguardando ou um raio nos fulminar ou um verme nos engolir a qualquer momento.

Quando a chuva começou a cair, apagando o fogo que nos iluminava e aquecia um pouco, vi tudo *escorrer* de meu controle. Minha mão ardeu e um desejo angustiante de fazer alguma coisa me dominou. Sentia-me incapaz de qualquer coisa ali, como uma formiga diante de uma lente de aumento que potencializa o calor e a queima sob o riso maligno de uma criança sádica.

Olhei para todos os lados, inconformado com aquilo. Era inacreditável imaginar que quatro indivíduos com mentes livres de limites fossem tão incapacitados de elaborar uma coisa *decente* para escaparem de monstros rastejantes e uma nuvem mortífera.

Senti-me *impotente* — como tantas vezes me senti em ocasiões anteriores e posteriores. Sentei-me, tomando cuidado para não cair e ser tragado por um verme. Chorei em desespero, sem que ninguém me visse — a menos que um relâmpago ocasional nos iluminasse.

O sentimento de impotência ou incapacidade sempre me fez assumir um estado de *fracasso* indescritível. Apenas a *treva* diante de meu olhar desesperado, de meus olhos cobertos de lágrimas. Uma dor imensa...

Não ver o caminho a seguir, não saber qual deve ser o próximo passo... Quantas vezes eu me deparei com momentos como aquele, quando a minha fé foi testada, a minha confiança posta à prova, e consegui achar uma solução?

Minha respiração se tornou ofegante.

Enquanto minha cicatriz queimava, recordações de meu mais recente *teste* me fizeram entender o quão capaz de grandes proezas eu poderia ser — desde que me esforçasse.

Havia um aperto em minha garganta. A vontade de chorar passava e um desejo esperançoso de fugir me invadiu o espírito.

Fechei os olhos, erguendo a cabeça, enquanto a água caía em meu rosto. Frases de incentivo *transitavam* em meus ouvidos, soando como ecos de canções sobre persistência, fé, sonhos,

esperança e determinação. Eram coisas que eu havia lido, ouvido ou citado; frases de livros, filmes, revistas, jornais, *sites*...

Abri meus olhos, fitando a nuvem que nos vigiava. Um raio elétrico foi disparado para longe, sendo seguido por outros dois ou três.

— O quê?! — estranhei, voltando-me para o ponto que caíra tantas descargas elétricas consecutivamente em tão curto período de tempo.

Ainda pude testemunhar outro relâmpago atingir o solo molhado e se movimentar rumo a uma *figura encapuzada* que caminhava com calma em direção a garota.

— Vejam! — gritei, apontando para lá.

Creio que os dois Criativos já estivessem olhando para o ponto que meu indicador mostrava.

Quando caiu outro raio, tive a nítida impressão de que aquela silhueta ainda distante se desviou com agilidade; a descarga fulminou sem piedade um verme que surgiu com a bocarra aberta, ansiando devorar o desconhecido personagem.

— Ele está *eliminando* os vermes! — informou Diogo, bastante empolgado.

A cena se repetiu várias vezes. Tudo aquilo nos animou e nos incentivou a executarmos um plano já pensado — contudo descartado — por nós: criamos *réplicas* nossas e as enviamos para todos os lados, tanto em terra quanto no ar, montados em animais alados, como dragões e pássaros gigantes.

Da nuvem sinistra surgiam centenas de criaturas dispostas a atacarem nossas cópias. Da terra, como predadores vorazes do mar, os monstros rastejantes também atacavam nossas criações, sendo atingidos por relâmpagos e pelos seres que saíam daquela densa névoa negra acima de nossas cabeças.

O *efeito luminoso* de raios, criaturas sendo destruídas e labaredas cruzando o ar úmido era algo fantástico! Outra vez aquele espaço havia se convertido num campo de batalha entre quatro forças que se colidiam.

Izaak foi o primeiro a se arriscar a montar uma criação alada e atacar a nuvem escura, que parecia diminuir de tamanho. Ele

lançou alguns objetos explosivos contra a fonte de tantos monstros aéreos, tendo que manobrar incontáveis vezes para não ser fulminado pelas descargas rubras.

Assim que parte do alvo detonou, num espetáculo de luzes e sons, percebi que inúmeras criaturas que nos ameaçavam foram reduzidas a poeira negra. E um pedaço da névoa densa caiu no chão, transformando-se numa substância cremosa e da cor de piche.

— Ataquem a nuvem! — urrou o Comandante, enquanto sua montaria dava uma rasante perto de mim e do Capitão.

Era tão óbvio o que tínhamos de fazer! E ainda assim não o fizemos por puro medo ou *inércia*! Foi preciso uma figura encapuzada e desconhecida aparecer para nos mostrar o que fazer. Quantas vezes alguém espera uma *ajuda externa* para se fazer alguma coisa! E quantas vezes perdemos uma oportunidade valiosa!

A *audácia* daquele Comandante havia sido o *pontapé inicial* para nos despertarmos. A sua coragem de atacar um de nossos inimigos, justo o que parecia invulnerável, mostrou-nos o que deveria — e precisava — ser feito o quanto antes.

Criei um dracogrifo, que *pulverizou* de imediato um verme que emergiu da terra, pronto para nos atacar. Montei-o com rapidez e o incitei a avançar contra a nuvem que lançava raios para todos os lados.

As labaredas poderosas eliminaram parte dos obstáculos, mas um pequeno exército de dragões compridos criados por um dos meus novos companheiros de aventura cuidara do restante. Que criação *eficaz* era aquele ser híbrido de dragão e águia que *copiei* de meu primeiro oponente!

Já próximos do nosso alvo, ordenei-o que cuspsse fogo sem piedade; para ajudá-lo, arremessei bombas com o auxílio de uma arma que lembrava uma besta.

Não pude ter uma visão boa — nem mesmo que fosse imparcial — naquele momento, entretanto percebi que os outros Criativos faziam algo semelhante nos demais pontos do objeto nefeloide.

Nenhum autor do mundo — principalmente aquele considerado o *melhor* — conseguiria descrever com total precisão e riqueza de detalhes o fenômeno que testemunhei.

Tudo o que posso — e sou capaz de fazê-lo — é comentar que toda a densa estrutura gasosa explodiu, produzindo um efeito luminoso impressionante e um som tão ensurdecedor que foi capaz de abafar os ruídos estrondosos dos trovões e do choque violento entre as criaturas. Um clarão e um estrondo capazes de amedrontar a mais fria das pessoas deste mundo cada vez mais frio.

Completamente surdos, os três jovens e eu apenas observamos a nuvem negra se transformar numa fumaça acinzentada e ser *carregada* pela chuva — agora mais amena e sem ser grande ameaça para as nossas vidas — para baixo, onde os vermes estavam agitados; assim como a sua fonte, os monstros que de ela saíram *evaporaram*, dando-nos a certeza de que, *por ora*, havíamos vencido.

Capítulo 47: Percival

Demorou algum tempo até que minha audição retornasse. De início foi um *zumbido* muito irritante, mas logo fui capaz de distinguir um pouco os sons.

— Vamos! — gritou a voz de Diogo.

Instintivamente o procurei, achando-o rumando para o local em que estava o nosso acampamento. No dorso de sua criatura, logo atrás, havia a figura daquele ser encapuzado que nos salvara.

Foi um trajeto mais tranquilo, embora a *adrenalina* do recente combate ainda circulasse no sangue de cada um e nos mantivesse alertas a qualquer novo perigo.

Minha curiosidade se voltara tanto para a Criativa quanto para o terceiro personagem que surgiu naquela noite. Por ora, contudo, era possível apenas dialogar com a garota que voava sobre um belíssimo *grifo grego*.

— Oi — falei, quando estava perto o suficiente para que ela pudesse me ouvir, visto que àquela altura o zumbido nos nossos ouvidos era menor.

— Oi — replicou a jovem, sorrindo com simpatia.

— Sou Alec Silva, Comandante a serviço da Capitã Marcélia e do General Alfredo.

— *Anny*, uma das *Mensageiras* do falecido Comandante *Henry*.

Arregalei um pouco os olhos. Havia ocorrido mais mortes do que eu havia suposto.

— Izaak falou que não a conhece, mas que correu ao seu auxílio ao vê-la sendo atacada pelos soldados do Lorde — comentei, obviamente sem ter nada melhor a dizer.

— Ele é um bom sujeito, assim como você e seu amigo.

Sorri.

— Vocês *também* estão seguindo para os Pilares, não é? — indagou a Mensageira, com serenidade.

— Sim.

— Na verdade, *todos* estão atravessando o Deserto, né?

Concordei.

— Dizem que os que *morreram* aqui voltaram para a Terra com *sequelas* — informou-me ela.

— Como assim?

— Poucos ficaram em coma, graças a Deus. Outros, porém, acabaram *perdendo a capacidade de sonharem e criarem*, tornando-se *limitados*.

— Isso não é nada bom.

— Não é mesmo. E cada vez mais as tropas adversárias aumentam e avançam.

— Notei isso.

— Acho que as pessoas *preferem* ficar no lado de quem tem mais *chances* de *sair* vencedor.

Estranhei o comentário.

— Alec, você realmente acredita que possamos vencer? — questionou-me Anny, encarando-me com gravidade.

Hesitei.

Desde a minha primeira batalha até aquele momento, em menor ou maior grau, eu havia testemunhado o poder devastador do inimigo que enfrentávamos. Testemunhei a destruição, a corrupção, a maldade e a capacidade de nos atingir.

Pensei ainda na *facilidade* que o mal tinha para nos seduzir, conforme minha experiência recente e o breve relato de Diogo. Lembrei-me da marca horrível abaixo de tanto pano em minha mão, do ataque covarde contra Marcélia e Cíntia e da breve conversa com Jean.

Se o plano do Lorde que ameaçava aquele mundo era recrutar o maior número possível de Criativos para servi-lo e atacar os Pilares, estava obtendo um *êxito louvável*. E levando em conta que dentre as pessoas que vagavam pelo Deserto havia aquelas com interesses obscuros — como Amaury e até mesmo Pablo ou William,

um ex-Juiz tão sombrio quanto a noite mais escura —, não havia muita esperança para nós.

— Imaginei que não — falou a jovem, trazendo-me de volta da *terra dos devaneios*.

— Não é que não acredite, mas...

— Tudo *conspira* contra.

— Exato.

Ela arfou.

— Quando estávamos entre a nuvem e os vermes, sem sabermos o que fazer, eu tive a *esperança* de que algo aconteceria a nosso *favor* — disse-me. — E *aconteceu*, não?

— É diferen...

— Não, não é!

Percebi que a Mensageira havia se irritado.

— Estou num *posto baixo*, no qual as pessoas dão pouco ou nenhum *valor* — continuou ela, séria. — Muitos me olhavam com *desdém*, mas um Juiz me falou para eu confiar em mim e ignorar a opinião dos outros, pois há em meu espírito tudo o que preciso para seguir em frente.

— E quem é esse Juiz? — ousei perguntar, já deduzindo mais ou menos a resposta.

— Ele tem um nome *engraçado*, meio estranho... Lembra um pouco algum nome de personagem de *desenho animado* ou de *extraterrestre*...

— Zarak?

— Sim, esse mesmo!

Abaixei o olhar.

“De novo ele”, pensei.

— Você o conhece? — inquiriu Anny.

— Sim — respondi, sem fitá-la. — Sou o criador dele.

Não houve mais tempo de se dizer nada. Já pousávamos no local em que estava montado o acampamento — e estavam as criações mascaradas de Diogo —, quilômetros de distância da chuva.

Voltei meu interesse agora para o encapuzado que estava ao lado do Capitão. Quem era ele?

— Obrigado por nos salvar — falei, dirigindo-me ao misterioso ser de quase dois metros de altura.

— Não me agradeça, Criativo! — retrucou uma voz grave, rouca e carregada de *alguma emoção negativa*.

— Você não é humano, certo? — perguntou Izaak, metódico.

— Não sou, mas também não me considero um monstro.

A noite escura, apesar de iluminada pelas piras perfeitamente instaladas ao nosso redor, não nos possibilitava ver o seu rosto.

— É um Juiz? — indaguei.

— Não me compare a essas criaturas tolas e *certinhas* que agora agem como *baratas desmioladas!* — reclamou ele, apontando um dedo magro sob uma luva negra. — Sou uma criação de um General muito importante, um dos poucos que não se comportam como *mariquinhas* diante do perigo!

O encapuzado falava como William, entretanto me causava mais desconforto.

— Um amigo imaginário?! — espantou-se Anny.

— Garotinha — disse a criatura, fitando a Criativa —, a menos que tenha algum *interesse* por mim, não a aconselho a repetir esse termo.

Percebi que o rosto branco e *tatuado* da jovem corou um pouco.

— Então — interveio o Capitão —, como quer que seja chamado?

O ser se voltou ao garoto mascarado, levando as duas mãos no capuz negro, enquanto se apresentava:

— Meu *mestre* sempre me disse para nunca fazer isso sem que ele estivesse presente, mas o farei porque ele assim me *ordenou* antes de ser *capturado*. Tenho *vários* nomes. Para *vocês*, sou *Percival*.

Quando o capuz foi retirado, todos nós demos alguns passos para trás e criamos instintivamente alguma coisa pronta para atacar aquela criatura que se revelava em nossa frente.

Diante de nossos olhos assombrados estava a figura esquelética de uma cabeça com os orifícios vazios, apenas os ossos.

Aquele vazio ocultava segredos tão *cruciais* para o desfecho da guerra quanto qualquer um de nós éramos capazes de imaginar.

Livro III

A esperança não é um sonho, mas uma maneira de traduzir os
sonhos em realidade.
Cardeal Suenens

Parte Cinco: Reencuentros

Capítulo 48: O amigo do lovecraftiano

As *semelhanças* entre Percival e William eram interessantes, devo ressaltar. Ambos eram de personalidade sarcástica — e *cínica*, em proporções iguais e absurdas. Havia aquele *ar* prepotente, contudo o novo personagem era também capaz de demonstrar medidas carregadas de *impulsividade*.

Tanto eu quanto os outros Criativos tínhamos naquela *figura esquelética* um objeto curioso de análise: vestes negras, bem folgadas e cheias de itens prateados, além de portar presas nas costas duas espadas de lâmina larga e de tamanho médio.

Olhar para a caveira tão inexpressiva quanto a máscara de porcelana de Diogo era como fitar uma figura *desprovida* de qualquer ligação com a humanidade.

— O que tanto olha, *cara*? — indagou a criatura, dirigindo-se a mim. — *Apaixonou-se* por mim?

Irritei-me com o comentário, porém o Capitão mascarado interveio:

— Onde se encontra o seu *mestre*?

— No *Labirinto*.

“Labirinto?!”

— Fica muito longe? — inquiriu Izaak, mostrando-se muito interessado no assunto.

— Se formos agora, chegaremos ao meio-dia.

Diogo, que, assim como Pablo, parecia ter se tornado o líder do grupo, pensou um pouco, olhando para o céu. A seguir, para meu espanto, fitou-me.

— E aí, Alec? — perguntou-me. — Devemos partir agora ou deixamos para o início da manhã?

— Bem... eu... — atrapalhei-me.

— Se há alguém em perigo, creio que devamos ir o quanto antes ao seu socorro, não? — apontou Anny.

Percival a olhou com suas órbitas vazias e exclamou:

— Com certeza, *coisa linda!*

— Concordo — disse o Comandante, com certa humildade.

— *É* — repliquei, convicto de que não deveríamos perder mais tempo —, vamos logo.

— Iremos, então — sentenciou o Capitão, andando para perto de seus assassinos mascarados.

Não demorou muito para que diante de nós surgisse uma criatura colossal e *reptiliana*, com aparência de *paquiderme* e de *cores mortas*. A criação puxava uma enorme carroça coberta, cujo interior era grande o suficiente para caber cinco ou seis vezes o número de membros que compunha o grupo.

Entendi claramente que Diogo havia criado o nosso meio de transporte coletivo.

— Alec — falou o esqueleto, fitando-me —, sua Capitã mandou um recado.

— Que recado?! — interessei-me, com o olhar fixo naquelas órbitas oculares vazias.

— “Faça o que *deve* ser feito *quando* chegar a hora!” — respondeu ele, imitando com toda a perfeição inimaginável a voz de minha superior.

Não sei o que me deixou mais surpreso: a frase ou o fato de aquele ser desprovido de carne ser capaz de imitar a voz de alguém. Para início de assombro, não era nem para ele conseguir falar! Nem língua o *danado* possuía!

— E o que isso quer dizer? — indaguei, após me recuperar um pouco do susto.

— Quer dizer que você deverá fazer o que deve ser feito quando chegar a hora — respondeu Percival, afastando-se.

Arfei, pensando que havia nele outro personagem que me despertaria certa *antipatia*.

Entramos no interior da carroça, sentando-nos no piso de madeira *envernizada*. Um olhava para o outro com um pouco de

indiscrição, visto que éramos quase desconhecidos uns aos outros ainda.

— O Labirinto... — começou Anny, encarando o rosto *ósseo* do amigo imaginário de Amaury. — Onde fica e o que é?

— É um *complexo* de corredores e túneis que cercam *simetricamente* a morada dos Lordes — respondeu o esqueleto, sem qualquer sinal de emoção. — Quando se entra, é difícil conseguir sair.

— E como você conseguiu? — questionou Izaak.

— Isso não é de sua conta, é?

Havia irritação em sua *voz cavernosa*.

— O grupo adentrou com facilidade — continuou a criatura, ignorando a cortada que ela mesma dera no Comandante. — Zarak havia detalhado os perigos, como as *Esfinges* logo na entrada e...

— Esfinges?! — interrompi, bastante surpreso.

— As guardiãs de todas as entradas e saídas. Sempre têm um enigma para proporem.

— Como aquela de Tebas? — observou Diogo.

— Não — respondeu Percival —, é como o *Leão de Nemeia*. *Intolerância* era uma *marca registrada* do novo guia.

— O que acontece se errarmos a resposta? — indagou a Mensageira.

— Elas chamam as Quimeras, que se *encarregam* de se *livrarem* dos Criativos — explicou o ser esquelético, sendo cordial.

Lembrei-me do que William havia dito sobre essas criaturas. Não seria nada bom sermos atacados por elas.

— Que perigos há no interior do Labirinto? — inquiri, temendo outra resposta inflexível.

— Perigos que nem mesmo meu mestre foi capaz de prever e superar, obrigando-o a recorrer a mim. Por isso vaguei pelo Deserto, pois a mim coube a tarefa de encontrar alguém para ajudá-los.

Quanta ironia! Não em sua voz, mas no *acaso* de nos encontrarmos.

— *Peraí!* — gritei, tendo um *surto de lógica*. — Você me disse que tinha um recado de minha Capitã, não?

— A menos que eu esteja ficando louco, sim.

— Mas, ela... bem... eu...

— Você a atacou dias antes, eu sei.

Todos me olharam com espanto — até o Capitão mascarado, embora seu rosto oculto não me permitisse ver sua expressão facial.

— Posso me comunicar com gente morta, como *aquela* garotinho daquele filme, *saca?* — explicou-me o ser imaginário. — “Eu vejo gente morta” e coisas do tipo, moleque.

Ele gargalhou com um jeito meio sinistro.

— Então, ela *morreu?* — perguntei, a garganta doendo.

— Na verdade, ninguém pode morrer neste mundo — interveio o outro Comandante.

— Como assim?

— O termo “morrer” aqui significa “não poder mais interagir” ou “ser incapaz de atuar”, entende?

— Acho que não.

— O que o *esquisitranho* quer dizer é que se você morre aqui, não morre de fato — complicou Percival. — É como sonhar: você não sonha aqui, mas vive.

Minha mente agora estava muito confusa.

— É tudo *psicológico* — tentou ajudar a Mensageira —, como o *medo*. Existe apenas porque você *quer* e *acredita*, sendo *real* apenas aqui. Se alguém morre, fica *traumatizado* de tal modo que para de imaginar e sonhar; não porque se lembra conscientemente, mas porque o *subconsciente* o força a acreditar e agir desse modo. Foi assim que meu General me explicou uma vez.

— O Lorde está fazendo um *jogo* psicológico — falou Diogo, sério. — Ele está *manipulando* o subconsciente até conseguir reunir um grande exército que possa atacar e destruir os Pilares.

— Todos têm consciência disso, não? — inquiriu Izaak.

— Claro!

— E ainda assim não fazem nada, Diogo?

— Quem *ousaria* contrariar um Lorde que, segundo se diz, *venceu a morte* duas vezes?

— O quê?! — assombraram-se Anny e o Comandante.

Eu apenas arregalei os olhos, totalmente incrédulo.

— Como sabe tanto sobre ele? — questionou Percival, num tom de ameaça, pondo-se de pé.

— Recebi a visita de Gariel, o líder dos Anjos do Monte Celestial — respondeu o Criativo, mostrando um pequeno pergaminho prateado —, e ele me revelou algumas coisas.

Capítulo 49: O pergaminho de Gariel

Três coisas agora me intrigam: primeiro, o fato de Gariel ter entregado ao Capitão mascarado um pergaminho contendo algumas revelações; segundo, a possibilidade de alguém vencer a morte por duas vezes; e terceiro, o tom *apocalíptico* que este relato está adquirindo.

— Isso me parece *fanatismo* — comentou Izaak, o primeiro a se recompor da surpresa.

— Poderia até ser — concordou Diogo —, porém estamos vivenciando um acontecimento real e macabro, *prova* de que há mais coisas inimagináveis do que creem nossas imaginações.

— Conte-nos, Criativo, o que há neste pergaminho! — pediu o esqueleto, provavelmente com seriedade.

Além do espanto, a curiosidade também pairava no ar. Todos queriam saber o que mais havia escrito naquela folha prateada e enrolada.

— Bem — começou o Capitão, pigarreando —, vou ler para vocês.

A expectativa nos fazia olhar fixamente para a sua máscara branca e inexpressiva.

— “Pergaminho escrito por Gariel, líder dos Anjos do Monte Celestial, a todos o Criativos, segundo as *memórias* contidas nos Juízes que há muito foram destruídos” — começou o Criativo, tremendo um pouco a voz.

“Por meio deste expresso o meu conhecimento acerca do Criativo que *se tornou* um Lorde e que agora ameaça este mundo e os *verdadeiros* Lordes que residem nos Pilares.

“Há décadas, antes mesmo de seus pais nascerem, houve um General que seguiu os passos de outro, tornando-se um importante combatente. Não demorou muito para que quisesse provar grande valor sobre os demais.

“Seu amigo imaginário o denunciou, fazendo-o ser capturado pelas criações dos Lordes e levado ao Tribunal, onde foi julgado e condenado a morrer neste mundo.

“De volta ao seu mundo, o mundo no qual é conhecido como *Terra*, esse Criativo estudou técnicas *místicas* e *esotéricas*, ansiando uma vingança contra quem o condenou a não mais sonhar, ansiando alcançar a *imortalidade*...”

— E é possível?! — assombrei-me.

— Se o Anjo está dizendo que é, você vai mesmo duvidar? — cortou Percival, parecendo mal-humorado e carregado de sarcasmo.

— É uma ideia muito absurda — interveio a Mensageira —, mas se as *leis físicas* pouco valem aqui, creio que sim.

Pensei em algumas *teorias*.

— “Ele treinou por anos até ser capaz de *criar* sonhos e *controlá-los*, de *induzir* sugestões por meio de *hipnose*, de *adentrar* noutras mentes e *manipulá-las*” — continuou Diogo. — “Cada progresso o fazia querer ir cada vez mais longe, ir acima de seus limites humanos e criativos.

“Acabou não apenas conseguindo preservar a lembrança de tudo o que vira quando participara da Guerra dos Criativos, como também quebrar as regras estabelecidas.

“Ainda em vida, *implantou* sugestões em *quatro crianças*, escolhendo-as *aleatoriamente* pelo mundo. E fez ainda uma criatura neste mundo para que pudesse *habitar* quando morresse na Terra...”

— O quê?! — espantou-se Izaak.

Eu compartilhava a mesma emoção.

— *Transferência de mente* — explicou nosso leitor, fitando-nos. — Cientificamente falando, é algo *viável* sob certas circunstâncias.

— Como naqueles filmes de *ficção científica*? — perguntei.

— Sim.

Achei aquilo muito impressionante.

— “Após a morte” — prosseguiu o Capitão —, “ele pôde andar entre os Criativos por semanas, sempre criando *hospedeiros* para a sua mente. Com isso, foi *recrutando* pessoas e espalhando sua *influência*.

“Não demorou muito para que *despertasse* o lado mais sombrio do ser humano, conseguindo aumentar seu *séquito* a ponto de iniciar os ataques que todos vocês atualmente conhecem.

“É sabido que parte de seu *triunfo* até o momento se deve ao fato de ele ter *propagado* sua *ideologia* por todo o mundo, *iludindo* a quem o ouvisse com promessas tolas e vagas, obtendo êxito em quase todas as tentativas...”

Ele cessou a leitura; provavelmente se sentia mal por ter caído naquela armadilha.

— O *desgraçado* esteve entre vocês e nem notaram? — indignou-se Percival. — Como podem ser tão *cegos*?

Era um pouco irônico uma criatura desprovida de olhos falar sobre cegueira.

— Ele pode *assumir* qualquer forma — argumentou Anny, o que fez o esqueleto ficar mais ameno. — Nunca o reconheceríamos.

— Conclua o texto! — pediu Izaak, que parecia meditar diante daquelas palavras escritas pelo Anjo.

— “Há rumores de que um grandioso e poderoso exército marcha para os Pilares, ponto no qual o Lorde incitará seus *melhores* combatentes contra os senhores deste mundo.

“Também se movem para lá todos os Criativos que almejam a sonhada *salvação* e a saída imediata de tanta *anarquia*. Não é de se espantar, portanto, se entre os grupos desesperados houver humanos tão desesperados que acabem servindo ao inimigo dos Lordes.”

Diogo nos fitou.

— Acabou — disse.

— Detesto Anjos — resmungou Percival, batendo os dentes num som irritante. — São sempre portadores de *péssimas profecias* ou *profecias que envolvem sacrifícios*!

— Bem — falou o Capitão de aparência um pouco estranha, que até há pouco era o provável banquete de vermes gigantes —,

temos que tomar cuidado.

— Com certeza — concordei, cabisbaixo.

Havia tanta coisa acontecendo em minha vida. Já não bastassem os problemas que eu tinha na Terra, havia ainda os daquele mundo. Era muita coisa para uma mente tão perturbada e confusa dar conta!

Ninguém mais pronunciou uma palavra sequer por horas — julgo eu, embora totalmente perdido quanto à cronometragem naquele ambiente onírico.

Deixei meus pensamentos livres, tão livres que me fizeram lembrar a conversa com Gariel. Pensei ainda nas *visões* que tive diante daquele lago que refletia a alma. Seriam apenas imagens de meus desejos ou a *visualização* de meu futuro?

Olhei para cada Criativo ali presente, tentando imaginar qual seria o sonho de cada um, qual o *objetivo central* que os movia. Eram todos escritores, assim como eu, contudo cada um possuía algo que os diferenciava um do outro.

Hoje, quando me lembro de cada um deles, pergunto-me acerca de como devem estar. Uma pergunta que acredito que nunca terei uma resposta.

Aprendi — muitas vezes após apanhar bastante — que a *efemeridade* da vida é tão graciosa quanto o brilho de uma estrela, que agora pode ser vista, mas amanhã não. É assim que deixamos de viver: paramos de ver na passagem efêmera por este mundo uma *oportunidade* de viver, preocupando-nos muito mais com a pressa de angariar coisas e sobreviver do que com a paciência de aprender.

— Vejam! — exclamou Percival, que havia saído da carroça há poucas horas e montava o estranho animal que a puxava.

Olhamos para o ponto em que seu indicador mostrava.

Quilômetros a nossa frente um enorme rochedo podia ser visto.

— O que é? — perguntou Izaak.

— O *Desfiladeiro* — respondeu o esqueleto —, o local no qual vivem criaturas perigosas e *traíçoeiras*.

Senti um calafrio percorrer meu corpo.

— Que *tipos* de criaturas? — perguntou Anny, para aumentar ainda mais o meu receio.

O ser desprovido de carne se virou para nós e, com uma voz carregada de tensão, respondeu-a:

— *Monstros* tão sombrios e nefastos que nem o *pior pesadelo* do mundo é capaz de libertar.

Percebi que naquele momento ninguém ali ousou piscar o olho.

Capítulo 50: No Desfiladeiro

Se o Desfiladeiro fosse representante de tamanho perigo, o melhor a fazer era se preparar para enfrentar o que nele existia. E foi se baseando em tal premissa que todos se prepararam para um combate colossal — caso fosse necessário combater.

Capitão Diogo se apressou a criar dezenas de assassinos mascarados, todos armados com itens mortais e exóticos, como espadas largas e recurvas, chicotes de espinhos, adagas, lanças e bastões com as extremidades cortantes. Ele formou um grupo de *cavalaria*, dando a este o controle dos arcos e das flechas, além das armas já mencionadas para alguns poucos; e reforçou o seu exército com guerreiros portando escudos e lanças, como a antiga formação militar grega.

Anny, a primeira Mensageira que tive contato tão próximo desde a minha chegada naquele mundo, também fez a sua contribuição: diante dela surgiram homens morenos e fortes, trajando vestes *persas*, e portando punhais; a seguir foram aparecendo criaturas pigmeias e de aspecto doente, dentes serrilhados e de grande habilidade, além de *lobisomens* e *vampiros* de olhos esbranquiçados. Era um exército interessante.

Já o Comandante Izaak se limitou a criar dezenas de jovens aparentemente *normais*, sem qualquer coisa que os diferenciasse dos Criativos que viviam na Terra.

— Vamos enfrentar monstros com *adolescentes sem graça*? — zombou Percival.

Como réplica, um dos “adolescentes sem graça” cerrou os punhos e os socou no chão, provocando um tremor considerável, calando a boca do esqueleto e fazendo-nos apreciar aquilo.

E eu aumentei nossa linha de defesa e contra-ataque com aquilo que minha louca imaginação me permitiu conceber: excelentes arqueiros, meio homens, meio cavalos, pondo-os lado a lado com *fadas* e elfos armados com espadas exóticas decoradas com pedras coloridas, golens portando clavas e *autômatos* militares dignos de um filme futurista.

Avançamos rumo ao Desfiladeiro como verdadeiros *Senhores da Guerra*, cada um montando uma criatura quadrúpede a seu gosto. O Capitão mascarado montava seu *cavalo-draconado*, Anny, um corcel alvo e de olhos azulados, o Comandante, um gigantesco lobo cinzento, e eu, um enorme *leão-draconado*. Apenas Percival, que parecia possuir um espírito guerreiro e mais ousado, ia ao alto, no dorso de um *dracogrifo* que lhe cedi.

Creio que houvesse quase mil criações prontas para o embate — embora pouco nós soubéssemos sobre o que enfrentaríamos.

— Alec — começou a Mensageira, enquanto marchávamos.

— Sim? — repliquei, voltando-me para ela.

— Você *está* com medo?

Estranhei a pergunta.

— Não me olhe assim! — pediu a garota, muito séria.

— Desculpa... Não foi minha inten...

— Sem problema! Mas, você *está* com medo?

— Um pouco. Por quê?

— Por nada. Só *curiosidade* mesmo.

Não insisti.

O nosso exército principiava a adentrar o penhasco. Primeiro fora o grupo de escudeiros e lanceiros, seguido pelos gigantes de barro; os *sagitários* foram depois, acompanhados pela cavalaria.

— Fiquem atentos! — avisou Diogo, tendo a voz imitada com perfeição pelo eco.

Adentramos na companhia dos lobisomens, vampiros, assassinos mascarados, elfos e fadas, que protegiam as laterais. Logo atrás vinham os grupos de arqueiros do Capitão, meus golens e o restante dos soldados com escudos e lanças.

Olhei para as paredes rochosas, notando cavernas medonhas. Percebi também que as criaturas horrendas de Anny as escalavam,

avançando com grande agilidade rumo ao desconhecido.

A luz solar que ali penetrava nos permitia enxergar consideravelmente bem, distinguir algumas formas e nos atentar aos detalhes. Era um lugar muito assustador aquele em que agora estávamos; parecia que a qualquer instante algum mal surgiria e nos engoliria sem que houvesse tempo de reação.

Fitei a única moça do grupo, vendo em seu rosto uma expressão de medo, de receio, quase *pavor*. Pensei em lhe falar alguma coisa, entretanto me detive, temendo piorar ainda mais a situação na qual ela se encontrava.

Não consigo determinar quantos quilômetros ou o tempo que andamos por ali, afinal naquele *não-sonho* tais medidas pareciam variar constantemente. Tudo o que sei é que não demorou muito para que o crepúsculo tornasse o Desfiladeiro ainda mais sombrio, obrigando-nos a recorrer a tochas e a criarmos colossos com lamparinas em pontos estratégicos de nosso exército.

Logo o clima esfriou a tal ponto que o uso de casacos se fizeram necessário. Não eram nada elegantes — exceto o que a Mensageira usava — comparados ao que a garça estilista poderia nos oferecer em sua tenda, que agora estava tão distante e perdida em meio ao caos deixado para trás.

— Estão querendo nos fazer *baixar* a guarda — deduziu Diogo, o único que parecia insensível ao frio ou ao calor, embora agora usasse um sobretudo de tecido muito fino e leve, que era sacudido pelo vento ameno do início de noite.

— Também acho — concordou a Criativa, apesar de ainda estar envolvida em seu temor.

— Pelo que Percival mencionou, são ou Quimeras ou Íncubos e Súcubos.

A dedução do Capitão também era a minha.

— Como?! — assustou-se Anny, fitando-nos com os olhos arregalados.

— *Demônios dos sonhos* — confirmou a figura esquelética, surgindo ao lado da garota.

— Meu Deus! — gritou ela, mais por ver o esqueleto se materializar ali do que pela menção do nome das criaturas.

— Estamos em quase dois terços do trajeto — informou o amigo imaginário de Amaury.

— Quer me matar de susto, é?

— Perdoe-me, minha querida. Não foi a minha intenção. Era estranho como ele a tratava tão bem e zombava dos demais.

— Então, Percival, que tipo de monstros há aqui? — inquiri.

— Demônios dos sonhos, já falei, oras! — exclamou ele, fitando-me com seus olhos oculares.

— De que natureza? Quimeras ou Súcubos e Íncubos? — questionou Izaak.

— Quimeras não são demônios dos sonhos — cortou Percival, sempre grosseiro —, e sim criações antigas *baseadas* em Íncubos e Súcubos, cuja função é *iludir* as pessoas com a suposta realização de seus desejos, enquanto os outros, os *originais*, aterrorizam para sentirem *prazer*.

Era mais ou menos o que o ex-Juíz havia dito.

— Contudo — prosseguiu ele —, o que aqui reside é o resultado da união de ambos os tipos de seres.

Todos os Criativos ficaram surpresos.

— É um *mito* — interveio o jovem mascarado.

— Queria que fosse, garoto de pouca fé — retrucou a criatura, com o tom de voz sério e preocupado.

Inexplicavelmente o assunto morreu ali, deixando tanto os outros dois Criativos quanto eu na curiosidade. Sobre o que falavam? O que seria um mito?

Sem qualquer resposta por parte dos dois, continuamos a jornada.

O ambiente escuro, o frio intenso e o som ritmado dos passos de nossas criações. Eram apenas esses elementos que predominavam naquele penhasco macabro. O jogo de luzes e sombras produzia figuras estranhas e medonhas, tornando-nos cada vez mais alertas e receosos.

Recordei-me de meu *encontro* com um Súcubo. Havia sido tão perturbador e angustiante! Não queria reviver, nem por uma fração de segundo, aquilo novamente.

O medo parecia ter se apoderado de cada um de nós, fazendo-nos recear cada sombra que eventualmente se projetasse sobre as paredes, os cantos e as entradas das cavernas. Era uma sensação estranha, *sobrenatural*, que nos tornava incapazes de termos um pensamento coerente.

Percebi que nossas criaturas eram influenciadas de alguma maneira pelo que sentíamos, afinal eram parte de nossa *alma*, de nossa personalidade. Cogitei, com base nessa observação, se poderiam sentir alguma dor.

Eu começava a duvidar da existência dos monstros que supostamente habitavam o Desfiladeiro, pois havíamos percorrido mais da metade do trajeto e não encontrávamos absolutamente nada.

— Anny, você está bem? — perguntou a voz de Diogo, trazendo-me de volta de meu mundo de indagações.

Voltei meu olhar e toda a minha atenção para o lado a tempo de ver o corpo da Mensageira — que possuía a expressão facial cansada e amedrontada totalmente pálida — pender para a esquerda e cair.

Gritei, tomado pelo susto, porém a garota foi amparada por um dos assassinos do Criativo mascarado, evitando que caísse e se ferisse gravemente.

Todos nós — incluindo os nossos soldados — paramos para ver o que havia ocorrido com a nossa companheira de jornada.

— A primeira *vítima* — falou Percival, enquanto olhava para o rosto inconsciente da jovem.

— Como assim? — indagou Izaak, tão confuso quanto eu.

O esqueleto encarou o Capitão.

— Ainda acha que se trata de algum mito, Criativo? — perguntou, revelando grande irritação em sua voz sombria.

Diogo simplesmente abaixou a cabeça como forma de resposta.

— Alguém, pelo amor de Deus, pode dizer o que está acontecendo? — gritei, quase implorando.

— *Não é* o momento — respondeu o Capitão, parecendo temeroso.

— Por Deus, Capitão Diogo! — irritou-se o Comandante, que havia se mostrado paciente até então. — Há um *mal* aqui que nem sabemos o que é, e você não quer nos dizer do que se trata?

Notei que as suas criações se voltaram ameaçadoramente para as do outro.

— Quando se cruza Quimeras e Íncubos ou Súcubos — interveio o esqueleto rapidamente, parecendo querer evitar algum conflito —, surgem *Paranoias, Fobias e Manias*.

— Como é?! — espantei-me.

— Distúrbios mentais? É isso? — indagou Izaak, acalmando-se um pouco.

Suas criaturas fizeram o mesmo.

— Em termos, sim — confirmou o amigo imaginário de Amaury. — O ponto é que essas coisas *enlouquecem* os Criativos, sabem? Elas despertam tudo aquilo que *pode* atormentá-los, *multiplicam* suas influências e os *torturam* com isso até fazê-los cometerem atos loucos e impensados.

Lembrei-me do que me aconteceu na aranha gigante, quando ataquei Marcélia e Cíntia.

— O Lorde, ou o *infeliz* que se acha um Lorde, *usa-as* para recrutar Criativos, pois possuem mais efeito do que os outros seres deste mundo — concluiu Percival, fitando-me.

Embora desprovido de olhos, ele era capaz de enxergar muito além do que nos era permitido.

— Então — apontou Izaak, depois de pensar um pouco —, elas não vão nos atacar *fisicamente*? Pelo menos, foi o que pude entender.

— Se você estiver pensando em fazer sumir seus *jovens superpoderosos*, não o faria por nada — disse Diogo, muito sério.

— Por quê?

— Porque temos que nos preocupar com aquilo! — indicou o esqueleto, mostrando-nos as paredes do Desfiladeiro.

Centenas de sombras se moviam de um lado a outro, ganhando formas esquisitas e variadas. Formavam figuras grotescas e monstruosas, sem uma característica definida.

— O que são? — perguntou o Comandante, com a voz trêmula.

— *Traumas*, cruzamentos de Paranoias e Íncubos ou Súcubos — respondeu o Capitão de máscara branca.

— E... bem... o que eles fazem? — ousei perguntar.

— Nada demais — respondeu Percival, sacando as duas espadas. — *Apenas sugam a sua alma.*

Capítulo 51: Chuva de relâmpagos

Percival avançou com velocidade contra algumas criaturas negras e humanoides, decapitando-as e as reduzindo a *poeira escura*. Ele manjava perfeitamente as armas, realizando com grande êxito golpes possíveis apenas — pela minha concepção — em jogos eletrônicos e *desenhos animados*.

Todos nós — ou seja, Diogo, Izaak e eu — incitamos nossas criações a atacarem nossos agressores com tudo, sem qualquer misericórdia.

— Não os deixem se aproximarem muito de vocês! — ordenou o Capitão mascarado, enquanto nos cercava com seus assassinos.

Ninguém questionou aquela ordem, pois enfrentávamos coisas que se chamavam Traumas — portanto nada bom deveria vir delas.

Nossos adversários assumiam variadas formas para atacarem nossas criaturas: umas se transformavam em enormes serpentes com cabeças humanas, enroscando-se nos inimigos maiores até deixá-los reduzidos a pó incandescente; outros adquiriam a aparência de monstros esquisitos de múltiplas patas e investiam com ferocidade.

Estranhamente, embora naquele momento não soubesse explicar, uma sensação *familiar* e *incômoda* me dominava, algo que havia sentido antes — e ainda sinto —, em momentos diversos. Rapidamente minha pressão caiu e uma ausência de ar me desesperou; arfei; os olhos estavam lacrimejados, o coração acelerado e o suor frio.

Numa tentativa de me manter em pé, apoiei-me em alguma coisa — ou em alguém —, contudo meus olhos se cerraram e uma

imagem, uma lembrança que me doía, fez-me ficar ainda mais angustiado.

Era uma noite de sábado...

— Alec! — gritou a voz de Diogo, um segundo antes de meu rosto ser socado com força.

Abri os olhos num sobressalto, os pulmões implorando por ar, o peito doendo.

Diante de mim estava um de meus heterônimos, *Alastair*, que me fitava com grande *severidade*. Percebi também que me reprovava — na verdade, eu *senti* o quão me repreendia por tal distração.

Atentei-me ao combate fulminante que se desenrolava ao meu redor, criando mais coisas para ajudar meus amigos. Desta vez surgiam seres mais monstruosos, como *ciclopes*, gigantes de quatro braços, *hidras* e *homens-cães*.

A minha visão geral estava mais intensificada — algo que me ocorrera algumas vezes —, sendo a mim permitido enxergar tudo e todos e complementar os pontos mais enfraquecidos. E, além dessa capacidade de ver tudo, sentia-me capaz de estar em *três lugares ao mesmo tempo!*

Se o que o Capitão Diogo contara era verdade, eu era capaz de me *multiplicar*, desdobrando minha personalidade em outras duas, um poeta e um contista, um oposto ao outro. E tal teoria era confirmada quando me sentia triste ou alegre, ou quando escrevia, pois havia uma tendência de ver as coisas de modo diferente dependendo da emoção ou o estado de espírito que me dominava.

Naquele momento, eu, Alex, estava ocupando três figuras distintas ao mesmo tempo: o *pseudônimo* que assumi de vez e os dois heterônimos, Alastair — que me socara com força como forma de me devolver o raciocínio e o controle sobre mim — e Alécio, o escritor romântico.

Enquanto Alec, meu corpo doía um pouco, a boca sentia o gosto de sangue e aquela sensação esquisita me dominava ainda, sendo minha *fraqueza maior* desde o momento que adentrei na Guerra dos Criativos. Também via algo semelhante no jovem poeta, embora este fosse um pouco mais forte em força de vontade do que

eu. E ao ser o autor de *dark fantasy* e horror, havia em mim apenas a frieza e o sarcasmo, a determinação, o lado racional acima do emocional.

Possuindo três pontos diferentes de investida, cada parte de mim fazia algo específico para combater aquelas criaturas sombrias e capazes de trazer à alma humana toda a sorte de sentimentos negativos. E o resultado era interessante, pois se conseguia aumentar as nossas chances de vencermos, mesmo que minimamente.

— *Como* você fez isso? — inquiriu Percival, ao se aproximar de Alastair, que terminava de criar alguns ogros com armaduras e maças de bronze.

— Não fiz nada — respondeu meu heterônimo —, mas sim o Alec.

Aquela resposta parecia vir de *minha* mente, mas *não era* eu quem as deixava escapar de minha boca. Era como um *ventríloquo* e seu boneco: o primeiro pensa e formula tudo, contudo cabe ao segundo mover a boca e falar, enquanto o verdadeiro ser vivo bebe um copo de água com tranquilidade.

— Mas, eles *não param* de aparecer nem por um momento! — observou Izaak, visivelmente preocupado.

Realmente a quantidade de Traumas não era alterada, dando a impressão ou de continuar sempre a mesma ou de que aumentava a cada minuto.

O desespero crescia significativamente cada vez que nossas criações sucumbiam e os monstros avançavam com grande barulho. Sabíamos que estávamos encurralados e somente um *milagre* nos salvaria.

Se um milagre é uma questão de *acreditar*, como ocorre num sonho, creio que nossas *preces* foram atendidas mais rápido do que esperávamos.

Poderosos e intensos *raios* de cores azuladas e arroxeadas atingiram *todas* as criações e os nossos adversários, poupando-nos por questão de poucos metros. Alguns *corriam* pelo solo como tornados, ramificando-se e atingindo inúmeros seres, que se reduziam a cinza e pó.

Olhávamos aquilo sem entendermos nada. *Quem* ou *o que* teria tamanha força criativa — ou destrutiva, melhor escrevendo — para fazer uma tempestade de raios elétricos tão intensos que poderia destruir tudo o que tocassem?

Em pouco mais de um minuto não havia mais criatura intacta; apenas uma mistura de fumaça negra e poeira incandescente pairando sobre labaredas azul-arroxeadas e enormes rastros que serpenteavam o chão.

— Que por... — começava o esqueleto, mas outra descarga elétrica caiu com estrondo, a meio metro de onde nós estávamos, fazendo-o se calar.

Quando a poeira se assentou e nossos olhos voltaram a distinguir as coisas, vimos uma figura alta, trajando roupas negras e com detalhes prateados, longos cabelos brancos e lisos, uma espada embainhada na mão esquerda. Seus olhos acinzentados — quase brancos, eu diria — faiscavam, como se estivessem *eletrizados*.

Num primeiro instante, diante daquele homem — ou criatura com a forma de um homem — tão peculiar, pensei que fosse William, contudo ele me pareceu mais *desprovido* de humanidade e as macabras *tatuagens* sobre a testa e ao redor do rosto, em formas *tribais* e desconhecidas, fizeram-me mudar de ideia.

— Quem é você? — perguntou Percival, com as espadas ainda em punho.

— *Lorde Phyreon*, Senhor dos Raios e...

— Um Lorde?! — assombrei-me.

Aquele ser me fitou, parecendo me fulminar.

— Não um Lorde como deves imaginar, mortal — disse ele, a voz desdenhosa.

— Obrigado por nos salvar — falou Diogo, ainda sem se atrever ir para perto de Phyreon.

— Não vos salvei — cortou a criatura de pele pálida e ar prepotente. — Eu *odeio* aquelas coisas. Já matei *milhões* delas em dois dias e sempre tem mais.

“Quem é esse *maluco?*”, perguntou-se Alastair, e eu pude captar seu pensamento em minha mente.

“Não faço ideia”, respondi.

— Lorde Phyreon — começou o Capitão mascarado, percebendo como deveria tratar o novo personagem —, você é um Criativo ou uma criatura?

Ainda sem alterar a sua frieza e desdém, o nosso salvador respondeu:

— Nem uma coisa nem outra, mortal. Sou apenas alguém que teve a *desgraça* de ser imortal, uma maldição poderosa, e ser *obrigado* a vagar entre os mundos pela *eternidade* e a conviver com mortais que me encham de perguntas *tolas* e *insignificantes*.

Creio que todos se zangaram, entretanto ninguém ousou enfrentar alguém capaz de liquidar dois exércitos em um minuto.

Capítulo 52: Lorde Phyreon

Corri meus olhos para Anny, que estava deitada perto de mim, sobre o chão duro. Ela principiava a acordar. Apressei-me a ajudá-la a se sentar, oferecendo-me como apoio.

— Você está bem? — indaguei.

— O que houve?

— Você desmaiou.

— Foi?! — estranhou ela. — Mas, eu me lembro de estar *acordada* durante todo o tempo... e estar cercada por monstros estranhos que pareciam me deixar cada vez mais triste e angustiada. De repente me senti *sozinha*, no *escuro*, no *frio*. Tentei gritar, mas minha voz havia sumido...

Eu sabia muito bem como era aquilo.

—... e quando percebi, bem, estava rodeada de sapos... *Argh!*
— continuou a Mensageira, ficando visivelmente arrepiada. — *Odeio* sapos! Eles são... são feios e nojentos!

Percebi *rastros* negros se movendo pelo seu rosto, surgindo de trás da orelha esquerda, espalhando-se pela bochecha e subindo até se deterem na metade da testa, ficando sobre sua sobrancelha. Estaria ela também amaldiçoada, assim como estávamos Diogo e eu?

— Anny! — exclamou Izaak, aproximando-se de nós.

Quando ele viu a tatuagem, lançou-me um olhar confuso, ao qual respondi com uma expressão de "*depois eu tento explicar*", que creio que foi compreendida, pois o Comandante se apressou em criar um cavalo para a Criativa montar.

Ajudei-a se levantar, ainda curioso quanto ao significado daquela marca com *formas indianas* em sua face. Seria uma

maldição ou alguma *habilidade especial*?

Criei um gigante para pô-la sobre o dorso do equino.

— Quem é aquele *sujeito* ali? — perguntou Anny, sem apontar para o nosso novo companheiro, mas o olhando com curiosidade.

— Ele se chama Lorde Phyreon — respondeu Izaak.

— *Mas* não é um dos Lordes que procuramos — acrescentei, antes que ela se empolgasse.

— É um Criativo?

— Não sabemos ao certo — respondi. — O maluco tem *mania de grandeza*.

A garota deu um risinho, provavelmente por causa de meu comentário.

— Vamos seguir! — gritou Percival, andando em nossa direção.

— Temos alguns Criativos para salvarmos!

Ele não se deu ao trabalho de olhar ou se dirigir para quem tinha a capacidade de criar uma tempestade de raios elétricos. Seus gritos eram apenas para nós, os que foram resgatados dos vermes.

— E minha querida, como está? — perguntou, referindo-se diretamente a Anny, a quem sempre tratava com toda a educação que lhe era possível ter.

— Só um pouco cansada — respondeu a moça, com um leve sorriso nos lábios finos.

— Logo você irá melhorar, eu posso lhe garantir, querida — assegurou-lhe o esqueleto, *inacreditavelmente* cortês.

Creio que se tivesse um rosto composto não apenas de ossos, mas também de todos os sistemas, desde o sanguíneo ao muscular, teríamos notado um largo sorriso de sua parte.

— E vocês, seus *tolos* — agora se referia a mim e a Izaak —, deem mais atenção a ela!

Nós dois prometemos ser mais cuidadosos.

— E quanto a *ele*? — perguntou o Comandante, indicando Phyreon com o olhar.

— É um *espécime* interessante, não? — retrucou nosso guia.

— Depende do que signifique *interessante* para você — argumentei, tendo em mente todas as vezes que ouvi aquele adjetivo.

— O cara não é um Juiz, mas tem mais poder do que muitos deles; não é um Criativo, mas tem a *aura* de um; e não é um Lorde, contudo tem não apenas o título, mas também a *destrutividade* de um.

— Você acha que possa representar alguma *ameaça*? — inquiriu a Mensageira, mostrando-se preocupada.

— *Talvez*.

Esperamos por mais alguma resposta da parte do ser esquelético, mas esta nunca veio.

— Só isso?! — reclamei.

— E o que mais espera que eu diga? — replicou Percival, encarando-me. — Acabei de conhecer o cara, oras! Não posso chegar até ele e pedir os documentos do sujeito ou perguntar “*E aí, mano? Qual é a sua?*”!

— Mas — defendeu-me Izaak —, poderia ter pelo menos procurado saber o que ele faz aqui.

— Isso é óbvio, não? Ele está em busca de alguém, assim como a gente.

— Alguém?! — estranhamos.

— Parece que é... como foi que ele disse mesmo?

O esqueleto pensou um pouco. A seguir, com uma imitação perfeita da voz de Phyreon, repetiu as palavras exatas dele:

— “Um *filho de uma cadela sem mãe* se acha no direito de se proclamar Lorde e raptar a mortal que me arrastou para este mundo sem graça, onde todo mundo invoca *monstrinhos* para lutarem. Agora eu tenho de vagar por aí para salvá-la de um *maníaco*, como se já não bastasse meus próprios problemas.”

— Bem educado esse cara, *né?* — ironizei.

— Muito — concordou Anny, antes de cair na risada.

Observei a risada dela.

Ela era linda — na verdade, ainda mais linda — rindo! Seus olhos escuros se fechavam e suas bochechas se movimentavam a ponto de surgirem covinhas em sua pele branca, levemente bronzeada pelo sol.

— Vamos logo, que não falta muito para chegarmos a uma das entradas do Labirinto! — gritou Percival, parecendo mal humorado,

afastando-se.

— Labirinto?! — retrucou Phyreon, voltando-se bruscamente para o amigo imaginário do lovecraftiano. — Vós estais indo para o Labirinto?

— *Parece que sim.*

Percebi que aquele esqueleto não tinha ido muito com a cara do novo personagem.

— A mortal foi para lá, segundo me disseram alguns *jovens idiotas* — falou o homem de longos cabelos alvos, sem demonstrar muita emoção.

— Você pode nos acompanhar, se quiser — disse Diogo, que já montava um de seus poderosos cavalos-draconados e criava seus assassinos mascarados.

— Não preciso de vossa ajuda!

“Ele é bem *arrogante*”, comentou Alastair.

Tomei um susto, pois havia me esquecido completamente de meus heterônimos. Olhei-os rapidamente; o poeta estava num canto mais distante; e o outro estava sentado sobre uma enorme pedra, observando tudo com atenção.

— Não estamos *oferecendo* ajuda! — cortou Percival, as mãos cerradas com grande pressão.

— Considere como uma *aliança* — interveio o Capitão, possivelmente percebendo aquele gesto hostil.

— Aliança?! — estranhou Phyreon, encarando a máscara de porcelana branca e sem expressão do Criativo.

— Sim, Lorde Phyreon, pois assim todos nós ganharíamos alguma coisa, certo?

— E o que *eu* ganharia me aliando a *vós*?

“Egoísta!”, comentou outra vez meu heterônimo mais sombrio.

— Creio que não conheça como sair do Labirinto, não? — indagou a Mensageira.

Os olhos quase brancos daquela criatura peculiar se voltaram para a Criativa. Inicialmente notei um ar autoritário, contudo logo se converteu em algo mais ameno e cordial.

Em menos de um segundo ele estava de frente a Anny, em posição de *reverência* ou *respeito* para ela. Tinha a espada com

parte da bainha, cuja extremidade da ponta era de metal, cravada no chão, segurando-a apenas pelo cabo de *diamante* — pelo menos foi o material que me pareceu ser feito.

— A ti, bela *donzela*, curvo-me em humilde *homenagem* — disse, a voz suave e melancólica.

“Agora o cara *surtou* de vez”, zombou Alastair.

Segurei-me para não rir.

— Precisamos ir! — urrou Percival, muito impaciente.

— E então, Lorde Phyreon? — questionou a Mensageira, um pouco corada. — Você vem conosco?

Nem acreditei no que ele respondeu — e creio que nem os outros também — de maneira cortês.

— Por ti irei até os *confins* do Universo, minha cara jovem.

Capítulo 53: Perto do Labirinto

Após aquele sujeito esquisito fazer surgir para si um corcel monstruoso e que fazia inveja a *Odin* — por ter oito patas, cela de pele de lobo branco, detalhes em ouro e prata, pelos acinzentados, crina vasta, bem tratada e com algumas tranças e aparelhos para ser controlado (cabresto e rédeas, por exemplo) em metais prateados e dourados —, todos nós partimos.

Percival me pedira um dracogrifo, pois preferia “ficar no ar a estar perto de alguém com o ego tão elevado” — provavelmente com ciúmes de Phyreon, pois este era todo atencioso com Anny, que parecia apreciar aquilo. Para um esqueleto criado por um General *sombrio*, ele tinha até algum sentimento.

Diogo e Izaak conversavam sobre alguma coisa que nem procurei atentar, afinal sabia que, se fosse relacionado com a guerra que participávamos, saberia em breve. Preferi deixá-los quietos e me concentrar em meus heterônimos.

O poeta e o contista estavam montados cada um em um cavalo, bem atrás dos demais. Aproximei-me deles, controlando a velocidade de minha montaria equina.

— Desculpa pelo soco, *irmão* — escusou-se Alastair, mais por educação do que por culpa.

— Eu mereci.

— Sim, mereceu mesmo.

— Como posso pensar por *três pessoas* ao mesmo tempo? Isso é confuso demais! Como posso perguntar algo e responder como se fosse outra pessoa?

— Você faz isso desde criança. É uma *mania* que adquiriu e acabou se tornando uma *habilidade* útil aqui.

Corri o olhar para Alécio, que agora se distraía com uma borboleta azul com detalhes prateados.

— Então — questionei, voltando a fitar minha versão um pouco mais velha e séria —, eu posso *triplicar* meu poder criativo?

— Mais ou menos isso.

Fiz uma careta confusa.

— Alécio, mostre a ele! — pediu Alastair, sem fitar o poeta.

De repente surgiram milhares de borboletas azuis com marcas prateadas, que voaram harmoniosamente acima de nós, cobrindo os raios solares que há poucos minutos apareceram.

— *Você* não precisa pensar *conscientemente* por *nós* — explicou o garoto de barba rarefeita. — Apenas deixe que *inconscientemente* seus pensamentos ganhem força.

Continuei olhando a enorme quantidade de borboletas que nos sobrevoavam.

— Neste mundo sua imaginação é ilimitada, mas as suas limitações do outro mundo o impedem de fazer coisas grandiosas. Isso, porém, *não ocorre totalmente com Phyreon*.

— *Você acha* que ele é um Criativo? — perguntei, voltando-me bruscamente para meu heterônimo.

— Não, não acho. *Tenho certeza*.

Assombrei-me.

— Talvez não como a gente, que veio da Terra, mas de outro mundo — acrescentou ele.

— Um *alienígena*?!

— Não sei se é o termo correto, mas sim.

Aquela teoria era insana! Uma coisa era acreditar no poder mágico da mente, como agora eu acreditava; outra bem diferente era crer em vida em outros planetas. Era demais até para um fantasista!

— Mas, ele procura alguém — argumentei.

— Alguém que o trouxe para cá, isso é um fato — concordou Alastair, com firmeza.

— Ele pode muito bem ser uma criatura ou um heterônimo, o que justificaria tanto poder.

(Sim, sou teimoso, admito.)

— Criaturas *não sangram* — refutou Alécio, falando pela primeira vez após horas, espantando-me.

— E nenhum heterônimo é capaz de ficar tão longe de sua *origem* por tanto tempo — completou o outro, esmagando a minha teoria.

— Vocês veem coisas que eu nem vejo.

— Vemos apenas o que deve ser visto e o informamos para que possa fazer o que quiser.

— Como minha *consciência*, é?

— Não; e você bem sabe disso. Somos parte de você; seu lado romântico, Alécio Silva, e seu lado sombrio e mais racional, eu, Alastair Dias, como você já deve ter percebido.

— É, eu sei.

Desviei o olhar para frente, observando os quatro Criativos — afinal, Phyreon também era um, embora mais parecesse uma criação.

— E Zarak? — perguntei repentinamente. — Como será que ele está?

— Ele é um Juiz, *mano* — respondeu Alastair, confiante. — É mais forte do que nós três juntos.

Sorri, sentindo um pouco de orgulho por ter uma criatura minha ocupando um posto tão significativo naquele mundo.

— Nem sinto tanta mágoa dele agora — comentei.

— Sabemos — falou o poeta, sorrindo com simpatia.

Era bom tê-los por perto.

De súbito as borboletas se transformaram em fumaça azul-prateada. Apressei-me a criar alguns autômatos, contudo a figura de Percival surgindo no dorso do dracogrifo e pousando violentamente metros a nossa frente me fez deter o ataque.

— *Parem!* — urrou ele.

Puxei as rédeas de meu cavalo, que relinchou, sendo imitado pelos meus heterônimos.

— O que houve? — indagou Alastair.

— Há um *exército* na entrada do Labirinto! — exclamou o esqueleto, vindo em nossa direção.

Meu dracogrifo se tornou cinzas brilhantes enquanto o poderoso cavalo de oito patas de Phyreon avançava em alta velocidade, parando gloriosamente ao lado da criatura esquelética.

— Pelos deuses! — gritou ele, lançando-nos um olhar que me pareceu adquirir um tom rubro. — Por que a manobra?

— Há um exército imenso na entrada do Labirinto, na parte desértica, antes das Esfinges! — explicou nosso guia.

— Quantos milhares?

— Creio que alguns *milhões*.

O Criativo de longos cabelos brancos exibiu um sorriso enigmático, nada muito extravagante.

— Algum Criativo ou são todos do Lorde? — questionou Diogo, que se aproximava de nós, acompanhado por Izaak.

— Deve ter algumas *dezenas* de Generais e Capitães — respondeu Percival, fitando o garoto mascarado.

— Por que bloqueariam a passagem? — inquiriu o outro Comandante.

— Parece que o Lorde *teme* alguma coisa, não? — apontou Alastair.

— Mas, o quê? — perguntou o Capitão mascarado.

— Na verdade, *quem* — corrigiu Alastair.

Todos se voltaram para Phyreon.

— Vós achais mesmo que o *filho de uma cadela vira-lata* me teme? — perguntou ele, compreendendo o nosso gesto.

— Você tem um poder destrutivo colossal, conseguindo acabar com criaturas *duras na queda* como aqueles Traumas — falou o contista, num tom sério. — Isso o torna um *persona non grata* de quem quer dominar um mundo, não acha?

— Será que apenas Phyreon é capaz de matá-lo? — perguntou Izaak.

— Não, apenas ele não — respondeu o esqueleto. — Mas, imaginem um Criativo igual a ele com o poder momentâneo de um Lorde!

Sabíamos mais ou menos a dimensão do poder resultante de tal combinação.

— Não preciso do poder de um mortal para derrotar outro! —
cortou o homem, com muito orgulho.

— Se você for capaz de vencer o Lorde que ameaça este mundo, vai precisar sim — disse Diogo. — É a *única* forma.

— Existem diversas formas para matar alguém, garoto mascarado — falou nosso paranoico companheiro de jornada, afastando-se.

Pude ver antes, porém, que uma gotícula surgia em seu olho esquerdo, como uma lágrima, mas...

“Ele chora sangue”, confirmou Alécio.

Quando me voltei para o poeta, este estava entristecido.

Capítulo 54: Magia e maldição

Do alto do penhasco, como *estrategistas*, analisávamos as nossas chances de sucesso contra o enorme exército que estava muitos quilômetros a nossa frente. Era uma massa de cores e formas variadas, com miríades de miríades de criações.

— A menos que façamos os Criativos *acordarem*, não teremos chance — falou Diogo.

— Nós os acordarmos?! — estranhou Anny. — E como se faz isso?

— Um susto tão grande que os forcem a *voltar* para a realidade.

Lembrava-me perfeitamente do que havia ocorrido com o Capitão Jean.

— Susto, certo? — meditou Phyreon, parecendo ter algum plano em mente.

— Uma queda brusca, um medo intenso, tudo isso *obriga* o subconsciente a acordar uma pessoa — detalhou o Capitão. — É uma *quebra de realidade*.

— Compreendo.

Imaginávamos que aquele sujeito, com toda a certeza, iria se atrever a criar seus soldados e avançar contra aquele exército imenso até a muralha de mais de cem metros de altura.

— O plano é fazer os Criativos tomarem um susto e acordarem? — perguntou a Mensageira, assimilando as ideias.

— Sim — confirmou Percival.

— E eles podem fazer o mesmo com a gente, certo?

— Sim — respondeu Izaak.

— Parece algo bem *suicida*.

— E é, minha cara — disse o homem tatuado, cerrando os punhos.

Aquelas marcas se concentravam principalmente no lado direito, dando-lhe a aparência superior a qualquer um de nós — até mesmo a da Criativa, cuja marca no rosto desaparecera.

Rapidamente o céu foi coberto por nuvens negras e raios azulados desceram, atingindo os gigantes do exército inimigo, explodindo-os e cobrindo a parte em que eles estavam de poeira escura.

— Não mate os Criativos! — pediu Anny, visivelmente horrorizada com aquilo.

Phyreon arfou, mas a atendeu de boa vontade, fazendo as nuvens sumirem.

— Sempre o *método* mais *demorado* — reclamou ele, um segundo antes de se jogar do penhasco sem qualquer receio, surpreendendo-nos.

Mal seu corpo caiu, um enorme dragão negro, com um corpo muito parecido com o de um crocodilo, escamas sobressalentes e pontiagudas, chifres curvados e dois pares de asas de morcego, *emergiu* da terra árida, fazendo com que o Criativo o montasse.

— Vamos ajudá-lo — falou Izaak.

— E alguém aqui acha mesmo que ele precisa de nossa ajuda? — indaguei, mais do que convencido do incrível poder daquele ser peculiar.

O animal dragontino lançava seu corpo para baixo, numa rasante furiosa, permitindo que a sua cauda espinhosa causasse grandes estragos nas criaturas inimigas, além de marcar o solo com rastros enormes.

— Não cospe fogo? — perguntou Anny, demonstrando surpresa.

— Parece que não — respondeu Diogo, igualmente espantado.

— Em quase todas as lendas, os dragões não cuspiam até a Idade Média — comentei, fitando-os rapidamente.

Todos me olharam.

— Estudo mitologias desde os doze anos — expliquei, sentindo-me um pouco acanhado, desviando o meu olhar e me concentrando no campo de batalha.

Logo as atenções deles se voltaram para o campo de batalha, onde Phyreon caminhava calmamente enquanto tudo o que estava a um raio de três metros dele era *desintegrado*. Ele apenas andava com tranquilidade, parecendo procurar os Criativos, indiferente a tudo e a todos, aos elementos que ele conseguia exterminar sem ao menos tocá-los.

— Alec, dracogrifo! — gritou Percival, com o tom de voz impaciente.

Criei a fera solicitada, que urrou monstruosamente; suas asas dotadas de escamas e penas se abriram completamente.

Sem perder tempo, o esqueleto montou a criatura e sacou uma de suas espadas, gritando por sangue — o que achei exagerado. A seguir atçou minha criação, que voou rumo ao combate.

Todos nós — os Criativos — começamos a formar grandes tropas e as mandando, à medida que fossem se agrupando, para auxiliarem os *destemidos* lutadores. Ninguém, contudo, atreveu-se a ir pessoalmente para lá.

Os encontros de nossas tropas com as do outro lado foram estrondosos e muita poeira ainda mais intensa fora erguida; primeiro a do deserto, e depois a mistura de fumaça e cinzas incandescentes.

— Vamos apenas *cobrir* a guarda de Phyreon — avisou o Capitão. — Deixemos que ele *cuide* dos Criativos.

Concordamos.

As lutas entre as criaturas tão variadas resultaram numa grande quantidade de poeira e fumaça misturadas, impedindo-nos de enxergarmos com clareza o espetáculo.

De repente dois corpos foram erguidos acima da camada escura.

— Ele achou os primeiros! — gritei, com empolgação.

E, antes que retornassem para baixo de tanta poeira e cinza negra como deveria ocorrer, ambos os corpos se petrificaram, acelerando a queda.

— Meu Deus! — exclamou a Mensageira.

— Não se preocupe! — pediu o Criativo mascarado. — Os Elos não se *quebram*.

Mais um ou dois minutos, e outros cinco foram arremessados para cima, quase ao mesmo tempo.

— O cara é bom! — comentou Alastair, sorrindo.

Concordei, também sorrindo.

Continuávamos a criar coisas para auxiliarem tanto Percival — que se mostrava muito resistente em combate — quanto Phyreon — que não parava de mandar pessoas para o alto.

— Será que há muitos Criativos ainda? — perguntei, após quase quinze minutos de batalha e muitos corpos jogados para o alto.

— Impossível saber sem termos uma visão da muralha, ponto em que os infelizes devem estar concentrados num número maior — respondeu o Capitão.

— No acaso, os Generais, os mais fortes? — inquiriu Alécio.

— Sim.

— Devemos avisá-los, então — falou Anny.

— Não é uma boa ideia — retrucou Alastair, indicando um ponto no qual a camada densa era menor.

Naquele local, milhares de criaturas surgiam e avançavam para a área mais fechada, coberta por tanta poeira e fumaça.

— Os *desgraçados* estão os cercando por ali — deduziu meu heterônimo mais velho.

— Se continuarem assim, eles vão nos esmagar — alertou Izaak.

“Somos poucos”, comentou o poeta.

— Precisamos criar coisas mais resistentes e fortes — disse Diogo, mostrando-se impaciente. — Dragões, gigantes, o que for necessário!

Neste momento vi o corpo de Phyreon ser lançado para cima, com grande velocidade.

— *Droga!* — exclamei, pensando no pior.

Todos *compartilharam* o meu temor.

Contudo, aquele dragão com corpo *crocodiliano* se ergueu da camada negra, a bocarra aberta, as quatro asas arrastando consigo pedaços de sei lá o quê. Suas garras dianteiras agarraram o homem, que fez algo brilhar em suas mãos, algo parecido com uma esfera de luz lilás, e lançou-o ao solo.

Seguiram-se longos segundos até que o inacreditável ocorresse.

Primeiro surgiu uma *espiral* no ponto em que a esfera luminosa fora atirada. A seguir, apareceu um redemoinho imenso, um *tornado*, que movimentava a poeira ao seu redor, tragando-a com grande apetite. Cada vez que aquilo “engolia” a grossa camada escura, maior se tornava, até adquirir um tamanho inimaginável até então por mim.

— Ele... ele... — balbuciou o Capitão.

— Definitivamente, ele *não é* humano — disse Alastair, resumindo o que todos nós pensávamos e sentíamos em relação àquele ser sobrenatural.

A enorme espiral de vento se manteve firme num ponto apenas, tragando tudo ao redor, exceto o seu criador e o dragão que o segurava.

Ao longe, vi Percival se agarrando na muralha com o auxílio de suas espadas, evitando ser levado para o interior daquele monstro medonho que arremessava Elos para todos os lados.

— *Tem certeza* de que ele não é um Lorde? — indagou a Mensageira.

Ninguém ali tinha mais certeza de nada.

Quando não havia mais nada a ser tragado, a espiral diminuiu até desaparecer completamente, deixando em seu lugar um enorme buraco enegrecido.

Ainda *relutamos* um pouco a acreditar no que víamos, afinal *nunca* iríamos supor que alguém fosse capaz de tantas proezas. Phyreon havia *liquidado*, apenas com relâmpagos, um exército de demônios dos sonhos; e agora, com um furacão capaz de devastar um país, derrotado uma quantidade exorbitante de Criativos e suas criações.

O dragão se aproximou de nós e soltou o seu criador, que se mostrava cansado e com alguns ferimentos.

— *Já não tenho mais idade para essas coisas* — reclamou ele, sentando-se com a respiração ofegante.

Estávamos totalmente admirados com tanto poder mental. Seria aquilo, aquela demonstração de destruição, parte dos 100%

da capacidade criativa de um ser humano?

Inicialmente eu pensara ter ido além dos 10%, dias antes, no Santuário, contudo logo percebi que não consegui passar dos 11 ou 12%, sendo, portanto, ainda *limitado*.

E não era apenas eu, mas todos que vim a conhecer a seguir se mostravam restritos a nunca ultrapassarem somente os 20% ou 25%, todos presos nas limitações de nosso mundo.

Tudo mudara, porém, com Phyreon, um sujeito que se achava um Lorde imortal e tinha um poder tão imenso que parecia ser o *escolhido* para vencer a guerra.

Ao voltar a mim, notei que ele passava a mão sobre os ferimentos, que pararam de sangrar, entretanto não pareciam que iria se cicatrizar, restando estranhas marcas avermelhadas, como hematomas ou arranhões.

— Por que você não se *cura* de vez? — perguntou Anny.

— Porque *não posso* — respondeu o homem, sem fitá-la. — É uma *maldição* a qual sou incapaz de fugir.

— Maldição?! — estranhou Izaak.

— Existem magias demais por aí, garoto. Se tiveres a minha *sorte*, acabarás achando uma que te dará a *imortalidade*, mas te tirará tudo aquilo que te dava um motivo para viveres.

— Foi o que aconteceu com você?

A voz da Criativa assumira um tom entristecido.

Observei atentamente o rosto pálido de Phyreon, enxergando um filete vermelho brotar em cada um de seus olhos. *Sangue*.

— Pronto! — gritou ele, pondo-se em pé num pulo. — Acabei com os malditos! Vamos logo para o Labirinto!

O seu dragão surgiu na beirada do penhasco, e ele o montou, deixando-nos, outra vez, bastante intrigados.

Capítulo 55: A Esfinge

O sobrevoo pela área que ocorrera a batalha há pouco foi o suficiente para termos uma noção do *estrago* causado por Phyreon — e Percival, é claro, embora este tivesse se limitado a apenas destruir as criaturas.

Havia uma grande quantidade de pó negro sobre o solo, que ainda estava marcado por rastros provavelmente causados por descargas elétricas e fogo intenso, além de estátuas de mármore, granito e basalto dos Criativos: eram os Elos.

— É isso que acontece quando acordamos? — indagou Anny, tomada pela curiosidade.

— Sim — respondeu o garoto mascarado.

— E como seria morrer aqui? — ousei perguntar.

— Nem queira saber, Alec.

A muralha à frente era enorme — isso soa muito *redundante*, eu sei. Tinha figuras estranhas esculpidas, talvez representações dos Lordes, dos Juízes e da história daquele mundo sem nome. Notei também imagens em alto-relevo de algumas criaturas.

— Pensei que *não viriam* mais! — reclamou o esqueleto, que estava sentado sobre uma pedra arredondada.

— Ao contrário de você, podemos ser mortos — refutou Diogo, num tom de voz parecido com o de Percival.

— Como assim? — interveio Izaak.

— Amigos imaginários só podem ser destruídos se seus criadores forem mortos. Por isso o “cabeça de caveira” aí se aventura nos combates sem medo.

Andamos para o que parecia um portão.

— Cadê as Esfinges? — indagou Phyreon, fitando-nos. — Faz um bom tempo que as procuro.

— Deviam já ter aparecido — replicou o esqueleto, levantando-se.

— Talvez elas estejam com medo da gente — opinou a Mensageira.

— *Medo?! — soou uma voz cavernosa e feminina.*

Voltamo-nos para o alto da muralha, procurando a dona da voz. Havia uma entrada — ou saída — a dezenas de metros de altura.

Ouvi as lâminas do amigo imaginário do lovecraftiano serem desembainhadas, mas não me preocupei em olhá-lo.

— Quem és tu? — inquiriu o Criativo de cabelos brancos.

— *Sou aquela que se oculta na luz e se revela nas trevas, aquela que surge na ausência da cor, aquela que é ouvida no silêncio e silenciada no barulho* — respondeu a voz, ainda dentro da caverna.

— Odeio enigmas — resmungou Percival.

— *Quem me procura não me acha* — continuou a criatura —, *e quem me acha vive a me procurar.*

Não sei quanto aos outros, mas eu estava me arrepiando a cada frase pronunciada.

— *Eu ando entre os homens como uma fera, e entre as feras como um homem* — prosseguiu a coisa, a voz cada vez mais perto de nós. — *Todos me veem, mas ninguém me nota.*

— Se ela disser mais um enigma, eu juro que *ponho abaixo* este Labirinto! — ameaçou Phyreon, irritando-se.

— *Eu te conheço, Lorde Phyreon. Sei de teus medos, de tuas angústias, de teu passado.*

— *Vidência* não me impressiona, moça.

— *E tu, jovem Diogo, há muito buscas algo e não achas.*

Corri os olhos para o Criativo, que permanecia firme em sua postura — pelo menos, era o que me aparentava.

— *Anny, sempre querendo provar tua capacidade e sempre tão incapaz de veres dentro de ti o que realmente importa.*

Olhei-a. Ela chorava.

— *Alec, sempre entre dilemas e lembranças, nunca olhando para o que está em tua frente.*

Curvei a cabeça.

— *Um poeta sempre ama e sofre, Izaak, e isso é o que o torna grande.*

Quando demos por nós, uma mulher se *materializava* em nossa frente, andando com suavidade e *malícia*.

— *Bem-vindos, Criativos, a minha presença* — finalizou ela, com um sorriso enigmático.

Descrever aquela figura feminina será recorrer — inevitavelmente — a uma imagem *erótica*, sensual. Longos cabelos ruivos, ondulados e com mechas douradas, quase tocavam o chão numa trança belíssima; alguns fios lhe cobriam a testa e parte do rosto, perfeitamente modelados e fixos aos seus traços faciais. Sua pele pálida e imaculada fazia *contraste* perfeito com o rubro de suas madeixas.

Seu olhar sedutor, de um tom turquesa profundo, fitava-nos como se penetrasse na mais íntima camada de nós, adentrando nossa alma e descobrindo o que fosse de seu interesse.

— Queremos passar — disse Percival, lacônico, apesar de ter a voz suavizada, talvez por ter se encantado por aquela mulher.

— *Tua impaciência é um perigo, criatura* — repreendeu a mulher, sorrindo.

— Precisamos salvar um mundo, se não percebeu — intrometeu-se Alastair, que parecia também enfeitiçado por aquela beleza sobrenatural, mas ainda assim firme em nosso objetivo.

— *Não* — discordou a criatura ruiva —, *vós buscais salvar a vós mesmos, e não um mundo.*

Aquilo era, dependendo do *ângulo* visto, uma mentira; mas, visto de outro, uma verdade incondicional.

— *Para cada um de vós tudo isto é um pesadelo, e todos, absolutamente todos, pensam meramente em escapar de alguma maneira daqui.*

— Se não nos deixar passar... — começou o esqueleto, exibindo uma de suas armas.

— *Certo* — falou a Esfinge, parando os passos provocantes. — *O enigma, portanto.*

Dediquei-me a observar sua beleza exuberante, seu corpo tão bem esculpido e definido, os seios médios livres naquele vestido folgado e esfiapado, de cor indefinida, o rosto angelical, seus movimentos suaves.

— *Como matar alguém que, por duas vezes, enganou as leis da vida e da morte, sobrevivendo e se fortalecendo, tornando-se de mero grão de areia a rocha firme?*

— *Putz!* — deixou escapar Percival, provavelmente desapontado.

Imediatamente uma amпуlheta surgiu na mão esquerda da mulher, que a mostrou para nós.

— *Um minuto.*

Rapidamente nos reunimos e discutimos o assunto.

— Isso *não é* um enigma que se preze! — reclamou Phyreon.

— Também acho — concordou o esqueleto.

Ambos se entreolharam.

— Ela se *refere* ao Lorde que ameaça este mundo — falou Izaak.

— Sério?! — zombou o homem, encarando-o. — Nem notei!

— Parem de perder tempo! — criticou Alastair. — Temos de achar uma resposta logo!

— Segundo Gariel, o desgraçado morreu uma vez aqui e outra lá, no nosso mundo — começou o amigo imaginário de Amaury.

— E se tornou imortal ao transferir sua mente ou alma para um *hospedeiro* neste mundo — acrescentou o Capitão.

— Portanto, não tem como matá-lo, certo? — deduziu a Mensageira.

— Imortal *não é sinônimo* de invulnerável, querida — cortou o nosso novo companheiro de jornada. — Sou imortal, mas *posso* ser morto, meu corpo pode ser *destruído*.

— Então você não é imortal! — retrucou Percival.

— Imortalidade é estar além dos limites, dos *padrões*, não necessariamente ser invulnerável e *insensível* a dor ou a uma

magia que possa *destróçar* seu corpo e deixar sua alma a vagar por aí.

— O tempo está acabando! — alertou Alécio, mostrando-se temeroso após olhar a ampulheta.

Estávamos ficando sem tempo!

— O enigma é *ambíguo* e *subjetivo* — observou Diogo. — Nunca poderemos chegar a uma *conclusão exata* da coisa.

— Quer dizer que *não tem* uma resposta, é isso? — apavorou-se Anny.

— Quer dizer que há *várias* respostas — respondi, lembrando-me de meu fascínio por filosofia.

— E apenas *uma* interessa a ela — completou Alastair.

— *O tempo findou como se finda a vida e a beleza da rosa, Criativos* — falou a voz felina e melódica da Esfinge, chamando-nos a atenção —, *e com o seu fim vem a vossa resposta para a minha pergunta.*

Prendi a respiração momentaneamente.

— *Como matar alguém que, por duas vezes, enganou as leis da vida e da morte, sobrevivendo e se fortalecendo, tornando-se de mero grão de areia a rocha firme?*

Havíamos discutido tanto a questão que nem conseguimos chegar a uma decisão quanto ao que responder. O desespero dos dominava, fazendo-nos olhar um ao outro, como se através de olhares alguém fosse passar alguma resposta ao outro.

Ainda estávamos nessa situação quando Phyreon se pôs a frente do grupo, numa pose orgulhosa, e exclamou:

— Pouco me importa *quem* ou *o que* seja esse *alguém* que agora é rocha firme! Posso *não saber* como matá-lo, mas se o *infeliz* se meter a besta de procurar *encrenca* comigo, faço dele um grão de areia outra vez!

— Agora f... — pude ouvir o esqueleto dizer, resumindo bem o que todos nós com certeza pensávamos naquele momento.

A bela mulher ruiva sorriu mais espontânea, enquanto esticava o braço direito e apontava para o portão de tábua, que se abriu e revelou outro portão, agora de pedra.

— Outro?! — protestou o homem. — Que por...

— *Só atravessará aquele que aceitar o que há por detrás dele*
— interveio a Esfinge, informando-nos sobre a última prova, sentando-se na enorme pedra arredondada.

— E o que há lá? — atreveu-se a perguntar Izaak, para minha angústia.

— *Dores, pesadelos, medos, ilusões, perdas, sonhos, horrores, tristezas, agonias, coisas esquecidas e fortalecidas, capazes de enlouquecerem o sábio e tornarem sábio o louco.*

— Bem — disse Phyreon, rumando para o portão —, já *estou* louco mesmo.

Quando ele chegou perto da entrada, desapareceu, atravessando a matéria — aparentemente — sólida como se fosse um fantasma.

Um a um — embora o receio — foi se atrevendo a repetir o gesto, sendo os heterônimos e eu um dos últimos, ao lado de Diogo e Anny.

Ao tocar o material, que era bem sólido, tive a impressão de tocar uma corrente de ar. Olhei para Alécio e Alastair, que fizeram o mesmo.

— Vamos? — indaguei.

— Sim — responderam.

E atravessamos.

Capítulo 56: O encontro casual

Meus olhos se abriram. Balbuciei alguma coisa, na esperança de poder voltar a dormir, porém o sono não era o suficiente para tal.

O jeito era me levantar e dar início logo às tarefas *hercúleas* do dia.

Creio que apenas um fato ocorrido em nosso mundo, enquanto eu estava acordado, mereça ser registrado, algo meio *bobo*, se comparado a tudo o que já me ocorreu durante a Guerra dos Criativos, mas que pertence a um momento marcante de minha vida — não como escritor, e sim como pessoa comum, se é que posso me figurar nesse grupo.

Eu voltava do trabalho; estava um pouco cansado, pois havia sido um dia exaustivamente longo, cheio de problemas típicos da função que exercia. Tudo o que queria era um bom banho e um pouco de descanso, para em seguida me dedicar a digitar algum texto.

Minha mente era invadida pela *ansiedade* do “lançamento” de meu primeiro livro — justamente o que era baseado na primeira visita de Zarak, além de conter outras *noveletas*, ou seja, pequenas narrativas com capítulos.

Pedalava devagar, totalmente envolvido naquele momento, pensando no que teria de fazer, no desafio que seria vender meus livros e ganhar algum espaço no mercado literário. Não seria uma batalha fácil, ainda mais tendo recursos tão limitados.

Hoje, enquanto avanço nestas linhas, que foram antes feitas a mão, num processo bem artesanal e divertido, e me recordo daquele ano, percebo o quão *ingênuo* era até antes de receber o

pacote com os exemplares de minha obra. Fiquei emocionado e cheio de planos, sendo aquele instante um dos *mais alegres* de minha vida.

Bem, o fato é que eu retornava para casa, pedalando minha bicicleta e imaginando coisas diversas, quando uma *pessoa* me chamou a atenção. Mesmo que se passassem décadas e me fosse impossível ver sua fisionomia durante esse período, quando a visse dentre milhares de pessoas, reconhecê-la-ia imediatamente!

Ela deveria estar a uns cinquenta ou quarenta metros a frente.

Reconheceria aquele andar, aquele jeito de caminhar, aquela forma feminina em qualquer lugar. Claro que ela estava diferente, com os cabelos curtos, quatro dedos abaixo dos ombros — segundo meus cálculos —, num tom mais escuro, com algumas mechas mais claras; tinha uma aparência *mais séria* do que me lembrava, os olhos mais *adultos*, o corpo mais *formado*.

Por um instante pensei que meu coração pararia de bater, contudo logo acelerou a tal ritmo que julguei que morreria devido a isso. Respirei fundo, tentando manter a calma, afinal já era *quase adulto* e *não* poderia me entregar a coisas tão típicas de um *adolescente*.

Mantive a concentração, pois ou fizesse isso ou acabaria sendo atropelado.

Tentei não olhá-la, mas a vontade me venceu e a olhei — apenas para sentir um aperto no peito e me torturar mais um pouco com as lembranças de nosso namoro.

— Oi.

Por que ela tinha que dizer aquilo? Por quê?

Forcei um sorriso e acenei, sem parar ou diminuir a velocidade das pedaladas.

O fim de tarde e o início de noite estavam agora voltados ao *passado*. Lembranças que me faziam *lamentar* minhas escolhas, que eram capazes de me fazerem ver o quanto eu era um *cara sortudo* e perdera aquilo tudo por ser tão idiota.

Recordei-me das manhãs que íamos para o colégio — ela estudava em um e eu, noutro. Conversávamos, ríamos, éramos *um*

casal. Algumas vezes me atrasava, mas era bom aluno o bastante para ainda entrar na sala de aula.

Várias tardes eram passadas juntos, num relacionamento que eu acreditava ser harmoniosa. E tive a sorte de passar algumas noites em sua companhia também, apreciando as estrelas e a lua.

Eu era *dependente* dela; *totalmente* dependente. Via nela a chance de amar e ser amado, de ser *alguém*; fazia planos de construir um futuro ao seu lado, de me *casar*! Como fui tolo! Sim, hoje percebo a *tolice* que havia adquirido naquela época.

Quando a via, como a vi naquele dia, tudo o que vivi com ela, cada momento, cada instante, tudo aquilo me era agora um sonho de um adolescente. Era tão distante e irreal quanto deve ser ao leitor desta obra.

No meu quarto, já deitado, entreguei-me completamente ao estado melancólico e quase chorei. Havia um *vazio* em mim, um completo e absoluto vazio que me angustiava e me sufocava.

Os pensamentos me levaram mais longe, fazendo-me questionar se valera a pena ser tão carinhoso e romântico durante o tempo de namoro. E havia respeitado-a, nunca impondo nada. Aprendi a frear aqueles impulsos presentes na juventude, afinal ela era *evangélica* e não sonhava se desviar da igreja — e nem eu desejava que isso ocorresse.

Teria valido *realmente* a pena tudo o que eu fizera, cada *sacrifício*, cada vez que pensava em seu bem-estar, em sua felicidade, muitas vezes abrindo mão de mim? Teria sido eu um bom exemplo de namorado?

Logo surgiam as recordações mais sombrias, como as nossas brigas, as vezes que ela me mostrava o quanto éramos distantes um do outro, as coisas que enfrentei por acreditar no nosso amor, em nós.

O pai dela *nunca* gostou de mim — e também nunca fez questão de esconder isso —; a mãe, por sua vez, não demonstrava muito sobre o que pensava em relação a quem eu era ou aparentava, embora ora ou outra comentasse algo para a filha.

Havia ainda as pessoas da igreja, que pareciam me julgar por ser tão excêntrico. Ninguém me via com bons olhos, achando em

mim todos os *defeitos* possíveis — e também inimagináveis — a um ser humano.

Bem, eu havia enfrentado muita coisa por ela. Havia lutado como um *louco* em nome do que eu acreditava ser o *certo*, o que deveria ser feito. Inúmeras vezes eu evitei me prender ao passado, aos *comentários* dos outros e pensado unicamente no *futuro*, naquilo que achava ser o *correto*.

A questão era se tudo aquilo, se o sentimento que eu havia nutrido — e ainda residia em mim, para meu sofrimento — tinha valido a pena, tinha sido *correspondido e reconhecido*.

Toda aquela dúvida me torturava, afinal de uma hora para outra aquilo que antes era uma certeza havia se transformado numa completa incerteza. Se havia a certeza do que ela sentia antes por mim, agora não havia mais nada.

Eu me encontrava muito desanimado, sem qualquer disposição para escrever ou digitar. Apenas queria ficar deitado, pensando, lamentando, *sofrendo* mais um pouco.

Hoje, quando me vem à mente as recordações desses momentos, sinto em mim algum *resquício*, apesar de agora saber muito mais do que sabia naquela época.

Como ocorre toda vez que fico triste, adormeci.

Foi algo rápido.

Fechei os olhos.

Abri-os lentamente.

Diante de mim estava um enorme abismo. O vento movia minhas roupas e tocava meu rosto, trazendo um *perfume conhecido*. Arfei, curvando o olhar. Lágrimas surgiram.

— *Alex* — sussurrou uma voz suave.

Ergui o olhar.

Ela estava a dezenas de metros diante de mim, com um vestido roxo, os cabelos loiros soltos, sorrindo com meiguice. Estava jovial e linda, tal como igual *aquela* noite em que iniciamos o namoro.

— *Vem!* — chamou-me.

Hesitei um pouco.

— *Vem!* — insistiu a figura do outro lado do abismo.

Ela me chamava para perto dela, queria-me de volta ao seu lado, assim como era antes.

Avancei em sua direção, esboçando um leve sorriso.

Tudo seria como *antes*. Ela e eu; *nós*.

Ficaríamos juntos outra vez e *venceríamos* a tudo e a todos em nome do que sentíamos...

De repente senti meu corpo *despençar* vertiginosamente, rumando ao fundo do precipício. Tentei gritar, entretanto a voz não saiu. Desesperei-me.

Assustei-me, como se tocasse o chão naquele instante, e acordei sobressaltado, olhando em volta. Tudo fora apenas um sonho ruim, apenas uma sensação estranha de queda.

Revirei-me um pouco ainda, mas logo voltei a dormir.

Ou melhor, retornei para um dos momentos mais dramáticos de minha participação na Guerra dos Criativos.

Capítulo 57: Retrospectiva

Mal abri os olhos e um *turbilhão de imagens* invadiu minha mente, numa velocidade inacreditável. Eram *cenos* do que havia ocorrido durante o tempo em que estive acordado.

O grupo — que variara de tamanho conforme o decorrer do dia — havia encontrado Pablo, que estava inerte, sem qualquer movimento, incapaz de falar ou ouvir. Parecia *preso* numa *letargia* intensa, num *coma*.

Alastair — que formava o meu Elo *consciente* naquele mundo — examinou-o, constando que o Capitão estava “dormindo” com os olhos abertos.

— Ele deve estar se *confrontando* com alguma das *entidades* que habitam o lugar — deduziu Percival.

— E como o tiramos *disso*? — indagou Phyreon.

— Não podemos — respondeu o esqueleto, sentando-se numa pedra. — Aí é com ele.

— Como assim?

— Vamos ter que *aguardar*.

— Aguardar?! E a mortal?

— Ele está enfrentando seus *demônios interiores*, Phyreon — interveio meu heterônimo mais sensível. — E somente ele pode vencê-los.

— E se ele não vencer?

A pergunta do Criativo mais poderoso calou a todos.

— E se ele não vencer? — insistiu o homem de cabelos brancos.
— O que acontece?

— Ninguém sabe, oras! — irritou-se Alastair. — Isso vai de cada um! Uns enlouquecem, enquanto outros tentam suicídio. Cada

mente é um mundo.

— Não podemos fazer nada por ele, a não ser mostrarmos que estamos aqui — completou Alécio.

Phyreon arfou, num gesto de deboche, e se sentou ao lado de Percival, principiando a cantarolar algo numa língua esquisita.

Meus heterônimos também se sentaram, dedicando-se a lerem um livro cada um — o poeta lia aquilo que lhe era mais adequado e o outro se atentava a contos de terror.

O tempo passou bem devagar, sendo uma tortura para cada um que teve de esperar alguma reação de Pablo, o que deve ter ocorrido após quase meio dia de expectativas.

— Ele moveu os olhos! — informou Phyreon, que se manteve o tempo todo com o olhar fixo no Criativo *paralisado*.

— Tem certeza? — questionou o amigo imaginário do lovecraftiano.

— Eu reconheço um piscar de olhos quando o vejo, *amigo!*
Realmente os dois não se entendiam muito bem.

— A *luta interior* está ganhando contornos — observou Alécio.
— E Pablo parece que está vencendo.

A *esperança* foi enorme durante mais uma hora até que o Capitão movesse um dedo, sendo novamente percebido pelo Criativo que tanto nos surpreendia.

Outro intervalo de tempo considerável foi necessário até que a respiração dele se tornasse *audível* a todos e seus lábios conseguissem pronunciar alguma coisa. Havia sido algo *não* muito *inteligível*, contudo mostrava que ele estava vencendo a luta contra o que poderia ser seu maior medo ou algum trauma não superado.

Em seguida as suas frases se tornaram *coerentes*, um *mantra* que parecia *impor* alguma coisa que ele próprio *relutava* em *aceitar* e *acreditar*.

— Eu sou mais *forte* do que isso! — repetia na maioria das vezes.

Enormes leões negros e com olhos rubros surgiram, rugindo monstruosamente. Não atacaram os outros Criativos, limitando-se a rodearem Pablo, parecendo aguardarem o momento do *ataque mortal*.

Àquela altura, ninguém ali *cogitava* sequer em interferir, pois a batalha era somente do garoto. Apenas observavam atentamente aquilo, ansiosos pelo *desfecho*.

Assim como surgiram os monstros felinos, criaturas híbridas, metade humanos, metade leoninos, apareceram, jubas com tranças de variadas formas, tangas, machados, bastões, espadas e escudos em punho, atacando os animais negros.

O confronto foi intenso, contudo mais lembrava o duelo entre dois tipos diferentes de *fumaças*, uma escura e outra de cor alaranjada, pois uma força atravessava a outra com golpes violentos sem tornar a outra em completa poeira, mas sim numa espécie de forma borrada, mantendo-a como algo entre o gasoso e o sólido.

O Capitão cada vez mais parecia retornar do *coma*, o que era evidente no aumento do grupo de *leantropos* — como resolvi chamá-los posteriormente, com a aprovação de seu criador — e na diminuição no dos leões negros.

Não demorou muito para que Pablo começasse a se mover.

Primeiro, ele andara dois ou três passos, com dificuldade, o corpo ainda ereto. Minutos depois seus movimentos adquiriram uma velocidade semelhante àquela de alguém cansado, enquanto seu corpo se curvava.

Subitamente soltara um grito, esticando o corpo, pondo as mãos para cima. Foi um grito alto, como um urro, um *rugido*. E todas suas criações também rugiram, sendo reduzidas a cinzas incandescentes.

— *Ele conseguiu!* — avisou Alécio, contente.

Diante de todos estava Capitão Pablo, a fisionomia um pouco abatida, mas com a aura vitoriosa, a pele de leão, que o cobria e cuja cabeça assustadora lhe servia de elmo, era uma bela alusão a *Hércules* e o prestígio de um vencedor.

Alastair foi o primeiro a ir cumprimentá-lo.

— Parabéns, Capitão! — felicitou, estendendo a mão esquerda para o Criativo. — Sou Alastair Dias, heterônimo de Alec Silva, o Comandante a serviço da Capitã Marcélia e do General Alfredo.

— Agradeço, Alastair — retribuiu o garoto, com um leve sorriso.
— E muito me surpreende conhecer o heterônimo de meu amigo Alec, pois nem sabia que ele tinha um.

Os dois se cumprimentaram.

— Percival — falou o Criativo recém-desperto, olhando o esqueleto sentado numa rocha, quase ao lado do homem misterioso —, eu pensei que estivesse se esquecido de nós.

— Jamais. Apenas tive alguns contratemplos.

— E você? Desculpa a pergunta, mas quem é?

Ele se referia a Phyreon, que continuava sentado serenamente sobre a pedra, sem qualquer alteração na fisionomia.

— Lorde Phyreon — respondeu o homem de cabelos alvos, lacônico.

— Você é um...?

— Não, não como deve estar pensando, Capitão — interveio meu heterônimo mais sombrio.

— E onde estão os outros? — perguntou o esqueleto.

— Separamo-nos pelos corredores, enganados por ilusões. Acredito que também estejam sob os *efeitos ilusórios* do lugar, assim como eu estive.

— Portanto, devemos prosseguir logo — disse Phyreon, levantando-se.

E assim o grupo continuou a andar pelos imensos corredores do Labirinto, tomando precauções importantes para não se perderem um da vista do outro.

Após algumas horas eles encontraram um dos primeiros *grandes* Generais — e foi neste momento que cheguei, tendo a capacidade de conhecer tudo o que ocorrera em minha ausência em menos de um segundo.

— Seja bem-vindo, Alec — disse Alastair, dando um leve tapa em meu ombro.

Sorri.

— Encontramos um dos Generais que você conhece — continuou ele.

Diante de mim estava a figura *perturbada* de um garoto de olhos dourados e cabelos brancos; a armadura de cristal estava

com um brilho morto, quase inexistente.

— General Elric está *enfrentando* seus demônios — comentou Percival, arfando (se é que um esqueleto faz isso).

— Ele parece bem *atormetado* pelos malditos — replicou Phyreon.

— Todos são atormentados por seus demônios interiores — falou Alécio.

O Criativo de cabelos longos se calou.

— Qual será o medo dele? — questionei, dirigindo-me para Pablo, que havia me cumprimentado segundos antes.

— Não sei, mas, seja qual for, creio que seja forte o bastante para deixá-lo desse jeito.

— E qual era o seu?

— Não é um medo, e sim uma *realidade* a qual pretendo vencer o quanto antes.

Havia uma mistura de *tristeza* e *certeza* tanto em sua voz quanto em sua aparência.

Voltei-me para um dos mais grandiosos Generais que pude conhecer, mas que agora estava igual a uma criança, sentado numa forma *meditativa*, com a expressão apavorada, *receosa*.

Sabíamos que tudo o que poderia ser feito era aguardar o confronto das duas *forças latentes* dentro dele, além de torcer para que Elric vencesse o embate, assim como ocorrera com o Capitão. Sentamo-nos cada um numa enorme pedra.

Não demorou muito, e Phyreon começou a cantarolar...

Capítulo 58: O relato de Pablo

Quase meia hora se passou. E apareceu Diogo, que se apressou a ficar a par de tudo o que acontecia, sendo prontamente atendido pelos meus heterônimos, pois Percival se *distraía* com alguns ossos, parecendo consultar um *oráculo*, Phyreon continuava a cantarolar, demonstrando grande conhecimento musical, e Pablo e eu nos concentrávamos em longas explicações sobre o incidente no Deserto e o que nos ocorreu depois.

Fui o primeiro a relatar os fatos, narrando cada detalhe com mais *precisão* do que julgava ser capaz de dar a algo. contei minhas aventuras e desventuras enquanto sozinho, a descoberta de meus heterônimos, a emboscada, a luta contra o Capitão Jean, sobre os Elos, o ataque dos vermes gigantes, a jornada pelo Desfiladeiro com os novos amigos e Percival, a batalha contra aquelas criaturas medonhas, o aparecimento de Phyreon, o confronto no espaço entre o Desfiladeiro e o Labirinto, o enigma da — bela e sensual — Esfinge e, por fim, o que vi através de Alastair e Alécio acerca do embate das duas forças oriundas dele.

A seguir foi a vez de o Capitão me descrever o que lhes acontecera.

— William e eu estranhamos o seu comportamento — começou ele —, portanto creditamos isso a um contato com uma das criaturas que induzem ao medo, a ilusão, ao desespero, como aquelas que ele descrevera ou as que você me relatou agora.

“Procuramos por você por quase um dia, contudo não o encontramos. Foi quando nos deparamos com Percival, que nos relatou o que havia ocorrido com os três Generais e Zarak...”

— E o que aconteceu com eles? — interrompi, com impaciência.

— Pensei que soubesse. Os Generais foram atacados pelas criaturas, enquanto Zarak fora levado para longe nem sei como. Creio que o Lorde, o corruptor, tenha tentado contra eles, *temendo* que chegassem aos Pilares.

Senti um grande aperto no peito.

— Percival nos contou que o General Amaury havia criado seres para impedir o avanço inimigo, mas não demorou muito para que ele fosse atingido e envolvido em seu temor. Antes, porém, conseguiu *convocar* um velho amigo e enviá-lo em busca de ajuda.

“Ele e William tiveram algumas *desavenças*, mas Marcélia os repreendeu e pediu que procurasse por você enquanto viéssemos para cá. Após identificar sua *radiação mental*, pediu uma montaria alada, sendo atendido pela Comandante Cíntia, que lhe deu um dragão azulado.”

O que me tranquilizava era o fato de saber que ambas estavam bem e não nutriam *ódio* por mim.

— Não encontramos o exército que Phyreon derrotou — continuou Pablo —, mas a Esfinge nos custou um bom tempo. Perdemos tempo equivalente a meio dia por termos errado a resposta do enigma. Só passamos porque William “*convenceu*” a criatura depois de algumas horas a sós com ela em sua caverna... ou moradia.

Apenas pelo pouco que eu sabia sobre a personalidade e o caráter do ex-Juíz e me lembrando do *erotismo* que a Esfinge emanava, deduzi perfeitamente como ele a “convencera”.

— Quando adentramos, tudo parecia normal — prosseguiu o Capitão, indiferente aos meus pensamentos *imorais*. — O corredor largo, a estrutura de pedra, a pouca iluminação, mesmo durante um dia ensolarado, tudo isso destacava o local, mas nada que chamasse a atenção para algum perigo. E bastou criarmos algo para que percebêssemos no que nos metíamos.

“William explicou que só criaríamos algo quando alguma *emoção intensa* nos acomettesse, como o medo e a *ira*. Aquilo nos preocupou um pouco, afinal estávamos praticamente *indefesos* até que algum mal nos atacasse.

“Andamos sempre atentos a tudo o que nos cercava, num *estado quase paranoico*. Sentíamos a *solidão*, a *agonia*, o *desespero*, o *pavor*. Era como experimentar um *coquetel de sensações* num gole apenas.

“Cíntia foi a primeira a apresentar algum *sintoma*. Parecia temer sempre que algum mal desconhecido nos atacasse, sobretudo a mim e aos demais; de vez em quando eu notava que ela se sentia *incapaz* de nos defender, de nos ajudar, parecendo se recordar de algum evento passado.

“Tentamos acalmá-la, entretanto logo também estávamos envolvidos em nossos temores, em nossos receios. E, para falar a verdade, nem sei por onde andam os outros e nem como nos perdemos.”

Pensei um pouco. Demoraria bastante tempo até que encontrássemos todos os Criativos que conhecíamos. Além disso, havia a chance de haver milhares de outros pelos corredores, todos presos em ilusões.

Olhei para Elric, tentando imaginar o que poderia reduzir um General tão majestoso a um *garoto medroso*.

Bem, eu *também* era um garoto medroso, afinal temia fazer muitas coisas, coisas que poderiam me fazer bem. O *medo*, como li em vários livros, é um *instinto de sobrevivência* essencial e não apenas um sinal de *covardia*.

— Pablo, você sabia que Zarak é um Juiz? — indaguei, fitando o Capitão.

— Sim, assim como todos os Generais e Capitães sabem.

— E por que ninguém me contou?

— Zarak nos pediu *segredo*.

— Segredo?! Por que ele pediria segredo de algo assim?

— Bem, seu amigo é sábio a ponto de conseguir supor coisas, deduzir, *antecipar* eventos, e se ele não lhe contou nada, é porque fazia parte dos *planos* dele, de alguma coisa que vai além dos nossos limites criativos e imaginativos.

Percebi que meu amigo Juiz havia tido uma conversa com Pablo.

— Quando aconteceu o ataque ao Santuário, eu estava noutra lugar, mas Zarak me encontrou e pediu que eu fosse ao auxílio de duas pessoas *importantes* — continuou ele, surpreendendo-me. — Eu estava muito longe, contudo num piscar de olhos, para meu espanto, estava diante de você e Marcélia, e tudo o que fiz foi socorrê-los.

— Foi ele quem o levou até nós?! — assombrei-me.

— Acredito que sim. É o que me pareceu.

Se Zarak tinha o poder de *teletransportar* pessoas, fora ele quem levara o General Alfredo até mim, na primeira batalha!

— Veja! — pediu Alécio, chamando-nos a atenção.

Olhamos e vimos Elric se levantar firme, a armadura ainda com o brilho fraco.

Capítulo 59: Os dois Generais

Assim que o General se pusera em pé, ao redor dele surgiram soldados com belas e magníficas armaduras de cristal azulado, portando extraordinárias espadas. Eram homens e mulheres, alguns com pele morena, outros com a pele mais clara; alguns possuíam cabelos pretos, outros castanhos; havia os mais variados tons de loiro, sendo o *loiro-esverdeado* o mais exótico de todos, e alguns de cabelos brancos, como os do Criativo — e de Phyreon, que ergueu a sobancelha, admirado.

Não demorou muito para que o exército oposto se formasse. Era *idêntico* ao primeiro, porém suas armaduras eram de um brilho rubro.

— Hora do *duelo* — disse Percival, rangendo os dentes.

E realmente foi o que ocorreu: as duas forças se enfrentaram, demonstrando *exímio* domínio no manejo das espadas e nas *artes marciais*. Demorava um tempo considerável até que um dos lados sofresse alguma *baixa*, o que resultava em *grãos luminosos* da cor do cristal do soldado abatido.

Alguns dos guerreiros conseguiam *irradiar* luz das lâminas das armas, fenômeno que provocava um dano maior ao adversário quando a investida era bem-sucedida ou sons ensurdecedores seguidos de faíscas — ou melhor, *fagulhas* — azuis e vermelhas.

Elric apenas se mantinha sereno, parecendo aguardar o desfecho dos combates; seus olhos permaneciam fechados e o corpo ereto, numa pose de total paralisação.

Os soldados de armaduras de cristal azul eram muito bons, contudo os de cristal vermelho eram mais *violentos* e *desinibidos*,

parecendo *alheios* a qualquer tipo de lei moral de compaixão humana.

— Ele *só* cria esse *tipo de coisa*? — perguntou Phyreon, dirigindo-se a qualquer um que pudesse respondê-lo.

— Parece que sim — replicou Pablo.

— Nada mal... — treplicou o estranho Criativo, sorrindo.

Uma coisa interessante que notei no período em que atuei na Guerra dos Criativos foi a *liberdade* que tínhamos para criar o que nos fosse necessário. Muitos ali, assim como eu, eram capazes de criar tantas e tantas coisas diferentes com *maestria*, enquanto outros, como os Generais Elric e Alfredo, preferiam seguir uma *linha única* e poderosa, variando apenas uma coisa ou outra.

Logo surgiram belos cavalos, tendo como *cavaleiros* soldados *imponentes* e *majestosos*, que se confrontaram, provocando um *espetáculo* digno de um filme épico.

— O mortal sabe *caprichar*, não? — comentou o *suposto* Lorde, que estava se *divertindo* com tantas batalhas.

Neste momento Anny apareceu ao lado dele, que a tratou cordialmente, cumprimentando-a com um beijo nas costas das mãos, e relatou brevemente todos os fatos ocorridos até aquele exato instante.

Ao redor do General acontecia uma série de embates tanto por espadachins quanto por cavaleiros e lanceiros, tornando o corredor um campo de batalha — e estranhamente se *adaptava* ao evento.

Havia, enfim, uma pequena guerra sendo travada diante de nossos olhos.

Creio que tenha durado quase meia hora até que ouvimos sons de *trombetas* e *tambores*, o que nos assustaram um pouco, e todos os combatentes cessaram as lutas e se voltaram para o fim — ou o começo — do corredor reto, onde oito *escravos*, quatro de cada lado, surgiam trazendo uma luxuosa *liteira*.

Um *arauto* veio à frente, segurando um pergaminho e *proclamando* algo, mas infelizmente nenhum som lhe escapava dos lábios. Talvez *inaudível* a nós, os Criativos, pois os soldados se curvavam em *reverência*, cravando metade das lâminas das

espadas no chão — que estava coberto por uma grama curta —, num gesto *solene*.

— Ele está confrontando seus medos ou *escrevendo um livro*?
— reclamou o esqueleto, com certeza já impaciente.

Os escravos se ajoelharam, deixando a liteira entre trinta e quarenta centímetros acima do solo. Outro *serviçal* surgiu com uma pequena escada de madeira, pondo-a no lado direito.

— Aposto que é mulher — falou Phyreon, com um sorriso malicioso.

Dito e feito.

Primeiro apareceu um pé, depois o outro; ambos descalços, delicados, levemente bronzeados, decorados com tatuagens e tornozeleiras de ouro. A seguir uma perna, depois outra; eram bem definidas e esbeltas, dignas de uma *deidade*. Logo a cortina da liteira revelou uma mulher *belíssima*, de olhar autoritário, os longos cabelos amarrados num enorme penteado trançado.

— Gostei! — exclamou o Criativo mais velho, incapaz de conter a euforia.

Provavelmente ele gostara do fato de a mulher estar *seminua*, sendo coberta apenas por uma coisa — uma *tanga*, a julgar pelo formato e pelo tamanho, mas não sei se esse nome seria o adequado para tal vestimenta — de tecido fino e quase transparente que tapava a virilha e uma *tira* do mesmo tecido que ocultava apenas os mamilos de seus seios fartos.

— É impressão minha ou isso se tornou agora um *sonho erótico*? — comentou a Mensageira, parecendo estranhar tudo aquilo.

Concordamos, achando graça do comentário.

A *rainha* — pois só poderia ser uma — desceu suavemente, exibindo um corpo *curvilíneo* perfeito e digno de uma *deusa*, espalhando sua *sensualidade* para o deleite de quem a observava. Ela esticou a mão, sendo-lhe entregue um embrulho retangular; quando o pegou, principiou a caminhar com malícia entre os soldados.

Ao chegar perto do General, tocou-lhe o rosto com suas unhas longas e bem cuidadas, dando-lhe um beijo nos lábios.

“Eu também quero”, comentou Alastair.

E aquele — sem a menor dúvida — era o pensamento de cada um de nós, do sexo masculino.

Para o nosso espanto, Elric abriu os olhos dourados, fitando a mulher, que exibiu um sorriso meigo e lhe passou o embrulho envolto em pano decorado com fios de ouro e prata. Ele o desenrolou.

— *Um livro?! — indignou-se Phyreon. — O mortal criou uma guerra por causa de um livro?!*

— Ele é um escritor — disse Pablo —, e escritores fazem o que for preciso para verem seus livros sendo publicados e lidos pelas pessoas.

Tudo aquilo que o Criativo havia criado desaparecera numa nuvem de pontos luminosos de cor dourada, inclusive o livro. Ele vencera.

Alécio notou o olhar tristonho do Lorde quando a mulher seminua se desfez, como se a sua partida o tivesse feito se recordar de alguma coisa. Foi uma reação momentânea, pois logo se tornou outra vez frio e orgulhoso.

Apressamo-nos a cumprimentar o vencedor pelo feito e apresentar quem eram os novos amigos, além de narrar os acontecimentos; enquanto andávamos pelos corredores, em busca dos outros, ouvimos a sua versão.

— Pelo que sei — relatou-nos o General —, Zarak deve estar *retirando* os Criativos daqui, como havia mencionado que faria.

— E como ele faria isso? — perguntei.

— Criaria o *Fio de Ariadne*, que possibilita quem o segue encontrar a saída.

— Esse tal de Zarak, ele por acaso não pode os teletransportar, como nos falaram que pode fazer? — questionou Phyreon.

— Aqui dentro os poderes inventivos são limitados a *casos extremos*, tanto para os Criativos quanto para os Lordes e Juízes.

— Ele pode *libertar* alguém de alguma ilusão? — indagou Diogo.

— Não, pelo que sei, mas pode *prevenir*, pedindo que se entre com o Fio.

Não entendi bem a relação do Fio de Ariadne com a prevenção, entretanto optei por me calar.

— Ouviram? — perguntou Percival, que para um ser desprovido de carne era bem dotado dos cinco sentidos.

— O quê? — indagamos todos, quase ao mesmo tempo.

— *Uivos... lobos*. Uivos de lobos!

— General Alfredo! — exclamou Elric, alarmado. — Leve-nos até lá, Percival!

Com grande rapidez, o amigo imaginário do lovecraftiano nos guiou por alguns corredores, tornando possível ouvirmos os sons de explosões, tiros, latidos e uivos após percorrermos por dois deles.

Avistamos, ao dobrar a direita de um corredor, dezenas de *lobisomens* tentando se aproximar de dezenas de homens que estavam entre eles e o General Alfredo.

— Toda vez será assim? — questionou Phyreon.

— “Assim” como? — replicou Pablo, sem entender.

— Duas forças se enfrentando.

— É o *embate* de seus *dois polos*, o bom e o mau — respondeu Diogo.

— *Ainda bem que venci* o meu lado bom há bastante tempo.

Espantei-me com o comentário do suposto Lorde, contudo o confronto entre os homens-lobo e os humanos armados com fuzis, rifles, explosivos, lança-chamas e *bazucas* me pareceu mais urgente.

Os licantropos — que variavam tanto de aparência quanto de tamanho — atacavam com grande *fúria*, causando incontáveis danos aos homens, mas também sofrendo perdas consideráveis devido à *potência bélica* empregada por estes.

Se as criações pudessem sangrar, haveria muito sangue e vísceras espalhados por ali! Como isso não acontecia, o ambiente estava coberto por um pó avermelhado e *pelos* — ou algo que lembrava muito pelos — negros.

Dois ou três minutos depois de nossa chegada, o General que se mantinha cabisbaixo, possivelmente tomado por algum medo, ergueu a cabeça e gritou como se algo o ferisse o corpo, como se estivesse se libertando de algo que há muito o feria. Seus

lobisomens — afinal eles eram a sua *parte positiva* naquele combate — uivaram alto, com todo o fôlego que tinham nos pulmões. E os humanos foram reduzidos a pó.

Alfredo veio em nossa direção, a postura firme, os passos decididos, sua roupa feita de pele de lobo cinzento ainda mais magnífica do que na primeira vez que o vi, o rosto enigmático.

— Vocês — disse, dirigindo-se a mim, Pablo, Diogo, Anny e Elric —, eu os conheço, mas — e se virou para Phyreon —, e você, quem é?

— Lorde Phyreon — respondeu o Criativo de cabelos brancos, com seriedade.

— Lorde?! Por acaso, *não é* da Terra, é?

— Não.

— Zarak havia me dito que teríamos uma *ajuda de fora*, mas nunca pensei que fosse de *outro mundo*, como ocorreu da *última vez*.

Algumas coisas me intrigavam até aquele momento e me permita compartilhá-las com você, leitor, que leu esta autobiografia tão *inverossímil* até este ponto.

O primeiro item de estranhamento diz respeito ao fato de que meu amigo — imaginário, até se tornar Juiz — parecer ter o dom de *prever* os acontecimentos e preparar o terreno para que nos fosse favorável. Até aquele instante tudo parecia se encaixar de modo a reforçar essa ideia, afinal o nome do monstinho estava entre as coisas mais importantes daquela guerra.

A presença de Alfredo em minha primeira batalha, a jornada de Diogo, a missão de Pablo, a busca pelos Lordes, o encontro com Phyreon, além daquilo que ainda era desconhecido, tudo indicava que Zarak estava interferindo e atuando como um *jogador de xadrez*, posicionando as peças num imenso tabuleiro.

O segundo item é o fato de o Criativo que se dizia Lorde não pertencer ao nosso mundo. Se ele não era da Terra, o que fazia ali, num mundo em que aparentemente era *visitado* por humanos, todos *terráqueos*?

Provavelmente aquele mundo, que até hoje desconheço o verdadeiro nome, era *palco* para *eventos esportivos* para treinar a

mente criativa de toda a *forma de vida inteligente* existente no Universo — ou nos Universos, se você acredita na *teoria do multiverso*.

E o terceiro item é resumido numa pergunta: seria Lorde Phyreon tão forte a ponto de vencer alguém que superou a morte por duas vezes, tornando-se após isso um Lorde capaz de espalhar o mal?

Sem saber sobre tal indagação, tive de testemunhar o cumprimento do General e do Criativo peculiar, aguardando ansiosamente o *desfecho* de tudo aquilo.

Capítulo 60: Dons ocultos

Continuávamos a andar pelo Labirinto, sem um destino determinado, quando o Comandante Izaak apareceu. Cada um de nós lhe passou parte dos acontecimentos, tentando resumir as informações — e eu agradeci por ter meus heterônimos, que àquela altura haviam desaparecido, pois ficava informado de tudo rapidamente sem recorrer aos outros.

Percival tentava nos guiar como podia, afinal seguia o “rastro” deixado pelo seu criador, uma trilha fraca e não muito recente. Ele havia dado um tempo da *inimizade* que sentia por Phyreon, embora ora ou outra suas órbitas vazias encarassem-no por alguns segundos.

O Lorde — já me habituo a chamá-lo assim —, por sua vez, divertia-se na companhia de Anny, *indiferente* a tudo e a todos. Parecia que ele nutria algum *sentimento* pela Mensageira, algo que era estranhamente *inocente* e *juvenil* para alguém tão sinistro.

Os Generais conversavam entre si, indo ao lado do esqueleto que nos guiava. Com certeza ambos planejavam.

E Diogo, Izaak e eu discutíamos acerca de nossas criações, sobre aquilo que tínhamos em comum: a *literatura*. Éramos — com exceção de Phyreon — *escritores*, sendo que apenas o outro Comandante era autor de histórias *sem* a temática fantástica.

Deveria ser outra *obra* de Zarak, que se mostrava *engenhoso* e *sagaz* o suficiente para preparar algo tão interessante quanto aquelas possíveis coincidências. O monstrinho — eu ainda o chamo assim porque foi assim que o conheci: como meu amigo imaginário, uma criatura travessa e bem-humorada — era capaz de arquitetar

um plano tão complexo que assombra até mesmo um *estrategista militar*.

Lembro-me de nossa louca aventura na *véspera natalina*. Aqueles *quatro espíritos* teriam surgido por meio dele, afinal possuíam *mensagens* muito semelhantes com as que ele pregava? Naquela visita havia elementos de meu *imaginário*, contudo uma parte não me pertencia.

Não há muito tempo, descobri — e confirmei — muitas teorias que eu nem sabia que conhecia e frequentemente uso em meus livros.

Uma das *suposições* mais curiosas menciona a influência que sofremos de nosso subconsciente, que tem um poder *inimaginável*. Numa lista rápida, atribui-se a esta parte de nós a capacidade de *mover* objetos, *curar* doenças — e *regenerar* membros perdidos, como orelhas, dedos, olhos —, *prever* acontecimentos, *ler* a mente de outras pessoas, *dar* força descomunal em determinadas circunstâncias, *criar* duplos, *pressentir* o que ocorre no momento presente, *solucionar* qualquer problema, mesmo que este pareça impossível, *aprender* qualquer coisa, como o aramaico ou o latim ou uma infinidade de possibilidades *sem o intermédio de terceiros*...

Há teorias também sobre o *poder da crença* numa coisa, como a fé numa divindade, na capacidade de enriquecer, num sonho. E é este assunto que tanto me fascina.

Imagine o *poder contagiante* de uma ideia! Alguém disse que a *Terra era plana* e todo mundo acreditou, pois as *supostas provas* foram fortes o bastante para sustentarem tal pensamento. Um grupo de pessoas alegou ter avistado dragões e todo mundo acreditou — e ressalto aqui que *acredito de verdade* que tenham sim existido tais criaturas, inclusive cuspidoras de fogo, pois *há bases científicas* para tal, por mais absurda que possa parecer a ideia.

O plano daquele que almejava subjugar os Lordes dos Pilares era *genial*, afinal ele implantava uma ideia, uma crença no subconsciente, o ponto certo e influente no consciente. Era algo simples e complexo ao mesmo tempo, pois lhe permitia *multiplicar* seu exército. E quando conseguisse dominar aquele mundo, teria

um *imenso poder* em suas mãos: o de sugerir e manipular coisas, dando-lhe a chance de conquistar o nosso mundo, se quisesse.

Sendo este um *perigo* enorme, era *justificável* que os Juízes, incluindo Zarak, fizessem o necessário para evitar que um mal assim ganhasse o controle absoluto de tudo. E cada um dos Criativos ali, de uma forma ou de outra, sabia o que se enfrentava naquela guerra.

A noite se aproximava e todos nós concordamos em parar um pouco, para podermos descansar.

— Vocês perceberam que nenhum de nós foi atacado ainda? — observou Diogo.

— Percebi sim — confirmei.

Os demais também.

— Por que será? — perguntou a Mensageira.

— Tenho minhas teorias — respondeu Alfredo, fitando-me.

— Como assim? — questionou o outro General.

— Além do Fio de Ariadne, há *outros* meios de se afastar as criaturas. E o caro Comandante Alec conhece dois, não?

— Na verdade, não — respondi, sem entender nada.

— E você, Capitão Diogo, pode nos dizer um deles?

— Sim.

— E a senhorita, Mensageira Anny?

— Também.

— Então, o que os três têm em comum?

Bem, eu sabia o que tinha em comum com o Capitão mascarado, mas não com a garota. A menos que...

— Os três são *amaldiçoados* — respondeu Phyreon, a voz carregada.

— Correto — disse o General com vestes de pele de lobo. — As criaturas daqui *sabem* que vocês *são* do Lorde, portanto elas *não* lhes farão mal algum.

— Mas, até onde eu sei, não sou amaldiçoado — interveio Izaak.

— É neste ponto que entra uma coisa curiosa, e que o Comandante Alec deve saber.

Fiquei sem saber o que dizer.

— Diga-nos, Alec, qual habilidade apenas você tem que o destaca neste grupo?

— Eu tenho dois heterônimos? — aponte, com certa humildade.

— Exato! — exclamou o General, com empolgação. — Alec é *três vezes* mais Criativo do que um de nós, *embora* não consiga ser com liberdade! Pensem na confusão que é para essas criaturas verem três seres amaldiçoados com a *mesma essência*!

— Isso ainda não explica o motivo de não atacarem o Comandante Izaak — observou Anny.

— Não valeria a pena atacar apenas um Criativo rodeado de tantos amaldiçoados.

Todos nós entendemos.

— E quanto a Phyreon, com tanto poder, seria *burrice* qualquer aproximação — concluiu Alfredo, fitando o Criativo mais velho, que exibiu um sorriso orgulhoso e nem um pouco modesto.

Senti-me estranho por ter uma maldição — a que *residia* na cicatriz da palma de minha mão — e uma benção — os dois heterônimos — ao mesmo tempo e ambas serem tão *úteis* juntas.

Olhei para a fogueira que *gentilmente* Lorde Phyreon nos cedera, pensando na grande aventura em que estava envolvido. Era uma guerra entre dois lados! *Não era* um jogo — como deveria ser desde o começo! Tínhamos vidas em perigo, a cada instante correndo *riscos*! Provavelmente deveriam ter ocorrido algumas *mortes* — e digo “morte” no *sentido original*.

Hoje, enquanto escrevo este relato, imagino quantas pessoas devem ter morrido durante a Guerra dos Criativos que participei e em quantas devem possuir alguma *sequela* do que ocorrera lá.

— Vamos continuar — falou o General Alfredo, levantando-se. — O tempo nos é *desfavorável*, amigos.

Esta era uma *verdade* que nos *atormetava*.

Capítulo 61: Deduções e suposições

Cada um de nós segurava uma tocha, caminhando sem temer qualquer ameaça. Andamos por dúzias e dúzias de corredores, sempre tentando *vislumbrar* alguém além de nós, contudo sentíamos uma *solidão* nos cercar, como se mais ninguém estivesse ali.

Talvez Zarak — ou outro Juiz — tivesse ajudado os Criativos que ali estiveram a achar a saída, restando apenas os que estavam *aprisionados* em ilusões e medos. Os que se libertaram mais cedo talvez tivessem a mesma ajuda.

Nós, porém, parecíamos estar à própria sorte, aguardando que algum *milagre* ocorresse e fôssemos salvos do Labirinto. Era a *esperança* da maioria, mesmo que ninguém confessasse com palavras.

— Phyreon — começou Diogo, querendo *desviar* nossos pensamentos para outro assunto —, como é mesmo o nome da mortal que você quer encontrar?

Aquela pergunta deveria ter sido feita muito tempo antes, mas tanta correria e acontecimentos nos impediram de fazê-la.

— *Generala Kari Lightalzen* — respondeu o homem. — Ou é assim que ela *quer* ser chamada aqui.

— Não usamos nossos nomes verdadeiros na Guerra — disse Elic.

— Vós sois seres curiosos, mortais. Muito curiosos.

Aquilo não era bem um elogio.

— Como e por que a raptaram? — indagou Izaak.

— A *idiota* resolveu atacar o *filho de uma cadela sarnenta* que quer dominar o mundo.

— Ela resolveu o quê?! — assombraram-se quase todos.

— Vós tendes algum problema de surdez?

— Mas, *ninguém*, nenhum Criativo consegue se igualar a ele! — exclamou Alfredo. — É pura *estupidez* alguém atacá-lo diretamente, ainda mais sozinho.

— Se conheceres Kari, tu verias que ela é *estúpida* o bastante para tentar. Eu ainda a avisei que era muita idiotice enfrentá-lo, que o *bastardo* era forte demais para alguém tão jovem, mas achas que ela me ouve? Não! É uma *louca desmiolada*!

Percebia-se o tanto que ele *gostava* da Criativa que procurava.

— Como foi o confronto dela com o Lorde? — perguntou Elic.

— *Desastroso*, como previ. Ela foi logo *derrotada* e cercada pelas criaturas dele. Eu me preparava para *salvá-la*, afinal *preciso* dela para *sair* daqui, quando uma criatura com características felinas surgiu e a raptou.

“Zarak?!”, pensei.

— E tive de enfrentar o maldito e suas criações.

— E você o venceu? — perguntou Pablo.

— Ele *apelou* quando viu que *perderia*.

— Como assim? — não entendi.

— O *retardado* não gosta de perder e me golpeou de forma apelativa e me lançou contra uma das *saídas* deste mundo.

— Você esteve no Santuário?! — assombrou o Capitão Mascarado.

— Eu tentei *convencer* a mortal a *abandonar* esta guerra *sem graça* ou pelo menos me *liberar* dela, pois tinha assuntos muito mais *interessantes* a fazer do que ficar vendo aqueles joguinhos de criança. *Claro* que ela *optou* em me *mandar* de volta para a Terra... *Ingrata!*

“De repente aquele desgraçado apareceu. Primeiro na forma de um rato muito *esquisitinho*, uma *imitação* daquele *camundongo espadachim* daqueles *livros* que a mortal me *obrigou* a ler dias antes...”

— Rato?! — interrompi.

— Sim, rato. Algum problema?

— Não, nenhum.

Recordava-me de uma criatura pequena e *insignificante* o suficiente para passar *despercebida* até mesmo por um Juiz.

— Logo o *infeliz* assumiu a forma de um *cavaleiro* de armadura branca que soltava uma fumaça clara muito *ridícula e fétida* — continuou Phyreon, indiferente à minha *mentira*. — Como havia alguns *nerds*, como diz a mortal, ele veio com aquele *papinho* de se render, servir a ele ou “*eu vou matar, trucidar, sou foda, etc...*”. Eu seria muito mais *convincente* do que *aquilo*, se quisesse conquistar seguidores!

“A mortal se zangou e o atacou, mesmo eu dizendo que não valia a pena e que o maldito era muito poderoso. *Teimosa!* Ela foi raptada e eu tive de enfrentar aquele *imbecil!*”

“Ele criou coisas que nem sei o que são e eu as destruí sem esforço, avançando em sua direção, determinado a *amassar* aquela *cara de retardado* que tanto me irritava. Peguei a espada da mortal, coisa que *abomino* e não uso mais, e continuei indo em sua direção.

“Vi seus olhos adquirirem a *cor do medo* quando fiquei a um metro dele. Percebi que me *temia*, e aquilo me deu um *prazer* que há muito tempo não tinha.

“Quando eu ia matar aquele *maníaco*, senti meu corpo ser *arremessado* para longe. Choquei-me com uma coluna, que se despedaçou. Ganhei mais ferimentos com isso; ergui-me, tomado pela fúria, procurando o *covarde*, mas ele já tinha ido embora. *Marica!*”

— Então foi assim que se iniciou a destruição do Santuário — observou Pablo.

— E como você soube que deveria vir para cá, seguir para os Pilares? — indagou Alfredo.

— *Sinto a energia vital* da mortal e ela aponta para onde vós estais indo.

— Phyreon *é o único* que pode matar o Lorde — disse Percival, com seu mau-humor característico.

— Nunca tive dúvidas disso — comentou Diogo.

— Vocês estão *devaneando* — cortou o General dos lobos.

— Como assim? — indaguei.

— O primeiro confronto de Phyreon e o Lorde foi há um bom tempo. Isso possibilitou que o *louco se fortalecesse*, pudesse *aperfeiçoar* suas técnicas e *corrigir* alguns pontos ou todos que eram *vulneráveis*.

— Quer dizer que ele não pode mais ser morto por Phyreon? — questionou Anny.

— Não com a mesma *facilidade* de antes.

Ficamos algum tempo sem dizer nada.

Continuamos apenas andando, buscando uma saída dali. Era o que importava naquele momento.

— Portanto, Zarak *já sabia* dos planos do desgraçado — observou Percival, acabando com o silêncio.

— Parece que sim — admiti, um pouco sem jeito.

— Vocês não perceberam nada ainda?

— Não percebemos o que, Capitão Diogo? — retrucou Alfredo.

— *Tudo!* Tudo isso é um *teste para ver se podemos vencer o Lorde!*

— Absurdo! — cortou Elric, com seriedade.

— *Pô, gente!* É tão difícil perceber e aceitar isso?

Eu começava a ter alguma noção do que ele queria dizer.

— Temos um grupo poderoso aqui — explicou Diogo, impaciente. — Não me refiro a Phyreon ou ao Alec, mas a cada um de nós. Cada um tem um poder imenso, seja Criativo ou criatura. Mesmo com nossos poderes baixos, não somos atacados aqui, no Labirinto, o lugar mais perigoso deste mundo! É tão difícil entender que Zarak ou *alguém* nos escolheu para algo maior?

Ninguém respondeu.

— O rapto de Kari por Zarak, nossos encontros até chegarmos aqui — continuou o garoto, tentando nos convencer. — Cada mínimo evento nos permitiu formar este grupo. Se não formos capazes de derrotar o maldito, pelo menos podemos causar muitos danos a ele.

— *Concordo* com você — falei, parando de andar.

Em minha mente surgiam imagens diversas. Fragmentos que se encaixavam e formavam um quadro mental complexo.

— Eu não posso derrotar o Lorde — disse eu, com simplicidade —, e nem pretendo. Mas posso lutar até o fim para que alguém o faça.

Meu olhar foi lançado para o misterioso Criativo de cabelos alvos, que me encarou com frieza.

— Realmente acredita que posso vencê-lo? — indagou ele, pela primeira vez demonstrando se igualar a nós.

— Sim — confirmei.

— E eu também — disse Diogo.

— Se vocês acreditam, eu também acredito — falou Anny.

— Contem comigo — foi a vez de Pablo.

— E comigo também — completou Izaak.

Apenas os dois Generais se mantinham firmes, fitando-nos.

— Sabem que é muita *loucura* e *desespero* confiarem em *hipóteses*, não? — perguntou Alfredo, com seriedade.

— Loucura é não confiarmos nelas, General — retruquei, inspirado pelos anos de convivência com o monstrinho.

Notei um sorriso.

— Garoto, ou você é *muito corajoso* ou é *muito idiota* para desafiar o seu superior — falou ele, encarando-me —, mas tem o meu *respeito* e a minha alcateia ao seu lado.

Todos nós olhamos para Elric, que já sorria e confirmava a sua ajuda.

— *Admirável!* — exclamou uma voz grave e conhecida por mim.

Bem a nossa frente estava o ex-Juiz William, seu corpo esguio *liberando* uma grande quantidade de fumaça enegrecida, enquanto sua espada flamejava uma chama rubra.

— *Danou-se!* — exclamou Percival, sacando imediatamente as duas espadas.

Capítulo 62: Fúria de esperança

— Quem é o *babaca*? — indagou Phyreon, dirigindo-se a qualquer um de nós.

— William — respondeu Pablo, tenso —, um ex-Juiz.

Era evidente que o antigo guia iria nos atacar.

— Continuem a buscar a saída! — pediu o esqueleto, a voz cavernosa num tom sombrio.

Quando notei, William já avançava com a espada em guarda, cortando o ar com uma labareda rubra, deixando um rastro de fogo que se assemelhava a uma serpente voraz.

Tão rápido quanto o ataque inimigo foi a defesa de Percival, que ergueu ambas as espadas, bloqueando o golpe, produzindo um som estridente e um vento intenso e quente.

— *Fujam!* — urrou o amigo imaginário de Amaury.

Eu ainda hesitei um pouco. Tempo suficiente para ver o nosso atacante socar com violência o peito do esqueleto, que resistiu com *bravura*. Alguns ossos *estalaram* devido ao impacto.

Apressei-me a correr, seguindo os outros. Ainda me atrevi a olhar para trás, vendo Phyreon aplicar um chute no rosto de William, arremessando-o longe, enquanto Percival se erguia com a ajuda das armas, com pedaços brancos caindo de sua caixa torácica.

Corríamos sem rumo, percebendo que *sombras* estranhas nos perseguiram. Agora que estávamos nos distanciando da proteção do estranho Criativo, éramos *presas fáceis* das forças macabras que adentraram o Labirinto para auxiliarem William em sua missão homicida.

Foi com dificuldade que criamos uma parcela mínima de coisas para enfrentar as criaturas que surgiam, porém os resultados eram *ínfimos*. Estávamos com nossa criatividade muito baixa para nos defendermos com decência.

Eu ouvia os estrondos do confronto dos três e ora ou outra era capaz de ver luzes em tons ígneos subirem, clarões iluminarem o céu tão negro acima de nós, raios saírem da terra e rumarem ao céu.

A noção de tempo havia sido perdida por completo.

Quando rumamos pela esquerda numa bifurcação, fomos surpreendidos pela queda avassaladora de um corpo. Muita poeira se levantou, impossibilitando nossa visão. Tivemos de parar, quase nos chocando por causa da brusca mudança de velocidade, enquanto tossíamos.

Outro corpo despencou; agarrou o primeiro e o arremessou em nossa direção, quase atingindo Izaak e Pablo, que se jogaram no chão por instinto, passando veloz perto de minha cabeça, assombrando-me.

Olhei com assombro para quem fora jogado como um objeto qualquer e sem valor.

Era Percival!

O esqueleto estava sem a cabeça e partes do braço esquerdo e da perna direita; os ossos das costelas foram destruídos e arrancados, as roupas estavam chamuscadas. Movia-se mais por impulsos involuntários do que por disposição.

— Corram! — urrou Alfredo, empurrando a mim e a Anny com urgência.

Sabíamos que daquela enorme nuvem de poeira e fumaça sairia o ex-Juiz, com seu poder altamente destrutivo e ansioso por nos esmagar. Precisávamos correr e tentar escapar de sua ira.

Mal nos distanciamos alguns metros para que fôssemos cercados por criaturas medonhas, todas disformes. Eram tão numerosas que se aglomeravam numa massa densa e viva, tão sinistra que se igualava com aquelas terríveis criações do lovecraftiano.

— *É o fim* — falou Anny, arfando, olhando para todos os lados, assim como os demais faziam, enquanto apertava a espada que Phyreon entregou a ela.

Fitei um a um. Dividíamos a mesma *convicção* assustadora, fosse por meio de expressões faciais ou de gestos.

Seria assim que acabaria tudo? Sucumbiríamos nas trevas e o Lorde ganharia? Teríamos nossos sonhos destruídos por monstros e pesadelos? Seríamos privados do direito de vivermos em nosso mundo e pereceríamos ali, num mundo a mercê de uma mente ambiciosa e corrupta?

Não! Eu não queria me conformar! Claro que não! Éramos todos escritores, mensageiros das Ideias, numa luta eterna contra a ignorância e o esquecimento! Mesmo que morrêssemos, o que é um acontecimento *inexorável*, nossas ideias plantadas em livros, dariam frutos para gerações futuras!

Eu não era o único ali a pensar dessa maneira. E foi com *espanto* que vi Diogo gritar e retirar a máscara, revelando um rosto tomado por uma marca enegrecida que dominava todo o lado esquerdo. A seguir ele a lançou longe e correu em direção aos nossos perseguidores.

Dez ou onze assassinos apareceram, avançando ao seu lado, empunhando armas variadas, destruindo algumas criaturas. O Criativo ainda socou um ou dois oponentes antes de ser derrubado.

Aquele gesto *motivara* Izaak, Anny e eu, que o imitamos naquele ato de loucura e coragem; criamos alguns seres grandes e fortes o bastante para obtermos algum êxito.

Percebi a presença dos licantropos de Alfredo e dos soldados de Elric, todos empenhados em nos ajudar. Não precisei ver, mas sabia que os Generais também usavam os punhos e pés para nos ajudarem.

Talvez não tivéssemos chance alguma de sobrevivermos, contudo lutávamos com toda a garra que nos era disponível.

Em certo momento, começou a chover e me senti mais *forte*, mais *entusiasmado* para continuar lutando. Concentrei-me e pude multiplicar o número de criaturas e diversificá-las.

Agora batalhávamos com certa igualdade contra nossos adversários sombrios; éramos tomados por uma *energia*, uma força tão *incomum* e poderosa. Era algo *contagante*.

Logo a quantidade de nossas criações era imensa, assim como também a de Criativos. Não sabíamos ainda de onde vinham, mas eram todos seres humanos lutando a nosso favor — e isso nos bastava.

Os Anjos também surgiram, com suas asas coloridas, armas em punho; todos eram exímios espadachins e lanceiros, e nos socorriam com sua graça angelical.

— Descansem! — pediram-nos essas criaturas ancestrais, em uníssonos.

Obedecemos.

Sentamo-nos no chão.

Estávamos todos exaustos.

Apenas assistimos o combate se desenrolar, enquanto relâmpagos terríveis cruzavam o céu escuro.

— Conseguimos — disse Elric, entre o riso nervoso e a euforia.

Sim, havíamos conseguido sobreviver e encontrar os demais.

Olhei para Diogo, que cobria o seu rosto com as mãos, num sinal de *vergonha*.

— Vencemos, *cara* — falei, apoiando a minha mão em seu ombro, num gesto de camaradagem. — E você nos motivou a isso.

Aquilo provavelmente o fizera se sentir um pouco melhor, pois sorriu brevemente.

Dediquei-me a acompanhar a luta das criaturas e os Anjos contra os monstros, aliviado por ter finalmente alcançado parte de minha jornada.

— Ei, Alec! — sussurrou Alastair, atrás de mim.

Voltei-me para ele.

— Zarak está lutando contra William — continuou meu heterônimo, para o meu completo assombro.

Capítulo 63: Chuva cinzenta

Eu não acreditava no que via diante de mim.

Aquilo mais lembrava uma cena de algum *filme* com muitos *efeitos especiais* ou uma *animação tridimensional* muito bem produzida.

O fato é que no meio de uma cratera tanto Phyreon quanto Zarak — em sua forma atual, a de um guerreiro esguio e felino —, atacavam William, que se defendia com a espada e contra-atacava com golpes furiosos.

— Ele é muito forte — comentou Alastair, ao meu lado, montado em seu dragão-libélula.

Era verdade.

O ex-Juiz possuía um poder de destruição incalculável, conseguindo, inclusive, aplicar chutes e socos quase ao mesmo tempo em que se defendia, chegando a enfrentar os dois simultaneamente.

A chuva caía com intensidade e relâmpagos cruzavam o céu com estrondo, sendo alguns *criados* pelo Criativo mais velho e lançados contra William, que os rechaçava com sua arma ou apenas fugia do impacto.

Meu amigo imaginário era mais *cuidadoso* em suas investidas, buscando a todo custo tocar a testa do oponente, que conseguia escapar ou bloquear o gesto.

Em determinado momento, quando os raios elétricos se tornaram constantes e fulminantes, a criatura de trajes sombrios criou raios rubros e potentes que *saíam* da terra e se chocavam com as que vinham das nuvens, provocando um grandioso *espetáculo luminoso*.

Alastair e eu tivemos que nos distanciar um pouco, pois poderíamos ser atingidos, se continuássemos tão perto do centro da

ação.

Eu queria ajudá-los, mas sabia que não teria a mínima chance.

Phyreon havia criado uma *esfera prateada* e avançado, mas um tremor de terra o desequilibrou e a bola de energia lhe escapou da mão, explodindo. Uma enorme labareda se espalhou, consumindo tudo num raio de meio quilômetro, erguendo-se num *urro* demoníaco, *rasgando* parte das nuvens e as *incendiando*.

Mal me recuperei do monstruoso susto, testemunhei um tornado surgir e puxar todo o fogo, extinguindo-o somente abaixo das nuvens, mas levando-o ao alto, onde *consumia* o firmamento com ainda mais agressividade.

Senti a água quente queimar a minha pele. Apressei-me em criar escudos de proteção — um truque que imitei de minha Capitã, no episódio do Santuário —, protegendo a mim e ao outro eu.

O combate lá embaixo era violento.

William agora estava desarmado, mas ainda lutava com os punhos contra Phyreon, que o esmurrava com as mãos ardendo em chamas azuladas. Zarak ainda tentava tocar a testa do agressor, sem obter o mínimo sucesso.

E os três *sangravam!*

Sim!

Tanto o meu amigo quanto o ex-Juiz estavam muito feridos.

Seguindo a *lógica* das coisas — embora seja ridículo pensar nisso quando se está num mundo em que a imaginação rege o funcionamento de tudo —, se algo sangra, mesmo que seja considerado *invencível*, ou *imortal* ou semelhante a um *deus*, é porque pode sim ser *vencido* ou *morto* e *deposto* de sua glória divina.

Nunca pensei em ver Zarak, o monstrinho, meu amigo imaginário, aquela criatura travessa, sangrar. Na verdade, ele próprio havia me dito que nenhuma criatura sangrava.

Contudo, não era o que eu via.

E aquilo me fez estremecer; era um *presságio*.

Voltei a me concentrar no embate a tempo de ver o Juiz de cabelo colorido chutar a perna de William, forçando-o a se curvar, dobrando o joelho. Phyreon aproveitou a oportunidade e deu uma

joelhada no queixo do ex-Juiz, lançando-o para longe, enquanto o sangue *jorrava* da boca e do nariz, deixando um rastro ínfimo e rubro na trajetória.

Zarak deslocou-se com o *teletransporte* que vinha demonstrando ter total domínio e ficou sobre o corpo do adversário, pressionando-o a descer com os pés felinos junto ao seu peito. Por fim, tocou-lhe a testa com os dedos, criando uma breve claridade.

O misterioso Criativo avançava, em posição ainda *ofensiva*, quando o Juiz o fez parar com um *gesto autoritário* com a mão e o olhar fixo no homem derrotado e caído no solo devastado.

O céu *soltava cinzas* e algumas nuvens ainda ardiam. Não chovia; apenas caíam as cinzas, tornando o que um dia fora o Labirinto num *cemitério de memórias*.

Eu estava espantado com muita coisa.

— Vamos! — chamou-me Alastair.

Ir?! Ir para perto de um amigo imaginário que mentira para mim? Ir para perto de alguém que escondera ser um Juiz? Pior: alguém que sabia sobre o mal que assolava aquele mudo e nada nos contou? Como eu poderia ir?

— Não posso — falei, quase num sussurro.

Meu heterônimo compreendeu minha dor.

Retornamos para junto dos demais, que saíam das ruínas do local, indo para a luz do dia que começava a aparecer. Era um vasto terreno entre o Labirinto e os Pilares.

Reencontrei aqueles que me acompanharam até ali, os Criativos que conheci após fugir com covardia do ataque contra a vida de minha superior e de outra amiga. Fui abraçado entre choros e risos, todos contentes com o desfecho.

Também revi outros, como o lovecraftiano Amaury, que estava ao lado de Percival — totalmente *restaurado*, agora portando uma *acha* e trajando vestes medievais muito desgastadas —, a Comandante Cíntia e seu copo de chocolate quente tão saboroso — até me arrependi de não ter provado antes.

Gariel e seus companheiros também estavam ali, cada um mais majestoso, imponente e belo do que o outro; auxiliavam um grupo enorme de pessoas a sair. Ele sorriu para mim.

Ainda me lembrava de nossa conversa naquele lago.

Senti a ausência de minha Capitã. Onde estaria?

Andávamos todos a pé, sem pressa, *escoltados* por Anjos e pelas criaturas de quem estava em *boas condições* de criar. E eu não era um desses.

Vi quando Zarak, Phyreon e William surgiram, os três cobertos de cinzas e muito machucados. Pareciam bem *solidários* um com o outro. Não riam. Apenas conversavam como amigos de longa data.

Desviei o olhar para um acampamento de pedra que surgia logo à frente. *Estandartes* possuíam símbolos estranhos. Era ali que estavam todos que buscavam os Lordes por motivos honrosos; ali também estavam os *refugiados*. Toda a *esperança* concentrada num só lugar.

A partir dali era tudo, *absolutamente* tudo muito *decisivo*. Não poderia haver erros, falhas... Era *vida ou morte*.

De repente meus olhos se encontraram com os de uma Criativa. Um olhar claro, tristonho. Meu coração acelerou. Gelei. Estremeci.

— *É ela* — falou Alécio, quase num sussurro.

“Sim”, pensei, dominado pela *euforia*. “É ela.”

Corri ao seu encontro, todo apressado. Empurrei algumas pessoas. Abracei-a com força, chorando. O mesmo *perfume* que me deixava apaixonado. O mesmo calor.

Sim. Era ela com certeza.

E era *real*, e não uma *ilusão*.

Eu a abraçava com força, tremendo de emoção, as lágrimas em abundância. Sentia-me outra vez aquele garoto tolo e *enamorado*. Arfei. Tentei chamá-la pelo seu nome verdadeiro, mas acabei pronunciando outro.

— *Carla Cristina*.

Parte Seis: Redenção

Capítulo 64: Carla Cristina

E assim inicio a última parte deste livro...

Carla Cristina me afastou com certa urgência, dando alguns passos para trás e me olhando com surpresa.

— Alec?!

Eu não sabia o que falar nem o que fazer. Não imaginava que ela fosse participar da Guerra no mesmo tempo em que eu. Nunca imaginei que fôssemos nos encontrar ali.

— Mensageira Carla! — chamou um Criativo moreno, um pouco a nossa frente.

Ela hesitou um pouco, contudo atendeu ao chamado.

Permaneci algum tempo parado, olhando-a se distanciar ao lado daquele garoto. Meu peito doía, parecendo que faltava ar em meus pulmões. E eu *sabia* que naquele momento havia *sido abandonado*.

Uma mão pousou sobre meu ombro. Não olhei.

— Eu a perdi *há mais tempo* do que imaginava — falei, incapaz de controlar o que senti.

Não vi, mas sei que Alécio concordou comigo.

Voltei a andar. Mantive-me em silêncio, absorto em meus pensamentos, em minhas lembranças. Sentia-me completamente *sozinho*.

Meus passos pareciam pesados, enquanto minha garganta ardia e minha boca estava seca. As lágrimas não saíam mais; ficavam apenas em volta dos olhos, embaçando a minha visão. Ora ou outra eu arfava, soltando um suspiro que daria dó de se ouvir.

Adentramos o círculo de pedras, com suas enormes colunas e estandartes, onde fomos *meditar* sem sermos incomodados; apenas

eu e meus heterônimos.

Sentei-me numa rocha bem distante, entre uma tenda e o paredão rochoso adjacente ao acampamento; abaixei os olhos e pude finalmente chorar. Foi um choro silencioso; inicialmente fora algo tão *sufocante* que parecia me faltar ar, mas logo se tornara mais ameno, proporcionando-me algum alívio para aquela dor.

Não sei por quanto tempo fiquei ali; talvez minutos, talvez horas.

— Alec — chamou-me a voz de Carla.

Ergui o olhar. O coração batia acelerado.

Desta vez não tive vontade de abraçá-la.

— Não daríamos mais certo de qualquer jeito, *né?* —
questionei.

— É — confirmou ela, sem se aproximar. — Você estava sempre *distante*, não me acompanhava nos congressos, nas festividades. Eu me sentia *sozinha*...

Suspirei.

— Você sabe... Nunca gostei disso — falei, num tom de alguém exausto de tanto lutar.

— Sim, eu sei, mas ainda assim me sentia mal sem você. E eu *também* comecei a me afastar.

Abaixei o olhar.

— Você *parou* de *demonstrar* carinho e amor — continuou ela, a voz carregada. — Fui sentindo cada vez menos amor por você com o tempo. *Nunca notou* que eu havia parado de chamá-lo de "amor"?

Claro que eu notara.

— E *continuou* comigo por quê? — indaguei, pondo-me de pé num sobressalto, erguendo o olhar.

— Nem sei.

— *Pena?* Foi por isso? Por *piedade*?

— Não!

Eu estava com minhas emoções *agitadas*.

— Quando você *percebeu* que estava me *perdendo*, voltou a me dar *atenção*, mas já era tarde...

Cerrei os punhos, sentindo o ferimento na mão direita arder.

— Por isso que, quando terminamos, você se envolveu com *ele*?

— Claro que não! — defendeu-se Carla, com certeza ofendida.

— Então, por quê?! Por que ficou com ele?

Ela não sabia o que responder.

— Eu a amei! — gritei, aproximando-me dela. — Sonhei com um *futuro* para a gente! *Fiz* tanta coisa por você!

Cada passo largo meu em sua direção *provocava* um de recuo dela.

— O que eu pedi em *troca*? — prossegui. — *Confiança e respeito! A verdade apenas!*

Senti minha mão *umedecer*, parecendo *sangrar*.

— E você fez o quê? Diga-me o que você fez!

Notei *temor* em seus olhos claros.

— Ficou com aquele *desgraçado* poucos dias depois de eu ter praticamente implorado para voltarmos! De ter declarado de novo o meu amor por você! E qual foi a merda que você fez? Diga! — urrei, agarrando-a pelos ombros e a pressionando na lona da tenda.

— Olha o *linguajar!* — reclamou Carla.

— *Dane-se* isso! — estourei. — Eu a amei! E você preferiu jogar tudo fora por ser incapaz de me ouvir! E por ficar com aquele *canalha!*

Soltei-a de vez, quase a derrubando, notando que à nossa volta havia dezenas de criaturas de aparência amena e bela com lanças apontadas para mim.

Olhei para minha mão, vendo um líquido *viscoso* e negro sair da ferida; lembrava sangue apodrecido.

Virei-me, distanciando dali.

— Você me *decepcionou*, Carla — conclui, caminhando decidido para longe dali.

Havia em mim um misto de *culpa* por tê-la feito deixar de me amar e *raiva* por ela ter se envolvido... por ter tido alguma coisa com aquele *filho da mãe*.

Afastei-me com os olhos marejados.

Meus heterônimos me acompanharam.

— Como se sente? — indagou-me Alastair.

— *Quase* igual a como você se sente — respondi.

Sorrimos os três, embora o poeta fosse o mais sincero de nós: seu sorriso foi breve e *triste*.

— E agora vamos nos *reunir* com os outros — disse eu, com *convicção* na voz —, pois é muito *melhor* do que ficar lamentando pelo que já se passou.

O grupo estava numa *confraternização* muito tranquila. Era apenas um grande banquete, no qual todos estavam reunidos, contando suas aventuras e desventuras.

Sentamo-nos num lugar vago o suficiente para nós três, ao lado de uma linda Criativa loira, que sorria com os relatos divertidos de um dos convivas, que narrava tudo com grande alegria e *humor*, tornando até mesmo o mais *trágico* acontecimento numa *comédia*.

— Marcélia não está aqui — falei, o tom de voz ainda com resquícios de tristeza.

Passou em minha mente a possibilidade de ela ter sido raptada pelo Lorde ou estar perdida naquele imenso Deserto, entregue à sorte. Ou...

— Não — disse-me Alécio, com urgência na voz.

— Nada de pensar *nisso!* — pediu o outro, com o tom de voz firme.

Olhei-o.

— Pare de ter pensamentos tão pessimistas! Seja mais *otimista*; não a ponto de criar ilusões, mas a ponto de sempre *acreditar* que acontecerá algo melhor!

Assenti.

Ele pegou um copo de *vinho tinto* e bebeu com calma.

Continuei a olhar tudo ao meu redor.

Quase todos os Criativos que eu conhecera estavam ali, naquele banquete. Num canto, num *concílio* com os Generais Alfredo, Elric e Alfredo, estavam Zarak, Phyreon e William, além de uma jovem de cabelos negros e lisos — que pelo modo de se portar e pelos trajés tão bem detalhados, deduzi ser uma *Generala*.

— Em breve teremos uma grande batalha — disse Pablo, que estava em pé atrás de mim. — Provavelmente a *decisiva*.

— Vai ser tudo ou não, *né?*

— Sim.

Logo o Criativo de cabelos brancos se afastou daquela pequena reunião, indo para perto de um grupo de garotas bem animadas.

— Acredita mesmo que poderemos vencer? — inquiri.

— Isso eu não sei, Alec — respondeu-me, com sinceridade —, mas sei que podemos tentar.

— É, podemos sim.

O Capitão se distanciou.

Percebi que Alécio estava pensativo; seus pensamentos distantes, assim como seu olhar — centrado na figura de minha ex, que estava com seus superiores, rindo de maneira um pouco forçada.

— Ficaremos bem — murmurei.

Capítulo 65: O Conselho dos Ordeiros

E acordei.

Naquela manhã o *vazio* foi imenso.

Levantei-me para mais um dia, contudo *coisas* dentro de mim haviam sido *alteradas* — mesmo que eu não soubesse o que ou como.

O dia passou como todos os outros.

Apenas uma *ansiedade* indescritível me consumia, criando uma *expectativa* para algum evento *inevitável*.

Lembro-me perfeitamente de ter me molhado com a chuva daquela tarde, enquanto minha mente me dava imagens e sons para minhas *reflexões*. Sempre gostei daquela sensação da água caindo, lavando alguma impureza de minha alma, de meu coração tão cansado.

A noite foi igualmente banhada em *melancolia*.

Não escrevi ou li nada naquele dia tão *introspectivo*.

Deitei-me muito mais cedo do que o normal.

Dormi.

E pela última vez fui para a Guerra dos Criativos...

É estranho para mim o fato de escrever todo este relato tendo em mente algumas coisas, como a ausência de várias respostas e as revelações obtidas no decorrer dos *dias oníricos*.

Quando retornei àquele mundo, fui logo *convocado* pela Mensageira Anny a comparecer a uma reunião com o Juiz Zarak — meio estranho chamar o meu amigo de “Juiz” — e seus *Ordeiros*. Apesar de muito hesitante, atendi, afinal havia aprendido a não *contrariar* um Juiz.

O local da tal reunião era uma enorme tenda, cujos únicos móveis eram uma grande mesa redonda — pensei na *Távola Redonda* quando a vi — e as cadeiras, cada uma ocupada por um Criativo, tendo apenas duas vazias, que estavam destinadas a mim e a Criativa que foi me chamar.

— Agora que estamos todos reunidos — começou Zarak, pondo-se de pé —, vamos *esclarecer* alguns pontos.

Gariel à sua direita e William a sua esquerda; ao lado deste estava Phyreon, que parecia mais concentrado em contemplar suas marcas do que em ouvir o que seria ali esclarecido.

— Cada um de vocês tem algo *importante* para vencermos esta guerra. Eu *tentei* fazê-los se conhecerem, fiz o que foi *preciso* para que todos ficassem unidos o tempo todo, mas o *Lorde Branco* interveio algumas vezes ou as *fraquezas* de vocês *complicaram* um pouco as coisas no processo.

— Por que simplesmente não nos reunir, como está fazendo agora? — indagou uma Criativa de longos cabelos negros, que portava a espada que Phyreon nunca usou em combate.

Ela era de aparência um pouco serena, embora eu pudesse notar traços de alguém capaz de mudar rapidamente de atitude quando provocada. Sob o sobretudo branco que usava, notei um colar com uma *cruz* de alumínio com uma pedra azul-esverdeada no meio como pingente; esforcei-me um pouco mais, tentando ler o que estava escrito, mas desviei o olhar quando percebi os olhos do amigo estranho dele me encararem, como se eu estivesse cometendo alguma *transgressão*.

— Porque não seria bom *acelerar* o *aprendizado* da *caminhada* — respondeu Zarak. — Se eu tivesse os trazido imediatamente para cá, ninguém teria se *superado*, teria conseguido superar seus *limites*.

— Mas, o que isso tem a ver com esta guerra? — inquiriu Diogo.

— Vencer uma guerra não é ter um grande exército formado, mas sim formar cada soldado a ponto de compor um grande exército. E temos, meus amigos, um bom grupo de soldados aqui.

Eu ainda era incapaz de formular perguntas. Limitava-me a ouvir e ver apenas.

— Por que nos *escolheu* como Ordeiros? — perguntou Capitão Pablo.

— A escolha fora feita por Gariel e eu. Escolhemos vocês por serem capazes de fazer uma das *missões* para que vençamos ou tenhamos grandes chances de vencermos.

— Missões?! — estranhou Izaak.

— Sim — respondeu o Anjo, sem se levantar. — Serão necessárias pequenas tarefas para *enfraquecemos* a força destrutiva do Lorde Branco.

— E seriam quais tarefas? — indagou Kari, lançando um olhar *desconfiado*.

— A partir de agora ninguém mais se *prende* a postos militares. Generais, Capitães, Comandantes e Mensageiros *não existem* mais para vocês — explicou o Juiz. — Vocês serão Ordeiros, um grupo de defesa e contra-ataque, formado pelos Criativos mais simples e importantes.

— Há outro grupo, o de *Opositores*, que nos ajudará na missão mais crucial — completou Gariel.

— Deter o exército do Lorde — falou Alfredo, fitando Phyreon.

— Sim — confirmou Amaury.

Olhei para cada um deles. Sentia-me perdido ali.

Alfredo, Elric, Amaury — ao lado de Percival, que parecia indiferente ao assunto, mais concentrado em girar a mão do que prestar atenção no que se discutia —, Kari — na companhia do estranho Criativo de cabelos alvos, a quem ora ou outra ela chamava a atenção —, Pablo, Cíntia, Diogo — este inexpressivo com sua máscara de porcelana —, Izaak — com sua expressão de esperança —, Anny — parecendo bem melhor do que outrora —, o ex-Juiz William — ainda ferido, assim como os dois com quem lutara — e Zarak — o Juiz responsável por nos unir ali —, todos pareciam ser melhores do que eu.

— E quanto aos *Quatro Cavaleiros*? — inquiriu o Criativo mascarado, dirigindo-se a Gariel.

Sim, havia o Anjo. Por um momento breve eu o havia ignorado, como se fosse possível não perceber um ser tão *solene* e sereno, portador de *sapiência* e poder.

— Estão reunidos, prontos para agirem quando o Lorde Branco os ordenar — respondeu ele, sem se alterar. — Expliquei tudo aos que antes eram Generais, a quem caberá o dever de detê-los.

Os quatro assentiram.

— Mas, quem são esses Cavaleiros? — indagou Pablo.

— Amigos, conhecidos, pessoas que o Lorde *preparou* desde o nascimento, treinando-as para este momento — explicou Gariel, com seriedade. — São tão poderosos quanto uma ou duas dezenas de Generais juntos, capazes de criarem o *pandemônio*, de enfrentarem e vencerem Juízes, Anjos e...

— Lordes — completou Diogo, provavelmente horrorizado com tantos poderes criativo e destrutivo unidos numa só mente.

— Se eles podem tanta coisa, como podem ser vencidos? — perguntou o outro que antes ocupava o mesmo posto militar que eu.

— Não vamos vencê-los — respondeu Elric —, pois seria loucura pensar que poderíamos tal proeza.

— Nossa intenção é *distraí-los* o tempo suficiente para que Percival possa *invocar* o *Apanhador de Sonhos* em suas testas — acrescentou o lovecraftiano.

— Assim como fiz com William — concluiu o Juiz.

Vimos um ferimento rubro e *rúnico*, uma *mandala* na testa do ex-Juiz.

— E nós? Faremos o quê? — inquiriu a garota que fora Mensageira.

— Bem — começou Zarak —, vocês *irão* aos Pilares.

— O quê?! — espantamo-nos.

Houve uma pequena discussão entre nós, mas logo nos calamos ao percebermos o olha severo de William, que parecia nos *fuzilar*.

— Não podemos — apontou Izaak.

— Ninguém aqui é tão digno disso — reforçou Diogo.

Os demais de nós concordamos.

— Entendam, Criativos! — pediu Gariel. — Os Lordes criaram *barreiras* para qualquer um que tenha um poder criativo muito elevado, como um General ou Juiz, possa ir até eles, até os Pilares. Apenas vocês podem ir lá com mais facilidade.

— Tentamos chegar lá, mas falhamos por estarmos acima do que é esperado de algo digno de ir— confessou Alfredo.

— E por que acham que conseguiríamos? — inquiriu Pablo. — Além de sermos “fracos”, claro.

— Não achamos nem que sejam fracos e muito menos que conseguirão — respondeu Zarak.

— É um *tiro no escuro*, não? — questionei.

— Não, é uma chance que temos — cortou Kari, fitando-me com seus olhos claros. — E temos que tentar.

— Não há escolha, há? — questionou Cíntia, a voz carregada.

— Infelizmente não há mais escolhas — sentenciou o Anjo. Ficamos calados.

— Vocês irão aos Pilares — disse Elric, quebrando o silêncio mortal —, enquanto nós atrasaremos o avanço das tropas dos Cavaleiros e atrairemos o Lorde para enfrentar Phyreon e William.

— É *suicídio* tudo isso — admitiu o mascarado, com a cabeça baixa.

Todos ali sabíamos que era.

— Morreremos de um jeito ou de outro — falou o senhor dos leões, sem toda aquela energia leonina de quando o conheci.

— Temos uma ínfima chance de vencermos — tentou consolar o Juiz.

— Não, não temos — retrucou William, com frieza. — O Lorde Branco é infinitamente além de tudo o que acham que podem fazer e acham que ele é capaz de realizar. E ele vai *esmagar* qualquer um que se atrever a atrapalhá-lo. Eu o conheço bem, afinal *fui* criado por ele...

Capítulo 66: Hesitações

A revelação do ex-Juiz nos atingira com impacto. Apenas Zarak, Gariel e Phyreon se mostravam indiferentes.

— Você era... era o amigo imaginário dele? — perguntei.

— Sim — confirmou William, com insensibilidade. — Eu o *traí* quando ele tentou dominar este mundo. Não queria partilhar daquela crueldade. Minha *maldição* foi ter me tornado um Juiz.

— E *ironicamente* deixou de ser Juiz quando *puniu* um Criativo que feriu gravemente outro — acrescentou o Anjo.

— Por isso que você me falara sobre ele dias antes, Zarak! — exclamou Pablo. — Sabia disso! Quem melhor para nos trazer em segurança para cá do que a criatura oriunda do mal que nos ameaça?

— Fiz o que foi necessário — defendeu-se o ex-monstrinho.

— Você agiu igual ao nosso inimigo! — acusou Cíntia, furiosa.

— Não, não agi! Eu os ajudei! Mostrei como se tornarem fortes pela crença em seus sonhos!

— Poderia ter nos poupado tempo e sofrimento! — argumentou Diogo.

— Isso apenas os faria falharem! Vejam o quanto aprenderam! Cada um *evoluiu*, provou a si mesmo alguma coisa! Se eu os tivesse transportado direto para cá, nunca teriam conseguido o que alcançaram.

— Quase morremos no Deserto e no Labirinto! — vociferei, incapaz de me conter, erguendo-me com os punhos cerrados, batendo-os na mesa. — Eu quase matei uma pessoa! E fui amaldiçoado!

Ergui minha mão direita, mostrando o horrível ferimento negro que sangrava aquela substância viscosa e escura, encarando o rosto expressivo de Zarak; havia uma mistura de remorso, tristeza e surpresa em seu olhar.

— Eu... eu sinto muito, Criativos — escusou-se ele, desviando os olhos.

— Não foi você quem sofreu — falou Izaak —, por isso é fácil pedir desculpas.

Notei lágrimas brotarem nos olhos negros e grandes do Juiz.

— Aí é que você se engana, meu caro — replicou ele, segundos antes de *desaparecer*.

Houve longos segundos de um silêncio incômodo; uma sensação estranha, como se fôssemos culpados por algo.

— Criativos — disse Gariel, quebrando aquele clima tenso —, vocês realmente se *julgam* no *direito* de apontarem coisas, mas desconhecem as *motivações* de cada um, as terríveis escolhas, os medos, o *perigo* por trás de cada decisão tomada. Não sabem o quão o mal que assola este mundo tomou de cada um algo valioso e insubstituível.

Entreolhávamos, sentindo-nos ainda mais culpados.

— Este mundo não é feito somente de sonhos, imaginações e pensamentos, mas também de emoções e sentimentos — continuou o Anjo —, afinal é daqui que tudo o que se tornará físico algum dia, seja bom ou ruim, nasce.

“O *Mundo das Ideias*”, pensei, tomado pelo assombro.

— Se para vocês, que vivem na Terra, este mundo é apenas um reino de sonhos e certezas *metafísicas*, para nós, que vivemos aqui há milênios, tudo isto é *real*, é *palpável*. É a nossa *realidade*, tal como a Terra é a realidade de vocês.

Eu não acreditava que estava mesmo no Mundo das Ideias, no lugar mencionado por *Platão* como a fonte inesgotável de tudo o que existe em nosso planeta.

— Enquanto conversamos, um exército colossal se aproxima, movido pelo desejo de poder, de matar, de *quebrar* a *barreira* entre o físico e o metafísico, de *semear* ideias nas mentes de cada ser vivo no Universo. Se eles conseguirem o que querem, em breve não

haverá distinção entre o real e o imaginário, entre o passado, o presente e o futuro, pois nada que seja metafísico, que deva existir apenas aqui, no *Centro do Universo*, deve ir ao físico. É como tirar um animal de seu habitat e levá-lo a um lugar que não lhe pertence; em muitos casos, sei que sabem, ocorre uma *infestação* de dimensões inimagináveis. E, quiçá, irreversível.

“Se o Lorde Branco passar por nossa defesa, avançará aos Pilares com seus Cavaleiros, e estes *matarão* os Lordes, dando ao seu senhor o controle deste mundo. E se iniciará um evento incapaz de ser desfeito com métodos lineares e sem pôr em risco a ordem das coisas. Primeiro os pensamentos serão *controlados* e *manipulados*; a seguir cada ação consciente terá a influência do Lorde; e, por fim, o poder de nosso inimigo será tão grande que permitirá a ele *romper* o *Véu* e transitar entre as *brechas* do Universo, seja no espaço ou no tempo.”

— Deus! — exclamou Cíntia, levando a mão à boca, provavelmente horrorizada.

Notei expressões semelhantes em quase todos, sobretudo entre as garotas, inclusive Kari, que se mostrava um pouco mais firme em sua aparência, mas ainda assim dotada de humanidade e emoções que a faziam se compadecer por aquele mundo em colapso.

— O equilíbrio das coisas está em risco, e vocês, como *tolos*, estão mais preocupados com um gesto de um Juiz que queria torná-los preparados, mesmo que isso quase os tenha matado? Sinceramente, agora sei o motivo de nós, os Anjos, termos parado de interferir na Guerra dos Criativos.

Gariel caminhou rumo à saída, com passos firmes, sendo seguido pelo ex-Juiz. Ele parou a poucos centímetros da porta da tenda.

— E, para nível de conhecimento de vocês, sobretudo do *amigo* do Juiz Zarak, o ser que vocês tanto condenam perdeu algo muito maior do que possam imaginar — falou-os, com a voz fria. — Ele *tinha* uma família antes de o Lorde começar a agir.

E saiu, deixando-nos espantados com a revelação.

Olhamo-nos por algum tempo; creio que cada um sentia o peso de tudo o que fora contado e revelado. Ninguém ali sabia o que dizer ou o que fazer.

Ardia em meu peito a dor de tantas coisas, das perdas, das certezas e incertezas, dos medos, do *desespero*.

— Gente!

Anny não apenas quebrou o silêncio, mas também nos fez fitá-la.

— A gente vai mesmo se *negar* a ajudar? — interrogou-nos, com os olhos lacrimejados.

— Acho que não temos muita escolha — observou Phyreon, o único ali que se mostrava ainda indiferente. — Ou ficamos aqui sentados ou lutamos até a morte.

— Verdade — concordou Amaury.

— É uma guerra, garotos — disse Alfredo —, e nas guerras as pessoas morrem o tempo todo. Fazamos ou não algo, pouco importa, pois as mortes ocorrerão do mesmo jeito, mas *depende* de nós evitarmos que esse número seja maior do que o aceitável.

Elic se pôs de pé, batendo as mãos cerradas na mesa, contudo com menos força do que eu.

— Vou ajudar Zarak e os demais — falou. — Se tiver de morrer, que seja lutando pelo que acredito.

O lovecraftiano também se ergueu, seguido por Percival. Não pronunciou uma palavra sequer, entretanto era evidente que também lutaria contra o Lorde Branco.

— Podem contar comigo! — exclamou Kari, pondo-se de pé com um sorriso cordial, voltando seu olhar para o Criativo mais velho.

— Nem me olhes assim! — reclamou ele, com desprezo, sem se levantar.

— Mas...

— Vós quereis que eu mate o desgraçado? Tudo bem. Eu o mato. Felizes?

A amiga dele arfou, fuzilando-o com o olhar.

Todos nós estávamos *cientes* de que não havia mais escolhas.

— Sabemos o que fazer, não? — perguntou o Criativo mascarado.

Assentimos.

— Enquanto vocês seguem rumo aos Pilares — explicou Gariel, surgindo de vez, provavelmente *conhecedor* da nossa decisão —, os outros prepararão a linha de defesa e contra-ataque.

— E se falharmos? — indagou Pablo.

— Se falharem, os Lordes que se *danem!* — gritou William, que estava ao lado do Anjo, com bastante fúria. — Já estamos fazendo muito por eles, oras!

Em momento algum, infelizmente, vi Zarak — e não o veria até um *fatídico* acontecimento de minha última visita ao Mundo das Ideias.

Capítulo 67: O Bosque Oscuro

Depois de ouvirmos minuciosamente os planos e recebermos um pergaminho pequeno e dourado que deveria ser entregue aos Lordes, despedimo-nos dos outros e partimos, indo montados em cavalos reptilianos criados por Diogo.

Éramos um grupo considerável. Cíntia, Pablo e eu íamos à frente, atentos a tudo, seguidos por Anny, Isaac e Diogo, que nos vigiavam a retaguarda.

Conversávamos sobre alguns assuntos, quase todos voltados para a importância e a aparência dos seres poderosos que estávamos querendo a ajuda — ou que estávamos ajudando. As garotas os imaginavam semelhantes a visão geral que se tem sobre os elfos atualmente — altivos, belos, sábios —; Diogo e Pablo, embora divergissem um pouco, acreditavam que fossem mais como *deuses* antigos, talvez parecidos com os gregos ou nórdicos, com defeitos e qualidades, imperfeitos, mas onipotentes; e Isaac e eu apenas víamos neles pessoas evoluídas, mas dependentes de nós, os Criativos, para deter o Lorde Branco.

Não tardou para que tivéssemos de abandonar nossas montarias e seguirmos a pé, por uma floresta negra. Segundo nos contara Gariel, aquele lugar era a primeira barreira que enfrentaríamos pelo percurso; não representava perigo comparado ao Labirinto, que nos tirara o poder de criar, contudo era *aconselhável* não criarmos nada, sob pena de atrairmos algo nada bom.

Adentramos o *Bosque Oscuro* — como era chamado — com apreensão; os olhos estavam voltados para aquelas árvores de carvão, tão negras e peculiares, mas ainda assim *vivas*, com todo o

aspecto que é comum às normais: folhas — negras —, frutos que pareciam casulos, em tons acinzentados, e raízes e galhos que se estendiam e se entrelaçavam, formando emaranhados espinhosos por toda a parte.

Ora ou outra nos arranhávamos, e ficávamos tentados a criar alguma coisa para cortar aqueles espinhos longos e irritantes, porém um ou outro lembrava aos demais a advertência quanto a não criar algo ali. Usávamos pedaços de galhos mais resistentes, recolhidos no lado de fora, para afastar os empecilhos e nos locomovermos. E nossa orientação era uma apenas: linha reta, onde uma *estrela* brilhava discretamente, sendo possível vê-la graças ao nosso *desejo* de encontrar os Pilares sem maldade no coração.

Além daquela vegetação sombria, dois aspectos nos despertavam certa curiosidade: não haver, em parte alguma, sinal de outro ser vivo, de qualquer tipo de criatura que não fossem as árvores — se é que eram vivas — e nós; e, o mais intrigante, os estranhos frutos pendurados como cachos de uvas.

Compartilhávamos a certeza angustiante de estarmos sendo observados, mesmo sem existir um inseto sequer ali. Não raro, alguém diminuía ou cessava o passo e olhava os arredores, sem constatar nada se movendo; tudo se resumia a nós andando pelo bosque. Eu fiz esse gesto por incontáveis vezes, quase sempre sentindo um calafrio percorrer todo o meu corpo.

Depois de algumas horas caminhando, Diogo parou bruscamente de andar e nos pediu para fazer o mesmo, enquanto olhava para os lados, parecendo pensativo e preocupado, apesar de a máscara branca lhe cobrir o rosto.

— O que foi? — perguntou Izaak.

— *Já estivemos aqui antes.*

Senti meu corpo gelar.

— Também acho — concordou Pablo.

— Estamos perdidos? — inquiri.

— Creio que não, pois estamos seguindo a estrela de forma correta — observou o mascarado.

— Então...?

— *Esquecemos* de algo, Anny, de algum detalhe — explicou o garoto que tanto apreciava os leões.

Dedicamos um bom tempo a examinar as coisas, buscando descobrir o que havíamos deixado passar ou entender o que estava ocorrendo. Era certeza que não estávamos perdidos, porém não era correto afirmar nada sobre onde poderíamos ou não ir.

— Deveríamos voltar, não? — sugeri. — Ou seguir outro caminho?

— Creio que não — replicou Diogo, que estava agachado, mexendo o solo cinzento com um graveto.

Ele se levantou e nos fitou, um a um.

— O bosque está nos *confundindo* — completou, com gravidade no tom de voz.

— O quê?!

Foi um espanto quase geral.

— Estamos no caminho certo, e *não estivemos* aqui antes, mas as árvores estão nos *enganando* de algum modo.

— Elas estão se movendo? — perguntou Cíntia.

— Não exatamente, mas se *imitando*, uma após a outra, passando a sensação de andarmos em círculo e sem sairmos do lugar.

— Isso explicaria a impressão de estarmos sendo observados — apontou Anny.

— Talvez — limitou-se a dizer Pablo, concentrado.

E prosseguimos nossa jornada, indiferentes ao *mimetismo* daquelas árvores estranhas. Seguiríamos a estrela de brilho discreto, confiando nas palavras do Anjo.

Resolvido o problema de estarmos ou não perdidos, outro ainda nos inquietava: por que era *proibido* usar nossos dons criativos ali? Aquilo soava como uma proibição comum dos contos de fadas, sempre com alguma lição moral. E nos despertava muita curiosidade.

Contudo, meus pensamentos estavam durante grande parte do tempo todos direcionados ao meu amigo — se ele ainda era depois de tudo o que ocorreu naquela reunião. Ele *tinha* uma família... Nunca o imaginei casado e pai de uma criança, como um ser

humano normal. Mas, o Lorde Branco, de alguma maneira, havia *tomado* isso dele...

Eu tentava imaginar Zarak, em sua atual aparência, com a esposa e os filhos, todos passeando pelos campos, cidades e florestas, todos alegres e despreocupados. Uma *família*.

Senti meu pé afundar de vez, levando junto todo o meu corpo. Foi um grande susto, fazendo-me pensar na coisa mais crucial para me salvar: *criar*. Uma mão grande e forte me agarrou pelo braço, evitando a minha queda fatal.

Vislumbrei o abismo que teria me matado se eu não tivesse criado aquele gigante para me socorrer; havia dezenas de espetos acinzentados lá embaixo, alguns com estátuas entre eles. Mas, o meu medo de cair fora logo substituído por uma *tensão* torturante.

Todos os meus companheiros me olhavam entre a repreensão e o pavor, pois eu havia violado a proibição de Gariel — independente se foi para me salvar —, e aquilo teria consequências. No segundo seguinte, observávamos as árvores, receando pelo pior.

Os frutos estranhos começaram a se soltar, tombando como algo pesado e *gosmento*, uma bola *viscosa*, e logo se esticando verticalmente, *moldando-se*, adquirindo formas dezenas de vezes maiores do que as originais.

— Preparem! — gritou Pablo, criando seus homens-leões, todos fortemente armados.

Assassinos mascarados e encapuzados, lobos de olhos azulados, jovens com extrema força, lobisomens, elfos arqueiros, gigantes de barro e centauros surgiram, formando um grupo de centenas de indivíduos, cercando-nos, encarando aquelas coisas que se formavam.

— Vamos atacar agora — sugeriu Izaak.

— Não — replicou Diogo, com firmeza. — Esperaremos.

Os frutos adquiriram formas humanoides entre três e cinco metros de altura, algumas com quatro ou seis braços; poucas delas ostentavam um par somente. Pareciam feitas de concreto ou mármore cinzento, assemelhando-se a estátuas, mas *respiravam* ruidosamente e seus peitos se moviam, denunciando que seus pulmões se inflavam com aquele ar denso e sinistro.

Uma das estátuas-vivas nos olhou por um breve tempo, representando uma ameaça com seus dez pares de braços e a face com expressão *demoníaca*; curvou-se até sua face horrenda ficar próxima a de Cíntia — e por pouco seus arqueiros não dispararam. Por fim, voltou à posição de outrora e se afastou.

As outras, uma a uma, imitaram-na, intrigando-nos.

— Não são nossos inimigos — falou o Criativo mascarado, enquanto seus assassinos desapareciam em fumaças brancas.

— Um *teste de merecimento* — constatou Anny.

— Teremos muito disso pela frente, *né?* — indagou Izaak.

— Com certeza — confirmou Pablo. — E se quisermos alcançar os Lordes, teremos de nos atentar a esses testes, prestar muita atenção e ter cuidado com as nossas decisões.

Concordamos, retomando a caminhada rumo aos Pilares, já vislumbrando o final do bosque.

Capítulo 68: A cidade das Lembranças

O segundo lugar que precisávamos passar se resumia a uma cidade abandonada, como aquelas vistas em filmes antigos, no melhor estilo *western*. Gariel nos advertira sobre duas coisas: *jamais* comer ou beber nada que fosse oferecido a nós, mesmo que tivéssemos fome ou sede, nem tampouco permanecermos ali depois do entardecer.

O ambiente era desolado, sem destaque de cor ou beleza; uma aura quase-morta pairava, apesar de avistarmos vultos indo de um lado a outro — eram as *Lembranças*, como nos explicou o Anjo; criaturas sem forma e com o *peso* da memória, oriundas do que um dia *foram* amigos imaginários.

Tive a impressão de estar numa imagem em *tons sépias*, uma fotografia antiga e *desbotada*. Era um local carregado, onde vozes sussurravam por todos os lados; eram os lamentos daqueles seres solitários. Havia um ar *fúnebre*, uma *melancolia* que parecia emanar de cada canto, cobrindo todo o lugar. Meu estado depressivo me fazia sentir um vazio colossal e me apiedar daquelas coisas disformes.

Os assassinos de Diogo e os *pistoleiros* de Pablo nos forneciam proteção, todos em vigilância constante, prontos para qualquer eventualidade. Eram interessante ver armas de fogo e espadas unidas, o *western* e o medieval lado a lado, compartilhando um mesmo propósito.

— É quase fim de tarde — avisou Cíntia, num sinal para apressarmos o passo.

Era uma cidade grande, parecendo ter o tamanho da que eu morava. Entretanto, nada de cores, vida, movimentação; apenas as

Lembranças e suas lamentações. Isso nos dava uma inquietante sensação de incômodo, de apreensão; era como se nada ali passasse de vestígios, fragmentos de memórias antigas.

Não demorou muito para uma chuva fina começar a cair, amenizando aquele calor que nos abraçava sem pudor. Cada um providenciou um guarda-chuva, e continuamos a travessia. As criações se mostravam alheias ao detalhe climático, permanecendo em sua marcha firme, cercando-nos.

Mantínhamos a boca fechada, pois, como sabiamente nos lembrou o Criativo mascarado, fomos advertidos a não bebermos água enquanto estivéssemos ali. Nada de conversarmos; bastava um ou dois gestos de alguém e tudo era transmitido e compreendido.

Com aquela garoa, as Lembranças intensificaram seus sons *mórbidos*, agoniando-nos ainda mais. As garotas tentavam não chorar; eram Criativas corajosas, mas ainda assim emotivas — e creio que mais fortes do que muitos dos garotos que compunham o grupo.

Eu divagava sobre tudo aquilo, sobre aquela jornada por terras desconhecidas e *ambíguas*, onde éramos testados o tempo todo por entidades superiores e capazes de sustentarem um mundo inteiro, mas tão incapazes de se ajudarem e de nos ajudarem de imediato. Queriam que nos *humilhássemos* numa busca por sua moradia, sofrendo inúmeras desventuras só para poderem nos auxiliar?

Começava a questionar tanta importância que se dava aos Lordes. Sinceramente, *não eram* tão magníficos agora, tal como imaginava que fossem. Eram, para mim, apenas seres *egoístas*, dotados de grande poder, e nada mais.

Travávamos uma guerra naquele instante, lutando por eles, impedindo que caíssem e os Pilares fossem arruinados, e tudo o que conseguíamos era uma viagem perigosa até a sua morada e a incerteza de que nos socorreriam.

Era provável que dezenas, centenas ou milhares haviam morrido ali, estando ou em *coma* ou com *danos cerebrais* e sequelas na personalidade por causa do Lorde Branco.

Olhei para a minha mão, que ostentava aquele aspecto *necrosado*, aquela aparência *horrenda e repugnante*, que ora ou outra escorria um visco negro.

Parei de andar.

Pensei em tudo o que vivi, nas coisas que aprendi. Eu tinha amigos naquele mundo, e alguns deles estariam numa batalha violenta contra um exército disposto a matar para dominar tudo, estender sua influência sobre todos.

Minha vontade era voltar ao acampamento improvisado, lutar ao lado de Zarak, de Gariel, dos outros Criativos que eram meus amigos. Contudo, eu tinha uma missão, uma tarefa: acompanhar o grupo até os Pilares.

Uma mão repousou sobre meu ombro. Era Alécio, o poeta, sempre com seu jeito *introspectivo*, que me dizia mentalmente que eu poderia fazer o que meu coração ansiava.

Sorri, agradecendo-o.

Criei uma das panteras negras gigantes e a montei, largando o guarda-chuva. Incitei-a para rumar à direção oposta ao do restante do grupo, de volta ao Bosque Obscuro.

Pelos olhos do meu heterônimo, de maneira tão clara e precisa, enxerguei os demais me vendo partir, entreolhando-se confusos, porém o poeta acenou, pedindo que continuássemos. Eles hesitaram, mas, devido ao entardecer, apressaram-se a retomar a caminhada.

A fera galgou com urgência, tão rápido quanto me lembrava que era capaz. Acredito que um guepardo *não* alcançaria nem *dois terços* de sua velocidade ou agilidade.

Ao mesmo tempo em que minha atenção se voltava ao objetivo de sair o quanto antes daquela cidade fúnebre, também era capaz de ver e ouvir o que Alécio via e ouvia, de sentir e pensar o que ele sentia e pensava, afinal éramos partes de um todo. Aquilo era uma *vantagem*, pois me permitia acompanhar os acontecimentos sem precisar estar presente neles.

A minha criatura felina avançava quase a metade do local quando Pablo apontou para sua orelha e depois indicou os arredores. O heterônimo *apurou* a audição, concentrando-se apenas

nos sons do lugar. Com exceção da chuva fina caindo, nada era ouvido, nem mesmo um ruído sequer das Lembranças. Ele ergueu o olhar, enxergando o sol desaparecendo.

No exato momento em que isso ocorria, a pantera adentrava uma vasta sombra. Mal o fez, senti algo zunir em meu ouvido, como uma espada cortando o ar. Ao mesmo tempo em que eu criava alguns dragões e colossos, ordenei mentalmente que o poeta corresse e criasse coisas para enfrentar aquela ameaça que surgia com o anoitecer.

Os dragões cuspiram fogo por todos os lados, *rasgando* as trevas e incinerando algumas criaturas que me cercavam; e os gigantes mutilavam as que ousavam se aproximar, espalhando uma fumaça acinzentada por toda a parte.

Os outros Criativos montaram nos cavalos de Diogo, enquanto arqueiros, espadachins e pistoleiros ficavam para trás, disparando e enfrentando seres obscuros e perigosos. Sob a visão do outro eu, vi as trevas *engolindo* as criações e o pó incandescente se mesclando ao negro absoluto.

Criei outros felinos monstruosos, pondo sobre eles cavaleiros armados com espadas ou lanças e escudos, arcos e flechas, chicotes, foices, martelos e machados. E cuidei de acrescentar mais dragões, além de *fogos-fátuos* para iluminarem o longo percurso.

Enquanto meus amigos alcançavam os limites da cidade, longe daquela chuva fina e das ameaças que a noite trouxera, eu e minha escolta galgávamos para o ponto de origem das sombras mortais, *cegos* quanto ao que nos aguardava, contudo eu estava determinado a continuar na decisão tomada.

Capítulo 69: Chuva negra

Os fogos-fátuos que pairavam acima de nós, em uma quantidade tão numerosa quanto as estrelas vistas no céu noturno de uma cidade como a que morava, iluminavam nossa marcha furiosa. Os dragões ofereciam uma grande ajuda, abrindo caminho com suas baforadas avassaladoras. E os cavaleiros apenas precisavam cuidar de evitar que os monstros disformes me atingissem.

Já distantes daquela cidade, meu heterônimo deixava os demais a par do que me acontecia; e, a julgar suas expressões sobre o brilho ígneo das tochas que seguravam, estavam muito apreensivos. Por uma ou duas vezes noticiei que ficaria bem, pois possuía uma excelente escolta me protegendo.

Conforme me aproximava dos limites do local, mais densa era a treva e mais monstros surgiam. A horda parecia *ilimitada*, infinita, não importasse quantos deles fossem destruídos.

Tentei não me desesperar, confiante no meu poder criativo, na minha *capacidade* de vencer aqueles obstáculos. Parecia que Zarak sussurrava em meu ouvido, *encorajando-me* a prosseguir e vencer.

Reforcei ainda mais o número de criações, incorporando alguns *gigantes de fogo* — baseando-me na *mitologia nórdica* —, deduzindo que seriam úteis quando o fim do percurso estivesse mais próximo.

Com um exército dotado de fogo e aço, numa corrida estrondosa, no meio de sombras e fumaças, fui relatando mentalmente as informações para Alécio, que as repassava aos Criativos; um ou outro aconselhava algo, que era testado de bom grado.

Eles já estavam se aproximando do terceiro local, onde recorreriam a um velho barco para atravessarem um lago de águas esverdeadas. Como ocorrera anteriormente, Gariel nos proibira de *tocar* em sua superfície ou remar, cabendo ao meio de transporte nos conduzir até a outra margem.

O poeta foi o primeiro a entrar na embarcação, atestando ser seguro. A seguir entraram as duas Criativas, Diogo, Isaac e Pablo, que soltara a corda que a ligava ao cais. E o barco começou a se mover.

A chuva caía forte, molhando-me todo. Se continuasse daquele jeito, seria complicado não beber alguma gota. Então, para não cometer uma *transgressão* que pudesse me condenar, criei uma máscara com respiradouro para mim, protegendo a minha boca dos pingos de água.

Ao meu redor as forças se *colidiam* com fúria, num espetáculo de cor, fogo, cinzas, fumaça, pó colorido e brilhante, formas e sons. Minhas criaturas eram fortes o suficiente para confrontarem as que vinham do desconhecido, e a potência de minhas feras nos permitia avançar rapidamente o território.

E o restante do grupo seguia calmamente sobre a superfície esverdeada do lago, que emanava um brilho suave. Conversavam sobre mim, perguntavam sobre como estava, e o heterônimo os assegurava que eu estava bem naquele instante.

Avistei à frente um *aglomerado* de vultos me esperando. Com toda a certeza, depois daqueles seres das trevas acabariam os limites da cidade. Por isso aquele número *absurdo* de monstros.

Dezenas de autômatos surgiram dezenas de metros adiante, enquanto os dragões baforavam um pouco antes, iluminando aquela parte do caminho. Mal eram concebidas, as máquinas disparavam num ritmo *frenético*, abrindo brechas.

Fiz minha montaria diminuir a velocidade, dando tempo de a *artilharia* pesada fazer o seu *serviço* e ter mais detalhes da travessia do lago. Estavam na metade já, todos centrados em não deixar o corpo para fora e correr o risco de tocar a água.

Meus cavaleiros esquartejavam os oponentes que tentavam escapar, sob o brilho fátuo, e os gigantes de fogo incineravam um

punhado que tentava se aproximar de mim.

— Ele está quase saindo — noticiou Alécio, para a alegria dos outros.

A pantera acelerou os passos novamente, saltou o fogo e alcançou o lado externo da cidade, desfazendo-se em poeira.

Foi uma queda desagradável; cai desajeitado e desloquei o ombro esquerdo, além de quebrar minha máscara. Urrei de dor, contorcendo-me. Fitei uma *besta* indescritível avançar com uma ira demoníaca, balançando seus tentáculos ou garras de um lado a outro, a bocarra babando.

Dois gigantes ígneos surgiram a tempo, atracando-se com aquela aberração, enquanto um cavaleiro me estendeu a mão, oferecendo-se como apoio.

A notícia de meu acidente alarmou os outros, porém o poeta disse que eu estava bem.

Diante de mim, com grande harmonia, uma horda se formava, sob o comando de três Criativos, todos *servos* do Lorde Branco. Com certeza sabiam do grupo que tentaria alcançar os Pilares e estavam ali para tentarem impedir que isso ocorresse.

Os autômatos saíram da cidade e começaram a atirar, sendo rapidamente acompanhados pelas baforadas dos dragões e o ataque violento dos gigantes.

Criei arqueiros, dezenas de outros animais cuspidores de fogo, golens, colossos, robôs, espadachins e tudo mais o que me fosse possível pensar. Não seria o suficiente para vencer, mas os atrasaria o máximo de tempo necessário para meus amigos se distanciarem.

Proibi Alécio de avisá-los até que estivessem longe da margem, afinal não queria preocupá-los antes da hora. Ele hesitou, mas me atendeu.

Meus três oponentes pareciam se divertir com minha situação *desfavorável*. Criaram sem cessar, tornando *inútil* qualquer tentativa de minha parte de atacá-los e detê-los.

— Vou ajudá-lo, amigo — falou Alastair, ao passo em que cães medonhos surgiam metros a frente.

Aquelas criações de meu heterônimo sombrio pareciam *gasosas*, obtendo grande sucesso nas lutas contra aqueles monstros

macabros. Atacavam com precisão, sem sofrerem perdas.

Àquela altura o grupo descia na margem oposta, perto do último lugar em que teriam de passar: uma *caverna estreita*, com uma inscrição muito simples: "*Apenas um*". Neste ponto estávamos cegos, pois o Anjo não passou informação alguma, exceto o conselho de que devíamos ser *sábios* a partir dali.

Meu ombro pesava e doía muito, obrigando-me a me sentar no chão.

— Não temos chance, *né?* — comentei.

— *Nenhuma* chance — confirmou o outro, em pé ao meu lado.

Arfei, antes de rir.

— Morreremos como *heróis* ou como *mártires*?

Ambos rimos alto.

— *Não seremos* lembrados por sermos os *salvadores* deste mundo — respondeu ele, fitando-me, o olhar sério e determinado —, mas *seremos* lembrados por cada um *daqueles que salvarem este mundo*.

— É o bastante para mim — retruquei.

— É, é sim.

Intensificamos nosso exército como nos foi permitido, percebendo que qualquer tentativa era, na verdade, *infrutífera*, apesar dos ínfimos resultados positivos conquistados ora ou outra. Enfrentávamos três Criativos com o poder destrutivo doado por um ser que se proclamava um Lorde. Morreríamos ali, à mercê do esquecimento.

Todos analisavam a inscrição "*Apenas um*" com cuidado, interpretando de diferentes maneiras; Alécio não conseguia conter a sua preocupação para comigo, começando a chorar, meio distante do grupo. Ele era realmente meu lado mais emocional, sujeito a sentimentos e emoções.

— *Um* apenas *deve* entrar e ir aos Pilares — deduziu Izaak, conseguindo a aprovação de todos.

— Mas, *quem?* — questionou Anny.

— *Você* — respondeu Pablo, com firmeza.

— Eu?!

— Veja só: *dois* Capitães, Diogo e eu, *três* Comandantes, Cíntia, Izaak e Alec ou Alécio, e *uma* Mensageira, você. Compreende?

“É um bom raciocínio”, comentou Alastair, enquanto criava ogros com clavas enormes.

— *Apenas* você é a Mensageira, alguém que pode levar aos Lordes uma *mensagem*, que pode convencê-los de nos ajudar — completou o Criativo mascarado.

— E se eu não conseguir?

Aquele temor era compreensível. Todos nós, de Gariel a Zarak, todos os envolvidos, tínhamos esse medo da falha.

— Pelo menos *tentamos* fazer algo — respondeu o poeta, com um leve sorriso.

Entregavam-lhe o pergaminho quando fui agarrado com agressividade e jogado longe, caindo com impacto violento no chão arenoso.

O sangue escorreu pelas narinas, manchando o solo e as minhas roupas. A dor era tão intensa que não podia nem me mexer; apenas permaneci caído, sangrando, esperando o *golpe misericordioso*.

Alastair ainda lutou como lhe foi possível, entretanto senti o seu desespero com a proximidade da morte. Ele podia ser o meu lado mais frio e racional, mas ainda assim havia *humanidade*, sentimentos e emoções nele.

Vi Anny entrar na caverna; no instante seguinte o poeta contou aos meus amigos o que havia me ocorrido. Todos se desesperaram, querendo correr ao meu auxílio. Não conseguiriam atravessar a cidade inteira, passando por aquelas coisas disformes, e impedir a minha morte; talvez pudessem me vingar, e nada mais que isso.

— Hora de salvarem um amigo, Criativos — soou a voz de Gariel.

Luz. Uma luz branca intensa. Depois trevas.

Alécio criava tropas de arqueiros alados, exímios atiradores, enquanto os demais Criativos montavam grupos imensos com lobos, jovens, assassinos, dragões, serpentes gigantes, sagitários.

Eles estavam ali para nos socorrerem, sob a intervenção do líder dos Anjos. Lutavam com bravura por nós, que estávamos caídos no chão, agonizando.

— Vai ficar tudo bem — a voz da criatura angelical invadiu meus ouvidos.

Senti uma paz inimaginável. E fiquei estranhamente *inconsciente* de tudo.

Não demorou muito para que tudo acabasse. Os três Criativos corruptos estavam adormecidos, sob a magia de uma mandala — o Apanhador de Sonhos que Zarak usou para deter William!

Quando pude abrir os olhos, estava no alto de uma colina, sentado. Meu corpo já não doía mais.

— Que bom que acordou! — exclamou Cíntia.

— O que houve? — perguntei, confuso.

— Veja você mesmo!

Levantei-me com a ajuda dela, enxergando ao longe uma multidão se aproximando. Ainda estava muito distante, contudo causava arrepios vê-la. Milhares — ou milhões — de Criativos e criaturas, todos decididos a esmagarem os Opositores para chegarem ao seu destino.

Izaak, Diogo, Pablo, Alécio, Alastair (já curado também), Gariel, Cíntia e eu avistávamos a aproximação de nossa maior batalha. O clima entre nós era tenso, cada um *consciente* dos riscos, dos perigos e das incertezas.

— Que Anny consiga! — desejou a Comandante, quase numa *oração*, com as mãos unidas perto da boca.

— E os Lordes a *ouçam*, principalmente — concluiu o Anjo, pela primeira demonstrando claramente o seu receio.

Capítulo 70: Véspera

Quando retornamos ao acampamento improvisado, percebemos um número maior de Criativos, trazidos pelos Anjos, e também de seres que não eram criações de ninguém, mas sim *habitantes* daquele mundo; estavam dispostos a lutarem por suas vidas e por seu lar, mesmo que acabassem mortos.

Pairava no ar um clima pesado, típico de toda *véspera* de algum acontecimento importante. Era não apenas visível nas expressões como também no modo de agir e se comportar de cada um. O medo do que estava por vir, da morte tão próxima e certa. E a incerteza de que os Lordes atenderiam ao nosso apelo.

Caminhávamos sob os olhares surpresos — ou com aquele brilho esperançoso ou com aquele ar *desolado*, de quem perdera a esperança num milagre —, incapazes de sorrirmos ou demonstrarmos confiança quanto ao futuro daquela última batalha que *urgia*. Estávamos em igual estado de espírito — ou até pior, por termos atuado mais *ativamente* nos *bastidores*, visto e testemunhado mais coisas do que aqueles que nos fitavam.

Nem mesmo o sempre sereno líder dos Anjos parecia *convicto* de nada. Mantinha uma aura séria e preocupada, entretanto ainda assim firme, sem *titubear* nos passos ou nos gestos.

Amaury e Percival *discutiam* acerca de algum tema, *discordando* um do outro; pareciam trocar *ameaças* e *ofensas*, contudo não aparentavam que partiriam para a agressividade ou algum tipo de violência que não fosse a verbal. O esqueleto agora trajava uma armadura de cobre e bronze, mas que *expunha* partes de seus ossos; além das espadas guardadas em bainhas às costas, portava um escudo redondo e coberto de *ferrugem* e *musgos*

podres no braço direito e um pequeno machado pendurado num cinto de couro. Era um *bárbaro* em sua forma mais sem vida possível.

— Eu já disse que você me deve respeito, não? — zangou-se o lovecraftiano, encarando a caveira do seu amigo imaginário.

— Não mesmo! — refutou a criatura, retribuindo o olhar com suas órbitas vazias. — Há anos não somos mais *mestre* e *servo*!

Desviei o olhar e a atenção, fitando Elric sobre um rochedo, parecendo meditar, enquanto sua armadura brilhava suavemente, como se absorvesse os raios solares que surgiam.

A noção de tempo não era mais fixa, sofrendo *alterações* a todo instante.

Atravessamos agora um grupo de Criativos que falavam sobre suas aventuras e desventuras até chegarem ali. Jovens ainda; não estavam preparados para uma guerra de verdade, para lutarem contra uma força *impiedosa*. Pelas suas conversas, eram crianças.

Na verdade, com exceção dos Anjos e dos Juízes, que possuíam o *caráter militar*, ninguém ali, nem mesmo o mais respeitado General, era *experiente* o bastante para confrontar o monstruoso exército que avançava. Tentariam, é claro, *retardá-lo* ao máximo, porém as chances eram *escassas*. A menos que Phyreon matasse de vez o Lorde Branco ou os Lordes *interviessem*, éramos *formigas contra serpentes*.

— Phyreon! — gritava Kari.

Virei-me a tempo de vê-la pisando firme na direção do homem de cabelos longos e alvos.

— Nunca me obrigarás fazer isso!

— Mas, Phy...

— Não, mortal! Não!

A Criativa ficou séria, com certeza *aborrecida* com aquela atitude da parte do outro.

— E nem me olhes assim! — avisou o misterioso Criativo. — Não irás me convencer.

— Por favor, *Phy-Phy*!

Percebi que ele a fitou com uma emoção estranha; não era nem irritação ou afeição, e sim uma *mistura* de ambas.

Voltei a olhar para as pessoas mais próximas, deixando *inconclusivo* o resultado do pedido da Generala.

Alfredo instruía alguns Opositores, detalhando algum plano precioso para a linha de ataque. Ele ostentava sua postura autoritária, entretanto não cobrava tanto, talvez ciente de que já era pressão demais enfrentar a horda cada vez mais perto da gente.

— Em poucas horas tudo terá um *fim* — falou Gariel, tirando-me de minhas divagações visuais. — É a *última* Guerra dos Criativos que será travada neste mundo, amigos. Depois que tudo acabar, meus caros, eu espero que possamos *festejar* pelos que *morreram* em combate e *chorar* por nossa *vitória*.

Seu tom de voz era *melancólico*, nem esperançoso nem o oposto.

— Independente do resultado, *orgulharemos* este mundo por termos lutado com bravura enquanto quem deveria lutar está sendo protegido por nós — falou Diogo, demonstrando algum *rancor*.

— *Danem-se* os Lordes! — exclamei, incapaz de conter aquilo que me sufocava.

Aquela batalha voraz que se aproximava não era para proteger os Lordes ou aquele mundo. Era o combate contra uma *ditadura*, a favor de nosso direito de sonhar e criar. Agora nossa motivação era *garantir* que outros pudessem estar ali no futuro, era não deixar aquele mundo *sucumbir* e, acima de tudo, não morrermos sob a mão do Lorde Branco.

— Eles *verão* nosso esforço — disse Gariel —, e *terão* de fazer alguma coisa.

— Não creio que darão parte de seu poder para alguém aqui — replicou Pablo, um pouco *desanimado*.

— Nem eu — concordou o Criativo mascarado.

A *descrença* era geral, em vários níveis e formas.

— *Podemos* ser mais fortes do que eles — falou Alastair —, e basta apenas que nos unamos. Sobrevivemos até agora sem a ajuda deles, não? Podemos ir mais longe, se quisermos.

Tive a sensação de que tentávamos nos animar mutuamente. Cada um ali estava desanimado e descrente, porém tentava

contornar aquilo com palavras, com desejos, com ideias que queríamos que fossem verdade e que pudessem nos consolar de alguma maneira.

Passamos a manhã e a parte inicial da tarde numa tenda, discutindo sobre inúmeros assuntos, ora ou outra comentando sobre a terrível batalha tão iminente. Planejávamos mais ou menos o que poderíamos fazer, pois não fazíamos parte do enorme grupo de Opositores; o atraso no avanço das tropas inimigas e o nosso retorno acabaram nos deixando quase *avulsos* em tudo aquilo.

Tentei me informar acerca de Zarak, entretanto ninguém pôde me dizer onde encontrá-lo. Ele era um Juiz importante, apelidado de *O Agraciado* por todos, e não teria tempo para um reles Criativo marcado por uma maldição.

Meu peito *doía* numa angústia inexplicável. Ora eu ria junto aos demais Ordeiros, ora estava quieto, ora cercado pela tristeza. Não era nem tanto pelo meu destino — embora a ideia de morrer também me inquietasse —, mas talvez pelo que *poderia* ocorrer com meu amigo.

As notícias trazidas pelos Aautos responsáveis pela vigilância nos deixavam cada vez mais apreensivos. Todos deduziam que o confronto teria início antes do crepúsculo, e, baseando-se nisso, Gariel ordenou aos Anjos que preparassem tochas acima do campo desértico, espalhando-as num raio de dezenas de quilômetros.

Faltando em torno de poucas horas para o embate, Elric, Alfredo, Amaury e Kari começaram a formar as *linhas do grupo* de Criativos, instruindo o papel de pequenas parcelas e indicando suas posições e a de suas criações.

Meia hora depois eles estavam conduzindo as *células* comandadas aos pontos específicos, passando as últimas ordens, retornando a seguir para o acampamento, onde os Ordeiros permaneceram *alheios*, aguardando alguma instrução.

— Vocês querem mesmo participar? — questionou-nos Percival, terminando de verificar o machado que usaria.

— Sim! — confirmamos.

O lovecraftiano pensou um pouco, voltando-se aos outros três companheiros, que sorriram brevemente.

— Os Opositores ficarão atrás do exército de criações — disse ele, retornando seu olhar frio para a gente —, mas nós não, pois precisaremos nos focar apenas nos Cavaleiros e deveremos estar no meio da ação. Compreendem?

— Acho que sim — responderam dois ou três.

— Se querem mesmo ajudar, poderão ser nossas *vanguardas* e *retaguardas* — explicou o General de olhos dourados. — Poderão atuar no combate contra as criações dos Cavaleiros, enquanto a gente tenta imobilizá-los.

— É algo muito importante, e perigoso também — emendou Alfredo, com seriedade.

Entreolhamo-nos, incapazes de vermos outra opção se não participarmos de algo tão crucial. E era o que queríamos, aliás.

E assim, com alguns minutos nos restando, fomos para o campo de batalha, ao lado dos quatro Generais, o líder dos Anjos e Percival, todos andando sob os olhares ansiosos dos outros criadores e das criaturas daquele mundo.

A maior Guerra de Criativos de todos os tempos estava prestes a ser decidida...

Capítulo 71: Contra os Cavaleiros

Já avistávamos nossos inimigos com mais clareza. Uma massa escura sem uma forma definida, um aglomerado de corrupção criativa. Segundo observou Gariel, o Lorde e seus Cavaleiros estavam atrás, deixando primeiro os servos mais *fracos* iniciarem o ataque para assim poderem avançar.

Os Opositores criavam sem parar, distribuindo arqueiros, lanceiros, dragões, tropas com espadas e escudos, variedades de gigantes e robôs, seres de inúmeras mitologias e referências literárias e cinematográficas, o mais variado maquinário militar e milhares de outras coisas em pontos pré-estabelecidos.

Percival ajeitou o escudo e o machado pequeno, *exigindo* que o lovecraftiano o trouxesse de volta com sua *magia*.

— Se eu não morrer hoje, prometo que pensarei se você merece — replicou o Criativo, com um riso de zombaria.

— Que *aquela que desconheço o nome* lhe dê uma morte dolorosa, meu amigo! — desejou o esqueleto, retribuindo o gesto de mofa de seu mestre.

— E que os *abutres se engasguem* com nossas *carcaças*!

Ambos riram ruidosamente, assustando-me um pouco.

— Cíntia e Alfred — começou o líder dos Anjos, formando as duplas —, Pablo e Elric, Diogo e Amaury, Alec e Kari.

Olhei rapidamente para a Generala, que mantinha um sorriso sereno no semblante. Não me pareceu ser tão forte a ponto de enfrentar com igualdade alguém com treinamento mental e que poderia matar um Lorde.

— E quanto a Phyreon e Zarak? — indagou ela, dirigindo-se a Gariel.

— Eles virão no *momento oportuno* — respondeu a criatura angelical, com mistério no tom de voz.

Quatro Anjos surgiram.

— Hora de irmos — falou Alfredo, estalando os nós dos dedos.

Fomos aproximando-nos dos seres belicosos e sábios, cuja beleza era muito além de qualquer adjetivo possível e imaginável. Suas asas coloridas pareciam reluzir e emanar um brilho *glorioso* e celestial capaz de nos fazer vê-los como deuses — ou verdadeiros mensageiros divinos.

No momento seguinte, Kari e eu estávamos no meio do exército adversário, criando coisas para nos protegerem. Instintivamente, meus heterônimos surgiram, reforçando nossa primeira investida.

As outras duplas também estavam ali, tendo, assim como a gente, o auxílio dos *filósofos-militares*, que portavam poderosas espadas e lanças, destruindo dúzias de criações com um único golpe.

Minha tarefa era apenas evitar que a Generala se preocupasse com a sua segurança, permitindo a ela se concentrar somente no confronto contra um dos Cavaleiros, que estava cercado por hordas de criaturas de aparências variadas.

Àquela altura, os exércitos se chocavam, resultando numa mistura de cores, poeira e pó, cobrindo o solo avermelhado, sob aquele fim de tarde fatal.

“Ajudem os outros!”, pedi aos heterônimos, que assentiram.

Kari e eu andávamos no meio dos guerreiros que criávamos. A quantidade de partículas resultantes das lutas dificultava um pouco a visibilidade, mas ora ou outra as armas angelicais rasgavam a camada densa.

Gritarias, sons de armas sendo disparadas ou se confrontando, passos apressados, monstros urrando. O caos estava se espalhando, tanto de um lado quanto do outro.

Criei uma espada, um escudo e uma armadura similar a que usei quando tive o *ataque de fúria* no Deserto, pondo as vidas de Marcélia e de Cíntia em perigo. Aproveitei-me de minhas

habilidades naquele lugar para manejar a arma e destruir alguns inimigos.

De Alastair me chegavam informações sobre um dos Cavaleiros, que estava cercado por Pablo e Elric. O maldito parecia um soldado romano, sendo o responsável por hordas de ciclopes, minotauros, centauros, harpias, *hidras* de múltiplas cabeças, *hoplitas* inteiras. Estava sendo uma batalha difícil para os guerreiros de armadura e espada de cristais luminosos e os homens-leões, porém os Ordeiros faziam um bom trabalho.

Por parte de Alécio eu pude me informar que Diogo e o lovecraftiano *massacravam* as criações do segundo Cavaleiro, que lembrava um *druída*. Os assassinos do Criativo mascarado eram ousados, pulando as aberrações disformes de Amaury e investindo contra o criador daqueles gigantes de pedra e guerreiros com características de dragões; não conseguiam tocá-lo, porém já era uma proeza e tanto cada centímetro conquistado a cada nova tentativa.

Kari já avistava o terceiro Cavaleiro, pedindo-me mais *reforços* para poder alcançá-lo.

Apressei-me a chamar meus eus de volta, abrindo passagem entre dezenas de animais mitológicos e monstros oriundos de pesadelos, proporcionando a chance da primeira investida da Criativa, que ordenou o ataque de quatro arqueiros contra o alvo determinado, sem, contudo, obter sucesso.

“Vejam!”, pediu o poeta, que possuía uma visão melhor de quem a Generala deveria deter.

— Deus! — exclamei.

Nós três víamos, sob *ângulos* e *perspectivas* diferentes a mesma pessoa, a única que não imaginávamos ver como um dos servos do Lorde Branco.

E hesitamos.

Aquela hesitação fez com que um ogro atingisse Alastair em cheio com a clava, arremessando-o ao chão arenoso. Senti parte de sua dor e raiva quando se levantou e criou um autômato com espadas afiadas, que *estraçalhou* o monstro cinco ou seis vezes antes de ele virar fumaça negra.

“Prestem atenção!”, mandou ele, voltando a criar, agora com o ímpeto furioso.

“Certo”, concordamos.

Concentração. Eu precisava me concentrar *se* quisesse acabar com tudo aquilo, *se* quisesse ter alguma mínima porcentagem de possibilidade de sair dali, daquele mundo.

Havia esperança para minha Capitã. Na verdade, todos os Criativos que lutavam a favor do maldito que queria *usurpar* o lugar dos Lordes tinham a oportunidade de saírem da influência daquela *energia maligna*.

Reforcei a vanguarda de Kari, que se focava em mandar guerreiros com trajes estranhos, bastões e armas peculiares contra as criações da *Amazona*, que revidavam com maestria, bloqueando os ataques e contra-atacando com tudo.

Vislumbrei o quarto Cavaleiro, que aparentava ser um soldado daqueles filmes de *temática futurista*, cercado por robôs e andróides, enquanto Alfredo e Cíntia tentavam uma aproximação com lobos e licantropos.

Gariel e Izaak apareceram no meio do combate, procurando algo, e logo desapareceram numa névoa branca e luminosa.

Sob os olhos do poeta, vi uma *figura felina* saltar sobre o inimigo que Diogo e Amaury haviam imobilizado com cordas e tentáculos, impedindo apenas que suas criações o libertassem. Era Zarak!

O Juiz tocou a frente do Cavaleiro, que estremeceu, gritou e desfaleceu, no mesmo instante em que tudo o que ele criara se convertia em pó. Ele se voltou aos dois e ordenou alguma coisa, desaparecendo.

A Generala recebeu um golpe traiçoeiro de um dragão, caindo com violência no chão, entretanto alguns autômatos liquidaram as criaturas que se aproximavam dela com o intuito de matá-la.

Corri ao seu socorro, desculpando-me pelo *vacilo*.

— Tudo bem — disse-me, com um leve sorriso, sacudindo a poeira de suas roupas pretas. — *Só* me proteja melhor, certo?

Assenti.

Alécio e Alastair se aproximaram, ficando ao meu lado. Estávamos mais animados depois de sabermos que um dos quatro Cavaleiros fora vencido. E isso era refletido em nossas criações, que eram muito resistentes, suportando por mais tempo os encontros com as forças inimigas.

Percebi que a derrota de um dos seguidores mais poderosos do Lorde Branco fizera alguns Criativos menores auxiliarem os três restantes, movimento previsto por Gariel e Zarak, pois as três duplas que ainda enfrentavam os outros oponentes supremos tiveram o reforço de mais um Ordeiro; agora eu contava com a ajuda extra do Capitão mascarado.

— Ela é *bem preparada*, não? — comentou ele, após fracassar três ou quatro vezes com os assassinos munidos de chicotes.

— *Muito* bem preparada — concordei.

Kari, mesmo com a ajuda de quatro pessoas — afinal, meus heterônimos também eram capazes de criar —, não conseguia executar um ataque para encerrar aquele confronto, *dedicando* mais tempo em se proteger e se desviar do que em atacar.

Montada num cavalo negro e com asas de morcego, a Amazona não se mantinha parada num lugar por muito tempo, dificultando ser imobilizada. E ela também manjava com perfeição uma espada de lâmina ondulada; não raro a vi desferir golpes contra as criaturas que tentavam a segurar.

— Kari está se cansando — observou Alastair.

— Podemos vencer — falou Diogo, dirigindo-se a mim. — Posso usar meus guerreiros para uma aproximação, *distraíndo-a*, enquanto você ou seus heterônimos a *surpreendem* em outra direção, talvez do alto.

— Entendemos — disse eu.

Ordenei mentalmente aos outros que criassem cópias de mim e dragões-libélulas, ao mesmo tempo em que eu me aproximava da Ordeira e pedia para ela descansar um pouco, cuidando apenas de nos manter protegidos como lhe fosse possível fazer.

— O que vai fazer, Alec? — questionou-me, visivelmente alarmada.

— Cumprir uma *promessa* — respondi, com um leve sorriso.

Capítulo 72: Cumprindo uma promessa

Dezenas de réplicas minhas sobrevoavam o campo de batalha, confundindo as criações de Marcélia, que atacavam todas elas, espalhando poeira incandescente por cima de nossas cabeças.

— Diogo! — gritei, voltando-me para ele. — *Agora!*

O Criativo mandou seus assassinos avançarem em todas as direções contra a oponente, eliminando tudo o que estava em sua frente; sofria *baixas*, mas logo repunha.

Gigantes surgiram para reforçar aquela investida desesperada, derrubando dúzias de inimigos com clavas e espadas e pisando em outros; era a *contribuição* da Generala, que parecia entender o plano que tentávamos executar.

O número de minhas cópias crescia assustadoramente, resultando no que eu pretendia.

Montei no dragão-libélula, incitando-o a se misturar aos demais. Auxiliei o restante do grupo com autômatos e dragões mais vorazes.

Do alto, numa visão quase *panorâmica*, pude enxergar o caos que se espalhava no local onde as duas forças se encontravam. Era noite, e as tochas flutuantes iluminavam uma vasta área, apesar de a fumaça e a poeira cobrirem quase tudo.

Consegui vislumbrar os Opositores se *empenhando* ao máximo para impedirem o avanço das tropas adversárias. Um pouco a frente, com arcos dourados e flechas luminosas, os Anjos mantinham-nas afastadas, enquanto outros batalhavam no ar.

Foi com horror que vi alguns dos seres angelicais despencarem, sendo reduzidos a luzes brancas que subiam, sumindo entre as nuvens cinzentas. Sim, eles estavam sendo *mortos!*

Quando eu estava perto de Marcélia, uma flecha passou rente ao meu ombro recém-curado, ferindo-o de leve. Uma manobra ágil de minha montaria, e uma chuva de setas fora evitada.

No solo, meus heterônimos faziam o possível para manterem as cópias num número *estável* e ainda incorporarem o grupo que avançava contra a Amazona.

Já era visível nosso pequeno sucesso na *redução* das criaturas que a protegiam e na tentativa de fadigá-la; a Criativa parecia se desesperar com o número crescente de adversários. E era uma *questão numérica* também: ela enfrentava cinco mentes criativas e distintas ao mesmo tempo.

Investi na segunda tentativa de aproximação, ousando uma *estratégia suicida*. Com um pulo meio desengonçado, joguei meu corpo para o lado esquerdo, caindo sobre a garota, derrubando-a do cavalo alado.

Mal caímos, fui empurrado com força, para sair de cima dela; minhas costas bateram no solo arenoso. Foi um chute violento, chegando a me tirar o ar dos pulmões. Tossi, sentindo um pouco de dor. Sem perder tempo, forcei-me a levantar logo, temendo por minha vida.

Marcélia vinha contra mim com a espada em punho, obrigando-me a criar uma também, pois havia perdido a que tinha na queda, e bloquear seu ataque, entretanto a lâmina ondulada venceu a minha arma, quase atingindo mortalmente meu ombro tão ferido.

Esquivei-me como pude, notando seu olhar *quase negro* ardendo em *ira* a cada golpe desferido e mal-sucedido. Eu apenas criava arma após arma, *impotente* diante de tanta agressividade e força física.

Entendia aquele desejo de me matar, afinal era o mesmo que eu senti quando quase a matei no Deserto.

Infelizmente, para meu *azar*, a barreira de criações que ela formou algum tempo antes não fora totalmente vencida; e nós dois estávamos no meio — num raio de trinta ou quarenta metros, parecendo dois lutadores num *ringue*.

— Capitã — tentei chamá-la —, sou eu, Alec.

Creio que fora uma *péssima* ideia, pois a menção de meu nome fez a Amazona criar alguns elfos armados com duas espadas curtas, que me atacaram sem piedade. Se não fossem os *clones* que caíram sobre eles, destruindo-os, teria morrido naquele instante.

O plano inicial era fazer com que a Generala a derrotasse, contudo, por destino — talvez —, cabia a mim a árdua tarefa. Ou pelo menos *sobreviver* até que os meus amigos conseguissem me salvar.

A minha superior permanecia com a guarda alta, livre de qualquer falha que pudesse servir de oportunidade para algo eficiente de minha parte. A espada que manjava com maestria, o escudo losangular que anulava minhas investidas e aquela armadura rubra e negra, com símbolos esquisitos, tornava-a praticamente invencível.

Lembrei-me da promessa que fiz. Havia prometido fazer o que fosse preciso por ela. Mas, tudo o que fiz foi a agredir com *selvageria* quando tomado pelo desejo. Recordei-me de seu choro. Das duas vezes que conversamos quando ela chorou. E de seu olhar apavorado quando me viu ameaçando a sua vida.

Uma miscelânea de imagens, sons e sensações. E a certeza de ter fracassado na missão mais importante que minha superior me dera: *salvá-la* de sua *loucura*.

Quando desviei de um ataque que poderia ter me custado o pescoço, notei que os outros Criativos venceram o bloqueio. Aquilo me deixou feliz por um breve segundo.

Dor. Uma dor *já* sentida invadiu o meu coração. Era *frio* como o gelo, e depois tão quente que parecia me consumir em chamas.

Meus olhos encontraram os de minha assassina, que me encaravam com indiferença, enquanto a lâmina atravessava meu peito, saindo ensanguentada do outro lado, segundo a visão dos outros eus.

De minha boca saía sangue. Minha garganta emanava aquele líquido vermelho sem pudor, obrigando-me a vomitá-lo compulsivamente. Meus lábios ensanguentados eram incapazes de murmurarem, pois minha voz fora sufocada pelo gosto da morte.

Diferente do que se crê, não foram cenas de minha vida que passaram diante de meus olhos, mas sim as quase *trinta visitas* de Zarak, o monstrinho que me mostrou o poder da imaginação, o Juiz Agraciado daquele mundo de sonhos e ideias.

Meus olhos se encheram de lágrimas no momento em que a dor passou e a minha espada tombava no solo já respingado pelo líquido que me escapava *convulsivamente* pelo ferimento no peito e pela boca, em generosos vômitos.

Alastair praguejou, criando coisas macabras que destruíam as criações de Marcélia com extrema violência. Alécio apenas parou de andar, pondo as mãos sobre o peito, sentindo mais do que o outro a minha dor. E ambos se petrificavam lentamente.

Acredito que Diogo e Kari também tenham ficado em choque com aquela cena, porém não pude comprovar tal teoria.

Tudo escurecia. Os sons eram *abafados*. As imagens ficaram *desfocadas*, distorcidas, até se distanciarem. Eu estava *morrendo*.

Reuni o restante da consciência que me restava, já aceitando o *desconhecido*, e agarrei a Amazona como me foi possível, com todas as forças que me restavam. Com um impulso derradeiro, movi a cabeça para frente e a beijei nos lábios.

Ainda vi, através dos olhos dos *duplos*, que estavam quase imóveis, ela ficar sem reação, permitindo a um dos assassinos do Criativo mascarado lhe lançar o chicote, prendendo-o em sua cintura e a puxar com força, derrubando-a; e, no segundo seguinte, Gariel surgia e lhe tocava a testa.

Ajoelhei-me, sorrindo.

— Vencemos — disse o poeta, sem poder conter o choro, enquanto terminava de se tornar estátua.

Antes de meu corpo cair de encontro ao chão, transformando-se também em pedra, minha consciência se perdeu no vazio. Eu estava morto. Entretanto, havia conseguido cumprir a minha promessa.

Capítulo 74: Diálogo com uma Dama

Morrer sempre foi um *verbo* estranho para mim. Desde criança. A ideia de um dia deixar de existir me atormentava dia e noite. Talvez fosse por causa dos noticiários televisivos. Nunca terei total certeza.

— Alex — sussurrou uma voz feminina e *divina*.

Abri meus olhos, sentindo uma *leveza* nunca antes experimentada. Não havia aquele branco absoluto como mencionavam alguns *espiritualistas*, nem a escuridão completa. Apenas estávamos no mesmo ponto em que jazia meu corpo rodeado pelos outros Ordeiros, todos exaustos.

Sim, era somente aquela bela jovem de roupas azuladas, cabelos prateados, olhos esverdeados e aparência serena e eu.

— Você... você é uma... um Lorde? — indaguei, percebendo que minha voz ecoava harmoniosamente.

— Sim — confirmou ela, sorrindo meigamente. — Sou uma Dama.

— E eu estou morto?

— A morte é algo *relativo*. Depende muito de que ponto é olhado.

Enigmas. Claro que um ser supremo falaria através deles.

— Vocês... os outros Lordes... Vocês vão nos ajudar? — perguntei, um pouco eufórico.

— *Não podemos*.

— Como assim?! Mas, nós...

— Vocês *provaram* seus valores diante de nós. Lutaram bravamente desde o começo. *Suportaram* a travessia pelo Labirinto,

e, antes disso, os perigos do Deserto. E a Mensageira nos transmitiu o pedido perfeitamente.

— E *ainda assim* não vão nos ajudar?

Esqueci-me completamente de que dialogava com quem deveria ser uma *deusa* naquele mundo.

— Não podemos ajudar *quem* nos ajuda, quem provou ter *capacidade* de vencer as batalhas contra o Lorde Branco — respondeu a garota, sem alterar aquela expressão tranquila ou aquele tom de voz que soava como uma *canção* naquele espaço *atemporal*.

— *Claro* que podem, oras! — refutei. — Quantos, além de mim, morreram para impedir o avanço do desgraçado?! Todos esperam que vocês venham ao nosso socorro!

— Todos mesmo?

Entendi que aquilo era uma *acusação*.

— Tudo bem! — exclamei. — Eu não acreditava muito...

— Então, *quase* todos esperam que venhamos ao socorro de vocês, não? — corrigiu ela, com um sorriso delicado.

Aquilo me incomodou um pouco, mas confirmei.

— Muitos que estão lutando *acreditam* que podemos ajudar — falou a divindade, andando, passando entre os combatentes como ela fosse um fantasma. — Outros, entretanto, *não confiam* tanto em nossa intervenção.

Seguia-a por puro instinto, observando as cenas dos embates que se desenrolavam ao meu redor.

— Quando o Lorde Branco começou a atacar vocês — continuou a garota, sem me fitar —, pensamos em detê-lo naquele instante, mas uma energia imensurável, que não cabe a você saber ainda, impediu-nos. Uma força *acima* de nós e de nosso poder de *atuação*, um *sussurro*, como eu prefiro dizer, fez-nos parar e olhar somente.

— Vocês foram *cúmplices* de tudo isso?! — horrorizei-me.

— *Não confunda* sapiência com *conivência*, caro Criativo!

Percebi que estava agindo de modo errôneo ao conversar daquela maneira com uma Dama.

— Agimos por *outros* meios, por métodos aos quais você mesmo conhece e chama de Zarak — prosseguiu ela. — Ele sempre

mostrou ser *grandioso* e sabíamos que algo *crucial* seria posto nas mãos dele, embora não conhecíamos o que fosse quando lhe demos a *liberdade*.

— Como assim “liberdade”?

— *Todo* amigo imaginário é *destruído* quando seu criador completa dezoito anos.

Espantei-me.

— Na época de seu aniversário, ele *namorava* a filha de um importante Juiz, que estava *grávida* de uma filha. Zarak se *atormentava* demais com a certeza de sua morte, pois deixaria para trás uma namorada e uma criança. Por isso, em primeiro lugar, agraciamo-lo com a liberdade, pedindo que ele fosse treinado para eventos próximos.

— E o que aconteceu com a esposa e a filha? — indaguei, bastante aflito.

Naquele momento, vi Gariel surgir e pegar o meu corpo petrificado, ordenando que os meus amigos auxiliassem quem ainda enfrentava os Cavaleiros; estes ainda condoíam-se com a minha morte, até mesmo Marcélia, que havia despertado há poucos minutos, com o gosto de meu sangue em seus lábios.

— Não posso responder, infelizmente, pois *faz* parte do que ele nos *pediu* — replicou a garota, olhando-me com ternura.

Não entendi.

— Como eu disse, não vamos ajudá-los — disse a Dama, aproximando-se de mim. — Eles estão *sozinhos*, mas *preparados* para enfrentarem os Cavaleiros, o Lorde Branco e quem mais for preciso.

— Mas, e se falharem?

— Vocês, Criativos, e suas dúvidas quanto à capacidade de sucesso... — reclamou ela. — Se falharem, nós agiremos *fortalecidos* contra o exército inimigo e cumprimos nossa *parte* no *acordo* com Zarak.

— Que acordo?

A garota sorriu, comentando:

— Agora sei de quem o Juiz Agraciado herdou a mania de perguntar tanto.

Senti-me sem jeito.

— Quando ele se *apresentou* para ser um Juiz — começou a divindade —, explicamos o que tínhamos em mente para deter o Lorde Branco. Sem hesitar, seu amigo propôs apenas sete coisas que deveríamos cumprir em troca. A primeira delas foi que você *viesses* para a Guerra *nesta* semana.

— Por quê?

— Porque *seria* nesta semana que o Lorde Branco ousaria *investir* contra os Pilares, e ele, o Juiz, *queria* que você estivesse aqui.

— Por quê?

— E a *resposta* de sua pergunta é a coisa seguinte que ele nos pediu.

Num piscar de olhos, num momento *fugaz*, eu estava sentado no alto de uma enorme coluna, que formava, junto com outras doze, um círculo perfeito.

— Apenas veja! — pediu-me a Dama, que estava ao meu lado, com um olhar direcionado para baixo.

Obedeci, sem saber o que veria.

E tudo aquilo que eu veria — e relatarei a seguir —, de uma maneira avassaladora, mudaria a minha vida para sempre, e se tornaria num dos maiores motivos para escrever esta autobiografia tão precoce.

Capítulo 75: Confronto devastador

Um homem com uma armadura acinzentada foi arremessado com força contra o chão, caindo de algum lugar do céu; mal se chocou com o piso duro, que se rachou todo, uma *rajada de luz branca* o atingiu, levantando destroços.

Dois segundos depois, uma besta monstruosa, meio ofídio, meio inseto, ergueu-se, montada pelo guerreiro, que empunhava uma espada em chamas negras.

Quase no mesmo instante, a figura esguia de William pulou sobre o cavaleiro, socando-o com fúria, derrubando-o da criatura, que se converteu em poeira escura.

Notei que o ex-Juiz estava bastante machucado, contudo determinado a morrer, se fosse necessário, para deter o seu criador.

Com a nova queda, o Lorde Branco ficou desarmado, permitindo a Phyreon, que descia das nuvens com os punhos *flamejando*, aplicar um golpe tão poderoso que abriu uma cratera, destruindo quatro colunas.

Ambos os defensores dos Pilares se afastaram, ofegantes, com os olhos fixos nos escombros, que não tardaram a ser removidos, enquanto o oponente surgia praticamente ileso.

Apenas um ínfimo segundo se consumiu e um exército de *ninjas* apareceu, todos indo de encontro aos dois inimigos de seu criador.

Raios medonhos cruzaram o ar, eliminando metade dos assassinos; a outra parte fora dizimada pela *fúria bárbara* de Percival, que manejava um machado e uma espada com grande destreza.

Quando percebi, tanto William quanto o Criativo trocavam socos e chutes com o Lorde, enquanto este continuava a criar

coisas. Os três eram exímios nas *artes marciais* e detinham uma concentração nunca vista antes por mim.

Phyreon bateu a palma da mão aberta contra o peito do adversário, que voou metros à frente, onde Zarak surgiu e o chutou na cabeça revestida com o capacete, lançando-o noutra direção.

Mal a quinta coluna despencou, o maldito já se levantava, e *demônios* desfigurados saíam de cantos escuros, portando lanças e espadas.

Voltei meu olhar para a Dama, ao constar que ele não sofreu sequer um arranhão, entretanto ela permanecia com os olhos fixos na luta sangrenta, ainda sem expressão, ignorando-me.

Agora os quatro responsáveis pela tentativa de deterem o Lorde enfrentavam um grupo cada vez maior de criaturas, que almejavam matá-los o quanto antes. Eles eram feridos — e apenas três sangravam —, mas se mantinham firmes.

Ver Zarak, que sempre fora meu monstrinho travesso, agir como um guerreiro, *explodindo* cabeças e aplicando golpes fulminantes me chocou. Era como *abandonar* a infância ou a adolescência e me *tornar* adulto.

Percival, o único ali alheio a morte, avançou com ânimo entre a horda, arriscando-se numa aproximação rápida contra o oponente, arremessando seu pequeno machado contra ele. O plano *poderia* ter falhado, porém o Juiz Agraciado apareceu no meio do percurso da arma e a agarrou pelo cabo.

A machadada atingiu com impacto absurdo o ombro direito do alvo, *mutilando-o*. Da ferida escapava uma quantidade exagerada de fumaça densa, semelhante a que vi durante a batalha no Santuário.

Uma rajada branca complementou o ataque, desnordeando o desgraçado, possibilitando ao monstrinho dar outro golpe com o machado, acertando as costelas dele.

Provavelmente muito furioso, o Lorde agarrou o pescoço de Zarak com a mão intacta e lhe deu uma cabeçada com força, enquanto seu membro decepado se *regenerava*.

Um enorme dragão com dois pares de asas agarrou o nosso inimigo, livrando o Juiz de seu aperto; mas, com um movimento

somente, o maldito escapou da criatura.

William tentou uma investida com sua espada faiscando, entretanto uma barreira invisível o bloqueou, ao mesmo tempo em que os demônios o cercavam, obrigando-o a lutar com eles.

Os raios continuavam a cair do céu, fulminando tudo, mas Phyreon já se *atracava* aos socos e chutes com o Lorde Branco, executando ora ou outra algumas de suas magias desconhecidas por mim.

O esqueleto ajudou Zarak a se levantar.

— Ele é *muito* forte para vencermos — falou meu amigo, limpando o sangue que escorria pelos lábios e queixo.

— Não temos a menor chance, temos?

— Desse jeito, nunca.

— Algum plano extra?

O Juiz *teletransportou-se*, almejando um novo ataque contra o homem de armadura acinzentada, mas foi atacado por este, que o socou com força nas costas.

Quatro combatentes contra um, e tudo o que conseguiam era apenas feri-lo superficialmente, deixando-o *temporariamente* machucado, pois logo se regenerava e já estava completamente *intacto*.

Phyreon e William o atacaram ao mesmo tempo; num mesmo movimento, socaram-no na barriga com violência inacreditável, fazendo-o curvar a cabeça, enquanto Zarak surgia logo abaixo, entre ambos os companheiros, deitado, com os pés para cima, chutando-lhe o queixo.

O corpo do Lorde subira dezenas de metros.

— Raio! — urrou o ex-Juiz, dirigindo-se ao Criativo.

Uma descarga elétrica atingiu o maldito, passando por seu corpo e acertando ainda o chão, *petrificando-o* devido ao calor intenso. Contudo, apenas *o atordoou*, deixando-o caído no solo por pouco tempo, em choque.

Durante este tempo, meu amigo desapareceu.

— Não vamos vencer — falou o homem com marcas pela face, ofegante e com vários ferimentos pelo corpo, manchando o *terno branco* que usava.

— O *filho da mãe* é duro na queda, eu avisei! — retrucou William, repousando sobre o cabo da espada, igualmente ferido.

Percival apareceu correndo.

— Cadê Zarak? — questionou ele.

— Não sabemos — replicou Phyreon, caminhando na direção do inimigo que se levantava.

— Ele não morre... — sussurrei.

O Lorde Branco socou com violência o chão, causando um grande tremor, provocando rachaduras onde saíam tentáculos negros. A seguir, ele criou uma espada e andou calmamente, indo de encontro ao amigo de Kari.

Ambos se enfrentaram com ira, cada um usando o poder que possuía — por um motivo que desconheço, o misterioso Criativo não usava qualquer tipo de arma branca, *preferindo* os punhos e a magia.

Enquanto isso, os outros se ocupavam com os tentáculos monstruosos, permanecendo um de costas ao outro, destruindo aqueles membros *abissais*, espalhando muita fumaça negra.

— Já sei como derrotar o Lorde! — exclamou o monstrinho, surgindo do nada, perto dos dois.

— Sabe?! Como? — questionou o esqueleto, mutilando parte de um tentáculo que quase o agarrou.

Um lampejo; e a cena mudou.

— O que houve? — perguntei, voltando-me para a Dama com desespero.

— Continue olhando! — pediu ela, com a expressão ainda serena.

Relutei um pouco, contudo obedeci, sem saber o que veria naquele momento.

Capítulo 76: Pela vida ou pela morte!

O último Cavaleiro foi vencido.

Todos agora se ocupavam em evitar o avanço do exército de criaturas, voltando para o ponto em que se encontravam os demais. Era visível a *fadiga* se apossando de cada um; não demoraria muito para que a linha de defesa tombasse e o exército adversário vencesse.

Os Anjos tentavam manter tudo organizado, porém até eles tinham o *moral* baixo. Buscavam animar o grupo, mas se percebia que não estavam tão confiantes na vitória.

— Concentrem-se! — urrava Alfredo, que parecia liderar o maior número de Criativos, montado num lobo de tamanho cavalari. — Não desanimem agora!

Os Ordeiros tentavam manter o ritmo constante de criações, mas estavam exaustos por terem lutado contra aqueles quatro Cavaleiros — que também os auxiliavam como podiam, e igualmente cansados do árduo combate que tiveram antes de receberem o toque com o Apanhador de Sonhos.

— Vamos lutar! — continuou o General, enquanto o lobo andava entre os humanos. — Morreremos talvez, mas lutaremos até o fim! Se vencermos, venceremos por *mérito*! Continuem criando e dando o máximo de vocês!

Olhei em volta, enxergando toda a dimensão que havia assumido aquela batalha decisiva. Abaixo de onde estávamos, como um *cenário caótico*, as criações se chocavam, cobrindo toda a área com fumaça e pó incandescente, entre focos de incêndio e rachaduras.

O numeroso exército do Lorde, mesmo sem as quatro peças mais importantes, conseguia progredir em sua marcha, *aniquilando* tudo o que se opusesse ao objetivo nefasto.

— Os Lordes, eles não virão — falou Elric, com a espada com a ponta recostada no solo. — Estamos sozinhos, isso é um fato. Mas, amigos, hoje é o dia de lutarmos e vencermos, de mostrarmos a eles, que residem nos Pilares, que podemos ser independentes de sua ajuda.

Ninguém mais ali acreditava no auxílio quase divino daqueles seres *inatingíveis*. Talvez aquilo desmotivasse alguns, mas motivava outros, que se desempenhavam ao máximo do que lhes era permitido, causando, em alguns casos, hemorragias nasais. Ou, como testemunhei com horror, a *petrificação* de vários deles, devido ao esforço excessivo; e era uma cena *agonizante*, que me emocionava e me fazia chorar.

— Você... vocês... — tentei falar, encarando a Dama.

— Já disse que nos *isentamos* de ajudá-los — replicou ela, sem me olhar diretamente nos olhos.

— Eles estão morrendo para salvá-los!

— Sabemos.

— Por Deus! Isso é cruel! É *desumano*!

A garota não refutou. Continuou a observar o que se desenrolava.

Eu simplesmente não acreditava que tudo fosse terminar daquele jeito, com as mortes de todos os meus amigos e companheiros de Guerra. Era cruel demais!

Como vencer alguém que possuía poder ilimitado, capaz de voltar quantas vezes quisesse da morte? Como derrotar um Criativo que era capaz de retornar a ser como era antes de sofrer um grande ataque, regenerando-se?

O que me *indignava* era ver todos ali sendo reduzidos a estátuas, lutando com garra, e a Dama — assim como os outros Lordes — se limitava a olhar tudo aquilo, sem se mover.

Cada um que era petrificado significava a redução no exército que se opunha ao Lorde Branco. Tanto criador quanto criaturas

eram todos eliminados no mesmo instante, resultando em perdas graves ao grupo.

Quando as tropas inimigas estavam perto demais, alguns dos criadores, aqueles de espírito mais belicoso, como Elric, Alfredo, Kari, Diogo e Amaury, partiram para o combate, munidos com armas diversas.

Um a um de meus bravos amigos foram caindo. Primeiro o mascarado, que se tornara pedra quando se preparava para decapitar um ogro derrubado; a seguir o lovecraftiano, o General de armadura reluzente e o senhor dos lobos, restando apenas a única mulher daquele pequeno grupo.

Bombardeios se iniciaram ao redor das quatro figuras sem vida e da Generala, que ergueu o olhar — e eu também o fiz —, enxergando algumas naves espaciais sobrevoarem o campo de batalha, numa tentativa de atrasar o que era inevitável.

Pablo montava um leão-draconado, portando uma espada, atacando com fúria seus oponentes, indo ao socorro da companheira de guerra, que criava alguns elfos para se proteger.

O Juiz Agraciado surgiu do nada ao lado de Kari, destruindo algumas dúzias de adversários. Em quase sete segundos ele, havia retirado os quatro Criativos petrificados do meio do *fogo cruzado* e retornado para perto dela.

— Como... qual o *poder mais destrutivo* de Phyreon? — questionou ele, quase sem fôlego.

— Bem... eu... — hesitou a garota.

O senhor dos leões se uniu aos dois.

— *Eu sei* que ele tem — falou Zarak, com urgência. — *Qual é e como posso fazê-lo usar?*

— Ele... ele tem um *treco* que não sei o nome... que *destrói tudo o que toca...*

— *Antimatéria?*

— Não sei bem... acho que sim...

— Ele seria capaz...?

— Não, não sei não... ele precisa ser *provocado...* ou não consegue...

Os leões e homens-leões de Pablo destroçavam tudo com *ira selvagem*.

— *Como* posso provocá-lo? — indagou o monstrinho, com algum plano em mente, a julgar seu olhar *sagaz*.

— *A falecida!* — exclamou a Criativa, parecendo *surtar*. — Fale dela! Qualquer coisa! *Ofende-a!* Isso o incomoda muito!

— Por quê?

Não ouvi com clareza a resposta dela, pois o bombardeio foi alto demais ao redor.

— Certo! — assentiu ele, por fim.

Zarak ia se afastar para desaparecer, mas se deteve. Voltou-se para o Capitão, dizendo:

— Se tudo der certo, você logo *voltará* para junto dos seus como *deveria* ter *ocorrido* há anos.

O humano sorriu, com um jeito *esperançoso* e *jovial* — e percebi que aquilo o *motivou* a criar com mais energia.

No momento seguinte, o Juiz sumiu.

— O que você verá agora, Alex — disse a Dama —, é algo muito importante e decisivo, portanto, *preste* muita atenção, pois *algum dia* você *entenderá* com *clareza* tudo.

E voltamos ao topo de uma das colunas, para o instante em que o monstrinho retornou com a *dica* de Kari, a única chance existente para derrotar de vez o Lorde Branco.

Pudera-me nunca ter visto o que vi...

Capítulo 77: Sacrifícios

— Não se esqueçam do combinado! — pediu Zarak, após detalhar seu plano para Percival e William.

— É a *ideia mais idiota* que já ouvi em toda a minha vida! — criticou o ex-Juiz, com um olhar severo.

— *Por isso* pode dar certo — falou o Juiz Agraciado, voltando a ser aquele monstrinho que eu havia conhecido anos antes.

O esqueleto bateu as lâminas uma na outra, produzindo fagulhas.

— Que assim seja, oras! — gritou, correndo de encontro a um tentáculo coberto de lava.

Phyreon e o Lorde brigavam com ferocidade, ambos dominadores de dons inimagináveis e impressionantes. O Criativo já estava todo coberto de sangue e cinzas, visto a quantidade de golpes que recebera; o outro, porém, parecia não ter sofrido sequer um corte.

Meu amigo surgiu ao lado do homem de cabelos alvos, ajudando-o como pôde, usando o teletransporte para não ficar apenas num lugar; ora ou outra fazia uso de alguma habilidade especial, mas sem efeito algum.

Em certo momento, talvez iniciando sua tática, Zarak levou o companheiro de luta para perto do ex-Juiz.

— Descanse um pouco! — pediu ele, antes de voltar para enfrentar o oponente infatigável.

— *Não há* como descansar! — zangou-se Phyreon.

— Mas, você parece cansado, *velhote* — comentou William.

— O quê?!

Aquele comentário parecia ter causado o que era esperado.

— *Não fui eu quem apanhou* até chorar um pouco antes — retrucou o homem, num tom de provocação.

— E *não sou eu* quem está cansado por lutar com um Lorde *mediocre*.

— Quem disse que me cansei? — indagou o outro, preparando-se para voltar ao combate.

— Deve ser por isso que não tem esposa...

Senti o clima *pesar*.

— Como é? — questionou Phyreon, fuzilando o ex-Juiz com os olhos ardendo em ira.

— Você *matou* a sua esposa com que arma mesmo? Foi uma adaga ou uma espada? Quer saber, tanto faz! Deve ser porque ela o traía por você já ser tão velho e não poder mais...

Notei William erguer um pouco a ponta de sua espada, esboçando um riso de deboche pouco antes de uma rajada branca o atingir. Talvez por prever esse ataque, ele tenha conseguido *conjurar* um escudo redondo e se proteger.

— Admita, Phyreon! — continuou, gargalhando. — Qualquer mulher preferiria alguém com mais mocidade a você, um ser patético e fracassado...

Outra rajada, muito mais intensa, foi lançada, mas neutralizada pelo ex-Juiz.

— Observei que você não usa nenhum tipo de lâmina, e acho que sei o *motivo* — divertia-se a criatura esguia.

Corri o olhar para a direção em que Zarak e o Lorde se confrontavam, vendo meu amigo muito debilitado, incapaz de se manter por muito tempo. E ninguém ia ao seu socorro! Nem mesmo Percival, que estava mais concentrado em escalar um monte de *entulho* do que em salvar o monstrinho.

— Você tem é *inveja*, Phyreon! — gargalhava William, em tom provocativo. — Inveja porque foi uma lâmina a última coisa a entrar no corpo de...

O Criativo urrou, enquanto seu nariz sangrava com abundância, assim como seus olhos vermelhos de ódio. De suas mãos emanavam *fios negros* que se uniam em suas palmas, formando uma esfera em cada.

— Você é um *covarde!* — gritou o outro, despertando ainda mais a fúria de Phyreon. — Matou a sua esposa por ser um *velho incapaz de satisfazê-la!*

Com um movimento brusco, o homem lançou os braços para trás e depois para frente, arremessando as duas esferas negras contra o ex-Juiz, que apoiou os pés no chão, fazendo a lâmina de sua espada faiscar, liberando raios rubros com toda a potência que podia controlar.

Em poucos segundos as duas bolas se uniram, *rasgando* a realidade com agressividade, deixando marcas no solo sem nem ao menos tocá-lo, reduzindo os tentáculos que se aproximavam em nada.

Tudo ocorreu muito rápido, visto a pouca distância entre os dois, mas, sob aquele plano em que me encontrava como morto, o bastante para acompanhar tudo.

William golpeou aquela energia destrutiva com força, gritando de dor, enquanto vestígios dela respingavam sobre seus rosto e mãos, *corroendo* a sua pele e deixando *buracos negros* onde tocavam.

O solo *afundou*; a grande quantidade de antimatéria destruindo a areia, provocando ondas de ventos que pareciam *alterar* a noção das coisas, balançando tudo como se aquela *imagem* que eu testemunhava fosse *reproduzida* sobre um *pano* que se sacudia ao sabor do vento.

Embora tivesse perdido a espada e tido parte da face *destruída*, restando apenas um *oco escuro*, sem qualquer resquício de carne ou ossos, ele desviou aquela *concentração primordial de poder* rumo a Percival, que já aguardava com as armas em punho.

Mal o ex-Juiz curvou o corpo, esgotado, Phyreon caía sobre ele, socando-o com violência. Sem qualquer chance de reação, William aceitou a merecida surra, deixando seus ossos restantes serem esmagados pela ira do viúvo.

Desviei minha atenção para a esfera sombria, que avançava para o esqueleto, causando destruição no percurso, *aniquilando* a matéria, transformando-a em *nada*.

Para meu espanto, tudo o que a criação — de natureza peculiar — do lovecraftiano fez foi prender aquela força arrasadora entre as lâminas e impulsionar o corpo para cima, conduzindo a bola *mortífera* para o céu.

E a figura esquelética de Percival deixou de existir.

Zarak e o Lorde apareceram três segundos antes, metros acima da esfera. O monstrinho o segurava com pressão, com os olhos fechados.

— Não! — gritei, ciente do que aconteceria, sentindo-me *impotente*, sem poder impedir o que inevitavelmente ocorreria.

Meu Deus! Aquele era o plano dele! Ele morreria para *salvar* aquele mundo! Era um *sacrifício*!

Capítulo 78: Chuva branca

Apressei-me em desviar o olhar, não querendo testemunhar a *morte* de meu amigo. Não queria ter em minha memória aquilo, aquele episódio trágico.

— Alex, meu grande amigo, e *Ailith*, minha amada filha — sussurrou Zarak, provavelmente antes do encontro com a antimatéria —, *adeus*.

Eu chorava.

Ele se foi.

Meu monstinho, a criatura que concebi quando criança, e que me mostrou a magia de sonhar e criar, havia partido.

Para sempre.

Não mais veria a sua aparência — nenhuma das três por mim conhecidas.

Não receberia conselhos, ajudas, dicas.

Nada.

Um *vazio* enorme se apossou de mim.

— Por... por quê? — gaguejei.

— Porque ele morreria de *qualquer jeito* quando enfrentasse o Lorde Branco — respondeu a Dama. — E *optou* morrer junto com o assassino de sua esposa.

— Ele sabia... sabia... que ia morrer?!

— Desde o começo. E *não hesitou* em aceitar a tarefa de liderar. Apenas pediu as sete coisas, sendo esta, tudo isto o que você viu, vê e verá ainda, o segundo pedido dele.

Meu olhar baixo viu Phyreon olhando em volta, para os tentáculos que desapareciam em nuvens de fumaça, enquanto

seres humanoides similares a garota que me acompanhava se tornavam visíveis.

— Quem sois vós? — perguntou ele, em posição de ataque, apesar de estar visivelmente cansado.

— *São os malditos que acabamos de salvar as vidas* — respondeu a voz fraca de William.

— Vencemos?! — estranhou o Criativo, encarando o rosto *desfigurado* e ensanguentado do outro.

Começavam a cair minúsculas esferas brancas. Era uma *chuva* de luzes esbranquiçadas, parecendo neve.

— Vamos ver os outros Criativos — falou a Dama.

No instante seguinte estávamos no meio dos que sobreviveram ao confronto fatal. Gritavam e comemoravam a vitória quando viram todos os que estavam sob o domínio do Lorde simplesmente desmaiarem, ainda ignorando o enorme sacrifício de Zarak, mas todos exaustos e *em luto* pelas grandes perdas. Mais da metade do grupo original estava petrificado, espalhado pelo acampamento improvisado.

Alguns já se dirigiam para lá, com certa euforia, pois seria ali o ponto de encontro de todos os sobreviventes. Era visível a preocupação quanto ao grande número de baixas sofridas, inclusive por parte dos Anjos e criações naturais daquele mundo, que não eram acostumados com o *conceito* de morrer.

— A terceira coisa que Zarak nos pediu foi *trazer de volta* todos os que *sucumbiram* durante os combates — disse a garota. — E isso nós já estamos fazendo, *respeitando*, é claro, os *limites*.

— Que limites?

— *Somos incapazes* de fazer isso com Criativos cujos Elos foram destruídos, o que graças ao *Lorde dos Lordes*, não ocorreu — explicou ela —, e com criações livres.

— Como assim “criações livres”?

— Anjos, Juízes e habitantes deste mundo.

Gelei. Aquilo apenas confirmava a certeza da morte de meu amigo.

— Eu vou voltar, então?

— Sim.

Os Lordes começaram a aparecer ao lado das estátuas, trazendo de volta a consciência delas.

— Antes de voltar, Alex, eu quero que saiba que agimos com *limitações* — falou a Dama. — Por isso não viemos socorrê-los. Além do mais, confiamos em Zarak e em cada um dos Criativos e criaturas.

— Pouco me importa suas *desculpas*, certo? — cortei, com rispidez. — Apenas quero voltar e me despedir de todos.

— Mas...

— *Por favor!*

Ela assentiu.

A chuva branca caía suave, enquanto os que sucumbiram em combate voltavam do vazio do coma. Abraçavam-se com afeição, choravam por terem tido o que chamo de *vitória de Pirro*, afinal mais perdemos do que ganhamos.

Fui abraçado por Marcélia, Cíntia, Anny — que trouxe os Lordes até nós de um jeito ou de outro—, Kari e até por Carla. Os demais me cumprimentaram com carinho, mas minha tristeza denunciava o tanto que eu sofria. E não escondi deles a minha dor.

As estátuas iam sendo *substituídas* por pessoas, resultando em grande *comoção*. E as notícias da vitória sobre o Lorde Branco e o sacrifício *altruísta* de Zarak se espalhavam, e todos vinham me dar algum tipo de apoio moral.

Phyreon havia se afastado um pouco, talvez ainda sobre o efeito das ofensas proferidas por William para que ele criasse aquelas esferas de antimatéria.

— Ele vai ficar bem — disse a amiga dele. — É só um tempo que precisa para se *recuperar* das *cicatrices da alma* e das novas *feridas físicas*.

Esbocei um sorriso de compreensão para ela. Sabia mais ou menos como ele se sentia.

Os Lordes continuavam a trazer os Criativos de volta, tanto para seus Elos quanto para o local, reunindo milhares deles em meia hora. Eles não eram tão diferentes uns dos outros, sendo um *padrão* os cabelos prateados ou dourados, a pele branca, a beleza *extraordinária* e as vestes em tons suaves.

Quando começaram a discursar, dei pouca importância, focando-me no céu azulado entre as nuvens alvas, a manhã que surgia, tingindo o Leste com cores ígneas, transformando a chuva num espetáculo mágico.

Pensei em meu amigo que não tive a oportunidade de dizer um adeus, de me despedir, de me desculpar por ser sido tão idiota. Ele lutou com garra por cada um ali presente; por mim, que apenas os julguei sem conhecer sua triste história.

Meus heterônimos se sentaram ao meu lado, ambos contemplando o astro-rei aparecer como uma *criança brincalhona*.

— Vamos para casa — falei.

— Sim, vamos — concordaram.

O poeta olhou para trás, enxergando todos os nossos amigos.

— Já nos despedimos — disse Alastair.

— É.

— De agora em diante *não existe* mais a Guerra dos Criativos...
— falava uma das dezenas de Damas, quando fechei os olhos, desejando apenas acordar e esquecer.

Meus sentidos foram adormecendo um a um. Uma paz imensa. Nada de sons, imagens, aromas, sensações físicas como calor ou frio. Apenas *eu*. Estava voltando para o *meu* mundo, para a *minha* realidade, para longe daquele mundo de sonhos e pesadelos, de mistérios e magia.

Era o fim de minha participação na última e mais mortal Guerra dos Criativos.

Epílogo: Considerações Finais

Bem, como eu havia mencionado, esta não é uma história com um final feliz, mesmo que pareça ser. Houve, é claro, uma *recompensa* a todos os que lutaram bravamente; é certo que todos ali tenham encontrado o que buscavam de alguma maneira.

Quanto ao rumo tomado por alguns, resta-me apenas *supor*.

Talvez Pablo tenha alcançado o que queria. Parece que apenas desejava voltar para perto de seus entes queridos, para perto das pessoas que há anos não via, para perto de sua família, saindo de um *coma* causado por algum motivo desconhecido por mim.

Diogo provavelmente voltara a se ver livre da maldição que o obrigava a usar aquela máscara branca e sem expressão. Acredito nisso, pois há um bom tempo minha mão direita *não arde* como na época em que também estava amaldiçoado.

Kari e Phyreon devem, à esta altura, estar em alguma outra aventura, enfrentando algum novo perigo, afinal, um Criativo que se diz Lorde e possui um poder tão vasto a ponto de destruir outro *não tende a ser coadjuvante*, nem tampouco quem o tem como amigo fica por muito tempo na monotonia.

Percival e seu mestre Amaury com certeza estão bem. Creio que ambos não pararam de lutar cada um por uma causa, independente de onde estejam. Dois personagens *macabros* e de *boa índole*, sem a menor dúvida.

Baseando-me pelo pouco que sei de Elric e Alfredo, suponho que ambos estejam bem após os eventos da Guerra, assumindo importantes papéis de liderança e honrando ainda mais suas contribuições em tudo o que narrei nesta estranha autobiografia.

Ainda no campo das suposições, acredito que Anny, que cumprira com louvor sua tarefa, Izaak e Cíntia estejam igualmente bem agora. Pessoas maravilhosas!

Quanto a Marcélia, esta eu *não sei* como pode estar, nem mesmo sendo otimista. Talvez a inquietante razão de vê-la como uma Amazona seja um dos fatores dessa incerteza cruel.

E o destino depois da Guerra de minha ex-namorada eu bem conheço, e não pretendo contar aqui.

Numa coisa, entretanto, cada um de meus companheiros de aventuras e desventuras confere: ninguém, além de mim, sabe de nada a respeito das batalhas, do desespero, da agonia, das provações, das perdas, de Zarak. Eles lerão tudo aqui narrado e tomarão como uma fantasia. Ou não.

Mas, como eu sei que tudo isso realmente aconteceu, já que ninguém mais lembra?

A resposta de tal pergunta é o quarto pedido de meu eterno amigo e monstrinho. E, enfim, não creio que seja a hora de revelar ainda.

Nota:

Eu já havia concluído todo o relato, contando tudo aquilo que fui capaz de me lembrar, mas numa tarde ensolarada de verão, enquanto organizava alguns amontoados de papéis, livros e cadernos, encontrei um envelope pardo, meio gasto, meio amassado, lacrado e com o símbolo que me recordo de ter visto em algum momento durante a Guerra dos Criativos. Não havia nada escrito além daquele signo que me trouxe uma dolorosa lembrança.

Crendo que fosse algo que eu deveria saber, abri e me deparei com algumas poucas folhas amarelas, muito antigas, escritas em letras finas, cursivas e bem cuidadas, que não me recordava de ter visto antes. Aquilo era estranho demais, até mesmo para mim, acostumado com as estranhezas que todos os que leram a minha autobiografia conhecem.

E me dediquei a ler, descobrindo uma parcela da grande tarefa que foi ao querido monstrinho ter se sacrificado. E mais do que isso: pude conhecer a sua mais profunda e humana dor.

Acho que o leitor de minhas humildes obras, em especial aquele que criou uma simpatia por Zarak, deva ler aquilo que li. E por essa razão compartilho aqui a carta deixada pelo meu eterno amigo imaginário.

Alec Silva

Post Script: Ayara

Os Juízes sempre me despertaram grande fascínio, desde o tempo que eu era apenas uma criatura bizarra e de formas *indefinidas*. Gostava de ficar vendo-os desfilarem com aquela organização militar tão assombrosa, sempre *rigidamente disciplinada*. Mas, ainda assim, eram *humildes*.

Quando se é um *amigo imaginário*, você não pode esperar muito da vida, afinal uma hora ou outra seu amigo humano, seu criador, vai crescer e parar de apreciar sua companhia, trocando-o por coisas mais interessantes. É um *processo natural*.

E não teremos aquela bondosa *senhora* de estatura baixa, óculos de lentes grossas, voz rouca e sua enorme *mansão* para nos acolher. Nem tampouco teremos *outro* amigo humano.

Simplesmente deixaremos de existir.

“Hoje vai ser um dia e tanto”, pensei, todo animado.

Claro que seria, afinal, eu poderia ver não apenas o desfile dos Juízes, mas também a chegada dos novos Criativos, aqueles que ficariam durante uma semana ali, treinando suas criatividadees.

Eu já havia visitado os Lordes três vezes, nas ocasiões que havia mencionado a todos. Apenas *aguardava*. Sim, aguardava.

— Ele virá *quando* for o momento, quando você também *assumirá* seu *dever* frente aos combates — falou-me um dos Lordes, a voz firme.

Ajeitei-me sobre o galho da árvore, respirando o ar puro do campo, pensando se algum dia eu, como *reles* criatura, seria *agraciado* com a oportunidade de estar ali, instruindo os Arautos e entregando-lhes os Pergaminhos.

Pode não parecer muita coisa, mas são os Juízes quem agem com *autoridade* durante os dias que a Guerra dos Criativos ocorre. São, na verdade, criações poderosas que ganham o *direito* de agirem com *autonomia*, punindo quem inflige às regras.

Um *sonho* de criatura imaginária ainda jovem.

Era interessante estar ali, naquele mundo.

Pelo que eu sabia, os Lordes haviam criado-o no *intuito* de condensar ali as imaginações *soltas* pela Terra, reuni-las ali e oferecer-lhes uma moradia, um lar. Mas, com os amigos imaginários, a história era outra.

Olhei com atenção para a *cerimônia*, sentindo toda a *solenidade* daquele momento. Até me emocionei, afinal, embora simples, era algo bonito de se ver. Encostei-me no tronco da árvore e fiquei ali, apenas observando.

— Sabia que *não é* muito legal ver o evento daqui? — indagou-me uma voz meiga, surgindo de algum lugar.

Busquei encontrar sua dona, olhando de um lado a outro, sendo em vão.

— E *também não é* legal se esconder dos outros e deixá-los procurando-a igual um *idiota* — zanguei-me.

— Perdoe-me — desculpou-se uma bela criatura com características *vulpinas*, materializando-se diante de mim.

Por muito pouco não caí.

— Quem é você, oras? — perguntei, agarrando-me no galho com força, para manter o equilíbrio.

Ela sorriu, fechando um pouco os olhos.

— *Ayara* — respondeu-me —, e sei que você é Zarak.

Usei minhas habilidades felinas para me recompor, ajeitando-me de novo em meu canto. Sentei-me e falei:

— Seu nome não me é estranho.

Novamente ela sorriu.

— É. Sou a filha do Juiz *Mac*.

Senti meu coração bater rápido. Eu estava diante da filha de um importante Juiz!

— E como me conhece? — perguntei, em tom desafiador e curioso.

— Oras, você foi três vezes aos Pilares e *sobreviveu* — respondeu-me Ayara, olhando-me com seus olhos esverdeados. — Isso o tornou *conhecido* pelos Juízes.

Aquilo me deixou sem saber o que dizer ou falar.

— E você quer ou não ver melhor a cerimônia?

Claro que eu queria!

Respondi, óbvio, com um assentir.

— Dê-me sua mão, por favor! — pediu-me, estendendo sua mão pequena e delicada, unhas longas, afiadas e pintadas de rosa. Hesitei um pouco, mas acabei aceitando o convite.

Quando dei por mim, estava entre os Juízes, todos trajando vestimentas brancas ou de cores mais claras, cada um com um ar de seriedade. Eu me sentia um anão entre gigantes, uma criança entre adultos.

A bela jovem vulpina me puxava firme, querendo me levar para algum lugar. Eu não conseguia escapar; apenas a acompanhava, maravilhado em estar entre seres tão importantes.

— Pai! Pai! — gritou Ayara, acenando com a mão livre.

“Pai?!”

Sim, ela estava me levando para conhecer o pai dela!

— Pai, este é Zarak — falou a moça, toda contente, para um robusto senhor de barba espessa e corpo peludo, com feições de raposa.

— Zarak... — resmungou o Juiz, encarando-me.

Fiquei intimidado com aquele olhar severo e de brilho avermelhado.

— Não me parece ser grande coisa — disse ele, a voz rouca —, mas os Lordes falam muito sobre você, *monstrinho*. Deve ter um coração *valente* para atravessar três vezes tudo aquilo por seu criador.

A seguir me estendeu a enorme mão, que apertei, quase gritando ao ter meus ossos quase fraturados pela pressão de seus dedos.

— Ayara e Zarak, agora se retirem daqui, pois este espaço é destinado aos Juízes e vocês *ainda* não são!

— Sim, pai — assentiu a minha nova amiga.

Antes que pudesse dizer ou fazer qualquer coisa, vi-me de volta ao galho da árvore em que eu estava minutos antes. E a garota vulpina estava sentada ao meu lado, sua mão ainda segurando a minha.

— Meu pai *gostou* de você — disse, a voz suave.

— Sério? — questionei-a, fitando com ternura o brilho esmeralda de seus olhos.

Ela assentiu, o sorriso meio tímido.

— *E eu também* — falou a seguir, abraçando-me com força.

Pela *primeira vez* em minha vida, meu corpo inexplicavelmente se *estremeceu*.

Depois daquela tarde, daquele acontecimento que me apresentou *duas coisas* importantes para meu futuro, minha amizade com Ayara se tornou intensa. Éramos quase inseparáveis já no quarto dia após a cerimônia.

Íamos juntos assistir os combates, sobretudo aqueles que seu pai, o Juiz Mac, com sua cruel expressão de raposa, era o responsável em fiscalizar. Acabei aprendendo muito com aquilo, assim como minha nova amiga — conforme notei.

Quando não estávamos assistindo às lutas, estávamos passeando pelos campos, montados em *licornes* tão ligeiros quanto o vento, ou sobre as nuvens, nos dragões-libélulas, mas sempre sentindo o vento bagunçar nossos cabelos.

Algumas vezes, também, íamos para algum rio ou lago próximo — ou não, a depender de nossas expedições pelo mundo —, onde nos banhávamos por horas e trocávamos conhecimentos acerca do que sabíamos.

Ela me ensinou, com muita dificuldade, a me deslocar rapidamente de um local a outro, tal qual fazia. Inicialmente levei muitas quedas e tombos, choquei-me com rochas e árvores — e Ayara ria gostosamente. No começo era *chato* vê-la rindo de meus fracassos, mas logo comecei a provocar algumas situações só para fazê-la sorrir um pouco. Aquilo me fazia bem.

E eu a ensinei a aproveitar mais as coisas simples, levando-a para ver aquilo que achei interessante, como o entardecer em picos altos. Assim que aperfeiçoei a técnica de *teletransporte*, levei-a

para conhecer um belo jardim numa ilha; lá as flores cantavam ao amanhecer e entardecer, num coro belíssimo.

Enquanto me deliciava com algumas frutas, ela dançava a *valsa* que as rosas deixavam sair de suas pétalas.

— Vem, Zarak! — chamou-me, bailando até mim.

— Não sei dançar — repliquei.

— Eu lhe ensino...

Era impossível recusar um *convite* tão gentil e carinhoso vindo dela.

Levantei-me, meio desengonçado. Lamentava ter pernas tão atrapalhadas.

Bem, foi uma dança maravilhosa. Ela encostou sua cabeça em meu peito, roçando a ponta do dedo nele, brincando com alguns de meus pelos.

— Sabe, *Zah*?

Eu amava quando me chamava pelo apelido que ela mesma dera.

— O quê?

— Gosto de ficar com você...

— Eu também.

Nossa amizade era muito *especial*, pois um ajudava o outro. Ela me tornava mais adulto e concentrado, fazendo-me responsável. E eu, bem, a fazia se sentir bem, estando o máximo de tempo possível em sua companhia.

Começava a entender o motivo de Alex gostar tanto de ficar com a namorada dele.

— *Zah*, você me acha *bonita*?

Aquela pergunta me pegara de surpresa.

— Sim. Muito *linda*.

Como não achar linda uma garota com características vulpinas, corpo tão bem definido, olhar sereno, sorriso encantador?

Ela remexeu-se um pouco em seu peito e olhou-me com doçura.

Foi a *vigésima vez* que estremei.

Quando dei por mim, meus lábios e os dela se encontraram, ao som do canto lírico das rosas.

E assim, da amizade se passou ao *namoro*.

Continuamos quase iguais a antes, mas agora éramos mais *cúmplices*, mais *românticos*, mais solidários um ao outro. Isso era o *amor*, afinal...

O pai dela aprovara nosso namoro sem pestanejar, alegando que Ayara não poderia ter escolhido melhor criatura, afinal os Lordes tinham grandes planos para mim.

Visitei Alex algumas vezes até ele completar dezoito anos, quando o avisei que passaria a me ausentar em intervalos maiores. Ele até quis saber os motivos, mas argumentei que muito em breve minha missão ao seu lado estava concluída, sendo *desnecessária* a minha ajuda.

Embora namorasse uma jovem maravilhosa, minhas preocupações quanto ao futuro me atormentavam. Eu sabia que muito em breve não seria mais o amigo imaginário de meu criador, tornando-me *inútil*. Ou seja, logo *findaria* minha vida. E eu não queria de jeito nenhum deixar tudo aquilo, a minha nova vida para trás.

Creio que Ayara deva ter percebido minha inquietação, pois sempre estava por perto para me oferecer seus carinhos, nunca dizendo nada. Algumas vezes eu chorava, chegando a soluçar. Nunca antes chorei em minha vida como chorei naqueles dias de receios.

Se os Lordes tinham planos em minha vida, por que custavam a me revelarem quais eram?

— Zah, eu o amo — sussurrava minha doce namorada, enquanto me afagava.

E aquilo me soava como uma sentença de que minha *morte* se aproximava e eu a deixaria para trás, sozinha.

Num desses dias de amargura, fui para a ilha das flores cantadoras, buscando um refúgio para meus pensamentos melancólicos, afinal não queria entristecer minha amada, que se mostrava tão radiante.

Olhei-me num lago. Ainda era Zarak. Mas, era o monstrinho que Alex havia imaginado? Não. Havia deixado de ser na *aparência*, anos antes; e recentemente deixara de ser também na *essência*.

Não era mais um *espírito lúdico*, mas amadurecido, cheio de *dilemas* — igual ao meu criador.

Caso morresse, estaria apenas morrendo meu *sopro vital*; minha aparência se fora, minha essência também. Eu havia evoluído, cumprido meu papel naquele *plano misterioso* do destino.

Em minha segunda visita aos Pilares ficara bem claro isso: eu ajudaria meu amigo humano a *reencontrar* sua criatividade; e o fiz mais vezes do que o necessário, apreciando cada momento ao lado dele.

Não havia mais nada a fazer.

Quando retornei, no final da tarde, fui abraçado com força por minha namorada, que me beijou os lábios. Fui pouco receptivo, tomado pelo espanto e pela agonia que me sufocava.

— *Zah, estou grávida!*

“Grávida?!”

Aquilo me atingira com tudo, em cheio.

Meus sentidos falharam e por muito pouco não tive um ataque de fúria ou de choro.

— *Você vai ser papai*, meu amor — continuava ela, indiferente ao *demônio* que me arranhava as entranhas.

Hesitei mais um pouco.

Uma criança, um filho nosso...

Este era o grande plano dos Lordes? Eles queriam me *castigar*?

Eu morreria a qualquer momento e deixaria duas *vidas órfãs*, minha amada e o fruto de nosso amor!

Abracei-a.

Dor. Muita dor.

Naquela noite não dormi. Chorei. Busquei meios para me embriagar, mas o álcool não me surtia o efeito desejado. Apenas me dava mais e mais angústia, enquanto o *monstro* dentro de mim gargalhava.

No dia seguinte, pela manhã, fui chamado pelo Juiz Mac, que ostentava uma expressão severa, mais do que a habitual.

— Zarak, conheço muito dos Criativos e das criaturas — disse-me, como sempre objetivo e grave. — E sei quando algo os atormenta.

Sua mão pesada pousou sobre meu ombro direito, fazendo-me me curvar um pouco.

— Os Lordes chamaram a mim e outros cinco Juízes ontem. Meu coração acelerou. Apertei os punhos.

— E o que foi decidido lá é *baseado* em eventos que nem mesmo os maiores e mais importantes de nós, os que foram convocados, sabem do que se trata — continuou o pai de Ayara, cada vez mais me torturando. — E outra vez os Lordes ressaltaram o quão *essencial* você é.

— Como posso ser essencial a algo, se sou apenas um amigo imaginário prestes a *deixar* de existir? — desabafei.

— É isso que o atormenta, Zarak? *A morte*?

Assenti, envergonhado.

— O medo da morte, monstrinho, é algo que um Juiz aprende a não ter. Nem mesmo com a certeza iminente dela, como sei que ocorrerá.

Olhei-o, totalmente surpreso, erguendo meus olhos.

— Sim, a morte beira este mundo. Você não sente porque é um garoto ainda. Não tem a vivência que tenho.

Como estávamos num enorme campo de grama alta, notei o vento fazê-las dançarem a seu bel-prazer. Meu *sogro* também fazia o mesmo.

— Você não é mais um amigo imaginário, Zarak — disse-me, sem, contudo, dirigir o olhar para mim. — É *livre* de seu criador, pela *vontade* dos Lordes.

Naquele momento uma mistura de alegria e tristeza me invadiu. Uma parte de mim comemorava o fato de não mais estar fadado ao *limbo*, como ocorre aos amigos imaginários, mas outra parte de mim se sentia doída, pois não mais ficaria perto de Alex; ele agora era um *humano* como tantos outros.

Eu poderia ter saído correndo, mas fiquei. Precisava fazer mais alguma coisa antes de ir ao encontro de minha amada.

— Juiz Mac... — comecei.

— Pode me chamar apenas de Mac! — pediu-me, ainda sem me olhar.

— Mac, eu gostaria de agradecer.

— Não agradeça, mas faça por *merecer* essa *dádiva*, pois é algo muito valioso.

— Sim, eu *honrarei*...

Percebi um breve sorriso, embora mais parecesse o início de um rosnado.

— Amanhã, depois do horário do desjejum, aqui — falou, fitando-me com determinação.

Acenei afirmativo.

— Agora, Zarak, vá ficar perto de quem o ama! — pediu o Juiz, virando-se.

Nem era preciso.

Corri pelo campo até avistar um dragão-libélula. Assoviei, chamando-o para perto de mim. Mal o animal pousou, montei-o.

Encontrei Ayara sobre um rochedo, olhando uma batalha que era travada ao longe, alisando sua barriga ainda pequena. Apressei-me em manobrar minha montaria o mais perto possível e pousar. Desci feito um louco e corri para junto dela, de minha querida.

— *Ayara, casa comigo?! — arfei.*

Ela se surpreendeu com minha euforia, mas, bem, aceitou.

Aquele foi a *antepenúltima* vez que arrepiei.

Casamo-nos dias depois.

Segui com meu treinamento com o pai dela. Aprendi *artes marciais*, técnicas estratégicas e militares; foi com muito esforço e treino que aperfeiçoei a *metamorfose*, a mudança de forma, deixando de vez aquele monstrinho para trás, tornando-me um novo ser.

Era comum eu chegar a meu lar, totalmente exausto, e ser acolhido amavelmente por minha querida esposa, que cuidava tão bem de mim e de meus ferimentos, pois agora, sendo livre, não mais um amigo imaginário, eu sangrava, sentia dor, era *imortal* enquanto não fosse *gravemente* ferido.

E o tempo foi passando e a barriga de Ayara crescendo. Eu me perdia contemplando-a, acariciando e conversando com minha filha. Sim, seria uma menina, minha menininha, minha pequena e frágil *Ailith*.

No dia em que ela nasceu, foi a *penúltima* vez que me arrepiei.

Eu a tinha em meus braços, aquela criaturinha linda. Abracei-a com cuidado, sussurrando todo emocionado:

— *Minha filhinha*, seja bem-vinda!

Beijei-lhe a testa pequena.

Eu poderia concluir aqui este relato, dizendo que vivi feliz, que todos a quem amava estavam seguros, mas, bem, ainda me falta sentir o arrepio pela *última vez*...

P.S.:

E logo abaixo desse breve relato, uma frase escrita por uma letra diferente, em tinta dourada: "Este é o quinto pedido. Restam ainda dois." E meu peito inflou na esperança de que ainda algo grande me aguardava, de que mesmo morto, o sempre travesso monstrinho ainda tinha algo a me ensinar, a me mostrar.

Alec Silva

... When you open your eyes
When you gaze at the sky
When you look to the stars
As they shut down the night
You know this story ain't over...

The Story Ain't Over
Avantasia

Personagens

Uma das coisas interessantes neste livro foi ter contado com a colaboração indireta dos amigos. Eu tive a autorização para adaptar alguns deles nesta obra, e também pude usar alguns personagens, sob uma versão mais pessoal, apesar de respeitar a criação original.

Baseando-me na autorização de usá-los como personagens, tomei ainda a liberdade de incluir referências a suas obras, como uma mulher no deserto com uma pistola ou uma alcateia pronta a me socorrer. Tentei não deplorar a imagem de ninguém, e os tratei como personagens fictícios, portanto, relacionamentos amorosos, brigas, discussões e opiniões apresentadas tanto sob meu ponto de vista quanto sob os deles são meros recursos narrativos, não tendo qualquer ligação com a realidade.

Quanto aos adaptados, tentei me manter fiel aos dados sobre personalidade e aparência, contudo me permitindo escrever acréscimos a suas origens ou comportamento, como ocorre ao ex-Juíz que ajuda inicialmente o grupo ou ao imortal que despreza os Criativos.

Em momento algum, deixo claro, apropriei-me da criação alheia, mas apenas prestei minha homenagem e adaptei-a de maneira autorizada, para servir ao propósito da obra. E recomendo ler as obras originais as quais algumas criações foram concebidas.

Personagens inspirados em pessoas reais

Capitã Marcélia é Celly Monteiro, contista e ilustradora.

General Alfredo é Alfer Medeiros, autor da série *Fúria Lupina* e do livro *Livraria Limítrofe – O adeus*, além do organizador da série de antologias gratuitas *Green Death*.

General Elric é Eric Musashi, autor da dualogia *Os Herdeiros dos Titãs* e da *graphic novel* que antecede a saga, *Os Herdeiros dos Titãs - Rito de Passagem*, em parceria com o ilustrador e roteirista Evandro Menezes.

General Amaury é Rochett Tavares, autor de *Criaturas*, *Abismo* e *Nefastos*, coletâneas de contos de horror lovecraftiano.

Capitão Pablo é Paul Law, autor de *Xeque-Mate*, *Ester*, *La Bandida* e *Poderosa*, livros com temática fantástica.

Comandante Cíntia é Bruna Frazão, autora de *O Lobo* e *Passiflore*, ainda inéditos até a edição deste volume.

Capitão Diogo é Diego Alves, autor de *Detentores da Morte*, ainda inédito até o momento.

Comandante Izaak é Isaac Guedes, romancista, contista e poeta, meu conterrâneo.

Mensageira Anny é Hayane de Souza, romancista baiana.

General Kari é Kamila Zöldyek, autora de *Legend of Raython* e de outros livros com forte influência nipônica e fantástica. A bela capa desta edição foi feita por ela.

Personagens adaptados

Percival

Criação de Rochett Tavares. Adaptado para a trama, torna-se um personagem ativo e uma das peças fundamentais para os eventos finais das aventuras e desventuras dos Criativos contra o Lorde Branco.

William

Criação de Alastair Dias, meu heterônimo. A versão apresentada, contudo, é menos sombria e maldita do que a original, que possui uma curiosidade peculiar: todas as tentativas

de publicar um conto com ele foram seguidas de desvios e insucessos, mesmo quando selecionados.

Phyreon

Criação de Kamila Zöldyek. Quase um *deus ex machina* na história, com uma participação breve, porém importantíssima.

Capista

Kamila Zöldyek nasceu em João Monlevade, no estado de Minas Gerais. Cursa Engenharia de Computação, mas seu verdadeiro amor está nas artes: literatura e ilustração. Ilustra e diagrama capas para os conhecidos, e escreve alta fantasia nas horas vagas. Sua principal série é *Legend of Raython*, ainda não publicada, a qual pertence Phyreon Thrower. Publicou em *Crônicas da Fantasia* (Literata, 2012) o texto *Memórias*.

Blog: <http://thundersempire.blogspot.com.br/>

Galeria no DeviantArt:

<http://kmilazaoldyeck.deviantart.com/gallery/>

Facebook: <http://www.facebook.com/kmila.zaoldyeck>

Autor

Sou incapaz de falar de mim, mas a Kamila me pediu. Então: sou leonino, embora não acredite em horóscopos; também sou do signo chinês de Cabra, o que deixa bem claro minha teimosia. Sofri uma forte pancada quando moleque, por isso endoidei e resolvi ser escritor e posso falar com criaturas de outros mundos e elas me permitem contar suas histórias. Dizem que sou *hipster* e de gosto duvidoso, pois nunca li os livros que todo mundo comenta. Coleciono livros e revistas, mesmo que nunca tenha lido tudo, miniaturas de dinossauros. Sou exagerado e não sei o que estou escrevendo aqui.

Além de *A Guerra dos Criativos*, já publiquei uma coletânea de noveletas, *Zarak, o Monstrinho* (Multifoco, 2011), na qual Zarak faz sua estreia — contando ninguém acredita, né? —, e consegui uma cota para um dracogrifo na coletânea *Dragões* (Draco, 2013). Tenho também um *e-book* na Amazon, o primeiro romance que escrevi, em 2007, *Ariane*.

Mais informações podem ser encontradas no blog:

<http://zarakmonstrinho.blogspot.com/>

Comentários de quem já leu

Como ainda disponho de algumas páginas, gostaria de concluir a edição com trechos de comentários de todos aqueles que se dispuseram a ler esta obra em sua fase inicial. Agradeço a você, que já leu ou ainda vai ler, e gostaria de pedir que ajudasse a melhorá-la para futuras edições. Basta manda um e-mail para o endereço no final da próxima página.

Foi a coisa mais... criativa (sem trocadilhos) que já li. Mais original. Alec misturou traços autobiográficos com pessoas de verdade e seres fantásticos de forma uniforme e nem um pouco forçada.

Kamila Zöldyek

autora da trilogia *Legend of Raython* e ilustradora

Ambientado em um mundo místico alcançado através das brechas do sono A Guerra dos Criativos é uma caixinha de surpresas para quem aprecia literatura fantástica, especialmente a nacional.

Celly Monteiro

contista e ilustradora

Uma história belíssima que nos leva a refletir sobre nossos medos e escolhas, sobre a força da amizade e o poder de nossos sonhos e decisões. Pois até mesmo a menor das criaturas pode mudar o curso do futuro, já dizia Tolkien.

Bruna Frazão

autora de *O Lobo e Passiflore*

Talvez seja a forma como foi contada, talvez a lógica por trás disso, talvez alguma bruxaria que Alec jogou sobre suas palavras, mas o livro me agarrou com unhas, dentes, correntes e círculos mágicos. Eu não conseguia (nem queria) parar de ler.

Don Ryu Dragoni

escritor

A primeira coisa que eu preciso comentar é sobre a originalidade dessa história. Do tipo, "Como ninguém nunca pensou nisso antes?". Bem, pelo menos eu nunca li/vi algo que soasse parecido com a proposta de A Guerra dos Criativos. Enquanto nós vemos várias e várias histórias sobre vampiros, lobisomens, e etc., etc., etc., lá está uma história que foge — depende do ponto de vista — dos temas mais publicados atualmente.

Pamella Soares

escritora e estudante de Jornalismo

A narração flui bem e as descrições são feitas na medida certa, sem esmiuçar demais os detalhes, mas dando o suficiente para que o leitor possa visualizar a cena com perfeição, até mesmo as confusas cenas de batalhas, que inicialmente deviam ser de brincadeira, mas que o mal as fez reais — e muito perigosas para o eu criativo dos participantes.

Julia Magalhães

escritora e tradutora

Já tive a oportunidade de conhecer um pouco sobre essa aventura, e descobri o estilo do autor, podemos encontrar em Alec uma escrita comprometida com a verossimilhança da trama trabalhando principalmente com o fluxo das palavras, a escrita é

direta sem deixar o leitor "viajando" com o excesso de descrições ou cenas. É uma narrativa bem equilibrada com a voz do autor e a história que ele se propõe a contar.

Laisa Couto

autora de *Lagoena*

Caso queira opinar, reclamar, protestar, corrigir, mande e-mail para mim, pois toda opinião é bem-vinda!

iung-tao@hotmail.com

Outras obras do Autor

Ciclo da Virtude

Ariane

O Jardim da Eternidade

Alz Gaia

Autobiografias Fantásticas

Zarak, o Monstrinho

O Natal de Zarak

